

André Moraes Souza

Sob o signo de Tanatos: a imposição do conceito de *pulsão de morte* na metapsicologia freudiana

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Banca de defesa:

Professor Doutor Fernando Aguiar Brito de Sousa (orientador)
Professor Doutor Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares
Professora Doutora Mara Coelho de Souza Lago
Professora Doutora Lucienne Martins Borges

Florianópolis, Fevereiro de 2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, André Moraes

Sob o signo de Tanatos : a imposição do conceito de
pulção de morte na metapsicologia freudiana / André Moraes
Souza ; orientador, Fernando Aguiar - Florianópolis, SC,
2013.

238 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Dualismo pulsional.
4. Especulação. 5. Epistemologia. I. Aguiar, Fernando. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. III. Título.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

MEZAN, Renato. *Escrever a clínica*. 2ª Edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. 7ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é afinal, a Psicanálise? In: Pereira, João Frayze e Patto, Marilena. (Org.). *Pensamento Cruel*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, v. , p. 57-91.

PERRON, Roger. *La raison psychanalytique. Pour une science du deveni psychique*. Paris: Dunod, 2010.

PONTALIS, Jean-Bertrand. *A psicanálise depois de Freud*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

PRATA, Maria Regina. Pulsão de morte: mortificação ou combate? In: *Àgora* (Rio de Janeiro), v. 3, n. 1, p. 115-135, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

RUDGE, Ana Maria. Pulsão de morte como efeito de supereu. In: *Àgora* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 1, p. 79-89, 2006.

SOUZA, Paulo César de (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática, 1999.

TAVARES, Pedro Heliodoro. *Versões de Freud: breve panorama crítico das traduções de sua obra*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

VEGAS, Márcio Z. A noção freudiana de construção. Curitiba: Juriá, 2008.

WINOGRAD, Monah. Freud é monista, dualista ou pluralista? In: *Àgora* (Rio de Janeiro), v. 7, n. 2, p.203-220, 2004.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que acreditaram em mim e estiverem presentes de alguma maneira nos momentos vividos entre o ingresso e a conclusão de meu percurso no mestrado.

Sou muito grato à Paula, pelo seu acolhimento amoroso e pela generosa compreensão nos momentos difíceis da reta final. Mas especialmente por não me deixar desistir de um tema tão complicado – e também tão importante – para mim.

Agradeço com alegria aos amigos Erikson, Marlos, Fábio e Vinícius, pelo apoio em momentos diversos ao longo destes últimos três anos de trabalho.

Também deixo registrado aqui o meu agradecimento ao Alberto, pela paciência, dedicação e cuidado no manejo da transferência e na direção do tratamento – especialmente naqueles momentos de intensas irrupções da pulsão de morte que caracterizam os momentos cruciais no andamento de uma análise.

Agradeço, sobretudo, aos meus pais. Ao meu pai, Elio, pela paciência, presença e palavras de estímulo nesses últimos anos. E à minha mãe, Angela, por ter me presenteado ainda criança com a primeira edição das obras completas de Monteiro Lobato. Uma antiga herança de meu falecido avô Álvaro (1925-1985), que despertou desde cedo em mim o sonho, a paixão e a obsessão pela leitura das obras completas de um único autor.

E um agradecimento especial para o Fernando – pela paciência e compreensão diante de meu lento processo de maturação. E por sempre me apontar soluções possíveis nos momentos de maior impasse.

- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana. *Volume 2: A interpretação do sonho*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana. *Volume 3: Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Fantasma*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. *De volta aos textos de Freud: dando voz aos documentos mudos* Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. In: *Àgora* (Rio de Janeiro), v. 5, n. 1, p. 91-100, 2002.
- HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HANNS, Luiz Alberto. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOFFREDO, Ana Maria. Em busca do referente, às voltas com a polissemia dos sonhos: a questão em Freud, Stuart Mill e Lacan. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 169-197, 1999.
- MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MEZAN, Renato. Pesquisa teórica em Psicanálise. *Psicanálise e Universidade*, n. 2, 1994.
- MEZAN, Renato. Metapsicologia: por que e para quê. In: *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b, p. 328-356.

- FREUD, Sigmund. Psicanálise (1926 [1925]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 20). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 21). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 22). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Análise Terminável e Interminável (1937). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 23). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 23). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 2).
- FREUD, Sigmund. Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol. II. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud).
- FULGENCIO, Leopoldo. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Ágora* (PPGTP/UFRJ), Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 101-111, 2002.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. A pesquisa do tipo teórico. *Psicanálise e Universidade*, n. 1, 1994.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Introdução à metapsicologia freudiana. *Volume 1: Sobre as afasias; O projeto de 1895*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

RESUMO

O problema da imposição do conceito de pulsão de morte na metapsicologia freudiana é colocado aqui sob uma dupla perspectiva. A primeira delas trata das cinco psicanálises, ou seja, de como o conceito de pulsão de morte se insinua nas entrelinhas dos cinco maiores relatos de caso clínico produzidos pela pena de Freud. A segunda perspectiva inclui a primeira, colocando-a diante de um horizonte de vastidão ampla. Envolvendo os primeiros trabalhos de Freud, bem como fragmentos de sua correspondência com Fliess, esta segunda perspectiva trata do problema da pulsão de morte desde as origens da metapsicologia até a sua derradeira aceitação epistêmica por Freud em 1920. Nesse sentido, ao longo do percurso traçado neste trabalho de dissertação, trabalha-se com os conceitos de *narcisismo*, *libido*, *pulsão*, bem como os diversos problemas patentes nesses artigos de metapsicologia. São eles: o caráter especulativo da pulsão de morte, a questão monismo *versus* dualismo, das manifestações clínicas até a metapsicologia da pulsão de morte e, finalmente, repensar o conceito de pulsão a partir do conceito de pulsão de morte. Quando o itinerário metapsicológico trilhado neste trabalho de dissertação chega a termo, conclui-se que o conceito de pulsão de morte pela necessidade de se afirmar o dualismo pulsional e defender o valor da especulação – que até então fora rejeitada por Freud. Além disso, percebe-se uma freqüente recorrência à arte – sobretudo à literatura – por parte de Freud, tão freqüente quanto sua recorrência à ciência. O que demonstra o aspecto interdisciplinar da psicanálise, bem como a dupla inscrição do autor Freud no campo da epistemologia: arte e ciência, lado a lado, guiam os seus passos na escuridão. Um lugar insondável sobre o qual é possível falar apenas a partir de *interrogações* – sementes dos conceitos básicos ou fundamentais – em vez de *dados*. E o dualismo pulsional é a chave para entender este lugar. Consistindo numa oposição entre uma pulsão sexual e outra não sexual, o dualismo pode ser entendido – a partir dos trabalhos de Garcia-Roza sobre este tema – como um dualismo de *modos*, em vez de um dualismo de *natureza* das pulsões. O que não é pouca coisa, uma vez que seu exame detalhado colocou por terra as tentativas de explicação clara e concisa empenhadas pelos herdeiros de Freud.

Palavras-chave: pulsão de morte, especulação, metapsicologia.

- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915a). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Repressão (1915b). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915c). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917b). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917a). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (1918 [1914]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 18). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 19). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo (1924). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 19). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 20). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (Parte II) (1900). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 5). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. A Psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 6). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905a). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 7). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905b). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 7). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. (1909). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 10). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. (1909). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 10). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). (1911). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 12). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (1911). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 12). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). (1914). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 12). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose. (1913). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 12). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

ABSTRACT

The imposition of the concept of the death drive in Freud's metapsychology is a problem presented in this dissertation in dual perspective. The first perspective refers to how the concept of the death drive is portrayed between the lines of the five major clinic case reports written by Freud. The second perspective includes the previous one and considers some of Freud's first work, as well as parts from his correspondence with Fliess. Thus, it deals with the concept of the death drive since the origins of metapsychology until its final epistemic acceptance by Freud in 1920. This dissertation works with the concepts of narcissism, libido and drive, as well as the several issues portrayed in these papers on metapsychology, which are: the speculative nature of the death drive, the problem of monism versus dualism, issues from clinical manifestations to the metapsychology of the death drive and, finally, the issue of rethinking the concept of 'drive' from the concept of death drive. At the end of the metapsychological path followed in this dissertation, it is possible to conclude that the concept of death drive imposes itself by the need of affirmation of the dualism of the drive and to defend the value of the speculation – which so far had been rejected by Freud. Moreover, it is possible to observe that Freud often uses art as reference (especially literature), as much as he refers to science. This shows the psychoanalysis interdisciplinary characteristic and the two ways Freud marks his contribution in the field of epistemology: art and science, side by side, guide his steps in the dark – an unfathomable place that can be described only from interrogations – which are the origin of the basic and fundamental concepts – rather than data. And the dualism of the drive is key to understanding this place. As the dualism consists of an opposition between a sexual and a non-sexual drive, it can be understood – based on Garcia-Roza's work on the subject – as a dualism of modes, instead of a dualism of the nature of the drives. This is meaningful because the detailed examination of this matter refuted the Freud followers' attempts to explain it concisely and clearly.

Keywords: death drive, speculation, metapsychology.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGUIAR, Fernando. A *Methodik*: um embaraço na escrita de Freud. *Percurso*, n° 42, 2009, p. 27-42.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BARSA, Nova enciclopédia. – 6ª ed. – São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda., 2002. Obra em 18v.: il.
- BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BIRMAN, Joel. A clínica na pesquisa psicanalítica. *Psicanálise e Universidade*, n. 2, 1994.
- CAROPRESO, Fátima & SIMANKE, Richard Theisen. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. In: *Àgora* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 2, p. 207-224, 2006.
- COUTINHO JORGE, Marco Antônio. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CRUZ, Josué Adilson. *Considerações sobre o(s) tempo(s) na direção da análise: um percurso na clínica psicanalítica em Freud e Lacan*. 2012. 171 p. Dissertação de Mestrado – Programa De Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- ECO, Umberto. *Confissões de um jovem romancista*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FREUD, Sigmund. *O Nascimento da Psicanálise - Carta 2-4-96*. In: LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 284.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 1). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (Parte I) (1900). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 4). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1 – A posição do problema.....	39
1.1. O caráter especulativo da pulsão de morte.....	39
1.2. Pulsões de vida, pulsões de morte: monismo ou dualismo?	41
1.3. Repensando o conceito de <i>pulsão</i> a partir da ideia de uma <i>pulsão de morte</i>	44
1.4. A pulsão de morte, de suas manifestações clínicas à sua metapsicologia.....	48
1.5 Os casos clínicos de Freud: uma leitura entre <i>Eros</i> e <i>Tanatos</i>	51
1.5.1 <i>O Caso Dora</i>	52
1.5.2. <i>O Pequeno Hans</i>	55
1.5.3 <i>O Homem dos ratos</i>	57
1.5.4. <i>O Presidente Schreber</i>	60
1.5.5 <i>O Homem dos lobos</i>	61
Capítulo 2 – As origens da metapsicologia.....	63
2.1 A noção de representação (<i>Vorstellung</i>) insinua-se	70
2.2 A noção de <i>Vorstellung</i> toma forma	73
2.3 Um brevíssimo panorama sobre a concepção de <i>Vorstellung</i> , de Brentano a Lacan	75
2.4 A filiação epistemológica de Freud.....	80
2.5 Freud e a especulação nas origens da metapsicologia... 89	
Capítulo 3 – A Construção de <i>Eros</i> parte I: os conceitos de <i>Libido</i> e <i>Narcisismo</i>	91
3.1 A popularidade e a importância dos conceitos de narcisismo e libido	91
3.2 A presença da especulação na teoria da libido	93
3.3 Em defesa de <i>Eros</i>	96
3.4 Entre a arte e a ciência.....	99
3.5 O “coroamento epistêmico” de <i>Eros</i>	108
3.6 Reformulações na concepção de aparelho psíquico	113
3.7 A presença silenciosa da pulsão de morte	118

Capítulo 4 – A Construção de <i>Eros</i> parte II: o conceito de <i>Pulsão</i>	121
4.1 Polêmicas traduções.....	122
4.2 Diferentes tramas de uma mesma linguagem	129
4.3 Pulsão: a vida psíquica em movimento	132
4.4 Uma digressão epistemológica a partir de <i>Trieb</i>	134
4.5 Os termos constituintes da pulsão e os diferentes tipos e quantidades de pulsões	138
4.6 Monismo, dualismo, pares de opostos	142
Capítulo 5 – O Despertar de <i>Tanatos</i>	157
5.1 Revisões teóricas	157
5.2 Fechner e a filiação epistemológica de Freud.....	160
5.3 O jogo do <i>Fort Da</i>	162
5.4 O caráter especulativo da pulsão de morte enfim predomina	166
5.5 O recurso ao mito.....	190
Conclusão	195
Referências	202

deles chamam a nossa atenção: *Dora*, *Homem dos Ratos* e *Homem dos Lobos*. Os dois primeiros, contudo, disputam o lugar privilegiado do verdadeiro despontar, na clínica de Freud, dos efeitos da pulsão de morte. Se em *Dora* vê-se a destrutividade da reação terapêutica negativa e dos desejos de vingança presentes nos sonhos da jovem histérica, no caso do *Homem dos Ratos* vê-se a irrupção dos movimentos silenciosos, porém explosivos, da pulsão de morte na relação transferencial do neurótico obsessivo com o analista. Desejos de autopunição e sentimentos inconscientes de culpa insinuam-se a cada silencioso passo de Tanatos.

Com efeito, é possível articular esta nossa leitura com o artigo *Além do princípio do prazer*. Pois neste artigo Freud volta ao início de sua metapsicologia, retomando, reformulando e explorando idéias conceitos e noções presentes em seus escritos desde o *Projeto de 1895*. Sua concepção de tratamento e a obscura teoria das pulsões também são reformuladas.

De fato, é a partir dessa série de reformulações que o conceito de pulsão de morte finalmente toma forma e ganha corpo na metapsicologia freudiana. Explorado com maior determinação e menor hesitação em trabalhos posteriores – tais como *O problema econômico do masoquismo*, *O eu e o isso*, e especialmente em *O mal-estar na cultura* – este conceito, que se impôs após décadas enfrentando as resistências da parte de seu próprio autor, vigora nos últimos anos da obra freudiana. Complexo, ainda hoje ele provoca dúvida e perplexidade nos leitores de Freud, questionando e investigando as origens da destrutividade a partir da vida psíquica humana.

Introdução

A metapsicologia – termo cunhado por Freud para, em uma palavra, designar a psicanálise em sua dimensão teórica – sempre pareceu ao autor deste trabalho de dissertação o que há de mais fascinante no estudo da obra freudiana, e sua leitura dedicada marcou o seu percurso inicial na psicanálise.

Composta por conceitos forjados pelo pai da psicanálise para dar conta do real da clínica, indo muito além do empírico, evidente ou óbvio, a metapsicologia freudiana é uma possibilidade de estudo e compreensão do aparelho anímico, metáfora utilizada por Freud para designar uma subjetividade constituída pela clivagem, pela falta e pelo desejo. A metapsicologia foi desenvolvida passo a passo, gradualmente, começando por publicações ditas “pré-psicanalíticas” – é o caso de *Sobre as afasias* (1891) e *Projeto para uma psicologia científica* (1895) – e passando por obras clássicas tais como *A interpretação dos sonhos* (1900), *Para introduzir o narcisismo* (1914) e os *Artigos de metapsicologia* (1915) até as suas últimas grandes reformulações conceituais em *Além do princípio do prazer* (1920) e *O eu e o isso* (1924).

Dentre todos os comentadores que têm se dedicado ao estudo da metapsicologia no país, Garcia-Roza talvez seja aquele que mais instiga o leitor a pensar sobre o sentido desse termo tão misterioso, cunhado pelo próprio Freud, para denominar sua produção teórico-especulativa. Pontuando uma referência da parte de Freud à metapsicologia na qualidade de “bruxa”, Garcia-Roza (2001) comenta que, ao designá-la como tal, Freud faz na verdade uma confissão à intelectualidade de seu tempo a respeito de um “convívio profano” que durou por toda a sua vida¹.

¹ O termo metapsicologia aparece muito cedo, no início da correspondência com Fliess: “Tenho me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade, com a metapsicologia” (MASSON, 1986, p. 173). Entretanto, será quatro décadas após esse período que o termo ganhará maior destaque frente ao leitor, a partir de uma confissão de Freud. Ao se referir sobre a possibilidade ou impossibilidade de a análise conceder alívio às exigências pulsionais constituintes do adoecimento neurótico, Freud afirma: “Se nos perguntarem por quais métodos e meios esse resultado é alcançável, não será fácil achar uma resposta. Podemos apenas dizer: ‘So muss denn doch die Hese dran!’ – a Metapsicologia da Feiticeira. Sem especulação ou teorização metapsicológica –

O aparecimento do termo deu-se pela primeira vez numa carta a Fliess de 13 de fevereiro de 1896. Vinte anos depois, e em seguida ao artigo sobre o narcisismo, Freud começa a produzir uma série de outros do mesmo teor que seriam publicados num único livro com o título de “Preliminares a uma metapsicologia”. O projeto do livro, em doze capítulos, incluía, além dos cinco conhecidos trabalhos – o já citado sobre o narcisismo, que inaugura a série – *Os instintos e suas vicissitudes* [As pulsões e seus destinos] (FREUD, 2006/1915a), *Repressão* [Recalcamento] (FREUD, 2006/1915b), *O inconsciente* (FREUD, 2006/1915c), *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (FREUD, 2006/1917b) e *Luto e melancolia* (FREUD, 2006/1917a), mais sete artigos ou ensaios que se perderam, ou foram destinados às cinzas pelo próprio autor. Este livro jamais seria publicado tal como inicialmente previsto².

quase disse ‘fantasiar’ –, não daremos outro passo à frente” (FREUD, 2006/1937, p. 241). A partir deste trecho do texto de Freud é que Garcia-Roza (2001) salienta a confissão de convívio profano, por parte de Freud para com o seu leitor. Uma nota de rodapé menciona ser essa palavra Feiticeira ou bruxa (*Hexe*) uma referência à Goethe. Uma cena (a sexta da primeira parte) em que Fausto busca de má vontade o auxílio da Feiticeira para descobrir o segredo da juventude. Inconformado, Fausto declara “Temos de chamar a Feiticeira em nosso auxílio, afinal de contas!” (p. 241, n1).

² O nascimento e a destruição do “livro da metapsicologia” é realmente um fato curioso na história da psicanálise e de seu criador. As poucas informações disponíveis foram investigadas pelo último dos biógrafos de Freud; reunidas, elas sugerem nascimento, desenvolvimento e morte de uma ideia fértil que não encontrou o seu solo germinador. Vejamos: “Em novembro de 1914 (...) ele [Freud] já insinuara que andava ocupado em segredo com coisas abrangentes e talvez importantes” (GAY, 2002, p. 333). Nesse sentido, o biógrafo salienta: “É bastante provável que estivesse começando a pensar em fazer uma exposição oficial das idéias psicanalíticas fundamentais” (GAY, 2002, p. 333). Gay (2002, p. 334) pontua também o seguinte: “A história tortuosa do livro que planejava, até mais do que os segmentos que sobreviveram, sugere que ele estava trabalhando em algo significativo – ou que algo significativo estava trabalhando nele”. Numa de suas comunicações com Abraham, Freud haveria dito estar trabalhando com lentidão e constância. E também que “10 dos 12 itens estão prontos. 2 deles, porém, com necessidade de revisão. Acabei de concluir [o artigo sobre] a histeria de conversão; neurose obsessiva e síntese da neurose de transferência ainda faltando” (GAY, 2002, p. 334). O biógrafo salienta que no final de julho, ele escreveu confiante a Lou Andreas-Salomé que “o ‘fruto’ desses meses iria ‘provavelmente ser um livro consistindo em 12 ensaios, introduzidos por pulsões e suas vicissitudes’” (GAY, 2002, p. 334). Em

Porém, nem todos os autores estudados se restringiram a essas posições. Alguns buscaram ver nesse impasse de Freud um sinal de pluralidade conceitual. Sendo ora monista, ora dualista, o fundador da psicanálise resultaria numa espécie de pensador pluralista. Com muitas ideias diferentes, algumas delas contraditórias em determinados momentos.

Destacando-se da gama de autores estudados, o trabalho de Luiz Alfredo Garcia-Roza concede um caminho privilegiado no percurso do dedicado e, por vezes, persistente leitor de Freud. Possibilitando ao seu leitor um *trilhamento* profícuo no solo árido onde se enraízam os trabalhos de metapsicologia de Freud, Garcia-Roza propõe uma leitura de fato singular para o problema do monismo *versus* dualismo. Restringindo a atividade da pulsão sexual ao domínio do princípio de prazer – no interior do registro do aparelho psíquico e das *Vorstellungen* que nele circulam – e delimitando a atividade da pulsão de morte ao espaço situado além do princípio de prazer – e, portanto, além das leis de funcionamento do aparelho anímico e da cadeia das *Vorstellungen* em circulação – a pulsão pode ser entendida, então, como um conceito limite, como dissera Freud, entre o psíquico e o somático. Estando situada nesse lugar limítrofe, ela seria uma coisa só: *pulsão*. O que significa dizer que as pulsões seriam todas qualitativamente da mesma índole, diferenciando-se apenas através da forma pela qual se presentificam no aparelho psíquico. Pensando dessa maneira, pulsões de vida e pulsões de morte seriam modos distintos de presentificação da pulsão no anímico e não qualidades das pulsões em si. É possível, portanto, a partir de Garcia-Roza, pensar o dualismo pulsional como um *dualismo de modos* da pulsão, em lugar de um *dualismo de natureza* das pulsões.

Chegando ao final de nosso percurso, não podemos deixar de salientar que, por desenhar e delimitar o horizonte do discurso conceitual da psicanálise, o conceito de pulsão, em particular no que se refere a suas últimas reformulações provocadas pelo conceito de pulsão de morte, ainda é capaz de causar muita dúvida. Ao ser examinado detalhadamente, põe por terra todas as tentativas de explicação clara e concisa empenhadas pelos herdeiros de Freud.

Convém salientar que a gestação do conceito de pulsão de morte se dá ao longo dos casos clínicos. Um por um, estes casos salientam o desenvolvimento da elaboração conceitual freudiana, ao mesmo tempo em que apontam para idéias, noções e conceitos ausentes – que até então se insinuavam, mas não conseguiam ganhar corpo, nem sequer tomar forma. Dos cinco grandes casos clínicos de Freud, três

foi possível perceber a pulsão de crueldade como uma espécie de pulsão de morte precoce em Freud. Mas se por um lado as pulsões de morte surgem como um tipo totalmente novo de pulsões, inédito, até então, na conceituação freudiana, por outro elas também podem ser consideradas como “as pulsões por excelência”, na medida em que se realiza através delas o caráter repetitivo da pulsão.

Se esta última afirmação é capaz de convencer e afirmar um monismo, outra observação pode vir a reafirmar a predominância do dualismo pulsional. Trata-se do fato de ser ressaltado por Freud que até mesmo quando a pulsão surge despida de qualquer intenção sexual, sob a forma de uma pura destrutividade, ainda assim devemos reconhecer a presença de um “grau extraordinariamente alto de fruição narcísica” pelo fato de se presentear o eu com a realização de antigos desejos de onipotência. Percebe-se que isto está de acordo com uma concepção de *misturas*, em níveis diversos, dos dois grupos de pulsões. O que deixa de lado qualquer noção de “moções pulsionais puras”.

Esta fusão, esta mistura das pulsões, nos coloca diante da afirmação de um dualismo pulsional, no qual originalmente Freud inscreve as pulsões de morte. Entretanto, apesar de sua insistência numa concepção dualista de sua teoria das pulsões, ele não pôde deixar de reconhecer os seus problemas. O próprio Freud é o primeiro a firmar a dificuldade existente na manutenção de seu dualismo fundamental. Primeiramente, ele reconhece a dificuldade de se reconhecer os efeitos da pulsão de morte direcionados ao interior da vida psíquica quando não há qualquer revestimento de erotismo para denunciar a mistura entre pulsões de vida e morte operando em conjunto. Ressalta o quão frequente as pulsões se revelam derivadas de Eros. Não muito tempo depois de dar lugar ao conceito de pulsão de morte, Freud enfim reconhece a dificuldade em manter o seu almejado dualismo pulsional. Não obstante, ele deixou essa ambivalência teórica como herança para seus leitores.

Pois vimos como diferentes autores adotaram posições variadas frente ao problema do monismo *versus* dualismo. Dentro dessa problemática, destaca-se uma ausência. A falta de nomeação de uma energia específica para a pulsão de morte. Uma energia que se opusesse à libido. Para trabalhar a partir dessa ausência, alguns discípulos de Freud tentaram dar um passo além do mestre, postulando e nomeando uma energia própria para a pulsão de morte. Outros buscaram reconhecer esta ausência como um ponto final na teoria das pulsões, compreendendo-a como um monismo.

De acordo com a importante descoberta do artigo “Visão geral sobre as neuroses de transferência” – o décimo segundo artigo da série mencionada –, realizada por Ilse Grunbrich-Simitis³, em 1983, ao preparar a publicação da correspondência entre Freud e Ferenczi, sabemos que o conteúdo dos outros seis trabalhos perdidos seria variações sobre cinco temas distintos: histeria de conversão, neurose obsessiva, neuroses de transferência em geral, angústia e consciência⁴.

determinado, momento, percebe-se o ânimo e empolgação de Freud para com o seu novo livro de ensaios. Nesse sentido, o biógrafo apresenta ao leitor a esperança do autor dos artigos de que eles um dia viessem a lume: “O livro, escreveu Freud a Abraham em Maio, se chamaria Ensaios Preparatórios para a Metapsicologia” (GAY, 2002, p. 335). E mais: “Ao definir seu próximo livro a Abraham, ele o classificou como do ‘tipo e nível do capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*’” (GAY, 2002, p. 335). No entanto, esse ânimo esperançoso rapidamente cedeu a uma cautela realista: “Mas, de alguma forma obscura, algo não ia bem com os artigos” (GAY, 2002, p. 338). Com efeito, este autor afirma que Freud “insinuou a Ferenczi que não estava inteiramente satisfeito com os artigos, que ainda faltava o acabamento adequado” (GAY, 2002, p. 338). Solenemente, Gay (2002) declara “Em algum momento, enquanto disparava essas ressalvas intermitentes de insinuações e escusas, Freud pôs termo à sua incerteza, destruindo os artigos restantes” (p. 344). “Mas, e os outros sete ensaios, todos escritos, mas ainda sem data para publicação? Esse resto, disse Freud a Ferenczi em novembro de 1917, merecia ser suprimido e silenciado: *Der Rest darf verschwiegen werden*” (GAY, 2002, p. 343). Diante do mistério do fim dos trabalhos, o biógrafo e historiador é deveras enfático: “Este foi, e ainda é, um gesto enigmático. Os quebra-cabeça teóricos, antes, não haviam silenciado Freud; as dificuldades de exposição nunca o assustaram” (GAY, 2002, p. 344). Com efeito, ele salienta: “As verdadeiras razões para o malogro do projeto ocultam-se no próprio projeto” (GAY, 2002, p. 344). Diante de tal mistério, uma tentativa de explicação é traçada: “O drama silencioso e eloqüente do livro que nunca foi concluído reside sobretudo em sua própria adequação ao momento”. Perplexo, o biógrafo argumenta que “as fundações que Freud pretendia assentar definitivamente para seus adeptos e contra seus rivais estavam se transformando em suas mãos” (GAY, 2002, p. 344).

³ Psicanalista em Frankfurt S/ Meno, renomada estudiosa dos manuscritos originais de Freud e da história das suas diversas traduções e edições. É responsável há muitos anos pela edição da obra de Freud na Editora S. Fischer. Seu livro mais conhecido entre nós, *De volta aos textos de Freud: dando voz aos documentos mudos* [*Zurück zu Freuds Texten*], foi publicado por aqui em 1995, sob a direção de Jayme Salomão.

⁴ Em particular, é notável o abandono do artigo sobre uma metapsicologia da consciência, realizado por Freud, por achar o seu tema demasiado refratário e lacunar, conforme consta na carta a Ferenczi de 11 de Janeiro de 1915

Garcia-Roza (2001) sublinha que em seu sentido mais amplo a metapsicologia se refere ao *conjunto da elaboração teórica de Freud*, nada mais nada menos que “a produção de modelos conceituais afastados da experiência, *ficções teóricas* [grifo meu] a partir das quais a própria experiência é radicalmente transformada” (p. 11). Apesar da estranheza do termo, prossegue Garcia-Roza, o próprio Freud confessa que sem fantasiar e especular não há possibilidade alguma de se dar um passo adiante. Ou ainda: apesar da tradicional oposição entre a liberdade imaginativa e o caráter rigoroso e restritivo da teoria, somos confrontados com a presença profana dos passos da bruxa ao longo da correspondência entre Freud e Fliess sobre o tema da metapsicologia, bem como nos diversos trabalhos de Freud escritos sob esta rubrica.

Apesar da perplexidade ou descrença de muitos com esta afirmação, não podemos esquecer que admitir com Freud a proximidade e a convivência do profano com a sua bruxa metapsicologia é poder dar um passo em direção à criação, afastando-nos da “pasmaceira do dado” (p. 11), ao mesmo tempo em que impedimos nossa paralisação pelo formalismo teórico. Garcia-Roza (2001) assinala que, sinônimo de teoria em psicanálise, a metapsicologia não nos impõe uma recusa da clínica. Inversamente, ela nos impulsiona a fundamentar a clínica e impedir a sua “transformação numa prática gentil do afetivo puro” (p. 13), uma vez que opor clínica e teoria consiste em negar o projeto freudiano.

Apesar do seu fascínio, a metapsicologia parece pouco abordada enquanto objeto de estudo. Uma busca em livrarias, bibliotecas, bancos de dados e revistas especializadas sugere atualmente poucos trabalhos focados na investigação deste modo de pensar o psíquico, que poderíamos classificar como propriamente freudiano.

No interior do caldeirão de conceitos que constitui a metapsicologia, reside aquela considerada por alguns estudiosos como a grande invenção freudiana: o conceito de pulsão, que rompe com os reducionismos individualistas e culturalistas a respeito das motivações humanas que impulsionam o homem em sua vida anímica. No entanto, este conceito não aparece de forma unificada, monista. No momento de sua primeira formalização, em 1914, ele consiste num dualismo: pulsões

(GARCIA-ROZA, 2001, p. 10-11). Este fato reforça o nosso entendimento da metapsicologia como uma teoria que supera aquilo que é meramente psicológico – a consciência – e investiga o que está além dela: as pulsões, o narcisismo, o recalque, o inconsciente, etc.

todas as esferas da vida. Uma vasta dimensão que nos faz pensar nos grandes processos vitais de assimilação e desassimilação, aproximando-se tanto de uma biologia fantástica quanto das concepções filosóficas de pensadores como Empédocles e Schopenhauer.

Esse problema colocou autores diversos diante de duas posições distintas. Intercalar os termos pulsão e instinto para se referir de maneira diferenciada ao *Trieb* na primeira e na segunda teoria pulsional. Ou manter o termo pulsão para se referir indiferenciadamente a toda vez que o termo *Trieb* é utilizado por Freud em seu texto. Nenhuma das duas alternativas, contudo, está isenta de problemas, e nenhuma delas consegue resolver o enigma que parece acompanhar a todo instante o uso do termo *Trieb* por parte do fundador da psicanálise. Isso pôde ser vivido com certa intensidade pelo autor da presente dissertação. Ao fazer uso de diferentes traduções, em diferentes momentos de seu percurso na pós-graduação, ele se deparou com o estranho uso do termo “instinto” no curso de sua leitura das obras da *Edição Standard Brasileira* por um lado, e com a surpreendente presença do termo “pulsão” ao longo dos textos da nova tradução promovida pela mesma editora, por outro. Lendo os mesmo textos em diferentes traduções, foi possível se deparar com a intraduzibilidade do termo e conceito *Trieb*. Ressalta-se, nesse sentido, a possibilidade de se utilizar o termo *Pulsion* – disponível também no idioma germânico. Possibilidade esta que – assim como o termo *Instinkt* – foi preterida em favor do uso do termo *Trieb*.

O que se pode dizer de tudo isso?

Pois bem, se o *Trieb* é definido em determinado momento por seu criador como um conceito limite situado entre o psíquico e corporal, não seria exagerado e nem incorreto de minha parte arriscar dizer que o conceito *Trieb* situa-se entre os sentidos de *Instinkt* e *Pulsion*, mas não se reduz inteiramente a nenhuma destas acepções. Escapando do limite do humano, do simbólico, permeando todas as esferas da vida e, portanto, todos os seres vivos, a noção de *Trieb* parece apontar para algum tipo de movimento que impele toda forma de ser ao encontro de outros seres, e também ao encontro da morte. Promotor de um movimento dinâmico situado entre *Eros* e *Tanatos*.

Mas para examinar os conceitos de pulsão de morte foi preciso também pensar na relutância entre monismo e dualismo na qual ele se inscreve. Com efeito, agressão, destruição e dominação foram alguns dos nomes utilizados por Freud para designar uma pulsão não-sexual. No consagrado artigo metapsicológico dedicado ao tema das pulsões e seus destinos, ele já usara o termo “pulsão de destruição”, de modo que

Dessa dupla filiação de Freud, destacam-se a sua relutância em afirmar o valor da especulação, bem como a sua insistência em pensar num dualismo. Pois é o recurso à especulação que lhe permitirá defender o dualismo até o fim. Nesse sentido, o conceito de pulsão de morte se impõe a Freud no momento em que é mais necessário para ele defender o dualismo e reconhecer, finalmente, o valor da especulação. A singularidade do conceito – entendida aqui não no sentido vulgar de uma crença onipotente e narcísica de um sujeito em seu próprio eu, mas como uma marca indefectível, um traço ou uma marca reveladora das características do seu autor – de pulsão de morte reside justamente neste lugar e neste momento de sua enunciação e afirmação pelo seu autor.

É o conceito de pulsão de morte que põe em cena, com ilustre vigor, o caráter especulativo das inovações freudianas. É ele também que reafirma com toda a força a importância do dualismo para as concepções metapsicológicas de Freud. Não seria incorreto pensar, portanto, que boa parte dos problemas em torno da aceitação da pulsão de morte reside na dificuldade encontrada – ao longo da história do movimento psicanalítico – por muitos discípulos, colegas e colaboradores de Freud em dar lugar à especulação sem desmerecê-la. E também em reconhecer o dualismo, afirmador de um não-sexual ao qual o sexual se opõe e se confronta.

Todas essas dificuldades encontradas pelo conceito de pulsão de morte diante de sua aceitação são compreensíveis se pensarmos e lembramos o receio de Freud de que a psicanálise se misturasse ao ocultismo ou à filosofia. Receio que sempre abarcou toda a ficção conceitual freudiana.

A singularidade do conceito de pulsão de morte (*Todestrieb*) se revela indecorosamente quando pensamos sobre o conceito fundamental ao qual ela está vinculada: pulsão (*Trieb*). Com efeito, não podemos deixar de pensar na pulsão quando falamos sobre pulsão de morte. Mas as semelhanças param por aí. Se passarmos a meditar a respeito do termo *Trieb* em alemão, com toda a sua riqueza de conotações e polêmicas traduções. Em nosso percurso fomos advertidos por alguns autores de nossa literatura crítica a respeito da incoerência de se traduzir por pulsão tanto o que é estabelecido por Freud em suas formulações iniciais a respeito da pulsão sexual – inicialmente indissociável do clinicamente observável – quanto o que ele chama de pulsão após a introdução da pulsão de morte em sua malha conceitual. Pois após a virada dos anos 1920, o novo dualismo pulsional parece muitas vezes designar seres míticos que se enfrentam numa dimensão para além do humano e do clinicamente observável, uma dimensão que passa por

do eu *versus* pulsões sexuais, utilizado por Freud até 1920, quando ocorrerá uma mudança muitas vezes ignorada ou simplesmente rejeitada por seus herdeiros: o dualismo até então vigente dará lugar a outro, entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Como podemos entender esta virada teórico-epistemológica?

Tradicionalmente, ela é explicada pelos efeitos do conceito de narcisismo na própria metapsicologia. Dizendo de modo resumido, a noção de narcisismo (a saber, o investimento de libido da pulsão sexual no eu: libido narcísica, e o retorno do investimento de libido no objeto: libido objetal) implica que o dualismo pulsões do eu e pulsões sexuais perca a sua razão de ser, uma vez que as pulsões do eu, quando investidas de libido, se tornam elas mesmas pulsões sexuais, passando a funcionar como tal. Desse modo, configurar-se-ia somente um tipo de pulsão, a pulsão sexual, fazendo desaparecer com isso o dualismo, tão fundamental no pensamento freudiano.

Para resolver este impasse, Freud reconhece o monismo resultante do predomínio das pulsões sexuais, para em seguida superá-lo. Renomeando o dualismo pulsional como pulsões de vida (até então chamadas de pulsões sexuais), em contraposição a uma nova categoria de pulsões, as *pulsões de morte*, Freud faz uma notável e complexa mudança no coração da episteme por ele recém-criada: a metapsicologia.

Laplanche & Pontalis (2001) traduzem *Trieb*, o termo utilizado por Freud em alemão, por *pulsion* – de acordo com a proposta de Lacan, portanto – definindo-a como um processo dinâmico que consiste em uma força ou pressão que faz o organismo tender para uma meta. Tendo a sua fonte numa excitação corporal, a meta da pulsão é suprimir o estado de tensão que reina em sua fonte. Contudo, é somente através do objeto que ela busca atingir a sua meta.

Hanns (1996), apesar de fazer uma tradução análoga à de Laplanche & Pontalis (2001), aponta para o fato de se utilizar com frequência, na língua alemã, os termos *Instinkt* (instinto) e *Drang* (um tipo de incômoda pressão interior) como sinônimos de *Trieb*. Em ao menos dois de seus trabalhos (1996 e 1999) ainda salienta que o termo *Trieb*, pelo modo como é usado em alemão, abarca quatro momentos distintos que vão do geral ao particular. Vai desde um princípio maior que rege os seres vivos e força que coloca em ação os seres de cada espécie – aparecendo, fisiologicamente, *no interior do corpo somático do sujeito* como se surgisse diretamente dele e o tomasse por inteiro – até uma manifestação *para o sujeito* tornando a sua própria

representação (da pulsão/*Trieb*), para ele interna e íntima, como se fosse uma vontade ou imperativo pessoal. Ainda segundo Hanns (1996), todas estas características de uso da palavra se mantêm no texto freudiano, e todos estes sentidos da palavra estão próximos e correlacionados com um núcleo básico: o de *propulsionar* e *colocar em movimento*.

Garcia-Roza (2004) nos informa que, além de corrente na língua alemã, o termo *Trieb* aparece nos textos freudianos desde o início de sua produção: na resenha de um livro de Auguste Forel (1889); na correspondência com Wilhem Fliess (1894-1895); naquele que é considerado o seu primeiro de seus primeiros trabalhos metapsicológicos, o *Projeto de 1895*, bem como num de seus primeiros escritos sobre a clínica, *Estudos sobre a histeria*, de 1893-1895; enfim, em trabalhos posteriores, mas ainda no início de sua produção textual, como *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898) e, antes disso, no capítulo sete de *A interpretação dos sonhos* (1900). Mas nestas ocasiões o *Trieb* freudiano aparece apenas num nível puramente terminológico, mas não conceitual. Há pouca clareza em sua extensão e má definição de seus contornos. A grande dificuldade na procura pela origem do conceito de *Trieb* consiste no uso substitutivo por parte de Freud dos termos pulsão (*Trieb*), moção pulsional (*Triebregung*), moção de desejo (*Wunschregung*), estímulo pulsional (*Triebreiz*), moção (*Erregung*), entre outros.

Apesar de tamanha confusão terminológico-conceitual, é notável o fato de Freud raramente ter feito uso do termo *Trieb* (Pulsão) no lugar de *Instinkt* (Instinto), o qual aparece raramente em sua obra: em sentido genérico, aparece apenas quatro vezes ao longo dos vinte e três tomos das obras completas publicadas pela *Standard Edition*, enquanto que num sentido específico de instinto animal aparece apenas seis vezes⁵.

O conceito de pulsão (e não o uso terminológico de *Trieb*) surge na obra de Freud nos *Três ensaios de teoria sexual* (1905). Apesar de não ficar claro, no início do texto, se a pulsão é ou não inteiramente psíquica, numa nota de rodapé acrescentada dez anos após sua publicação, Freud afirma ser a pulsão um conceito situado na fronteira entre o anímico e o corporal. A pulsão, portanto, *é um conceito que articula o anímico e o somático*.

⁵ Apareceram outras traduções da obra freudiana para o português na última década, quando ela se tornou de domínio público. Para maiores informações a este respeito, ver a parte final deste capítulo.

Conclusão

O dedicado leitor de Freud chega ao início de novos caminhos possíveis, a partir do fim deste seu percurso inicial. Perplexo, ele não sabe por onde começar a tecer suas últimas reflexões. Recordar-se do início; de seus primeiros passos a caminho da investigação. Naqueles primeiros momentos, tratava-se de saber formular um problema. Agora, trata-se de saber respondê-lo.

Para chegar a qualquer conclusão, é necessário rever o caminho que nos conduziu até ela. Pois nenhum saber é inteiramente dissociável do sujeito que o produz.

Nesse sentido, é necessário lembrar aqui uma pergunta que fizemos logo no primeiro capítulo da presente dissertação. Ao longo dos primeiros passos, nós nos perguntávamos: até que ponto, no interior de um sistema de pensamento já elaborado, uma nova ideia é realmente nova, ou apenas uma reformulação daquilo que já vinha sendo pensado há tempos?

Essa questão parecia estar de fato atrelada ao meu objetivo final. Pois ao fazer uma leitura *a posteriori* do problema em questão, era grande o risco de se perder em meio à diversidade conceitual da metapsicologia freudiana e suas respectivas reformulações. Com efeito, a riqueza da malha conceitual freudiana se descortinava diante de meus olhos. Ao longo de sua trama, percebiam-se traços indefinidos; por vezes, ambíguos.

O aspecto especulativo do pensamento de Freud é um desses traços. Tímido, ele reluta o tempo todo em reconhecer esse traço diante do leitor. Em sua busca por respeito e rigor, o autor Sigmund Freud encontra-se constantemente dividido entre a arte e a ciência. Da arte, ele retira fôlego e inspiração para trabalhar dentro do campo da ciência de sua época. Da ciência, ele retira princípios, leis, esquemas e equações que possam lhe proporcionar uma bússola e uma âncora seguras enquanto ele navega nos mares desconhecidos e revoltos da vida psíquica humana.

Recorrendo ao auxílio de Meynert, Brücke, Exner, Herbart, Fechner, Weismann, e Hering, Freud desenvolve suas concepções metapsicológicas ao longo de uma vida inteira de trabalho clínico e de pesquisa. Fazendo referência aos clássicos Goethe, Shakespeare e Schiller, passando pelos irreverentemente criativos Heine e Busch, e por fim atravessando a filosofia de Schopenhauer, Nietzsche e Platão, Freud desenvolve um caminho sutil sobre o vazio e a esterilidade da ciência.

Mais do que isso, a pulsão é um dos conceitos fundamentais (*Grundbegriffe*) da psicanálise, pois é assim por Freud designada no artigo dedicado inteiramente a ela. (FREUD, 2006/1915a, p. 123) Vale aqui destacar que autores como Garcia-Roza (2004) consideram como conceitos fundamentais da ciência aqueles que correspondem muito mais a interrogações do que a dados. Em vez de preencherem os espaços dispostos pelo conhecimento produzido até então, eles evidenciam os furos do saber existente.

O argumento de ordem epistemológica não deixaria de agradar a Freud, para quem o conceito fundamental não nasce pronto, com seus contornos e articulações já delimitados. Ele vem ao mundo marcado por uma opacidade inicial, que lhe confere extravagância em relação aos outros conceitos. E esta extravagância consiste nos problemas e obstáculos enfrentados pelo pensador no campo da ciência, em geral, ao construir um conceito fundamental. É neste sentido que Freud confessa aos seus discípulos que, apesar de sua importância, a teoria pulsional é a mais inconclusa de toda sua metapsicologia (FREUD, 2006/1905b, p. 159n).

É também nesse sentido que entendo a afirmação de Garcia-Roza (1993, p. 11), em outro de seus escritos, a respeito de a pulsão *desenhar o horizonte do discurso psicanalítico*. Isto porque, estando situada para além do inconsciente e do recalque, ela acaba se afastando do tecido da linguagem, demarcando o limite do discurso conceitual.

Agora, por *pulsão de morte*, refiro-me a outro termo e conceito de difícil tradução, utilizado por Freud em sua língua materna pela palavra composta *Todestrieb*.

Laplanche & Pontalis (2001) traduzem *Todestrieb* por *Pulsões de morte*, definindo-as como uma nova e fundamental categoria de pulsões, relacionadas por oposição às pulsões de vida, ambas inseridas no quadro esboçado por Freud de sua última teoria das pulsões. Tendendo a reduzir completamente as tensões e reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico, inicialmente elas surgem dirigidas para o interior e tendendo à autodestruição. Somente secundariamente é que elas são voltadas para fora e se manifestam sob a forma de uma pulsão de destruição ou agressão.

Na tentativa de diferenciar conceitual e terminologicamente a pulsão em si da pulsão de morte, Hanns (1999, p. 149) afirma que se a pulsão segue sempre indomável na busca pela satisfação (*Befriedigung*), a pulsão de morte busca o total cancelamento da tensão. Trata-se, na verdade, de um termo e também de um conceito obscuro e mal-

compreendido ao longo da história da psicanálise, e uma proposta deste trabalho de dissertação é, mediante o estudo sistemático e aprofundado das fontes primárias que constituem a obra freudiana pertinente, bem como de sua literatura crítica, também contribuir de algum modo para o seu esclarecimento.

Laplanche & Pontalis (2001, p. 407) são os primeiros comentadores a nos advertir que, para bem entender o conceito de *Pulsão de Morte*, não basta simplesmente descrever as manifestações clínicas que dão sustentação a esta idéia, ou esmiuçar as teses de Freud a respeito deste conceito tão incompreendido em sua metapsicologia. O mais importante é, acima de tudo, estudar o desenvolvimento do pensamento freudiano, e discernir “a que necessidade estrutural corresponde a sua introdução no quadro de uma remodelação mais geral (virada dos anos 20)”.

Por esse mesmo motivo, ao falar sobre os últimos vinte anos da vida de Freud, e no intuito de distingui-los dos demais períodos, Mezan (2001) salienta que neles o ingresso da pulsão de morte na rede conceitual da obra de Freud surpreende seus discípulos e herdeiros, que, em sua maioria, não acolheram bem esta nova idéia, ainda motivo de muitas discussões e contestada por muitas escolas de pensamento, dentro e fora do campo da psicanálise. Neste mesmo trabalho, em que procura fazer uma articulação dos conceitos da obra freudiana, ele estabelece distintos cortes ao longo desta obra, sendo o último deles em 1920. Ao fazê-lo, reconhece a pulsão de morte como o “elemento privilegiado” da malha conceitual que procura analisar, e adverte o leitor de que o hábito dos comentadores de considerar 1920 como o instante no qual a grande virada epistêmica da psicanálise se dá não é suficiente para apreender o princípio dessa mudança tão singular. Mezan (2001) insiste na tese de que a pulsão de morte é um elemento “radicalmente novo” que transtorna a malha conceitual da psicanálise de um modo extremamente profundo, sendo necessário tomar a pulsão de morte como ponto de partida de uma nova fase. Nova, especialmente em relação à teoria das pulsões (a mitologia da psicanálise), no que diz respeito à neurose e à eficácia do tratamento e a respeito do conceito de homem que está implícito na clínica e na metapsicologia⁶.

⁶ Neste momento, devo ressaltar que o título escolhido – *Sob o signo de Tanatos* – é uma forma de homenagear este estudioso da obra freudiana, em especial da metapsicologia e das origens da psicanálise. Em seu primeiro livro dedicado integralmente à psicanálise, Mezan (2001) destaca o aparecimento do conceito de pulsão de morte na malha conceitual construída paulatinamente por Freud ao

Certo dia, todos eles foram fatiados ao meio por Zeus. Estando todos os seres divididos pela metade, a saudade os impeliu a procurar pela parte perdida. No final, reencontram-se e cada uma se enlaça com a outra. Freud destaca a frase final desse mito: “enlaçaram-se uma à outra *no desejo de fundir-se em um só ser*” (FREUD 2004/1920, p. 178). Evidentemente, esse destaque não é fortuito. É para salientar que, com esse mito tão antigo e tão espalhado pelo globo terrestre, é possível compreender a pulsão derivando-a da *necessidade de restabelecer um estado anterior*. Com efeito, na moral da história narrada através desse mito, condensam-se a origem da vida e do sexo com a origem da reprodução sexuada no curso da evolução. Dizendo de modo resumido: na origem da vida, a primeira substância viva é rompida (ou seja: ela é mortificada) em pequenas partes. As pequenas partes anseiam pelo reencontro. As pulsões sexuais possibilitam esse reencontro. Um meio repleto de estímulos ameaçadores e contrários ao anseio pelo reencontro obriga essas partículas a se reagruparem, originando seres cada vez mais complexos. Eles, por sua vez, dão origem a uma camada cortical protetora⁹⁵, responsável por fazer o indivíduo ou corpo celular ganhar forma. Enquanto isso, as pulsões sexuais migram e concentram-se nas células reprodutoras (sexuais), que impulsionam o ser vivo para o esperado reencontro, mantendo, deste modo, a vida em movimento. Ora, disso se depreende que, desde o início, vida e morte estão presentes, trabalhando e operando em conjunto. E mais: os supostos ceticismo e materialismo atribuídos à Freud⁹⁶ revelariam ao final um traço artístico, no mínimo criativo, deste velho homem. Ao final de tudo ele afirma que a vida natural e a vida psíquica teriam muito em comum em sua origem e desenvolvimento. Mais do que um simples acidente da matéria ou do mundo orgânico, elas seriam um movimento dinâmico situado entre Eros e Tanatos.

⁹⁵ Refere-se ao escudo protetor ante-estímulos presente no *Projeto de 1895*. Ver capítulo 1.

⁹⁶ Responsáveis, talvez, pelo reforço daquela imagem mental de um Freud sisudo e circunspeto que é tão batida e repetida nas reproduções midiáticas da imagem do homem Freud. Haveria nelas alguma intencionalidade, no sentido de desacreditar Freud e os psicanalistas em decorrência de uma suposta obtusidade e intransigência implícitas nessa imagem a ele atribuída?

O mesmo autor, em um trabalho posterior (MEZAN, 2006), sublinha a cautela com a qual Freud se dirige ao leitor ao introduzir o conceito de pulsão de morte em *Além do princípio do prazer*. Apesar de visar dar conta de certo número de fenômenos, sua especulação se adéqua com muita dificuldade ao rigor da investigação científica e não escapa das objeções teóricas. Aponta um trecho da referida obra em que Freud confessa não saber até que ponto crê nelas:

Pode-se perguntar se, e até onde, eu próprio me acho convencido da verdade das hipóteses que foram formuladas nessas páginas. Minha resposta seria que eu próprio não me acho convencido e que não procuro persuadir outras pessoas a nelas acreditar, ou, mais precisamente, que não sei até onde nelas acredito [...]. Infelizmente, porém, as pessoas raramente são imparciais no que concerne às coisas supremas, aos grandes problemas da ciência e da vida. Em tais casos, cada um de nós é dirigido por preconceitos internos profundamente enraizados, aos quais nossa especulação inadvertidamente dá vantagem (FREUD, 2006/1920, p. 69-70).

Em seguida, Mezan (2006) confrontar o leitor com o artigo *O mal-estar na cultura*, onde Freud afirma não ser capaz de pensar de outra maneira:

Em nenhum de meus trabalhos anteriores tive, tão forte quanto agora, a impressão de que o que estou descrevendo pertence ao conhecimento comum e de que estou desperdiçando papel e tinta, ao mesmo tempo que usando o trabalho e o material do tipógrafo e do impressor para expor coisas que, na realidade, são evidentes por si mesmas. Por essa razão, ficaria feliz em desenvolver o tema se

longo de sua vida. Este destaque do aparecimento da pulsão de morte ocupa toda a quarta e última parte de seu livro, a qual ele confere este título: “Sob o Signo de Thánatos”. No entanto, utilizo no presente trabalho a grafia *Tanatos*, sem o *th* e sem o acento grave na primeira sílaba. A justificativa para a minha escolha é simples: ela está de acordo com a de Laplanche & Pontalis (2001), a qual me parece mais completa e atual, por estar de acordo com a grafia da palavra na língua portuguesa.

isso levasse à conclusão de que o reconhecimento de um instinto agressivo, especial e independente, significa uma alteração da teoria psicanalítica dos instintos [das pulsões] (FREUD, 2006/1930, p. 121).

Por fim, Mezan (2006) afirma que este conceito vai se impondo ao fundador da psicanálise ao longo do tempo e que, além das razões objetivas que venham a ter determinado a imposição desse conceito, ele responde a uma “exigência íntima”; e que, através do tema da pulsão de morte, Freud descobriria a qualidade específica da pulsão: sua tendência regressiva, explicando com isso porque são os fenômenos da repetição os principais responsáveis pela elaboração de um além do princípio de prazer.

A esse respeito, Coutinho Jorge (2010) é bastante explícito. Destaca o fato de que, embora despertando um interesse crescente na psicanálise, o conceito de pulsão de morte é marcado por uma história de polêmicas e discórdias⁷. Não tendo sido jamais aceito inteiramente

⁷ A esse respeito, o biógrafo destaca: “Para muitos analistas, a ideia de Freud a respeito de um oculto impulso primitivo em direção à morte, de um masoquismo primário, era outra coisa. Consideravam-na prejudicada por problemas referentes às provas capazes de sustentá-la” (GAY, 2002, p. 369). Ele salienta que pouco importava se essas provas fossem extraídas da psicanálise ou da biologia, pois, ao distinguir entre pulsão de morte e pura agressão, “Freud deu espaço para que seus adeptos separassem os dois elementos, rejeitassem sua visão épica de um confronto entre Tântos e Eros, e ainda assim mantivessem o conceito de duas pulsões em luta” (GAY, 2002, p. 369). Nesse sentido, o próprio Freud salientava que não se tratava de “estabelecer ‘uma teoria otimista contra uma teoria pessimista da vida. Apenas a colaboração e o conflito entre as duas pulsões primárias, Eros e a pulsão de morte, explicariam a variedade colorida dos fenômenos da vida, e nunca somente uma delas” (GAY, 2002, p. 369). Mas as discordâncias dentro do próprio movimento psicanalítico se tornariam evidentes após a defesa aberta e declarada do conceito de pulsão de morte presentes no artigo *O mal estar na cultura* (FREUD, 2006/1937). Segundo Peter Gay, um de seus “efeitos colaterais” foi o “ressurgimento inesperado do debate dos psicanalistas sobre seu alicerce intelectual mais desolador, a ideia freudiana da pulsão de morte. Ernest Jones (...) fez um elogio entusiasmado às concepções de Freud sobre a civilização e a ‘teoria da culpa” (GAY, 2002, p. 500). Apesar de concordar com Freud que a hostilidade é um fato central da vida, Ernest Jones declarou: “minha única divergência com suas concepções ainda continua a ser minha incerteza quanto ao Todestrieb” (GAY, 2002, p. 500). Baseado nesse

equivalência entre crescimento e reprodução. Entretanto, poder-se-ia objetar, contra essa explicação, sua exagerada simplicidade. Além disso, é necessário levar em conta uma coisa: do ponto de vista evolutivo, é mais provável que essa cópula pioneira fosse rejeitada, em vez de mantida, pelas gerações posteriores. Pois ela confronta o curso vital ao implicar na morte dos seres que dela usufruem, atrapalhando a laboriosa tarefa da natureza de impulsionar a vida adiante.

Como lidar com tamanha complexidade e contradição dos fatos de que se dispõe? Contrariando o provável silenciamento ou desistência, o recurso ao qual Freud recorre é inesperado. Mas eficiente. Além de – convenhamos – bastante criativo. Até então ele propusera ao leitor pensar o desenvolvimento como uma combinação entre regressão e progresso, retorno e avanço. Agora ele mesmo faz esse duplo movimento. Após avançar pelos sucessivos progressos do conhecimento do homem a respeito da origem da vida, do sexo e da morte, o passo seguinte é uma regressão. Ou melhor: um retorno. Um retorno ao modo mais antigo de se pensar o mundo com vida e movimento. Com narrativas que remetem a outras narrativas que remetem a outras, ininterruptamente. Trata-se, portanto, de compreender o mundo através do mito. E o mito em questão é um mito tão antigo que por pouco não se perdeu no esquecimento. Sua permanência na história e na cultura ocidental deve-se ao filósofo Platão, que o registrou numa das reproduções dos diálogos de seu mestre Sócrates⁹⁴.

A versão desse mito platônico apresentada por Freud é essa: nos primórdios da humanidade, três tipos de corpos figuravam os humanos. Todos os três eram duplos, ou seja, eram a fusão de dois corpos num só: masculino e masculino, feminino e feminino, masculino e feminino.

⁹⁴ Em uma nota acrescentada em 1921, Freud agradece ao professor Heinrich Gomperz pelo auxílio na pesquisa acerca das origens do mito platônico. O referido auxílio indica a existência de semelhante concepção do mito platônico nos *Upanishad*. Há consenso entre os estudiosos destes textos sagrados: eles o situam anteriormente ao ano 800 a. C. O que demonstra que o mito era muitíssimo anterior ao período em que o filósofo vivera. Há controvérsias, entretanto, a respeito de como esse mito chegou a Platão. E se o mito chegou a Platão, realmente, através de fontes orientais. Freud diz não considerar impossível a influência oriental em Platão. Diz ele que mesmo que se suponha haver essa influência, “o valor da coincidência conceptual dificilmente seria diminuído, porque Platão não teria feito sua esta ideia que a tradição oriental lhe trazia, e menos ainda ter-lhe-ia concedido um lugar tão importante, se no seu entender ela não possuísse um elemento de verdade” (FREUD, 2004/1920, p. 197, n133).

psicanálise reformula sua teoria precedente ao conceito de pulsão de morte ao considerar algo que – do mesmo modo como a idéia de uma pulsão de morte – fora rejeitado com bastante veemência até então.

5.5 O recurso ao mito

É chegada a hora de fazer um breve resumo antes de seguir adiante. A troca de substâncias entre os protistas protege-os dos efeitos nocivos de seu próprio metabolismo. Como essa fusão de duas células diferentes pode produzir a renovação da vida? Uma resposta possível: através do *acréscimo de novas quantidades de estímulos*. Isto foi demonstrado nos experimentos em que a ação de estímulos químicos ou mecânicos obteve o mesmo resultado que o da cópula. Logo, o processo vital do indivíduo é levado por razões internas a um nivelamento das tensões químicas (morte). E mais: a união com outra substância viva introduz diferenças vitais. Elas aumentam a tensão vital e precisam ser esgotadas através dos processos vitais. O que leva Freud a declarar finalmente: “Um dos motivos mais fortes para acreditarmos na existência das pulsões de morte reside em nossa concepção de que a tendência dominante da vida (...) seja, tal como o expressa o princípio do prazer, o anseio por reduzir, manter constante e suspender a tensão interna provocada por estímulos” (FREUD, 2004/1920, p. 176). Refere-se ao *Princípio de Nirvana*, proposto por Barbara Low⁹³, como estando de acordo com a sua proposição. Acrescentando-lhe, portanto, endosso e rigor.

Porém, a compulsão a repetição permanece improvável. Ela esbarra num ponto obscuro, num ponto cego diante do qual tanto o senso comum quanto o pensamento científico fracassam em sua busca por resolução. Trata-se do surgimento da reprodução sexuada e das pulsões sexuais. Uma resposta possível, de acordo com o modelo darwinista: a cópula casual de dois protistas mantém-se ao longo das evoluções posteriores. Até o momento atual. Assim sendo, o sexual não teria origem tão antiga, e as pulsões sexuais seriam mera repetição daquilo que outrora ocorreu por puro acaso. Percebe-se nessa explicação

⁹³A psicanalista inglesa Barbara Low (1877-1955) tornou-se conhecida ao propor um princípio de Nirvana. Tal princípio deriva do budismo e da filosofia de Schopenhauer (1788-1860). Ele afirma uma “tendência do aparelho psíquico a aniquilar qualquer excitação e qualquer desejo” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 602). Como se vê, sua proposta é manifestamente aceita por Freud em *Além do princípio de prazer*.

pelos analistas, foi preciso que seu criador chamasse atenção, não sem certa ironia, para a diferença marcante entre a sua *popularidade* e a sua *importância*. Apesar disso, a pulsão de morte é um conceito situado no âmbito da psicanálise, reveladora de uma dimensão das mais profundas do aparelho psíquico. Este autor ainda salienta que o primeiro passo no desenvolvimento do conceito de pulsão de morte foi dado por Sabina Spielrein, uma discípula de Freud, ao escrever sobre uma pulsão de destruição em seu artigo *A destruição como causa do devir*, apresentado em 29/11/1911 na Sociedade Psicanalítica de Viena e publicado no ano seguinte⁸. Sabemos por seus comentadores que Freud achou esse artigo

comentário, Peter Gay afirma que “a pulsão de morte parecia a Jones um salto da realidade da agressividade para uma generalização injustificada” (GAY, 2002, p. 500). Além de Ernest Jones, Oskar Pfister também levantou objeções. Este homem, que além de estudioso da psicanálise era um pastor protestante, preferia ver a pulsão de morte “como meramente subsidiária da força da vida”. Diante dessa oposição, Freud haveria protestado que “não estava apenas transpondo sua melancolia pessoal para a teoria psicanalítica”. A dúvida de Freud a diante da crença de a humanidade estar destinada a “ascender a uma maior perfeição” bem como sua aposta na vida enquanto “uma luta contínua entre Eros e a pulsão de morte com desfecho imprevisível” estaria isenta da influência de seu temperamento constitutivo ou das suas tendências adquiridas (GAY, 2002, p. 500-501). Nesse sentido, Freud argumentava com seus opositores que a pulsão de morte “não era um seu ‘desejo do coração; afigura-se a mim como uma admissão inevitável por razões tanto biológicas como psicológicas’. Por isso, ‘meu pessimismo aparece a mim como um resultado, o otimismo de meus adversários como um pressuposto’” (GAY, 2002, p. 501).

⁸ “Em um trabalho rico em conteúdo e articulação, mas para mim, infelizmente, não de todo transparente, Sabina Spielrein antecipou uma grande parcela dessa especulação. Ela caracteriza os componentes sádicos da pulsão sexual como os destrutivos” (FREUD, 2004/1920, p. 196, n126). Ao dizer isso, Freud estava se referindo a uma apresentação da brilhante analista russa Sabina Spielrein, nos “dias pioneiros de 1911, numa das reuniões das quartas-feiras à noite, na Berggasse 19, e também no artigo pioneiro dela, do ano seguinte, intitulado ‘A Destruição como Causa do Vir-a-Ser’. Naqueles anos, Freud simplesmente não estava preparado” (GAY, 2002, p. 364). Uma das razões para que, naquele momento, Freud não estivesse preparado para receber esta ideia fora “o fato de Jung alegar que se antecipara a Freud, sustentando que a libido almeja tanto a vida quanto a morte” (GAY, 2002, p. 364), bem como a ideia de uma agressividade ou destrutividade primitiva e independente da libido haver sido esboçada por Adler nos anos que anunciaram a sua dissidência do movimento psicanalítico. Cabe salientar aqui que o título original do artigo é *Die Destruktion als Ursache des Werdens*, e ele foi publicado no *Jahrbuch für*

confuso, mas, apesar disso, verifica-se sua contribuição para o surgimento do conceito de pulsão de morte através da citação desse artigo feita por Freud no célebre *Além do princípio do prazer* (1920).

Coutinho Jorge (2010) chama a nossa atenção para a nomenclatura plural que marca o conceito de pulsão de morte. Agressão, destruição e dominação são alguns dos nomes usados outrora por Freud para designar uma pulsão não-sexual. No consagrado artigo metapsicológico dedicado ao tema das pulsões e seus destinos, ele já usara o termo “pulsão de destruição”, de modo que é possível supor uma percepção precoce da pulsão de morte como pulsão de crueldade em Freud, que só usaria os termos pulsão de morte, destruição e agressão indiferenciadamente em *O mal-estar na cultura* (1930). O mesmo ocorre em *O problema econômico do masoquismo* (1924), no qual vemos pulsão de morte e de destruição aparecendo lado a lado, como termos sinônimos.

Diante desse quadro até aqui apenas esboçado, que inclui a aceitação paulatina do conceito de pulsão de morte por Freud e as controvérsias sem fim entre seus seguidores, pretendeu-se no quadro desta pesquisa – mediante os artigos metapsicológicos de Freud, bem como seus “cinco grandes casos clínicos”, além da literatura crítica pertinente – examinar os elementos que impuseram a Freud o conceito de *pulsão de morte*. Para além das afirmações presentes em seus escritos sobre este tema, e da sua confessa sensação de inovar e renovar a sua metapsicologia, só uma investigação aprofundada nos permitirá encontrar a exigência deste conceito, evidente pela própria aparição e formulação da noção de uma pulsão de morte. Afinal de contas, perguntar pela necessidade da criação de um novo dualismo pulsional na metapsicologia freudiana é refazer o caminho que levou o Freud cientista ao encontro do Freud criador de conceitos, de uma nova lógica e de um novo modo de pensar o homem em sua vida anímica. Pois é a partir desse encontro que tem origem a psicanálise.

Resta agora conceber *como* e *com o que* este trabalho de pesquisa foi realizado. Passemos assim à enunciação mais sistemática desses procedimentos metódicos, não sem antes tecer algumas considerações sobre a “questão do método” em psicanálise.

psychoanalytische und psychopathologische Forschungen, IV (1912), PP 465-503.

presentes no eu outras pulsões além das pulsões libidinais de autoconservação. Ainda lamentando não ser possível identificá-las, acrescenta, a seu favor, o fato de que mesmo antes de alcançar uma compreensão mais extensa do narcisismo, “a psicanálise já fazia a suposição de que as ‘pulsões do Eu’ atraíam para si componentes libidinais” (p. 174). Em nenhum momento é negada a obscuridade que envolve a teoria das pulsões. Mantém-se aberta a possibilidade de existirem outras pulsões.

Uma breve revisão dos passos que levaram o conceito de pulsão de morte a se impor em sua metapsicologia é realizada. Havia desde o início o reconhecimento de um componente sádico na pulsão sexual; reconhecimento, inclusive, de uma possível independência e domínio desse componente da totalidade do empenho [*Strebung*] sexual de uma pessoa. Esse mesmo sadismo já fora descrito anteriormente como uma pulsão parcial predominante nas organizações psíquicas pré-genitais. Entretanto, postular essa pulsão sádica que procura causar dano no objeto como derivada de Eros seria um contra-senso. Seria mais plausível pensar que “em verdade esse sadismo seria a pulsão de morte que a libido narcísica logrou afastar do Eu” (FREUD, 2004/1920, p. 175), possibilitando sua manifestação somente sobre o objeto. Resultaria disso uma espécie de fusão entre pulsão de vida e pulsão de morte, através da qual a pulsão de morte passaria a servir à função sexual sob a forma de sadismo. Freud desenvolve essa linha de raciocínio, e a fortalece lembrando que “na fase de organização oral da libido o apoderamento do objeto amoroso e o aniquilamento do objeto ainda coincidem” (FREUD, 2004/1920, p. 175). A pulsão sádica adquiriria sua autonomia apenas num momento posterior. Assumiria, mais adiante no curso do desenvolvimento, uma função erótica: a de enfrentar e lidar com [*Bewältigen*] o objeto sexual – algo fundamental para o ato sexual. A partir disso, Freud afirma ser a pulsão sádica a responsável pela preparação do terreno para o investimento e a ocupação da libido no objeto. A conhecida ambivalência amor-ódio seria o motivo da falha ou impedimento desse trabalho inicial do impulso sádico.

O outrora o masoquismo fora considerado um redirecionamento do sadismo contra o próprio eu. No entanto, com a imposição do conceito de pulsão de morte, isso passa a ser entendido como “um retorno [*Rückkehr*] a uma fase anterior dessa pulsão, ou seja, uma regressão [*Regression*]” (FREUD, 2004/1920, p. 175). Impõe-se a Freud o reconhecimento de um masoquismo primário, situado além desse – a partir de então caracterizado como secundário – que é o retorno do próprio sadismo ao eu. Ponto crucial este, no qual o fundador da

Agora o eu é o reservatório da libido, como já foi dito. Passou a fazer parte da gama de objetos sexuais a ponto de se tornar o principal dentre eles. Diante dessa mudança, Freud afirma: “Com isso, a primeira oposição que havíamos suposto existir entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais tornou-se uma hipótese insatisfatória” (FREUD, 2004/1920, p. 173). O que leva Freud a deslocar a tônica do conflito psíquico de um ponto de vista *qualitativo* para um ponto de vista *tópico*. Se pulsões do eu e pulsões sexuais não se opõem mais no campo das qualidades – pois a libido está presente constituindo ambos os grupos de pulsões – sua oposição permanece num ponto de vista espacial (tópico). Nele, cada um dos dois grupos de pulsões tem o seu lugar bem definido. Freud assinala bem isso afirmando serem as neuroses de transferência uma espécie de adoecimento resultante do conflito o eu e o investimento libidinal de objeto.

Com esse avanço acentua-se o caráter libidinal das pulsões de autoconservação. Essa acentuação impõe uma nova sonoridade à letra de Freud. Uma nova sonoridade apenas disponível a ouvidos atentos. Para percebê-la, é necessário retroceder e repassar o que até então o fundador da psicanálise estivera apenas insinuando através de suas especulações. A pulsão sexual finalmente é identificada com Eros, que a tudo une. É a reserva de libido utilizada pelas células para se agregarem entre si a origem primordial das pulsões sexuais. E sendo as pulsões de autoconservação também de natureza libidinal, não restaria, portanto, nenhuma outra pulsão que não fosse sexual. O que levaria a teoria das pulsões de volta ao monismo, do qual ela sempre buscou se distanciar. Um problema sério para a psicanálise, pois assim ela se veria indefesa diante das críticas mais toscas e comuns: aquelas que a acusam de pansexualismo. Explicar tudo pelo viés da sexualidade; ver em todo e qualquer fato psíquico um sentido erótico. E deveria render-se, portanto, às inovações de seus notáveis dissidentes. Tal é o caso de Jung, por exemplo, que acreditava estar inovando a psicanálise ao afirmar ser a libido uma força fundamental no ser humano. Uma energia psíquica de caráter holístico, na qual o sexual seria apenas um dentre seus infinitos aspectos.

Porém, Freud não entrega seus pontos com facilidade. Diante desse impasse, ele aponta para o caminho traçado pela psicanálise desde o início até o momento atual: “... nossa concepção desde o início sempre foi *dualista*, e hoje, quando os termos opostos não são mais designados como pulsões do Eu e pulsões sexuais, mas como pulsões de vida e pulsões de morte, ela é ainda mais rigorosamente dualista do que antes” (FREUD 2004/1920, p. 174). Ainda assim, ele pressupõe estarem

A questão do método em psicanálise, para a pesquisa que realizamos, pode ser resumida à seguinte pergunta: *Como traduzir e compreender os conceitos da psicanálise?* Pontalis (1972), numa tentativa de analisar o aparelho nocional da psicanálise, explica ter sido a atenção dada aos elementos do discurso freudiano o fio condutor de seu trabalho⁹. Afirma a existência de dois modelos de exposição da teoria psicanalítica: o modelo histórico e o modelo hipotético dedutivo. O problema desses dois modelos é que o próprio Freud não ficou satisfeito com nenhum deles, alternando-os com frequência, na mesma obra ou em trabalhos distintos.

Além disso, o setor da linguagem abarcado pelo aparelho nocional da psicanálise apresenta traços tão únicos que impossibilitam qualquer tipo de transposição ou comparação. O primeiro traço demarcador dessa diferença é o fato de a linguagem psicanalítica ser a obra de um único autor: Freud. Apenas *no interior do vocabulário freudiano* se revelaria a *função de seus elementos*. Isto nos coloca diante de um problema decorrente da *originalidade* e outro decorrente da *homonímia*. O problema decorrente da originalidade consiste em que, apesar da contribuição de todos os psicanalistas que desenvolveram novas abordagens, leituras e teorias, tais como Ferenczi, Melanie Klein, Winnicott, Bion e Lacan, no que se refere à *instituição dos conceitos psicanalíticos*, “tudo se origina em Freud” (p. 131). Já o problema decorrente da homonímia consiste em que uma mesma palavra empregada por Freud pode preencher funções muito diferentes dentro da teoria psicanalítica, o que nos aproxima muito mais de um *deslize de sentido* do que de uma *identidade de significação*.

O segundo traço que indica essa marca única da linguagem conceitual da psicanálise é o seu caráter metafórico. Irredutível ao simples e tradicional caráter ilustrativo de ideias que caracteriza a metáfora enquanto linguagem conceitual, ela possui um valor particular na linguagem da psicanálise. A linguagem conceitual em psicanálise faz uso de uma linguagem metafórica. Seu caráter metafórico é uma imposição da própria experiência psicanalítica, uma vez que esta trata da realidade psíquica e do inconsciente. O problema é conseguir transmitir, numa linguagem conceitual, uma realidade que se furta a toda e qualquer simplicidade de explicação. Para falar de fantasias inconscientes, movimentos transferenciais ou de um complexo de castração, é necessário ir além da linguagem puramente conceitual e

⁹ Tentativa que, ao ser realizada juntamente com Laplanche, resultou no conhecido *Vocabulário de psicanálise*.

fazer uso da mitologia e da poesia, entre outros tipos de discursos metafóricos.

O terceiro traço trata da diversidade dos registros. Esta diversidade aponta para o impossível de unificar a linguagem conceitual. Em sua metapsicologia, Freud afirma ser necessário recorrer a três pontos de vista muito diferentes para se estudar os processos psíquicos: econômico, dinâmico e tóxico. Há vezes em que estes três pontos de vista estão relacionados a um mesmo conceito. Portanto, um único conceito pode aparecer com diferentes descrições, explicações e funções ao longo da obra freudiana. Longe de qualquer incoerência lógica, este é um aspecto fundamental da linguagem conceitual da psicanálise.

Podemos considerar o quarto traço como um *problema de coerência*. Ao considerarmos o inconsciente como o objeto de estudo da psicanálise, confrontamo-nos com uma contradição fundamental: como insistir na inteligibilidade de uma linguagem conceitual da psicanálise se a lógica própria do inconsciente pertence a uma linguagem e inteligibilidade completamente diferentes da linguagem conceitual de qualquer ciência? Sabemos que a experiência da psicanálise é atravessada pela palavra, a tal ponto que a própria psicanálise torna-se uma verdadeira contestação da linguagem puramente conceitual. É esperado do analista que ele suspenda as regras que comandam a observação científica tradicional (através da recomendação de Freud do uso da atenção igualmente flutuante, por exemplo). Ainda assim, é possível ler Freud sem contradizê-lo, aplicando a atenção igualmente flutuante à nossa leitura dos textos de Freud. Não se trata de uma tentativa vã de analisar o fundador da psicanálise, mas sim de libertar-se de qualquer sentido fechado de sua obra ou de seus conceitos.

É necessário tomar uma posição bem fundamentada do seguinte impasse: ou se acentua o caráter *técnico* dessa linguagem conceitual salientando sua íntima relação com a situação clínica e a psicopatologia, ou se coloca em evidência a *fecundidade* dessa linguagem conceitual, ou seja, sua pluralidade de sentidos, indo além de sua origem. Isso nos coloca diante de um quinto problema: a situação da psicanálise no mundo acadêmico. Este problema, presente no seio da própria pesquisa psicanalítica, consiste na seguinte pergunta: *qual é o campo legítimo de aplicação dos conceitos definidos pela psicanálise?*

Esta pergunta está sustentada por dois problemas fundamentais. O primeiro deles é o problema da homonímia enganadora: o que a psicanálise chama de sintoma é completamente diferente daquilo que a medicina chama de sintoma, assim como o que a psicanálise chama de agressividade é bem diferente daquilo que a etologia chama de

noiva, no qual se destaca a presença do poeta Friedrich Schiller. Vejamos então o referido trecho: “No começo de 1884 ele citou à sua doce princesinha um de seus poetas favoritos, Friedrich Schiller, de maneira um pouco sentenciosa: ‘Fome e amor: esta é, afinal, a verdadeira filosofia, como disse nosso Schiller’” (GAY, 2002, p. 58). Esse autor salienta, em sua biografia, a relação entre a frase de Schiller citada na carta para sua noiva em 1884 e a mesma frase citada no artigo de 1920. Reconhecendo o anacronismo da ideia de biografar o jovem estudante como se ele já fosse o velho psicanalista, Peter Gay destaca que a carta citada situa-se no período em que Freud dava seus primeiros passos rumo a psiquiatria. Passos que – como sabemos hoje – mais de três décadas depois iriam culminar com o artigo sobre o qual trabalhamos. Em outra passagem de sua biografia, Peter Gay (2002) discorre sobre o tema do inconsciente em pensadores muito anteriores à Freud. Nesse sentido, ele destaca que “Goethe e Schiller, que Freud era capaz de citar interminavelmente, haviam procurado as raízes da criação poética no inconsciente” (GAY, 2002, p. 131).

Em virtude das descobertas freudianas e do advento da psicanálise, foi apenas uma questão de o tempo passar para que a concepção de pulsão sexual em vigor na cultura ampliasse seus horizontes, abarcando muitos aspectos além do reprodutor⁹². Além disso, a própria concepção de eu ampliou-se. De modo lento e gradual; porém, muito mais radical. Inicialmente considerava-se o eu (Ich) apenas responsável pelo recalçamento, censura, formação de estruturas defensivas e produção das formações reativas, estando, portanto, em oposição direta às pulsões sexuais. As descobertas realizadas através da introdução do conceito de narcisismo na metapsicologia revelaram uma face até então desconhecida dessa instância. Descobriu-se que “o eu constituía o verdadeiro e original reservatório da libido” (FREUD, 2004/1920, p. 173). Conclusão resultante da análise do processo de introversão da libido no eu (quando ela é retirada completamente do objeto e dirigida diretamente ao eu) e do estudo das primeiras fases do desenvolvimento da libido infantil. A ênfase nessa mudança conceitual está na posição que a instância eu passa a ocupar após essas reformulações.

⁹²Provavelmente, a razão de essa frase soar estranha para nossos ouvidos é a tradução de Hanns, na qual ele verte todo o termo *Trieb* para *Pulsão*. Talvez nessa passagem Freud se referisse ao *Sexualtrieb* no sentido de sexualidade ou vida erótica de um modo geral.

promove o encontro e a união entre corpos distintos. As células reprodutoras guardariam consigo uma reserva de libido a ser utilizada posteriormente em prol da multiplicação. Poder-se-ia chamar de narcísica toda célula de formação maligna capaz de levar o organismo a seu fim. Ou seja, feita essa transposição, constata-se que “a libido de nossa teoria sexual coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos, que mantém unido tudo o que é vivo” (FREUD, 2004/1920, p. 172).

A partir destas últimas considerações, uma revisão da teoria da libido se impõe. Num primeiro momento, ela é produto da análise das neuroses de transferência. Resulta dessa análise o postulado do confronto entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. Freud declara o aspecto provisório e insuficiente dessa nomeação, salientando com ela as pulsões que visam à conservação do indivíduo⁹⁰. Confessa a obscuridade inicial da teoria das pulsões. Diz-se tateando no escuro. Em meio a um campo indeterminado de especulações. Nele, muitos autores propunham os mais variados tipos de pulsões, de maneira demasiado arbitrária. Para contornar o obstáculo da arbitrariedade, a psicanálise ateve-se ao básico. O conhecido aforismo do filósofo-poeta Schiller⁹¹ – de que o amor e fome governam o mundo – ofereceu suporte e fôlego para sustentar inicialmente a distinção entre as duas funções fundamentais: reprodução e conservação do indivíduo. Além disso, possibilitou avanços nas referidas neuroses de transferência. O que nos coloca novamente diante da questão sobre a filiação epistemológica de Freud. A quem ele está mais ligado em seu íntimo: à arte ou à ciência?

Ao descrever o período transcorrido ao longo da década de 1880 – no qual o jovem Freud se preparava para a clínica médica particular, Gay (2002) supõe já haver nesse jovem estudante um interesse manifesto pelos mistérios da vida psíquica humana. Cita um trecho da correspondência do jovem estudante de medicina para sua

⁹⁰ O leitor deve estar advertido de que a maior dificuldade na leitura de um texto de Freud como este sobre o qual estamos trabalhando é a súbita mistura de registros, aparentemente distintos, ao correr de sua pena. Com efeito, ele utiliza termos da biologia tais como indivíduo, espécie, plasma, corpo celular etc ao mesmo tempo em que opera conceitos metapsicológicos fundamentais, tais como libido, narcisismo, pulsão, recalque, etc.

⁹¹ Johann Christoph Friedrich Von Schiller (1759-1805) é definido pela Barsa (2002) como o “pioneiro de um período áureo da literatura alemã”, com uma obra que “se caracteriza pela modernidade e relevância para a vida atual”, na qual ele imprimiu “a marca do amor à liberdade”. (BARSA, 2002, vol. 13, p. 171-2).

agressividade. Por outro lado, se tentarmos escapar dessa homonímia enganadora, tomando a psicanálise como um sistema de pensamento pronto e organizado, por exemplo, integrando os conceitos da psicanálise numa espécie de “psicologia geral” chegaremos a uma subversão de noções fundamentais da psicanálise como o do Inconsciente e da Sexualidade – a ponto de essas noções se diluírem numa ingênua “Psicologia da Aprendizagem” pautada na frustração pela realidade e no domínio das pulsões pelo Eu. Com efeito, em um trabalho recente dedicado ao tema, Perron (2010), afirma que “no momento mesmo em que Freud afirma com mais ousadia sua hipótese desenvolvimentista, ele a completa com uma referência estrutural. Toda a metapsicologia será construída em cima desses dois eixos” (p. 96).

Em sexto e último lugar, devemos considerar como um traço fundamental dessa linguagem conceitual psicanalítica a sua própria difusão na linguagem do cotidiano e no senso-comum. Esta difusão provoca deformações na psicanálise a tal ponto que estas deformações, com o tempo, passam a fazer parte da psicanálise. O que, de acordo com Pontalis, não deve ser ignorado, posto que “as deformações da psicanálise são parte dela” (p. 143). Para trabalhar com essas deformações de modo afirmativo e construtivo, ele se questiona a respeito de quais critérios poderemos distinguir, dentro de um mesmo campo teórico, uma linguagem? Se não conseguirmos diferenciar conjuntos teóricos distintos enquanto diferentes linguagens, qualquer tipo de pesquisa e trabalho *conceitual* se tornará impossível. Mistura-se *totalmente* à linguagem comum – e aí se perde o conceito – ou então se evapora ao longo das diferentes obras – e neste caso bastaria simplesmente lê-las.

Porém, os problemas não se encerram aqui. De modo que serão apresentados a seguir os pontos de vista de três pesquisadores da psicanálise na universidade brasileira: Luiz Alfredo Garcia-Roza, primeiramente, seguido por Renato Mezan, e sua leitura da proposta de Jean Laplanche, e, finalizando, Joel Birman, que discutem exaustivamente entre si e também com outros colegas as dificuldades e possibilidades da pesquisa em psicanálise no 1º e 2º *Encontros de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise*, ocorridos respectivamente em 1991 e 1993 na PUC de São Paulo. As atas¹⁰ desses Encontros constituem a referência textual do que será apresentado a seguir.

¹⁰ BIRMAN, Joel. A clínica na pesquisa psicanalítica. *Psicanálise e Universidade*, n. 2, 1994; GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. A pesquisa do tipo

Garcia-Roza: a textualidade do texto, a sexualização do discurso

Para Garcia-Roza (1994), o que faz da prática clínica psicanalítica uma prática específica e irreduzível é a teoria, que ele entende como uma formação discursiva que possui regras de constituição de seu objeto, uma determinada modalidade de enunciação, entre outras características. Neste particular, ele afirma haver uma diferença fundamental entre o epistemólogo e o pesquisador, qual seja: enquanto o primeiro procederá a uma assepsia da teoria, o segundo manterá um pacto com a bruxa, permitindo-lhe ultrapassar os limites do estabelecido.

O autor sustenta esta afirmação com o argumento de que o pesquisador não pretende uma pura e simples reprodução do texto, mas dizer algo diferente do que está no texto original, com a condição de ser a expressão do próprio texto aquilo que for dito. Somos apresentados à idéia de textualidade, a qual pode ser utilizada positivamente, como arma crítica. Levada ao extremo, no entanto, ela se torna negativa, uma vez que acaba nos conduzindo àquilo que Derrida chamou de *desconstrução do texto*.

Neste momento, é colocada a questão da possibilidade de conciliação entre a exploração da textualidade do texto, verdadeira potência significativa, com o discurso teórico conceitual. Desta questão surge uma afirmação: “o que a psicanálise explora é exatamente essa potência significativa”. (GARCIA-ROZA, 1994, p. 17).

Para o nosso autor, a teoria psicanalítica se coloca exatamente nesse lugar da textualidade e na exploração dessa textualidade, e seria o caso de perguntar, a partir desta conclusão, se a noção de releitura atenderia a essa exigência de rigor teórico, sem sacrificar a potência significativa do texto. Neste ponto, a seu ver, nada mais proveitoso e coerente do que relembrar a proposta de releitura feita por Lacan do texto de Freud. O retorno a Freud de Lacan não se fez por uma espécie de imposição de suas próprias perguntas, mas pela identificação das perguntas freudianas fundamentais.

O essencial a se destacar deste emaranhado de questões é, para Garcia-Roza (1994, p. 19), o fato de um conceito (e, portanto, uma teoria) dever *responder a um verdadeiro problema*. E o desdobramento

teórico. *Psicanálise e Universidade*, n. 1, 1994; MEZAN, Renato. Pesquisa teórica em Psicanálise. *Psicanálise e Universidade*, n. 2, 1994.

positivista e antimetafísico por princípio, não se importava em invocar como ancestral um filósofo” (GAY, 2002, p. 149). Nesse sentido, ele destaca a ocasião do prefácio à quarta edição dos *Três Ensaio*s. Nessa ocasião Freud “lembrou os leitores, com certa satisfação feroz, que o rebelde e independente não era ele, e sim o filósofo alemão Arthur Schopenhauer” (GAY, 2002, p. 149). Pois no referido prefácio, Freud atribui o confronto com a humanidade, no sentido de demonstrar à ela o amplo alcance da determinação de seus pensamentos e ações por impulsos sexuais, à Schopenhauer. Gay (2002, p. 336) menciona a crença de Freud no fato dele próprio ter sido o primeiro a escavar até os alicerces da atividade mental. Narra brevemente um episódio entre Freud e Otto Rank. Este havia confrontado Freud com uma passagem de Schopenhauer que se antecipava em algumas décadas – no que se refere à ideia de um processo psíquico de recalçamento. Freud teria respondido secamente que sua originalidade seria devido a sua leitura insuficiente desse autor. Ainda no que se refere à má avaliação do conhecimento filosófico por parte de Freud, Gay (2002) salienta que “entre os filósofos cuja influência Freud resistiu, mas dificilmente conseguiria escapar de todo, Schopenhauer e Nietzsche alertaram reiteradamente contra uma superestimação do consciente, em detrimento das forças inconscientes da mente” (p. 338). Seguindo estas pistas, encontramos finalmente informações da maior importância para o rumo da nossa investigação. Trata-se da relação entre Freud e a leitura de Schopenhauer no momento em que o conceito de pulsão de morte encontrava-se em período de gestação. Vejamos então: “Agora assumi como meu direito de fundo de aposentadoria o tema de morte, topei com uma ideia curiosa através das pulsões e agora tenho que ler pela primeira vez todos os tipos de coisas que se referem a ela, como por exemplo Schopenhauer” (GAY, 2002, p. 359). De acordo com seu biógrafo, assim Freud teria se referido a suas leituras numa carta a Lou Andreas-Salomé em 1919. O biógrafo destaca essa menção ao filósofo alemão em outra parte de sua obra novamente. Ele ressalta que a concepção freudiana de “duas forças belicosas elementares na mente, Eros e Tânatos, travando um combate eterno” (GAY, 2002, p. 368) teriam sido o resultado dessas leituras.

Em meio a tantas referências, é cabível fazer aqui uma transposição do que a psicanálise descobriu através de sua teoria da libido para os mesmos problemas trabalhados pelos cientistas na perspectiva da interação celular. Feita essa transposição, é possível entender a união e agregação entre células como maior chance de sobrevivência do organismo. Como um efeito da pulsão sexual que

teoria pulsional, recorrendo a outro cientista: Ewald Hering⁸⁸. Proponente de outro dualismo, este autor afirma existir na substância viva o confronto entre dois processos antagônicos: o *assimilatório* e o *dissimilatório*. O primeiro deles é construtivo, enquanto o segundo é demolidor. Freud também recorre a um filósofo: Schopenhauer⁸⁹, para quem a morte é a finalidade do processo de viver. Um estágio no qual a vida resulta. Como já se viu ao longo das páginas desta dissertação, a referência a filósofos, escritores e poetas por parte de Freud, em meio a argumentações científicas, não é fortuita. Nesse sentido, é cabível buscar entender um pouco mais a relação entre Freud e os escritos do referido pensador alemão. Tomando com referência a biografia escrita por Peter Gay, por exemplo, ele afirma que “quando lhe era conveniente, Freud, o

⁸⁸ Ewald Hering (1834-1918). Outro autor citado por Freud, mas pouco mencionado pela *Standard Edition*. Há apenas o apêndice A do artigo metapsicológico sobre o inconsciente (FREUD, 2006/1915, p. 211), intitulado *Freud e Ewald Hering*. Nesse apêndice, salienta-se o fato de Ewald Hering ter sido professor de Freud em Viena, e oferecido a ele o cargo de assistente em Praga no ano de 1884. É ressaltada também a possível influência desse professor na formulação do conceito de inconsciente (FREUD, 2006/1915, p. 211). Tomando como referência a enciclopédia Barsa (2002, v. 15, p. 541) sabemos que ele foi um pesquisador alemão da área da fisiologia. Mais particularmente um estudioso da fisiologia do pulmão. Descobriu, juntamente com Joseph Breuer, o fenômeno conhecido como *reflexo de Hering-Breuer*. Levando em consideração a quem seu nome é associado, não é de se estranhar, portanto, a intimidade de Freud para com o seu trabalho.

⁸⁹ Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo geralmente citado sob a rubrica de pessimista, tem a sua filosofia apresentada pela enciclopédia Barsa (2002) como “profundamente a-histórica e anti-histórica” (vol. 13, p. 175-6). Sua principal obra é *O mundo como vontade e representação [Die Welt als Wille und Vorstellung]*, de 1819. Enquanto escritor, seu talento literário se revela na obra *Bagatelas e Digressões [Parerga und Paralipomena]*, de 1851 – uma obra dividida em dois extensos volumes. Para construir sua filosofia, Schopenhauer “parte do pensamento de Platão e Kant, mas a fonte principal de suas ideias é o budismo hindu”. A seguinte passagem desta enciclopédia é digna de nota: “No começo do século XX, são significativas as analogias entre as teses de Schopenhauer e a teoria dos instintos [pulsões] formulada por Sigmund Freud” (BARSA, 2002, vol. 13, p. 175-6). Com efeito, Schopenhauer é citado pelo biógrafo e historiador Peter Gay ao discorrer sobre o tema do inconsciente em pensadores anteriores à Freud. Este autor afirma que “Freud poderia descobrir formulações muito semelhantes nos memoráveis epigramas de Schopenhauer e Nietzsche” (GAY, 2002, p. 131).

disto é que a releitura de um texto teórico deve considerar um conceito como uma *singularidade* e não como uma abstração lógica, uma vez que todo conceito implica “um campo conceitual no interior do qual ele surge, faz sua emergência e dentro do qual ele mantém suas articulações, que definem um universo próprio de questões”. Sendo assim, tal como na prática clínica, a releitura implicaria em um processo de *transformação do texto em discurso*.

Diante da consideração de Mezan de ser este método muito restritivo, García-Roza explica que ao propor este método ele está pensando especificamente na pesquisa em psicanálise, entendendo-a justamente como a possibilidade de *emergência do novo*. Dizendo de outro modo, ele propõe um modo de pesquisa acadêmica em psicanálise ancorada no estudo exploratório dos textos e seus problemas conceituais, articulada com o registro clínico. De modo que, tanto na leitura de textos psicanalíticos, como na investigação realizada na clínica, a emergência do novo a partir do que se considera ponto pacífico ou senso comum é o ponto de chegada do pesquisador-psicanalista.

Mais que uma simples restrição, este método procura tentar *identificar a especificidade* da pesquisa acadêmica em psicanálise.

Desta maneira, Garcia-Roza argumenta que o seu método não trata de estabelecer uma ortodoxia freudiana ou de apontar desviantes. Pelo contrário: esta proposta traz e explicita nela o fato de “muito mais do que denunciar desvios ou desviantes, o interessante seria *produzir diferenças* [grifo meu]”. (p. 27).

É importante ressaltar, deste autor, os aspectos conceituais das leituras dos textos. Primeiramente, a correção do conceito e a natureza de um conceito: a primeira seria o mero aspecto formal desses conceitos, enquanto a segunda é o que é um conceito. Deste modo, é válido perguntar se um conceito é algo puramente abstrato, uma mera construção lógica formal, ou se responde por algo mais, se ele envia aquele que o investiga para um problema e uma problemática. Perguntar qual é a natureza do conceito é perguntar *se ele é uma entidade formal ou uma singularidade*.

A proposta de Mezan: Laplanche e a escuta do texto

Renato Mezan (1994) apresenta ao leitor o trabalho de Jean Laplanche, por considerá-lo uma importante fonte de inspiração metodológica aos pesquisadores da psicanálise na universidade. Seu programa, conhecido na universidade francesa como “Interpretar (com)

Freud”, é um tipo de trabalho que transportaria para a leitura de textos analíticos alguma coisa do método psicanalítico. E de acordo com Laplanche, sempre conforme a leitura de Mezan (1994), este consistiria em achatar o relevo do texto, dando o mesmo valor a todos os seus elementos (declaração de princípios, nota de rodapé, grelha de impressão, disposição gráfica do título, etc.). O que importa é que qualquer elemento textual tenha o mesmo valor que qualquer outro elemento textual.

Além disso, Mezan também aponta a equivalência entre o método de leitura de textos proposto por Laplanche – o do “achatamento” – e o método de condução do tratamento proposto por Freud – o da atenção flutuante. Ressalta a origem terminológica deste último – *gleichwebende Aufmerksamkeit* – para em seguida propor uma nova tradução: *atenção equiflutuante*. Explicita a transposição deste equiflutuante para o plano de leitura, o que “implicaria em uma decisão metodológica, apriorística, de achatar todos os elementos do texto para o mesmo plano”. (p. 55).

Finaliza com a consideração de Laplanche de que um pensamento tomado como um todo se move a partir de questões fundamentais, de modo que o leitor-psicanalista deveria detectar quais seriam as exigências desse pensamento. Cabe ressaltar que *a exigência é o segundo ponto deste método*.

Birman e a empiria da psicanálise na pesquisa acadêmica

Se Garcia-Roza, por um lado, entende o que faz da prática da clínica psicanalítica uma prática específica e irredutível é justamente a metapsicologia (teoria), e Mezan, por outro lado, entende como sendo a escuta equiflutuante do texto psicanalítico um método adequado de se utilizar, Birman (1994), por sua vez, coloca a questão: existe pesquisa em psicanálise sem qualquer experiência analítica? Sendo assim, poderíamos nos perguntar se existe uma “pesquisa metapsicológica pura”, descolada de qualquer tipo de referência à experiência psicanalítica.

Podemos resumir as principais questões formuladas pelo autor da seguinte maneira, primeiramente, fazendo as perguntas a seguir: “Podemos opor teoria psicanalítica e experiência psicanalítica? Esta oposição é teoricamente sustentável?” (p.11). Em seguida, a não menos importante indagação: “Podemos opor uma relação subsidiária da clínica à teoria, ou da teoria à clínica, sob a metáfora freudiana do puro e do impuro?” (p. 11). Finalizando, impõe-se à nossa investigação a

O segundo fato trata da relação entre os organismos unicelulares e suas “secreções”. Ou melhor: entre seu corpo e o resultado do metabolismo desse corpo. Nos experimentos realizados constataram-se sinais de envelhecimento em todos os organismos se não lhes fosse concedido líquido nutritivo *fresco*. Ou mesmo líquido com restos metabólicos de espécies mais distantes. Eram os restos metabólicos de sua espécie, com dejetos de seus próprios corpos celulares, que levavam esses organismos ao encontro da morte. Dizendo de outro modo: mesmo nos organismos considerados potencialmente imortais encontram-se condições capazes de torná-los potencialmente mortais. Também para eles a morte estaria presente desde o início. Através disso, Woodruff “pôde demonstrar convincentemente que somente os produtos do *próprio* metabolismo provocavam esse feito de levar à morte uma geração inteira” (FREUD 2004/1920, p. 170). Em seguida, afirma ser a morte natural desse organismo “conseqüência de uma remoção imperfeita dos produtos de seu próprio metabolismo” e salienta ser possível “pensar que todos os animais morram, no fundo, justamente devido à mesma incapacidade” (FREUD 2004/1920, p. 170).

Há ainda o argumento segundo o qual, se contrapormos o ponto de vista morfológico ao dinâmico, pouco importa ser possível demonstrar a mortalidade dos protozoários. Pois neles a substância mortífera só foi isolada da substância da vida – o corpo celular – posteriormente. Inicialmente, esteve indiferenciada. Imperceptível. Ou seja: por um lado, essas observações dos biólogos nos permitem postular a morte natural em todo ser vivo; por outro, a sua refutação – a possibilidade de pensarmos nos protistas como imortais – resultante da hipótese de Weismann “não inviabilizaria nenhuma hipótese sobre os processos inerentes que pressionam para a morte” (FREUD 2004/1920, p. 171). Pois o pensamento de Weismann sobre a morte enquanto aquisição tardia tem valor apenas no que se refere aos *sinais visíveis da morte*.

Astuto, Freud faz toda essa volta em torno da biologia para retornar as suas especulações metapsicológicas e afirmar a sua validade. É assim que ele reafirma a pulsão de morte: “Portanto, nossa expectativa de que a biologia refutasse a existência das pulsões de morte não se realizou, e podemos continuar nos interrogando sobre a possibilidade da existência das pulsões de morte” (FREUD 2004/1920, p. 171). Nem por isso Freud deixa de salientar e ressaltar a notável semelhança entre sua divisão entre pulsão de vida e pulsão de morte e aquela de Weismann, entre corpo celular (destinado à morte) e células reprodutoras (impulsionadoras da vida), Ele se detém nesse aspecto dualista de sua

Não obstante, apesar de todas essas diferenças, Freud dá preferência a Weismann em relação a outros autores que abordaram o problema da morte. Faz uma lista deles, para em seguida descartá-los um a um. Detenhamo-nos momentaneamente nesse passo.

Alguns autores retomaram uma idéia de Goethe que afirmava ser a morte conseqüência direta da reprodução. Dentre eles, Hartmann – que afirmava ser um cadáver, mais do que uma amostra de matéria inanimada ou organismo morto, a conclusão do desenvolvimento individual – é citado por Freud. Seguindo essa idéia de Goethe e explorada por Hartmann, os seres unicelulares seriam mortais e imortais ao mesmo tempo, posto que quando do momento de sua reprodução assexuada, os seres resultantes da divisão do ser original seriam a conseqüência do desenvolvimento do ser original. Enquanto indivíduo, ao dividir-se ele morreria. Mas, ao manter seu código genético vivo nos seres dele provenientes, permaneceria vivo para sempre.

Outros cientistas ainda tentaram demonstrar a imortalidade do organismo celular em experimentos de laboratório. Woodruff, pesquisador americano, fez essa demonstração em seus experimentos. O que acabou motivando alguns de seu pares a repetir seus experimentos, almejando o mesmo resultado. Inesperadamente, o que eles descobriram foram diferenças: após certo número de divisões, esses organismos enfraqueciam. Diminuição de tamanho, perda de parte de sua organização e a própria morte aconteciam se não houvesse interferência externa para mantê-los vivos. Ou seja, após um período de envelhecimento, até mesmo esses “imortais” seres unicelulares morriam. Fato que contraria a descoberta original de Woodruff e a teoria de Weismann – para quem a morte não estaria presente desde o surgimento da vida: seria apenas uma aquisição tardia.

Porém, essa não é a única contradição com o que estava estabelecido no pensamento científico sobre a vida e a morte até então. Outros dois fatos chamam a atenção de Freud. Em conjunto, eles podem fortalecer sua especulação sobre a pulsão de morte a ponto de fazer este conceito tomar corpo e consolidar um novo dualismo pulsional. O primeiro fato é a influência no envelhecimento, e, portanto, na morte, dos organismos unicelulares – objeto das referidas pesquisas em laboratório. A mistura de substâncias entre eles – uma espécie de “cópula” que não resulta em descendência – é capaz de fazê-los rejuvenescer. Retardando, portanto, sua morte. Alterações do líquido nutritivo, o aumento de temperatura ou estímulos mecânicos causavam o mesmo resultado.

pergunta: “Podemos opor experiência psicanalítica e clínicas psicanalíticas?” (p. 11).

Neste momento, impõe-se uma longa discussão de caráter epistemológico a respeito dos textos sobre o narcisismo e sobre as pulsões.

Em seguida voltamos ao estudo de Birman a partir desta tradução e temos que esse texto é instigante porque coloca todas as questões desta problemática em jogo. Antes de tudo, cumpre destacar a desenvoltura de Freud: ele não vacila em enunciar a distinção entre o que denominou uma *teoria centrada na empiria* e de uma *teoria especulativa*. Por uma teoria centrada na empiria, Freud enuncia algo bastante preciso: é o campo da *analísabilidade*. Pelas referências de Freud – as neuroses e as psicoses, a definição do campo da transferência – é evidente que está enunciando o campo da experiência psicanalítica, como sendo o campo da empiria psicanalítica. Este se identifica, então, como sendo o campo possível da analísabilidade. Portanto, seria sobre esse campo que seria possível teorizar, realizar a construção da metapsicologia e dos conceitos fundamentais da psicanálise.

Nesse sentido, Freud considera como sendo uma teorização não psicanalítica, ou uma teorização psicanalítica discutível, o que está sendo delineado como da ordem da *especulação*. Esta última seria uma teorização de ordem filosófica e metafísica, mas jamais de ordem psicanalítica.

Freud enunciava a especulação metapsicológica e a metáfora da bruxa metapsicologia nos momentos em que desejava inventar um novo conceito, realizar aquilo que Birman denomina como “o salto do gato”. É exatamente num momento como esse que ele enuncia a realização de uma especulação, como se ele perguntasse a si mesmo: quem nos vai ajudar a dar o salto do gato? A bruxa metapsicológica. Portanto, a metapsicologia, usualmente pensada como sendo a representação maior da cientificidade em psicanálise, não passaria, segundo Birman, de uma feitiçaria, “é um ato de criação e de invenção (estou seguindo aqui o campo de associações do texto freudiano) isto é, não passa de uma invenção realizada no caldeirão da bruxa”. (p. 18-19).

O campo psicanalítico começa a ser delineado através da construção de um aparelho de linguagem (já descrito por Freud, sempre segundo nosso autor, em seus *Estudos sobre as afasias*) investido pela economia pulsional. Contudo, no desenvolvimento da obra freudiana a direção dos impasses se orienta pela economia e não pelo aparelho de linguagem. O que fica como problema para Freud é o conjunto dos *impasses colocado pela economia* (o conceito de construção e os

problemas relacionados com a terminalidade e a interterminalidade da análise, por exemplo).

Deste modo o campo da experiência psicanalítica se constitui centrado naquilo que clinicamente denominamos experiência da transferência. Calcada entre dois polos fundamentais, o polo da pulsão (do impacto e da exigência de trabalho feita à linguagem pelo fato de que o sujeito tem um corpo) e o polo do trabalho de simbolização e de interpretação, realizados pelo aparelho de linguagem. Birman define a pesquisa psicanalítica senso estrito como o campo fundado na *experiência da transferência*, polarizada entre a força pulsional e o aparelho de linguagem. Essa experiência da transferência também é chamada por ele de *vivido transferencial*, destacando com este termo o *caráter empírico* da experiência da transferência para a pesquisa acadêmica em psicanálise.

Adverte quanto ao risco de distorcer a produção dos conceitos psicanalíticos ao falar de metapsicologia sem a ancoragem nessa experiência. “Posso construir conceitos derivados como efeitos teóricos da psicanálise: na filosofia, nas ciências sociais, na antropologia, na lingüística. Porém, os conceitos psicanalíticos, no sentido preciso e rigoroso, remetem ao campo da transferência”. (p. 21).

Portanto, *o escrito psicanalítico é um escrito que tem que dar conta do que foi a experiência da transferência, provocando um efeito de intérprete em quem o lê.*

Fazendo um “achatamento” do que considero de mais essencial na proposta de cada um destes três autores, proponho o seguinte: utilizar como método nessa pesquisa a identificação dos problemas fundamentais dos textos metapsicológicos de Freud, identificando em cada um deles o que contribui para a exigência, no horizonte maior do campo da metapsicologia, do conceito de pulsão de morte. Aos textos metapsicológicos serão confrontados os casos clínicos, de modo que seja possível ter uma idéia do que foi a experiência da transferência de Freud, provocando, se possível, um efeito de intérprete no leitor.

As diferentes traduções da obra freudiana

Por ser a pesquisa proposta neste projeto voltada ao estudo e leitura aprofundada de textos eminentemente freudianos, é necessário traçar uma breve história a respeito das variadas tentativas de tradução do alemão de Freud feitas no Ocidente. O que segue é um pequeno resumo do que contam detalhadamente em Roudinesco & Plon (1998).

como um corolário dinâmico da teoria morfológica de Weismann” (FREUD, 2004/1920, p. 168).

No entanto, a distinção de Weismann só vale para os organismos pluricelulares. No caso dos unicelulares, não haveria qualquer distinção entre o indivíduo (o corpo celular) e a célula reprodutora. Os seres unicelulares seriam potencialmente imortais. A morte teria surgido apenas entre os pluricelulares. Uma morte natural, devido a causas internas. Mas não uma morte essencial ou fundamental “necessidade absoluta fundada sobre a natureza essencial da vida” (FREUD, 2004/1920, p. 168), como Freud propõe com seu conceito de pulsão de morte. Ou seja: a análise detalhada das idéias de Weismann a respeito da vida, da reprodução (seja ela assexuada ou sexuada) e da morte revela e impossibilidade de conciliação entre o seu pensamento e o de Freud. Pois, diferentemente do psicanalista, para o biólogo, “a morte seria então muito mais um recurso funcional, uma manifestação da adaptação do organismo às condições externas de vida” (FREUD, 2004/1920, p. 168). Diferenciadas as células do corpo em corpo individual e células reprodutoras, aquilo que até então fora a duração ilimitada de um corpo individual e auto-reprodutor torna-se um “luxo totalmente disfuncional”. A morte surge possibilitada pela diferenciação entre corpo e plasma. Mais do que isso: ela teria se tornado possível e funcional. A partir disso, temos a morte natural operando nos organismos pluricelulares, e a não-morte operando nos organismos unicelulares. Eles permaneceriam imortais. A reprodução seria uma propriedade primordial da matéria viva. Um prolongamento de seu crescimento. A vida teria se mantido constante desde sempre.

Percebe-se certo tom melancólico na constatação feita por Freud de sua divergência em relação à Weismann. Pois ao acatar a ideia da morte natural como uma aquisição tardia e funcional dos seres pluricelulares, Weismann deixa de fornecer suporte ao conceito de pulsão de morte. Estabelecido inicialmente como um conjunto de pulsões existente desde o começo da vida na terra, o conceito de pulsão de morte agora se vê novamente solitário. Perdido por entre as brumas da especulação, faltam-lhe autores, idéias, teorias que o justifiquem com rigor. Freud lamenta tal situação, admitindo suas diferenças com Weismann. Para este último, a morte natural seria apenas um efeito das deficiências do metabolismo, ou de problemas na indiferenciação dos organismos – o que está de acordo com o senso comum e o pensamento científico dominante. As pulsões de morte, porém, não podem gozar desse privilégio.

necessário ir direto ao ponto. Chamar a coisa pelo nome. É a crença inquestionável na morte como destino certo para todos que sustenta a idéia de morte natural. No entanto, uma série de fatos retirados dos mais diversos registros da vida e colocados lado a lado em sequência é capaz de abalar a crença nessa ideia. O conceito de morte escapa ao alcance das mãos dos biólogos. Se por um lado a existência de um tempo médio de vida dentre os animais superiores aponta para uma possível concretude da idéia da morte natural (ou seja: de causalidade interna), por outro, a existência de alguns animais de grande porte, bem como algumas árvores imensas que atingem idade avançadíssima, de incontáveis anos, põe por terra tal concretude.

O biólogo August Weismann⁸⁷ estudou a fundo em seus experimentos a duração da vida dos organismos. Propôs dividir a substância viva em uma metade mortal e outra imortal. O corpo celular ou soma enquanto a metade mortal e as células reprodutoras como a metade imortal. O fato das células reprodutoras serem reconhecidas como potencialmente imortais confere força a essa ideia. Pois se sabe que elas são capazes de se revestirem de um novo corpo celular quando da reprodução. Freud salienta, portanto, a semelhança entre essa concepção de Weismann e a sua. Ao reconhecer, em sua análise morfológica dos organismos, um componente submetido à morte e outro imortal, a idéia de Weismann se assemelha em muito com a de Freud. Essa, por sua vez, detém-se nas forças que atuam nesse organismo vivo, em vez de se concentrar em suas partes, tal como faz a morfologia. Detendo-se nessas forças atuantes, divide-as também em duas: uma que leva para a morte e outra que assegura a manutenção da vida. Por isso declara Freud: “Assim, esse nosso ponto de vista poderia ser entendido

⁸⁷ A respeito de August Friedrich Leopold Weismann (1834-1914), a enciclopédia Barsa (2002, v. 16, p. 560) afirma que ele foi um biólogo alemão que se opôs à tese da herança por traços adquiridos e um dos fundadores da genética. Antes da descoberta do DNA, houve uma teoria que a precedeu. É a chamada *hipótese do plasma germinativo*, da qual ele foi o autor. Ora, podemos concluir disso que essa sua hipótese esteve em voga por um longo período. Influenciando, portanto, o panorama científico da época, diante do qual Freud se indagava sobre as possíveis respostas da biologia para o enigma da origem da vida. Sua obra mais famosa é *Ensaio sobre a herança e a seleção natural*, de 1892. Essa mesma enciclopédia salienta, em outro volume, que “Weismann estabeleceu também a distinção fundamental entre células germinais e células somáticas” (BARSA, 2002, v. 6, p. 151).

Apesar de as obras de Freud terem sido traduzidas em mais de trinta línguas, o estabelecimento sistemático de uma obra integral, além de coerentemente e cronologicamente organizada, só foi efetuado em quatro delas, sem a inclusão dos chamados “artigos pré-psicanalíticos”.

A primeira tradução de uma “edição completa” da obra freudiana aconteceu antes mesmo que ela estivesse terminada. Ela aconteceu na Espanha, quando José Ortega y Gasset confiou esta empreitada a Luis Lopez Ballesteros, sob aprovação do próprio Freud. Até 1934, foram lançados 17 volumes.

Este trabalho teve seqüência na Argentina em 1942, quando foi iniciado um novo projeto de tradução em 22 volumes, incluindo os 17 de Ballesteros mais cinco volumes novos, confiado a Ludovico Rosenthal. Ele realizou uma edição completa de alta qualidade, introduzindo algumas alterações na terminologia de Ballesteros, sob a inspiração de James Strachey. Além disso, investigou a fundo os textos esquecidos ou perdidos de Freud. Posteriormente, esta edição “hispano-argentina” foi abandonada em favor da *Standard Edition*, utilizada pelos analistas kleinianos. Algumas décadas depois, em 1975, Horacio Amorrortu tomou a iniciativa de fazer uma nova versão da obra completa. Confiou essa tarefa a José Etcheverry, que, sozinho, levou a cabo a atividade de tradução. Conservaram a organização da *Standard Edition*, apoiando-se no “Vocabulário de Psicanálise” de Laplanche e Pontalis, ao mesmo tempo em que reconheciam sua dívida para com Ballesteros e Rosenthal.

Dois edições da obra freudiana foram publicadas em língua alemã entre 1924 e 1952. A *Gesammelte Schriften*, entre 1924 e 1934, e a *Gesammelte Werke*, entre 1940 e 1952. Contudo, apenas com o fim da segunda grande guerra, através da iniciativa de Alexander Mitscherlich com o Instituto Sigmund Freud de Frankfurt, a obra freudiana é reintroduzida na Alemanha pela publicação da editora Fischer-Verlag. Além disso, foi realizada a edição da *Studienausgabe*, uma edição de textos selecionados, para estudantes, com a orientação de James Strachey. A partir dos anos 60, foi iniciada a atualização das *Gesammelte Werke*, sob os cuidados de Ilse Grübrich-Simitis.

A *Standard Edition* tornou-se a edição de referência no mundo inteiro, em função das suas qualidades, da predominância da língua inglesa no movimento psicanalítico internacional e pela implantação deste movimento em muitos países de língua inglesa.

A edição completa das obras de Freud publicadas no Brasil foi traduzida indiretamente do original alemão, através do idioma inglês.

Em particular, através da maneira como este idioma foi utilizado na *Standard Edition* de James Strachey e Ernest Jones. Isso gerou inúmeros problemas, sobre os quais desde a década de 80 existem estudos de tradutores sobre estes problemas, em especial os trabalhos de Marilene Carone e Paulo César de Souza (1989). O trabalho desses autores surgiu num momento em que as críticas severas feitas por Bettelheim (2006) à tradução do alemão de Freud realizada por Strachey (acusado do apagamento do estilo literário de Freud em prol de uma apresentação mais científica dos seus textos) ganhavam destaque no panorama internacional¹¹.

Realizada a partir de 1960 por Cesare Musatti e colaboradores, a tradução das obras completas na Itália retomou o aparato crítico de Strachey, corrigindo seus erros e retomando o estilo literário de Freud e atingindo tanto a qualidade como o sucesso da tradução de Ballesteros-Rosenthal.

Única em todo o mundo, a situação na França é paradoxal. Para compreender a situação francesa, cabe conhecer um pouco de sua história. Sabe-se que os primeiros tradutores (Ignace Meyerson, Blanche Reverchon-Jouve, Paul Jury e Marie Bonaparte) não tiveram a preocupação de unificar os conceitos. Os termos foram traduzidos de maneira diferente por cada um deles. Os segundos tradutores – Édouard Pichon e sua comissão para a Unificação do Vocabulário Psicanalítico Francês – tinham como meta livrar a psicanálise do seu caráter germânico (*Kultur*), passando-a pelo “filtro” da *civilização* francesa. Considerando que a diferença das mentalidades deveria traduzir-se na língua, inventou toda uma nova terminologia, tal como *amância* (*aimance*) para *libido*, *actorium* para *Ich* (eu) e *pulsorium* para *Es* (isso). Esta diferença entre as duas traduções apresenta uma situação paradoxal: enquanto Pichon pensava numa verdadeira conceituação e não traduzia, propriamente, nenhum texto, Marie Bonaparte traduzia os textos sem pensar em qualquer conceituação.

Jean-Bertand Pontalis realizou um trabalho notável de tradução de alguns textos de Freud. Instalado na editora Gallimard, mandou traduzir, retraduzir ou revisar textos como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *Moisés e o monoteísmo*, *A questão da análise leiga*, entre outros, publicados na coleção *Connaissance de l'Inconscient*. Destaca-se a qualidade destas traduções, todas elas feitas por conhecedores do alemão, da conceituação freudiana e da língua

¹¹ Para maiores informações a respeito dos problemas da tradução brasileira da *Standard Edition*, ver ainda SOUZA (1999).

econômicos para a pulsão de atingir a completude. Freud atribui a causa dessa suposta pulsão ao “anseio de Eros em agregar a substância orgânica em unidades cada vez maiores” (FREUD, 2004/1920, p. 165), auxiliado pelos efeitos do recalque.

O problema do monismo *versus* dualismo entra em cena novamente. A parte final de seu texto se inicia com uma sobreposição da primeira e segunda teoria pulsional. Desta sobreposição resulta o entendimento das antigas *pulsões de autoconservação* como sendo o que agora se conceitua como *pulsões de morte*⁸⁶. Pois nada melhor do que usar a pulsão de *autoconservação* para salientar o aspecto *conservador* da pulsão. Aspecto esse que, juntamente com aquele que o complementa – o aspecto *regressivo* da pulsão, aponta para a marca inconfundível da pulsão de morte. Trata-se do signo de *Tanatos*, sob o qual Freud volta a reformular sua metapsicologia.

A este pólo conservador da pulsão, opõe-se outro que o confronta. Trata-se da antiga *pulsão sexual*, agora nomeada sob o signo de *Eros: pulsão de vida*. Buscando agregar unidades cada vez maiores e mais complexas, a pulsão de vida segue um percurso contrário ao da pulsão de morte, formando com ela um novo dualismo pulsional. Mas há de fato um novo dualismo nessa reformulação da teoria das pulsões?

O próprio Freud problematiza essa nova proposta. Ao apresentar ao leitor sua reformulação, questiona a equivalência entre pulsões de autoconservação e pulsão de morte e pulsões sexuais e pulsão de vida. Mas, juntamente com essa auto-reflexão (questionamento de sua própria teoria), vem uma questão dirigida à comunidade científica de seu tempo: o que de fato a ciência entende e consegue explicar a respeito da morte? Ousado, ele questiona a existência da morte natural. Sua ousadia não chega a ser absurda. É de fato necessária, uma vez que, para colocar o entendimento científico da morte em questão, é

⁸⁶ O que se busca ressaltar aqui é que o próprio Freud faz essa sobreposição didática ao apresentar ao leitor o seu novo dualismo pulsional. Nesse sentido, Freud busca apontar semelhanças entre a *pulsão de morte* e aquilo que antes ele denominava *pulsão de autoconservação*, mas que agora Freud não utiliza mais e dá lugar à pulsão de morte. Não estamos afirmando, portanto, que a pulsão de autoconservação evoluiu para a pulsão de morte, ou que essas duas pulsões se equivalem. Pelo contrário: a questão é apontar o que é que da pulsão de morte já existia em estado embrionário na pulsão de autoconservação – sua “antecessora” na oposição à pulsão sexual. Com efeito, Freud deixa bem claro que o que elas têm em comum é o caráter regressivo e conservador.

cultural mais amplo. Tão amplo que não é possível passar despercebida a influência da religião – sobretudo a judaico-cristã, no mundo ocidental – nessa crença inabalável.

Não será apenas nesse texto que Freud irá questionar os fundamentos dessa crença demasiado humana. Em trabalhos posteriores, tais como *O mal-estar na civilização* (1930[1929]), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Moisés e o monoteísmo* (1939[1934-38]), o conceito de pulsão de morte assim como também o de supereu serão suas armas mais potentes para equipar o argumento tecido através de sua pena – argumento esse que começará a tomar corpo ao final da quinta parte de seu texto. Em relação à crença da busca pelo constante aperfeiçoamento ser uma pulsão fundamental no homem, ele dirá: “eu não acredito em uma pulsão interna dessa espécie, e não acho possível preservar essa ilusão consoladora” (p. 164). Atribui a necessidade de auto-aperfeiçoamento contínuo à minoria das pessoas – retirando o caráter universal e fundamental dessa suposta pulsão – e propõe compreendê-la como uma consequência – não como causa e nem como exceção – daquilo que já fora estabelecido em sua teoria do recalque. Afirma ser essa busca pelo auto-aperfeiçoamento “consequência do recalque pulsional sobre o qual está edificado o que há de mais valioso na civilização humana” (FREUD, 2004/1920, p. 164).

O que vem na sequência é o desdobramento lógico disso. Ressalta-se a insuficiência das formações substitutivas, reativas e das sublimações em remover a tensão ininterrupta da pulsão recalçada. Essa insuficiência decorre do seu anseio à completa satisfação, que lhe impõe as repetições consequentes desse conflito.

O que move o organismo indomavelmente adiante é “a diferença entre o prazer efetivo obtido pela satisfação e o prazer esperado” (FREUD, 2004/1920, p. 165). A esta diferença atribui-se o termo *fator impelente* [*treibende*]. É esse fator que impede o organismo de ficar paralisado em qualquer estágio alcançado, movendo-o eternamente para frente. O fator impelente é auxiliado pelas resistências que, ativadas pelos diversos recalques, obstruem “o caminho de volta em busca de uma satisfação profunda e completa” (FREUD, 2004/1920, p. 165). *Resulta então que é necessário seguir o outro caminho*, aquele que, no desenvolvimento, segue o percurso que se encontra disponível. Ao seguir esse curso, abandonam-se as expectativas de alcançar sua verdadeira meta. O modelo da neurose fóbica ilustra muito bem esse processo: uma tentativa de fuga frente à possibilidade de atingir uma satisfação pulsional. As condições dinâmicas estão presentes em todos, muito embora não seja muito freqüente o favorecimento dos fatores

francesa. Mas esta não foi a última tentativa de tradução do texto de Freud. Jean Laplanche (junto com André Bourguignon e Pierre Cotet) dirige na PUF a publicação das obras completas de Freud em francês – antes espalhadas em diversas editoras –, da qual ainda hoje restam volumes a publicar.

Roudinesco & Plon (1998) declaram de modo tendencioso que a qualidade de seu trabalho, contudo, está muito distante daquele realizado por Pontalis. Fruto de um trabalho de equipe que tem por objetivo alcançar uma espécie de anonimato do léxico, esta tradução acabaria por “desumanizar o manejo das palavras” (p. 763) pelo leitor. Sublinham como curioso nesta tradução a tentativa de “retranscrever a pretensa germanidade original do texto freudiano” (p. 763), através de uma ideologia de tradução oposta à de Pichon. Mordazes, Roudinesco & Plon (1998) escrevem que esses tradutores se denominaram “freudólogos”, convencidos de que a língua de Freud não é a alemão, mas sim o “freudiano”, uma espécie de dialeto da língua alemã. Apesar dessas críticas, entretanto, sabe-se que a influência fértil e produtiva das traduções de Laplanche para o francês nas novas traduções brasileiras e na tradução argentina da editora Amorrortu é um fato.

Em português, além da versão brasileira da *Standard Edition*, temos na última década, quando ela se tornou de domínio público, três diferentes traduções da obra freudiana para o português. Luiz Alberto Hanns, Paulo César de Souza e Renato Zwick são os responsáveis por cada uma delas. Hanns é o único a acatar a tradução de *Trieb* por *pulsão*, reconhecendo e aceitando o uso laciano deste conceito, enquanto Souza mantém a tradução de *Trieb* por *instinto*, do mesmo modo como foi feito por Strachey na *Standard Edition*. Zwick, por sua vez, distancia-se da querela pulsão *versus* instinto optando por um termo de uso mais literário, mas que, nem por isso, trai o sentido de *Trieb* no alemão: *impulso*.

Os capítulos a seguir têm como fios condutores quatro problemas básicos: o *caráter especulativo da pulsão de morte*; *monismo versus dualismo*; *pulsão de morte: da clínica para a metapsicologia*; e, finalmente, *repensar o conceito de pulsão a partir do conceito de pulsão de morte*. Eles são apresentados detalhadamente no capítulo I e desenvolvidos paulatinamente ao longo dos capítulos dois, três, quatro e cinco.

Capítulo 1 – A posição do problema. Trata-se do lugar de apresentação dos quatro fios condutores citados. Bem como da apresentação de uma breve e panorâmica revisão dos casos clínicos de Freud a partir do conceito de pulsão de morte – que só é assumido tardiamente pelo autor em sua metapsicologia após a publicação de todos eles.

Capítulo 2 – As origens da metapsicologia. O objetivo desse capítulo é salientar a importância da noção de *Vorstellung* para a metapsicologia e indicar a relação entre *Vorstellung* e Pulsão, apresentando os elementos da pulsão de morte presentes no *Projeto*. Discorre-se sobre o caráter especulativo da pulsão de morte, explorando a “filiação epistemológica de Freud”, que se vincula a grandes cientistas e artistas. Se essa questão já aparece desde o início – no *Projeto* – ela se repetirá de maneira notável em *Além do Princípio do Prazer*, abordado no último capítulo da dissertação. O tema principal desse capítulo é o monismo *versus* dualismo.

Capítulo 3 – A Construção de *Eros* parte I: os conceitos de *Narcisismo* e *Libido*. Trata-se de trabalhar com as concepções de libido e o dualismo pulsional, articulados à psicopatologia e à teoria das neuroses. Destacam-se nitidamente o conceito de libido e pulsão. Em primeiro plano está a relação entre o conceito básico de libido e pulsão e a obscuridade da pulsão de morte. Estão situados num segundo plano os problemas do monismo *versus* dualismo, bem como o da “pulsão de morte: da clínica para a metapsicologia”. Restam ainda passagens sobre o caráter especulativo da pulsão e a questão da *tradução*, que ganha maior relevo no capítulo seguinte.

Capítulo 4 – A Construção de *Eros* parte II: o conceito de *Pulsão (Trieb)*. O principal do capítulo é o problema da *tradução*, situado logo na introdução do mesmo. Além disso, a questão monismo *versus* dualismo e o “repensar o conceito de pulsão a partir da pulsão de morte” dividem o centro do texto. O caráter especulativo da pulsão de morte fica em segundo plano. Mas sem passar despercebido. Ele será o centro das atenções no próximo capítulo.

desenvolvimento dos organismos” (FREUD, 2004/1920, p. 161). Acrescenta que a assimilação de cada uma dessas modificações impostas pela trajetória de vida dos organismos teria sido realizada com êxito pelas pulsões orgânicas conservadoras. Resultaria desse processo a sua *preservação para a repetição*. Ou seja: provavelmente as forças e os efeitos decorrentes das transformações geológicas pelas quais nosso planeta passou desde a origem do universo forneceram-lhe as condições para o surgimento e propagação da vida. A vida seria, portanto, um acidente da matéria, e, por conseguinte, a vida psíquica, um acaso dentro do mundo orgânico.

Em meio a essas considerações, Freud lança a ideia – que será problematizada mais à frente em seu texto – de ser a morte sempre causada por razões internas. Mas não sem antes passar pela questão do dualismo pulsional, questão delicada e controversa desde o início em sua teoria - uma questão que ele insiste em manter e sustentar até o fim.

Ao se perguntar sobre o fundamento de suas especulações, lança a seguinte questão: “Será que podemos mesmo afirmar que, *excetuando-se as pulsões sexuais*, não existem pulsões além daquelas que querem restabelecer um estado anterior? Que não há outras que anseiam por um estado nunca antes alcançado?” (FREUD, 2004/1920, p. 164). Percebe-se, em primeiro lugar, o destaque dado ao dualismo. A partir do destaque (na frase em itálico), de as pulsões sexuais serem as únicas com lugar ontológico garantido em suas especulações metapsicológicas, fica clara a oposição entre Tanatos e Eros. O que está em questão é a existência de pulsões de outra ordem, e que estariam fora, portanto, desse registro dualista fundamental. A existência dessas outras pulsões poderia colocar em xeque o dualismo pulsional estabelecido até então.

Cabe investigar como Freud conduz o argumento e o raciocínio da possibilidade de negação de sua hipótese. O primeiro passo é dado com a resposta às questões anteriores: “Responderei que não conheço no mundo orgânico nenhum exemplo consistente que contradiga a caracterização que fizemos das pulsões” (FREUD, 2004/1920, p. 164). Mas que exemplo consistente poderia contradizê-lo? Fica claro a que coisa ele se refere como a possível prova a colocar por terra a sua teoria, pois logo na sequência essa coisa é nomeada e investigada. Trata-se da crença – para muitas pessoas, inabalável – na progressiva evolução da humanidade. Evolução, aqui, é dotada de uma pluralidade de sentidos: consiste não apenas numa evolução altruísta em direção a um bem maior; também inclui a evolução num sentido moral, ético, social e

minucioso do caráter regressivo e conservador das pulsões, uma vez que esse é o “estalo”, a descoberta recém realizada em sua teoria.

Ampliando o seu foco sobre essa questão, Freud irá destacar a consequência do coroamento de sua hipótese. Sendo as pulsões conservadoras, historicamente adquiridas, visando à regressão e o restabelecimento de um estado anterior, conclui-se que “a evolução orgânica se deve à ação de forças externas perturbadoras e desviantes” (FREUD, 2004/1920, p. 161).

Nesse sentido, cabe lembrar uma frase de LACAN (1985a): “toda pulsão é pulsão de morte”. Podemos entender esse aforismo de Lacan como uma reafirmação daquilo que Freud insiste em dizer na parte final de *Além do princípio de prazer* (FREUD, 2004/1920). Pois ele nos fala com todas as letras: “o objetivo de toda a vida é a morte” (FREUD, 2004/1920, p. 161). E ainda: “o inanimado já existia antes do ser vivo” (FREUD, 2004/1920, p. 161). A partir disso, podemos entender o embate evolução *versus* regressão numa perspectiva mais ampla. Narrando os acontecimentos de modo conciso, teria ocorrido algo da seguinte maneira: num determinado instante – num átimo qualquer – os atributos essenciais daquilo que chamamos de vida surge através da ação de forças desconhecidas. O surgimento repentino da vida num meio inanimado gera tensão na substância que até então também era inanimada. Essa tensão ansiava por desmanchar-se e distensionar-se. Assim é caracterizado o nascimento da primeira pulsão: a de retornar ao estado inanimado. Com o efeito de circunstâncias e forças externas específicas, essa substância passou a fazer caminhos mais longos em relação ao seu percurso original, tomando rumos cada vez mais complexos, em direção ao seu passo final: a morte. Esses caminhos mais longos acabaram por se tornar conservados – pelo efeito da ação das pulsões conservadoras – possibilitando atualmente à substância original um percurso de maior amplitude, por vezes demorado, que hoje conhecemos e chamamos de vida. A esse respeito, Freud é muito claro: “Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou pra trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento” (FREUD, 2004/1920, p. 161).

Algumas observações de Freud são dignas de nota. Note-se, por exemplo, a seguinte afirmação: “Assim poderíamos supor que, em última instância, foram a história da evolução da Terra e sua relação com o sol que efetivamente devem ter deixado suas marcas no

Capítulo 5 – O Despertar de *Tanatos*. O seu foco é o caráter especulativo da pulsão de morte. Fica em segundo plano o “repensar o conceito de pulsão a partir da pulsão de morte”. A questão sobre o monismo versus dualismo mostra-se presente ao longo do texto, aqui e ali. Nesse texto em particular, não é possível separá-la didaticamente do caráter especulativo da pulsão de morte. É esse caráter o responsável pela manutenção de um dualismo pulsional, bem como pela sua problematização. Há também um parágrafo especial sobre o tema da “pulsão de morte: da clínica para a metapsicologia”. Busca-se trabalhar essa questão, apontando com maior clareza ao leitor a presença dos elementos da pulsão de morte já trabalhados nos capítulos anteriores.

desenvolvimento e mudança. Percebe-se aqui a tentativa de Freud articular o conceito de pulsão de morte com a clínica. Através das manifestações clínicas que caracterizam esse novo e especulativo conceito, Freud busca tirá-lo de seu isolamento especulativo, integrando-o com algumas de suas concepções precedentes.

No entanto, a busca pelo lugar da pulsão de morte na metapsicologia é um caminho obscuro. O texto de Freud faz outra reviravolta e ele entra novamente naquilo que denominamos por *especulação biológica*. Com efeito, uma série de exemplos é retirada do mundo animal para confirmar o fato de as pulsões sofrerem *contingências históricas*. Esse fato é bem marcado na escrita de Freud. Ele assinala o movimento migratório de alguns peixes, que, no período da desova, seguem por caminhos tortuosos e desviantes do curso natural apenas para depositar seus ovos em lugares distantes. O mesmo ocorre com as aves. O sentido desse exemplo está na frase que o complementa: os biólogos interpretam esse desvio como um retorno ao local que fora a morada das gerações anteriores da mesma espécie.

Um sentido semelhante encontra-se na *embriologia*. Se antes o ponto era o retorno a moradas anteriores para a desova, agora o ponto é o conteúdo da própria desova: os diferentes estágios pelos quais o desenvolvimento do embrião deve passar. Pois ele passa por todas, incluindo-se aí os estágios de espécies antigas ou diferentes, que nada têm a ver com o produto final do desenvolvimento desse embrião. A única explicação para esse fato curioso seria, portanto, esta: o retorno a estados anteriores da organização embriológica que precederam o atual na história evolutiva da espécie em questão. De fato, Freud é bastante explícito quanto a isso. Inicialmente ele fala de uma “compulsão orgânica à repetição nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia” (FREUD, 2004/1920, p. 160). Em seguida, salienta o fato de o embrião animal repassar obrigatoriamente “o desenvolvimento – ainda que de forma ligeiramente abreviada – de cada uma das estruturas das quais o animal descende” (FREUD, 2004/1920, p. 160), em vez de seguir um curso mais breve. Aponta, na sequência, para a insuficiência das explicações pautadas exclusivamente no ponto de vista dos fenômenos mecânicos, acrescentando que “devemos considerar também a explicação histórica” (FREUD, 2004/1920, p. 160). Finaliza argumentando ser a capacidade regenerativa de alguns órgãos presentes nas classes mais elevadas dos animais um exemplo concreto de sua hipótese do caráter conservador das pulsões. Mas nem por isso ele ignora a existência de outras pulsões agindo e atuando no sentido oposto: o da evolução e do progresso. Entretanto, insiste no estudo

isto é, o mesmo tipo de processo característico dos sonhos. Produtor de pressão visando a um escoamento, este tipo de processo é assaz comum nos sonhos e, portanto, diz respeito ao funcionamento do inconsciente. Ressalta terem as manifestações da compulsão à repetição um caráter altamente pulsional e também demoníaco (ao se opor ao princípio de prazer). Retoma o aspecto repetitivo da brincadeira infantil e suas consequências – o ganho de uma maestria no controle, bem como uma satisfação (prazerosa, portanto) por adquirir uma posição ativa frente a uma vivência traumática passiva. De modo que a repetição idêntica dessa experiência desprazerosa, traumática, irá impor-se em suas brincadeiras até findar o estado infantil. Se para o adulto “a novidade será sempre a condição para a fruição” (FREUD, 2004/1920, p. 159), a criança por sua vez, “não se cansa de pedir ao adulto que repita com ela uma brincadeira que este tenha lhe ensinado, ou que tenham feitos juntos, até o ponto em que o adulto, esgotado, se recuse a continuar” (FREUD, 2004/1920, p. 159). No entanto, essa compulsão a repetir no sentido de encontrar uma identidade está *de acordo com o princípio de prazer*; enquanto que, partindo dos pacientes em análise, essa compulsão a repetição está, em todos os sentidos, além do princípio do prazer. Freud interpreta o agir infantil de seus pacientes como um sinal de que os traços recalçados das recordações de suas experiências psíquicas primeiras estão incapacitados de operar no processo secundário devido a sua indisponibilidade no estado de enlaçamento. O que possibilita aos traços de lembranças arcaicas entrelaçarem-se aos restos diurnos e compor a fantasia de desejo representada no sonho é justamente essa ausência de enlaçamento.

Obstáculo terapêutico ao final do tratamento; medo vago e obscuro diante da perspectiva do início do tratamento. Colocada em palavras dessa maneira, a compulsão à repetição revela-se estando ali, presente, desde o início até o fim do tratamento. E é a partir dessa constatação que a seguinte questão irá formular-se: “Qual é a natureza da relação entre o que é pulsional e a compulsão a repetir?” (FREUD, 2004/1920, p. 160) Essa questão carrega consigo a pergunta sobre a característica universal das pulsões, a partir da qual Freud afirmará ser a pulsão “uma força impelente [*Drang*] interna ao organismo que visa a restabelecer um estado anterior” (FREUD, 2004/1920, p. 160) – estado que fora abandonado em função de forças externas. Elasticidade ou inércia da vida orgânica, esta nova concepção de pulsão aponta para a natureza conservadora das pulsões, entrando em choque com a imagem delas estabelecidas até então: a de uma força que implicaria em

Capítulo 1 – A posição do problema

1.1. O caráter especulativo da pulsão de morte

A noção de uma pulsão de morte surge como uma exigência à especulação metapsicológica. Este é o seu terreno, seu espaço de desenvolvimento: a especulação. Podemos nos perguntar, com os autores que nos alertam a este respeito – Laplanche & Pontalis (2001) – se esta ideia, por si só responsável pela origem de um novo dualismo pulsional estaria confinada, encerrada na terra abstrata e muitas vezes hermética da especulação, ou se de alguma forma estaria vinculada ao problema do conflito neurótico, nas suas mais diversas modalidades. Se estudarmos um texto eminentemente clínico como *Inibição, sintoma e angústia* (2006/1926), posterior à imposição da pulsão de morte na teoria freudiana, é de saltar aos olhos o pequeno lugar reservado por Freud à oposição entre Eros e Tanatos, a qual ele não atribui qualquer papel dinâmico.

Mas os autores do *Vocabulário de Psicanálise* não encerram tão cedo suas indagações a respeito do caráter especulativo deste conceito. Eles salientam o quanto o próprio Freud é o primeiro a notar que, estando a afirmação da existência da pulsão baseada principalmente em fundamentos teóricos, devemos admitir a sua vulnerabilidade às objeções teóricas (FREUD, 2006/1930, p. 125). De fato, muitos psicanalistas seguiram por esse caminho, sustentando que a idéia de uma pulsão de morte era inaceitável e que os fatos clínicos invocados por Freud deviam ser interpretados sem recorrer a ela. Ora, isto é o mesmo que dizer que “a hipótese da pulsão de morte foi apresentada como especulativa e incorrendo numa extraterritorialidade em relação às outras construções freudianas.” (RUDGE, 2006, p. 80). Podemos considerar esta afirmação como uma importante definição do nosso objeto de estudo, o conceito de pulsões de morte, bem como a sua especificidade diante dos outros fenômenos situados do mesmo campo, a metapsicologia.

Seguindo os rastros da autora acima citada, é importante ressaltar a sua idéia de o supereu representar a “continuidade e o amadurecimento de uma elaboração apenas esboçada com a postulação da pulsão de morte” (p. 81). E para sustentar esta tese a autora encontra seus argumentos fundamentais no anexo ao artigo *Inibição, sintoma e angústia* (1926), quando as diversas formas de resistência ao tratamento analítico são diferenciadas do ponto de vista metapsicológico, de

maneira que a *reação terapêutica negativa* e o *masoquismo*, encontrados na clínica, são interpretados por Freud como devidos à tirania do sadismo do supereu sobre o eu. Ou seja: os fenômenos clínicos que antes levaram Freud a especular uma pulsão de morte são retomados “sob uma nova rubrica: a de resistência do supereu.” (RUDGE, 206, p. 81-82).

Como adverte Laplanche & Pontalis (2001), é possível entender as críticas a este caráter especulativo da noção de pulsão de morte (caráter que exprime algo sempre evitado por Freud: transformar a psicanálise em filosofia), sob diferentes perspectivas. De um ponto de vista metapsicológico, essas críticas seriam uma recusa de fazer da redução das tensões uma propriedade característica das pulsões de morte. Numa outra perspectiva, poderíamos entendê-las como tentativas de descrever uma gênese da agressividade, considerando-a como um elemento correlativo no início de qualquer pulsão, na medida em que ela se realiza numa atividade que o sujeito impõe ao objeto, ou até mesmo vendo nela uma reação secundária à frustração proveniente do objeto.

Ainda é possível considerar estas críticas como um reconhecimento da importância e da autonomia de pulsões agressivas, mas sem que estas possam ser referidas a uma tendência *autoagressiva*, ou seja: uma recusa da hipótese de que, em qualquer ser vivo, há o par de opostos pulsões de vida/pulsões de morte. Até se poderia afirmar que existe de saída uma *ambivalência pulsional*, mas a oposição entre o amor e o ódio, tal como se manifesta desde o início na incorporação oral, só deveria ser entendida na relação com um objeto exterior (como o seio, por exemplo) e não desde sempre.

Em contraposição a estas críticas, a psicanálise kleiniana teria reafirmado em toda a sua força o dualismo das pulsões de morte e das pulsões de vida, atribuindo um papel predominante às pulsões de morte. De acordo com esta escola de pensamento, as pulsões de morte estariam presentes desde a origem da existência humana, orientando-se para o objeto exterior ou atuando no organismo e induzindo a angústia de ser desintegrado e aniquilado (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Contudo, é possível questionar até que ponto este “maniqueísmo kleiniano” assume todos os significados que Freud havia dado ao seu dualismo, uma vez que, se os dois tipos de pulsão invocados por Melanie Klein se colocam em oposição efetivamente por sua meta, não há uma diferença fundamental no seu princípio de funcionamento.

Apesar de todas essas especulações e controvérsias, é seguro afirmar o *valor teórico* da idéia de uma pulsão de morte, bem como a sua *concordância com o caráter repetitivo da pulsão*. Assim sendo, não

A reafirmação do que foi descrito acima culminará na separação de dois tipos muito próximos de sonhos que não estão de acordo com a função maior da realização de desejo. São os sonhos das neuroses traumáticas e os sonhos que trazem recordações de traumas vividos na infância. Eles estão de acordo com a vigência da compulsão à repetição. Assim sendo, somente após a incorporação do princípio de prazer enquanto um pólo norteador da vida psíquica em geral é que o sonho se configuraria sob esta determinação – a realização de desejo.

Freud conclui sua reformulação metapsicológica sobre o sonhar afirmando a possibilidade de ocorrência de sonhos motivados pela compulsão à repetição mesmo fora da análise, salientando serem eles os responsáveis pela captura e fixação das impressões traumáticas.

Retornemos agora ao registro especulativo-biológico da linguagem conceitual freudiana. Já havíamos assinalado anteriormente a necessidade de Freud recorrer a exemplos retirados da esfera das ciências da vida para falar sobre a pulsão de morte e especialmente da compulsão à repetição. Essa necessidade torna-se mais clara no início da quinta parte de seu texto. Nele, é declarada a total desproteção do organismo contra os estímulos do seu interior. A principal consequência desta desproteção é a transformação desses estímulos interiores naqueles de *maior importância econômica*. Nas palavras de Freud, eles “adquirirão uma magnitude econômica tão considerável que muitas vezes acarretarão perturbações econômicas apenas comparáveis às encontradas nas neuroses traumáticas” (FREUD, 2004/1920, p. 157-8). Em seguida, declara serem as pulsões do organismo as principais fontes de excitação interna.

Nota-se o súbito aparecimento do conceito de pulsão justamente nesse momento final do texto. Até o presente momento, as excitações internas do aparelho psíquico não haviam recebido essa rubrica. Percebe-se então aonde Freud quer chegar. Feitas todas as considerações anteriores a respeito da motivação para o brincar infantil, das etapas do desenvolvimento do método analítico e da origem da compulsão à repetição, é hora de rever o aspecto mais obscuro, mas também o mais original e inovador em sua metapsicologia: o conceito de pulsão. Afirma serem elas as representantes de todas as ações das forças oriundas do interior do corpo enviadas ao aparelho psíquico. E salienta: “Entretanto, são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica” (FREUD, 2004/1920, p. 158).

Freud aposta na suposição das moções oriundas das pulsões participarem dos processos que trabalham com energia livre e móvel,

ruptura do escudo protetor e suas respectivas consequências. Da articulação com a outra teoria, que enfatiza o susto e a ameaça à vida como causa do trauma, deriva o entendimento do susto enquanto uma ausência de preparo para se reagir ao medo. Ou, nas palavras de Freud, uma “ausência de prontidão para o medo [*Angstbereitschaft*]” (p. 155). Em termos metapsicológicos, essa ausência de prontidão implica em um baixo investimento dos primeiros sistemas receptores da energia em movimento, impossibilitando-os de a enlaçarem ou de capturá-la. Dizendo de outra maneira, a prontidão para o medo [*Angst*] e o alto investimento dos primeiros sistemas receptores da energia em movimento são “a última linha de defesa do escudo protetor” (FREUD, 2004/1920, p. 155). O fator decisivo para a ocorrência do trauma é o preparo insuficiente para o confronto com o medo [*Angst*], pois as consequências do rompimento do escudo protetor são mais devastadoras nos sistemas desprovidos desse preparo.

Outro caminho para a região situada além do princípio do prazer é o *estudo do sonho*. Não os sonhos estudados à exaustão na *Traumdeutung*. Trata-se de estudar o tipo de sonho característico da neurose traumática. Um tipo de sonho um tanto quanto peculiar, uma vez que, ao invés de apontar na direção da realização de desejo, levam os sonhadores padecendo desse tipo de neurose para a situação traumática que a originou. Contrariando aquilo que fundamentava um dos maiores pilares da teoria freudiana – a metapsicologia – até então: o fato de ser o sonho a realização alucinatória de um desejo. Portanto, este tipo de sonho impõe a Freud uma reformulação em seu pensamento. Isso fica evidente, por exemplo, na seguinte afirmação: “Cabe então supor que esse tipo de sonho talvez se preste a outra tarefa que deve anteceder o início da soberania do princípio de prazer” (FREUD, 2004/1920, p. 156). Credita-lhes, na sequência, a recuperação da possibilidade do aparelho psíquico processar os estímulos decorrentes do desencadeamento da angústia⁸⁵ [*Angstentwicklung*], uma possibilidade de processar esses estímulos que fora, outrora, falha e causadora da neurose. A partir desta reformulação, Freud afirmará sobre estes sonhos que “eles nos mostram uma função do aparelho psíquico que, sem estar em contradição com o princípio do prazer, ocorre de modo independente deste e provavelmente é anterior ao propósito de obter prazer e evitar o desprazer” (FREUD, 2004/1920, p. 156).

⁸⁵ Nessa frase, em particular, achamos que a expressão angústia dá mais ênfase ao argumento de Freud do que a palavra “medo”. Ver nossos comentários sobre a tradução do termo *Angst* por parte de Hanns no capítulo 3.

é de se estranhar que Freud se sentisse encorajado em sustentar a tese de uma pulsão de morte, apesar da dificuldade em relacionar esta idéia com a experiência analítica concreta e da resistência encontrada por ele ao trazer à tona esta idéia.

1.2. Pulsões de vida, pulsões de morte: monismo ou dualismo?

As pulsões de morte estão inscritas em um novo dualismo¹² pulsional no qual se contrapõem às pulsões de vida. A idéia de um dualismo pulsional em que Eros e Tanatos se complementam travando um eterno confronto se impõe simultaneamente ao próprio conceito de pulsão de morte. Esta parece ser a vontade de Freud ao falar pela primeira vez sobre uma pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (2006/1920): falar a respeito de um novo tipo de pulsão para confrontá-lo com o antigo, conservando-o e, ao mesmo tempo renovando-o ao confrontá-lo com um novo conceito. Porém, há de se observar com Laplanche & Pontalis (2001) que, se por um lado as pulsões de morte surgem como um tipo totalmente novo de pulsões, inédito, até então, na conceituação freudiana; por outro, elas são consideradas por Freud como as pulsões por excelência, na medida em que “nelas se realiza de forma eminente o caráter repetitivo da pulsão” (p. 408).

Se esta última afirmação é capaz de convencer e afirmar um monismo, e não mais um dualismo, na teoria das pulsões de Freud, outra observação dos mesmos comentadores de Freud pode vir a reafirmar a predominância do dualismo pulsional. Trata-se do fato de ser ressaltado

¹² Conforme Abbagnano (2000) nos indica, o termo *dualismo* foi cunhado no século XVII para se referir à doutrina de Zoroastro. Esta doutrina presume a existência de dois princípios ou divindades fundamentais, uma do bem e outra do mal, em luta constante entre si. Pensadores como Bayle e Leibniz empregam este termo de maneira idêntica, enquanto um autor como Christian Wolff lhe confere outro sentido, ao considerar dualistas somente aqueles que admitem a existência de apenas duas substâncias, a *material* e a *espiritual*. De acordo com ele o fundador do dualismo seria Descartes, o qual reconheceu a existência de somente duas substâncias: a *corporal* e a *pensante*. A palavra dualismo acabou sendo usada para designar outras oposições que os filósofos reconheceram no universo, tais como a *matéria* e a *forma*, a *existência* e a *essência*, a *aparência* e a *realidade*. O termo *monismo*, por sua vez, é utilizado para designar aqueles que admitem *apenas um* tipo de substância. Estes pensadores são denominados como *monistas* e, em geral, ou são *idealistas*, ou são *materialistas*.

por Freud que até mesmo quando a pulsão surge despida de qualquer intenção sexual, sob a forma de uma pura destrutividade, ainda assim devemos reconhecer, na sua satisfação, a presença de “um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica, devido ao fato de presentear o eu com a realização de antigos desejos de onipotência deste último.” (FREUD, 2006/1930, p. 125). Esta idéia está de acordo com o que ele já havia afirmado pouco tempo antes, no artigo *Inibições, sintomas e angústia*: “... aquilo com que nos preocupamos praticamente não são impulsos instintuais [moções pulsionais] puros, mas misturas em várias proporções dos dois grupos de instintos [pulsões].” (FREUD, 2006/1926a, p. 125). Temos aqui a fusão, a mistura das pulsões, o que faz saltar mais uma vez aos nossos olhos o dualismo pulsional no qual Freud inscreve as pulsões de morte, revelando, nesse sentido, que o desejo de destruição “... quando dirigido *para dentro*, de fato foge, grandemente à nossa percepção, a menos que esteja revestido de erotismo.” (FREUD, 2006/1930, p. 123-4).

Estas observações, feitas por Freud muitos anos após a afirmação de seu conceito de pulsões de morte, expõem as dificuldades que ele encontrou em fazer uso de seu novo dualismo pulsional. Confessa que, com muita frequência, ao traçar o percurso das pulsões, elas se revelam como derivadas de Eros. Quatro anos após a aparição das pulsões de morte ouvimos esta confissão: “Se não fosse pelas considerações apresentadas em *Além do princípio do prazer*, e, em última análise, pelos constituintes sádicos que se ligaram a Eros, teríamos dificuldade em apegarmo-nos a nosso ponto de vista dualista fundamental.” (FREUD, 2006/1923, p. 59).

Apesar desta confissão, ainda há muita discussão a respeito do “ponto dualista fundamental” ao qual Freud afirma se apegar. Ao longo do que se segue, será feita uma tentativa de demonstrar as diversas leituras realizadas pelos comentadores de Freud a respeito deste impasse. Poderemos ver como, enquanto alguns tentam sustentar o dualismo proposto por Freud, outros propõem que, chegando ao final das suas grandes inovações, o mestre vienense resignou-se a um ponto de vista monista. Outros, no entanto, ficarão com ambas as hipóteses, defendendo uma leitura pluralista da obra freudiana.

Um aspecto importante a se considerar a respeito da pulsão de morte é que, se apoiarmos a idéia de o dualismo pulsional não opor duas pulsões, apenas diferentes formas de funcionamento da pulsão, temos então que levar em conta a observação de que “Freud nunca nomeou alguma espécie de energia psíquica, paralela à libido, que estivesse a serviço da pulsão de morte.” (RUDGE, 2006, p. 83)

Diante desse rompimento o aparelho psíquico reagiria produzindo um contra-vestimento de amplo alcance, resultando na redução de outras funções psíquicas ou numa considerável interrupção de outros sistemas psíquicos. Deste modo, é possível compreender que “mesmo um sistema altamente investido é capaz de receber [*aufzunehmen*] novos afluxos de energia e de transformá-los em cargas de investimento em repouso” (p. 154) e caracteriza esse processo como uma forma de “capturar” e “atar” psiquicamente. Ou seja: quanto maior a carga de investimento disponível em estado de repouso maior será a capacidade e a força de captura [*bindende Kraft*], enquanto que, quanto menor o estoque de carga de investimento em repouso, menor será a capacidade de receber os novos afluxos de energia, gerando desastrosas conseqüências para o rompimento do escudo protetor. Mas o aumento do investimento na região do rompimento do escudo protetor não é causado somente pelo fluxo progressivo das quantidades de excitação. Esse fluxo, por si só, não explica o aspecto paralisante da dor nem tampouco o empobrecimento dos outros sistemas.

Alcançado esse ponto em seu percurso de analogias do mundo biológico com o metapsicológico, Freud salienta o desconhecimento “sobre a natureza do processo de excitação que ocorre nos elementos dos sistemas psíquicos” (FREUD, 2004/1920, p. 155) impossibilitando-se a formulação de hipóteses sobre ela e conferindo um caráter impreciso às suas considerações metapsicológicas. No entanto, essa imprecisão não o paralisa, nem o impede de avançar: a solução provisória que possibilita a Freud dar continuidade a sua investigação consiste em trabalhar continuamente com uma incógnita, por sua vez transportada de problema a problema, de fórmula a fórmula. A ausência de qualquer tipo de compreensão satisfatória para dissipar o vazio provocado por essa incógnita possibilita a Freud lançar mão de outras teorias e de outros autores a seu favor. É o caso de uma teoria de Breuer, conjurada nesse momento de impasse, segundo a qual seriam duas as maneiras possíveis de preenchimento de energia nos sistemas psíquicos: as Qs que fluem em direção à descarga e as Qs em repouso. Aposta na possibilidade desta distinção explicar o que fora descrito anteriormente como “enlaçamento” ou “captura” [*Bindung*]. Sendo assim, essa captura da energia que percorre o aparato psíquico seria uma passagem do estado de fluxo livre para o estado de repouso.

Para explicar a neurose traumática comum, Freud articula duas teorias simples, que se entrelaçam originando outra, mais complexa. Da “velha e ingênua” (FREUD, 2004/1920, p. 155) teoria do choque (lesão direta da estrutura molecular ou histológica) resulta a concepção de

primordial e o aparelho psíquico para diferenciar a relação deste último com os estímulos externos e os internos. Pois se aqueles se encontram barrados pelo escudo protetor, esses carecem de qualquer tipo de obstáculo semelhante. Diz Freud: “Uma proteção contra estímulos internos é impossível, já que as excitações oriundas das camadas ainda mais profundas se transmitem a esse sistema, sem sofrer nenhuma redução” (FREUD, 2004/1920, p. 153).

Disso depreende-se que as sensações de prazer e desprazer sempre prevalecerão sobre os estímulos exteriores; e, ainda, que diante das excitações internas provocadoras de aumento excessivo de desprazer, o aparelho psíquico lidará com elas *tratando-as como externas a si mesmo*. Pois assim ele poderá empregar contra elas a eficácia da barreira do escudo protetor. Freud assinala ser essa a origem da operação de *projeção*, tão presente em muitos estados patológicos tratados pela psicanálise. Cabe pontuar aqui a riqueza dos diferentes registros da linguagem conceitual de Freud. Inicialmente, ela está presente na referência à biologia enquanto uma fonte de analogia entre o que acontece na natureza e o que acontece no aparelho psíquico concebido por ele. Em seguida, ela também está presente na descrição metapsicológica dos processos do aparelho psíquico através das imagens fornecidas pela embriologia e pela fisiologia. Finalmente, encontrámo-la outra vez na explicação da origem e finalidade de um processo patológico: a *projeção*. Esta é, portanto, a riqueza da linguagem conceitual freudiana: em poucas linhas, ela é capaz de sair de um registro especulativo-biológico e chegar num registro fundamentalmente mais objetivo: o registro clínico. Uma amostra de que *mesmo em seus momentos mais especulativos e imprecisos, a metapsicologia freudiana fala sobre a experiência clínica da psicanálise*. Com efeito, a partir de agora se vê uma tentativa, por parte de Freud, de articular o novo conceito de pulsão de morte com a sua metapsicologia, de um modo geral.

Percebe-se que, se até aqui se tratava de compreender o princípio do prazer, doravante, Freud seguirá avançando além desse princípio. O primeiro passo desse avanço é dado com a investigação pormenorizada do conceito de *trauma*. Tomando como base a imagem da camada protetora é possível denominar por trauma as excitações capazes de romper esse escudo. O conceito de trauma decorre da ruptura dessa camada. E qualquer rompimento desta camada coloca em xeque o princípio de prazer. Poder-se-ia pensar, por exemplo, na dor física como um rompimento numa parte específica do escudo.

A respeito da oposição entre dualismo e monismo pulsional, Coutinho Jorge (2010) acrescenta ainda que, embora Freud jamais tenha nomeado uma energia específica da pulsão de morte, dois de seus discípulos o fizeram: Paul Federn, através da idéia de *mortido* – tributária da noção freudiana de uma pulsão de morte –, e Edoardo Weiss, pela de *destrudo*, esta relacionada com a pulsão de destruição. Além destes dois autores, Arlow e Brenner (In: COUTINHO JORGE, 2010) consideram dois tipos de energia, uma para cada tipo de pulsão: a libido, originária da pulsão de vida, e a energia agressiva, originária da pulsão agressiva, sendo estes dois tipos de energia pertencentes à instância psíquica conhecida como o *isso* (traduzida por *id* pela *Standard Edition*).

Coutinho Jorge (2010) aponta para o fato de a não nomeação de uma energia específica da pulsão de morte ter como consequência a possibilidade de se sustentar que o dualismo pulsional freudiano não é um dualismo, mas sim um monismo. Acrescenta ainda que, além da polêmica gerada por este ponto, há uma divergência fundamental entre Lacan e Freud neste sentido, este último buscando incessantemente por um dualismo, enquanto o primeiro afirma com todas as letras que toda pulsão é pulsão de morte. No ponto de vista de Coutinho Jorge (2010), é possível traçar um denominador comum entre Eros e Tanatos, sendo este o caráter conservador de toda pulsão: Eros preserva a vida por um extenso período, conservando o ser que criou, enquanto Tanatos luta pelo retorno ao estado inanimado, conservando o não-ser do qual o ser adveio.

Para aprofundar ainda mais a questão de ser a concepção freudiana de pulsão, no fim das contas, uma concepção monista ou dualista, nada melhor para abordá-la do que a leitura do artigo *Freud é monista, dualista ou pluralista?* (WINOGRAD, 2004), na qual somos apresentados à idéia de se encontrarem no materialismo freudiano as raízes da sua metapsicologia, enquanto os “pares mais complementares que opostos” com os quais ele usualmente trabalha são os galhos, ramos e primeiras bifurcações de sua metapsicologia. Segundo a autora, a partir destas bifurcações e ramificações é tentador classificar sua teoria como dualista.

Não obstante, ela nos adverte de que classificar Freud como monista, dualista ou pluralista implica em uma redução de sentido que só atrapalha nosso entendimento, em vez de nos auxiliar na compreensão de seu sistema conceitual. Esta advertência está baseada na convicção de estes termos nada dizerem a respeito da especificidade da teoria, não ensinarem “sua geografia conceitual nem o sentido dos

conceitos construídos e articulados.” (WINOGRAD, 2004, p. 205). Seguindo por este viés, ela finaliza imperativamente esta parte do artigo, recomendando não etiquetar a teoria psicanalítica, e não sem antes provocar o leitor com uma espécie de paradoxo filosófico, insistindo na certeza de Freud ser “monista e dualista ao mesmo tempo” (p. 210).

Sendo um paradoxo, nem por isso ela é a única a afirmá-lo: Garcia-Roza (2004) propõe algo muito parecido em sua introdução à metapsicologia. A solução proposta por ele é, nada mais, nada menos, que conceber o dualismo pulsional como um *dualismo de modos* da pulsão, em lugar de um *dualismo de natureza* das pulsões. Sendo assim, as pulsões seriam todas qualitativamente da mesma índole, diferenciando-se apenas através da forma pela qual se presentificam no aparelho psíquico. Pensando dessa maneira, pulsões de vida e pulsões de morte seriam modos distintos de presentificação da pulsão no anímico e não qualidades das pulsões em si.

Mas as surpresas na leitura dos escritos deste comentador de Freud não param por aí. No final do capítulo sobre a pulsão, no volume 3 – que veio a ser o último volume de sua audaciosa introdução à metapsicologia freudiana – ele fala brevemente sobre a pulsão de morte. Em nota de rodapé afirma que ela será tema do quarto volume da série; contudo, é no mínimo interessante observar que justamente este quarto volume da série não tenha sido escrito pelo autor. Este fato instiga ainda mais o autor desta dissertação a pensar sobre a imposição do conceito de pulsão de morte na metapsicologia de Freud.

1.3. Repensando o conceito de *pulsão* a partir da ideia de uma *pulsão de morte*

Tendo em vista as dificuldades encontradas posteriormente por Freud em sua tentativa de integrar o conceito de pulsões de morte com a sua elaboração metapsicológica precedente, podemos agora questionar com Laplanche & Pontalis (2001) o que ele entende como pulsão em sua última teoria.

Estes autores apontam para a incoerência de se designar por pulsão tanto o que foi descrito e mostrado em ação no funcionamento pormenorizado da sexualidade humana, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), como os seres míticos nomeados por Freud de

à ação dos estímulos do que as suas camadas mais profundas. Atribuindo-se ao sistema *Pcp-Cs* uma origem análoga à da vesícula, depreende-se que nesse sistema a passagem da excitação produz ínfimas alterações. Talvez nenhuma. Essa camada cortical possui um escudo protetor anti-estímulos. Quando sua superfície mais externa perde a estrutura característica da matéria viva, tornando-se inorgânica e passando a funcionar como uma membrana destinada ao amortecimento dos estímulos, esse escudo protetor então se constitui. As camadas protegidas pelo escudo estão aptas a receber as quantidades de excitação que o escudo deixar passar.

É curioso Freud (2004/1920) salientar ser a morte da camada externa a causa principal da função das camadas mais profundas: “Mas foi a camada externa que, com sua morte, salvou todas as camadas mais profundas do mesmo destino” (p. 152). E acrescenta ainda: “Para o organismo vivo, a função do escudo protetor é quase mais importante do que a própria recepção do estímulo” (p. 152). Ou seja: se na primeira frase citada ele ressalta a importância dessa camada morta, na segunda enfatiza essa importância a ela atribuída, colocando-a no mesmo nível de importância da função do organismo como um todo (receber e processar os estímulos externos).

Dizendo de outro modo: mesmo que a consciência não seja o centro do universo psíquico, nem por isso devemos desprezá-la. Tal como a camada cortical da vesícula primitiva que origina um escudo protetor, a consciência funciona para o aparelho psíquico como esse escudo que o protege da absorção completa e aniquiladora de todos os estímulos externos. Através dos órgãos dos sentidos, que fornecem a ela as informações mais elementares a respeito do mundo externo, o aparelho psíquico é capaz de conhecer os diversos tipos de estímulos (específicos, excessivos, inapropriados) que o circundam através das amostras coletadas. Utilizando mais uma de suas metáforas, Freud define assim esse processo da consciência: “Talvez possamos compará-los com antenas sensitivas que sondam e tateiam o mundo exterior e novamente se recolhem” (p. 152). A especulação continua, retomando alguns aspectos anteriormente desenvolvidos e explorados no *Projeto de 1895*. Vejamos como eles são retomados e articulados com as novas concepções.

Por ora, Freud segue afirmando que não será o mundo exterior e suas quantidades de estímulos o objeto privilegiado da psicanálise. Pelo contrário: será o mundo interno, em relação a esse externo a partir do qual ele se constitui, o grande problema para Freud. Especificamente nesse trabalho, Freud recorrerá àquela analogia entre a vesícula

É no mínimo curioso que, para falar de algo tão indefinível – quase inefável – como o silêncio da pulsão de morte ou a região situada além do princípio do prazer, Freud precisará recorrer a fatos e fenômenos tão bem conhecidos – quando não consagrados – pelas ciências biológicas. Eis um exemplo disso: “Contudo, se nos perguntarmos em que consiste essa modificação da substância e do processo de excitação em seu interior, poderemos naturalmente imaginar diversas hipóteses que, no momento, não tem como ser comprovadas” (FREUD, 2004/1920, p. 151). A partir desse modelo, ele construirá uma série de raciocínios que formarão um elo em meio a suas especulações metapsicológicas. Um elo que fortalecerá a qualidade de seus argumentos a partir disso. Entretanto, ainda é um pouco cedo para se aprofundar nesse ponto, como se verá ao longo deste capítulo.

Freud retoma seu fio investigativo salientando a constatação, feita a partir dos processos inconscientes, que a consciência não seria um atributo universal dos processos psíquicos, mas apenas uma função deles. A consciência fornece percepções de excitações proeminentes do exterior e sensações de prazer e desprazer originárias do interior do aparelho psíquico. Sua localização espacial específica seria *limítrofe*, pois ela estaria “na fronteira entre o exterior e o interior” (FREUD, 2004/1920, p. 149) voltada para o mundo externo e formando uma camada que recobriria os outros sistemas psíquicos. Reconhece como fundamento dessa suposição a *teoria anatômica da localização cerebral* da qual ele mesmo se afasta. Afastar-se dela, no entanto, não significa rejeitá-la inteiramente: Freud se afasta do *anatômico*, mas não se afasta da *localização*. Afasta-se do anatômico ao estabelecer o psíquico como o registro privilegiado no que diz respeito aos processos psíquicos⁸⁴. Mas não se afasta inteiramente da ideia de uma localização fictícia dos processos psíquicos no interior do território psíquico batizado por ele de aparelho anímico ou psíquico (*Seelenapparat*).

Para narrar e descrever a formação e constituição desse aparelho, ele utiliza a imagem da *vesícula primordial*. Em particular, ela será uma metáfora do surgimento da consciência e, conseqüentemente, de todo o sistema que a suporta: o sistema *Percepção-Consciência* (Pcp-Cs). Essa história tem início assim: uma vesícula primordial sofre o impacto contínuo e ininterrupto de estímulos externos que modificam de modo permanente sua superfície, *formando uma crosta mais permeável*

⁸⁴ Ou seja: mais uma vez Freud rejeita do psíquico o aspecto de epifenômeno do biológico, tal como era comum em seu *Zeitgeist*. Para maiores detalhes sobre esse assunto, ver o primeiro capítulo desta dissertação.

*Eros e Tanatos*¹³. Esta incoerência se torna evidente quando ficamos sabendo pela própria pena de Freud que estes últimos se enfrentam em um patamar mais próximo de um combate que ultrapassa o indivíduo humano do que no nível do clinicamente observável, uma vez que se encontraria de forma velada em todos os seres vivos¹⁴.

Nesse sentido, é possível aproximar a oposição das duas pulsões fundamentais dos grandes processos vitais de assimilação e desassimilação. Podemos reduzi-la até onde Freud nos aponta em seu *Esboço de psicanálise*: “A analogia de nossas duas pulsões básicas estende-se da esfera das coisas vivas até o par de forças opostas – atração e repulsão – que governa o mundo orgânico.” (FREUD, 2006/1940, p. 162) Este aspecto, fundamental e universal, da pulsão de morte, é sublinhado por Freud de outras maneiras, particularmente na referência a concepções filosóficas como as de Empédocles e Schopenhauer.

Com efeito, Coutinho Jorge (2010) critica a insistência de alguns autores em considerar a pulsão de morte como uma idéia relacionada somente com a especulação biológica desenvolvida por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), pois, a seu ver, toda a teoria pulsional refere-se ao campo biológico. Freud deixa isso bem claro em *Além do princípio do prazer*, ao sublinhar o fato de o recurso à biologia ter sido necessário para o desenvolvimento do conceito de pulsão. E isso se torna ainda mais evidente na medida em que na própria definição da pulsão a relação entre o biológico e o psíquico é reveladora da característica mais singular deste conceito: o seu caráter *fronteiriço* entre o corporal e o psíquico.

¹³ Laplanche & Pontalis (2001) salientam que, apesar de não encontrarmos este último termo nos escritos de Freud, Ernest Jones, em sua conhecida biografia do criador da teoria das pulsões, afirmou o uso deste termo por parte de Freud em *conversas pessoais*. Sua introdução nos escritos sobre psicanálise teria sido realizada por Paul Federn. Com efeito, Laplanche & Pontalis (2001) entendem que “o uso do termo *Tanatos* vem acentuar o caráter de princípios universais que as duas grandes espécies de pulsões assumem na última concepção freudiana” (p. 501).

¹⁴ “As forças pulsionais que procuram conduzir a vida para a morte podem também achar-se em funcionamento nos protozoários desde o início; no entanto, seus esforços podem ser tão completamente ocultos pelas forças preservadoras da vida, que talvez seja muito difícil encontrar qualquer prova direta de sua presença.” (FREUD, 2006/1920, p. 60)

Uma tentativa de desfazer este mal-entendido deu-se pela tradução feita por alguns tradutores franceses de Freud. Eles perceberam que a última teoria das pulsões situava-se em plano diferente das suas teorias precedentes. Isso é indicado pelo fato de preferirem falar de *instinct de vie* (instinto de vida) e de *instinct de mort* (instinto de morte) mesmo quando escolheram traduzir em outros lugares o *Trieb* freudiano por *pulsion* (pulsão). Essa terminologia é criticada por Laplanche & Pontalis (2001), que insistem na concepção do termo instinto como sendo reservado pelo uso “para designar comportamentos pré-formados e fixos, suscetíveis de serem observados, analisados, e específico da ordem vital.” (p. 412). No entendimento desses autores, aquilo que Freud busca ressaltar através da idéia de uma pulsão de morte é o que existe de mais fundamental na noção de pulsão: o retorno a um estado anterior, ao repouso absoluto do inorgânico. Além de um tipo especial de pulsão, designa o que estaria no *princípio* de qualquer pulsão.

O que resolve o problema, por um lado, e complica por outro, na medida em que aquilo que caracteriza um tipo de pulsão, a pulsão de morte, é característica geral e universal de toda e qualquer pulsão.

É mesmo notável observar a dificuldade de Freud em articular este novo conceito com os princípios do funcionamento psíquico que ele vinha afirmando há tempos, especialmente em relação ao princípio de prazer. Esta dificuldade é apontada por Laplanche & Pontalis (2001), tomando como exemplo o próprio *Além do princípio de prazer* (1920): como já anunciado no próprio título, nele a pulsão de morte é conceituada e postulada a partir de fatos que supostamente põem por terra o princípio do prazer-desprazer. Mas, apesar desta aparente contradição, Freud pôde concluir afirmando que “o princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte [pulsões de morte].” (FREUD, 2006/1920, p. 74). Sabemos que ao se dar conta desta contradição, ele passa a distinguir do princípio de prazer o princípio de Nirvana. Este último, enquanto princípio econômico da redução das tensões a zero, expressa a tendência da pulsão de morte. (FREUD, 2006/1924) A partir deste momento, então, a definição do princípio de prazer se torna mais qualitativa do que econômica, e este princípio passa a representar exigências libidinais.

A introdução de um princípio de Nirvana “exprime a tendência da pulsão de morte”, não constitui necessariamente uma inovação radical, uma vez que as formulações do princípio de prazer que Freud nos apresenta ao longo de sua obra se confundem em duas tendências: uma para a descarga completa e outra para a manutenção de um nível constante, uma homeostase. No *Projeto para uma psicologia científica*

Diante desse fato, deve-se ressaltar que, a partir do “filósofo e didata da metapsicologia”, o “conferencista real ou imaginário das *Conferências* e das *Novas Conferências*”, interlocutor imparcial com o qual ele dialoga na *Questão da Análise Leiga*, entre outros trabalhos, como afirmam Laplanche, Cotet & Bourguignon (apud TAVARES, 2011, p. 29-30) é possível apreender o *estilo de Freud*. Com efeito, Tavares (2011) afirma que “Freud soube fazer do estilo ou dos estilos uma fundamental ferramenta da versatilidade que um novo saber requeria para chegar até seu leitor alvo” (p. 29). Nesse sentido, este autor resalta que “dizer que Freud era um talentoso escritor talvez em muito se deva a essa versatilidade, que impede qualquer sorte de definição estilística” (TAVARES, 2011, p. 30). E acrescenta – salientando o fato do jovem Freud haver traduzido John Stuart Mill, Jean-Martin Charcot e Hippolyte Bernheim – que ele “soube desenvolver a capacidade de ‘traduzir-se’ em diferentes estilos e registros lingüísticos na sua própria língua alemã” (idem).

Resulta desse estilo uma estratégia de argumentação, desenvolvida após longo período de críticas, discordâncias e divergências que marcaram tão profundamente não apenas a vida de Freud, mas de toda essa história inicial da psicanálise, com a qual sabemos que a primeira se mistura e se confunde inexoravelmente. Freud acredita no resultado alcançado através da sua especulação: a descoberta de uma região da vida psíquica situada além de tudo aquilo que fora elaborado desde então, e representado pelo princípio de prazer. Tanto que ele se preocupa em conseguir compartilhar essa descoberta com o leitor. Para isso ele utiliza amplamente uma série de metáforas e analogias oriundas da biologia. Ciência fundamental para o homem de ciência contemporâneo de Freud e importante para a construção de um conhecimento rigoroso e acessível, a biologia será o “elo” do fundador da psicanálise com seu leitor mais crítico e sagaz. E será através da comparação recorrente com as imagens e idéias provenientes desta ciência que ele criará uma linguagem muito particular, rica em imagens e sentidos. Embora não seja específica deste trabalho, tal linguagem – que já fora utilizada amplamente no *Projeto de 1895* – atingirá seu ponto culminante ao longo das páginas de *Além do Princípio do Prazer*.

de uma Weltanschauung (FREUD, 2006/1932, p. 157). Tal imagem é retirada por Freud do seguinte verso de Heinrich Heine: “com seus barretes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo”.

surpreendente quando se trata de experimentar passivamente uma experiência na qual não há a menor possibilidade de uma atividade sobre ela, ou qualquer poder de influência direta: apenas a repetição da fatalidade infinda. São citados como exemplo o caso da mulher que se casa sucessivamente com três homens que adoecem depois do casamento, obrigando-a a cuidar de cada um deles até o fim.

A partir desses exemplos, hipóteses e considerações, Freud insistirá na existência de uma compulsão à repetição que ultrapassa o princípio do prazer. Sagaz, ele aproveitará a consolidação dessa hipótese articulando-a com os exemplos traçados até então: os sonhos ruins característicos da neurose traumática e o impulso da criança para a brincadeira. A partir disso, o artigo passa por uma “virada”: se até então tínhamos uma série de descrições empírica (frutos da observação) a respeito dos fatos e idéias que compunham o princípio de prazer, agora ele dá início ao longo e árido caráter especulativo em sua escrita; caráter esse que marcará desde o início a introdução e a gênese do conceito de pulsão de morte.

5.4 O caráter especulativo da pulsão de morte enfim predomina

O caráter especulativo da pulsão de morte tem início na quarta parte do texto. Logo nas primeiras linhas, adverte-se o leitor: “O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com a sua posição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar” (FREUD, 2004/1920, p.149). Não obstante, ressalta-se o aspecto de “experimentação” dessa especulação, posto que se trata de “uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma ideia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar” (FREUD, 2004/1920, p. 149). No entanto, não seremos suficientemente ingênuos a ponto de levar ao pé da letra cada palavra de Freud neste parágrafo inicial. Está clara a falta de condição para ele afirmar com demasiada veemência tudo o que se seguirá em seu texto. Entretanto, não podemos esquecer que, ao escrevê-lo, ele já está convencido do que irá dizer, apesar das eventuais faltas de consistência empírica. Afinal, ele nos diz, é tudo pura especulação. Mas também é verdade que é a *sua* especulação, e não a de um filósofo qualquer a fazer remendos nos buracos do universo com os fiapos de seu roupão⁸³.

⁸³ Com efeito, Freud utilizará uma imagem parecida pouco mais de dez anos mais tarde, ao caracterizar o trabalho do filósofo em sua conferência *A questão*

(1895), ele já havia diferenciado estas duas tendências ao falar de um princípio de inércia e ao mostrar como ele se transformava numa tendência para “manter constante o nível de tensão”.¹⁵ Sabemos que estas duas tendências continuaram sendo diferenciadas na medida em que correspondem a dois tipos de energia, livre e ligada, e a duas modalidades de funcionamento psíquico (processo primário e processo secundário).

Seguindo este ponto de vista, autores como Laplanche & Pontalis entendem a tese da pulsão de morte como “uma reafirmação daquilo que Freud sempre considerou como a própria essência do inconsciente no que ele oferece de indestrutível e desreal.” (p. 413).

A esse respeito, Coutinho Jorge (2010, p. 117-118) é bastante explícito. Para abordar a pulsão de morte, ele propõe um percurso em torno do conceito de pulsão. Relembra uma carta de Freud para Groddeck, na qual é declarado ser o inconsciente (e não a pulsão, tal como Freud a define em seus *Três Ensaio*s) o tão procurado elo perdido entre o anímico e o corporal.¹⁶ Chama a atenção do autor essa aparente troca conceitual, interpretada por ele como uma chave para entender o que é inconsciente e o que é pulsão. Ainda assim, ele salienta a distinção entre os dois conceitos, sem deixar de notar que alguma coisa os liga de forma indissociável.

Retomando Laplanche & Pontalis (2001, p. 413), esses autores apontam uma relação da reafirmação do que existe de radical no desejo inconsciente com uma grande mudança no que seria a “função última” que Freud atribui à sexualidade. Ou seja: com o prenome Eros, a sexualidade é definida como princípio de coesão e não mais como força disruptora eminentemente perturbadora. Esta distinção fica evidente na seguinte passagem do *Esboço de psicanálise*: “O objetivo da primeira destas pulsões básicas é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las – em resumo, unir; o objetivo do segundo, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas.” (FREUD, 2006/1940, p. 161).

¹⁵ Devo esta referência a Laplanche & Pontalis (2001), que a retiram, por sua vez, de *Aus den Anfängen der Psychoanalyse, Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*, Londres: Imago, 1950.

¹⁶ “O inconsciente é exatamente o verdadeiro intermediário entre o somático e o psíquico. Talvez seja o ‘missing link’, o elo perdido, tão procurado”, escreve Freud a Georg Groddeck, em 5 de Junho de 1917, aqui em tradução modificada por Assoun (1996).

Pois bem, mesmo sendo possível discernir, na noção de pulsão de morte, uma nova metamorfose de uma exigência fundamental e constante do pensamento freudiano, temos de ressaltar o fato de ela introduzir uma nova noção neste pensamento, ao fazer da tendência para a destruição, tal como se revela, por exemplo, no sadomasoquismo, um dado irredutível. Neste sentido, estes autores acabam por concluir que a pulsão de morte é a expressão privilegiada do princípio mais radical do funcionamento psíquico e, por fim, na medida em que é “o que há de mais pulsional”, liga indissolivelmente qualquer desejo, agressivo ou sexual, ao desejo de morte.

1.4. A pulsão de morte, de suas manifestações clínicas à sua metapsicologia

Ao se questionar de modo explícito sobre a relação entre as instâncias do aparelho psíquico que acaba de diferenciar – isso, eu, supereu – e as duas categorias de pulsões (ver o capítulo IV do artigo *O eu e o isso* [2006/1923]), Freud percebe que o conflito entre instâncias não coincide com o dualismo pulsional. Embora se esforce em determinar a parte com que cada uma das duas pulsões entra na constituição de cada instância, na descrição das modalidades de conflito não se vê em ação a suposta oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Lemos em uma passagem do *Esboço de psicanálise*: “Não se pode pensar em restringir uma ou outra das pulsões básicas em uma das regiões da mente [do anímico]. Elas, necessariamente, têm de ser encontradas em toda parte.” (FREUD, 2006/1940, p. 162).

Não bastassem essas contradições, acrescente-se que este hiato entre a nova teoria das pulsões e a segunda tópica é ainda mais sensível, uma vez que o conflito passa a ser um conflito entre instâncias, em que o *isso* acaba por representar o conjunto das exigências pulsionais por oposição ao *eu*. É nesse sentido que Freud afirma que, empiricamente, a distinção entre pulsões do eu e pulsões de objeto conserva todo o seu valor, e que só a especulação teórica nos faz suspeitar da existência de duas pulsões fundamentais que ficam ocultas por trás “das pulsões do eu e das pulsões do objeto manifesto: a saber (a) Eros, a pulsão que luta sempre por uma união mais estreita e (b) a pulsão de destruição que leva no sentido da destruição do que está vivo.” (FREUD, 2006/1926b, p. 255).

O que vemos aqui é a retomada, de Freud, do modelo de conflito anterior a *Além do princípio do prazer* (1920), o qual

ideia de ser o afrouxamento do recalque – resultante do trabalho de análise – o propulsor da compulsão à repetição.

Deste modo, entende-se a resistência como um processo a serviço do princípio do prazer. Já a compulsão à repetição apresenta duas dimensões distintas. Uma delas provoca desprazer ao eu (o que, em si mesmo, não contraria o princípio do prazer, posto que se trata de prazer para um sistema e desprazer para outro). Mas há uma segunda dimensão da compulsão à repetição que realmente contraria o princípio do prazer: a de “fazer retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado” (FREUD, 2004/1920, p. 145-146).

Se no desabrochar da vida sexual infantil os desejos de conteúdo intolerável estavam destinados ao recalque, esse desabrochar sucumbe em circunstâncias bastante desagradáveis, sendo, portanto, a causa de sensações profundamente dolorosas. Além disso, há uma redução da quantidade de ternura, em decorrência das novas exigências da educação. Palavras severas, castigos e outras reprovações certamente revelam à criança um desdém pairando sobre ela. O fim do amor infantil – que até então fora praticamente onipresente com sua aura de majestade narcísica – finalmente se revela.

Todas essas situações primitivas e marcantes, até então ignoradas sob a sombra do recalque, impõem-nos a sua presença na análise, uma vez que o paciente as reproduz na transferência. Ao explicar isso, Freud estende essa situação para a vida corriqueira dos seres humanos em geral: “Os mesmos fenômenos de transferência que a psicanálise revela nos neuróticos podem ser encontrados também na vida dos não-neuróticos” (FREUD, 2004/1920, p. 147). Segue nesse instante uma série de exemplos nos quais uma pessoa parece estar sendo perseguida por um “destino maligno”⁸². Pessoas para as quais a relação com o próximo leva sempre ao mesmo resultado: homens para os quais toda amizade chega ao fim com a traição do amigo; sujeitos que colocam sequencialmente o outro num pedestal para em seguida desbancá-lo e seguir em busca de novos ídolos; amantes que vivem eternamente a mesma sequência de fases que os conduzem sempre ao mesmo fim. Esse eterno retorno do mesmo torna-se notavelmente

⁸² Antes de passar aos referidos exemplos, Freud já aponta o fato de ser esse destino fatal “quase que inteiramente preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces” (p. 147).

repetição. Com efeito, essa *compulsão à repetição* configura um momento de ruptura e mudança no tratamento, no qual a neurose – até então se apresentando incólume ao analista – metamorfoseia-se em *neurose de transferência*. O que impõe ao analista um esforço no sentido de proporcionar ao paciente o mínimo possível de repetição e o máximo alcançável de recordação e *perlaboração*⁸¹ do material inconsciente a emergir na transferência. É necessário permitir ao paciente “reviver um certo fragmento de sua vida esquecida e cuidar para que ele conserve algum discernimento” (FREUD, 2004/1920, p. 144) a ponto de torná-lo capaz de fazer a distinção entre uma realidade aparente e um “reflexo de um passado esquecido” (FREUD, 2004/1920, p. 145).

Se até então a oposição entre sistemas estabelecida pela sua metapsicologia fora entre o *eu* (o equivalente tópico do que até então fora denominado *sistema Consciente ou Pcp-Cs*) e o *inconsciente (ou Ics)*, a partir deste trabalho Freud se perguntará: “quem resiste: O *Eu* ou o *Inconsciente*?” Em sua resposta, argumenta que o inconsciente simplesmente busca a liberação de um peso opressor e a passagem em direção à consciência. Ou então escoar-se [*Abfuhr*] através de uma ação real. Portanto não é o inconsciente nem o recalcado quem impõe resistências aos esforços do tratamento. Assim sendo, cabe reformular a teoria. Para fazê-lo, Freud recorre à experiência da psicanálise para reformular o aspecto terminológico da palavra *resistência*. Em vez de opor os sistemas *Consciente* e *Inconsciente*, como fizera até então, propõe substituir essa antiga proposição por uma nova: *a oposição entre o eu e o recalcado*. Assim sendo, a resistência seria proveniente do eu, enquanto a compulsão à repetição originar-se-ia do recalcado. Aposta na

⁸¹ De acordo com Laplanche & Pontalis (2001), a *perlaboração* (*Durcharbeitung* ou *Durcharbeiten* no original) é o “processo pelo qual a análise integra uma interpretação e supera as resistências que ela suscita”. Estes autores acrescentam que ela “seria uma espécie de trabalho psíquico que permitiria ao sujeito aceitar certos elementos recalcados e libertar-se da influência dos mecanismos repetitivos”. Salientam ainda que “a perlaboração é constante no tratamento, mas atua mais particularmente em certas fases em que o tratamento parece estagnar e em que persiste uma resistência, ainda que interpretada” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 339). Naturalmente, remete-se aqui o leitor à leitura de Recordar, repetir e elaborar (FREUD, 2006/1914), bem como ao trabalho de CRUZ, Josué Adilson: *Considerações sobre o(s) tempo(s) na direção da análise*: um percurso na clínica psicanalítica em Freud e Lacan (2012), dissertação de mestrado realizada em nosso Programa.

simplesmente supõe que cada uma das duas forças em presença que vemos efetivamente se enfrentarem envolve também uma fusão de pulsões de vida e pulsões de morte. Portanto, a partir desses dados podemos afirmar que, mesmo que Freud afirme e sustente até o fim da sua obra a noção de pulsão de morte – e por que ele faz isso é a pergunta da nossa pesquisa – *isto não acontece por imposição da teoria das neuroses*. Por um lado, porque ela é produto de uma exigência especulativa que ele considera fundamental e, por outro, porque lhe parecia inevitavelmente sugerida por fatos clínicos bem concretos e irredutíveis, que assumem a seus olhos uma importância crescente na clínica e no tratamento:

Se tomarmos em consideração o quadro total formado pelos fenômenos de masoquismo imanentes em tantas pessoas, a reação terapêutica negativa e o sentimento de culpa encontrado em tantos neuróticos, não mais poderemos aderir à crença de que os eventos anímicos são governados exclusivamente pelo desejo de prazer. Esses fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida anímica que chamamos de pulsão de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos, e que remontamos à pulsão de morte original da matéria viva. (FREUD, 2006/1937, p. 259)

Sendo assim, a única situação na qual a pulsão de morte estaria livre de seu aprisionamento especulativo e apareceria em estado puro seria ao se desfundir das pulsões de vida. Isto acontece, por exemplo, no caso do melancólico, cujo supereu surge como “uma cultura da pulsão de morte.” (FREUD, 2006/1923, p. 66).

Autores como Rudge (2006), por exemplo, apontam que é justamente esse caráter repetitivo da pulsão presente em sonhos, nos sintomas da neurose traumática, no masoquismo primário e na reação terapêutica negativa, conforme visto na citação acima, que povoa toda análise que conduzimos, e que esses fenômenos “constituem a área própria para a intervenção psicanalítica.” (p. 79). Essas manifestações clínicas, caracterizadas pela atração compulsiva pelo sofrimento, foram o estopim para a maior reformulação da teoria freudiana, introduzindo a segunda tópica e, “no seio da nova teoria pulsional, a pulsão de morte, noção tão ambígua, controvertida e com frequência recusada, explicitamente ou não, por tantos psicanalistas.” (p. 79-80).

No que concerne à relação da temática deste trabalho com a clínica, Prata (2000) aponta para o destaque feito por Freud, no final do artigo *A negativa* (1925), a respeito de que a função do julgamento corresponde à dualidade pulsão de morte e pulsão de vida. Neste artigo, vemos Freud dar uma positividade às pulsões de morte. Em seguida, ele nos alerta imediatamente para o negativismo dos psicóticos, entendendo ser este o “resultado de uma desfunção das pulsões efetuada através da retirada dos componentes libidinais, ou seja, da retirada de Eros e do trabalho solitário de Tanatos.” (PRATA, 2000, p. 121-2). Sabemos que no artigo *O eu e o isso* (2006/1923), dentre muitos aspectos importantes, está a revisão da noção de *eu* e a colocação do *isso* como o pólo pulsional do psiquismo.

Esta autora questiona se, ao falarmos da pulsão de morte como desfunção das pulsões de vida com um aspecto mortificante, não estaríamos dando uma negatividade a Tanatos, localizando um aspecto conservador e regressivo em seu movimento, ou seja, falando de uma entropia. Seu trabalho é uma aposta no pensamento das pulsões de morte como criadoras, uma vez que elas discordariam do equilíbrio homeostático, sendo as pulsões de morte aquelas que podem impulsionar o trabalho da diferença. Se elas são mortíferas e fatais para o sujeito ao fazerem o seu trabalho solitário e silencioso, só elas podem dar condições de um movimento criativo e diferencial.

Para avançarmos em nosso itinerário metapsicológico, seguiremos ainda algumas pistas deixadas José Gutiérrez-Terrazas (2002). Seu artigo, *O conceito de pulsão de morte na obra de Freud*, contribui para este trabalho de pesquisa, ampliando o nosso campo ao nos trazer interpretações inovadoras sobre o tema, por exemplo, que “a compulsão à repetição não é a origem, não é o ponto de partida, mas sim uma consequência da presença do pulsional no ser humano, ou no funcionamento do psiquismo.” (p. 94). Por outro lado, ao relacionar a compulsão à repetição à pulsão de modo indiferenciado, parece adotar uma leitura monista do conceito de pulsão.

Em “Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia Freudiana”, Caropreso & Simanke (2006) afirmam que em *Além do princípio do prazer* (1920) Freud introduz a tese segundo a qual, anteriormente ao funcionamento psíquico regido pelo princípio do prazer, deve haver outro, regido pela compulsão à repetição, mas que a introdução desta idéia, em 1920, “só representa uma novidade com relação à teoria do aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos* (1900) e que a idéia de uma atividade psíquica regida pela compulsão à repetição já estava presente no Projeto” (p. 213), de modo que, em 1920,

que: “Esta era, então, a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Em geral, só se via o primeiro ato, que era incansavelmente repetido como uma brincadeira em si, embora o maior prazer estivesse sem dúvida vinculado ao segundo ato” (FREUD, 2004/1920, p. 141). Ou seja: através dessa brincadeira, o desprazeroso transforma-se em prazeroso, levando a criança de uma situação de passividade e desamparo a outra situação, na qual ela é ativa e poderosa. Esta última constitui o ápice da brincadeira.

A pergunta que se impõe a Freud neste momento é: *como conciliar a repetição de algo desprazeroso com o princípio de prazer?*

Após outros exemplos de brincadeiras de crianças conclui não ser necessário atribuir a elas uma pulsão específica – “de imitação” – motivadora. No final das contas, “mesmo sob o domínio do princípio de prazer, existem meios e caminhos suficientes para transformar o que é em si desprazeroso em objeto de recordação e processamento psíquico” (FREUD, 2004/1920, p. 143). Com essa conclusão – a rigor, inconclusiva – ele põe essas questões de lado e aponta para o seu verdadeiro foco: as “tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer” (FREUD, 2004/1920, p. 143).

Nesse ponto, faz uma consideração a respeito das diversas etapas da evolução do método psicanalítico: inicialmente tratava-se de decifrar o inconsciente, organizar seus elementos e comunicá-los ao paciente na hora certa. Após certo tempo, o método avançou no sentido de – indo além da arte interpretativa (*Deutungskunst*) que constituía a psicanálise até então, satisfeita em simplesmente *interpretar* e *comunicar* – fazer o paciente *recordar* espontaneamente o material interpretado pelo analista, de modo a poder confirmá-lo em seu íntimo. Esse passo decisivo, em vigor até 1920, deslocava a ênfase do recalque para as resistências do paciente.

Porém, isso também não dá certo.

A descoberta de Freud – mola propulsora de seu artigo – é o fato notável de que muitas vezes, além de não conseguir recordar o material recalcado, o paciente “se vê mais forçado a *repetir* o recalcado como se fosse uma vivência do presente do que – tal como naturalmente seria a intenção do médico – a *recordá-lo* como sendo um fragmento do passado” (FREUD, 2004/1920, p. 144).

Salienta ainda que essa repetição sempre ocorre no âmago da relação de transferência com o analista, tendo como conteúdo um pedaço da vida sexual infantil, conteúdo este que não cessa de não se inscrever na história inconsciente do paciente, e por isso lhe impõe sua

infantis. Ao fazê-lo, refere-se ao material coletado, organizado e analisado por S. Pfeifer na revista *Imago*⁸⁰. Aqui aparece novamente privilegiado o ponto de vista econômico de sua metapsicologia. Está explícita nessa escolha a importância atribuída ao ganho de prazer na motivação para o *brincar infantil*.

Ou seja, mal ele propõe um novo entendimento para a neurose traumática (entendê-la a partir do paradigma da interpretação do sonho) faz uma parada brusca e nos leva em outra direção. Essa outra direção surge de maneira obscura. Ele cita este autor, que publicara um artigo em sua revista. Pfeifer estudara o comportamento infantil do brincar, sob determinada ótica, que ignorava um ponto de vista metapsicológico muito caro a Freud: o *econômico*. E é ao apontar para essa ausência que Freud inicia sua famosa análise – polêmica, reveladora e conceitualmente transformadora – do jogo do *fort da*.

5.3 O jogo do *Fort Da*

O jogo do *Fort Da*, descrito por Freud logo no começo de *Além do princípio de prazer* (2004/1920), tornou-se uma das mais conhecidas interpretações psicanalíticas sobre o brincar infantil. Conta-nos a história de uma criança de um ano e meio, saudável e inteligente. Não era precoce: “falava apenas algumas palavras compreensíveis e dispunha só de alguns sons significativos que eram entendidos por aqueles à sua volta” (FREUD, 2004/1920, p. 141). Bem comportada, sempre obedecia aos pais e a empregada. Chamava atenção o fato de ela *nunca chorar* quando a mãe estava ausente. Uma brincadeira inventada pela criança chama a atenção de Freud. Ela juntava os objetos ao alcance de suas pequenas mãos e os atirava pra os fundos do cômodo em que estivesse. Certa vez, ela empreendeu a mesma brincadeira fazendo uso de um carretel de madeira enrolado com um cordão. Atirava o carretel de madeira para bem longe, ao mesmo tempo em que segurava o cordão que o prendia, proferindo um sonoro “oooooh”. Depois ele o puxava de volta e o recebia com júbilo, exclamando um longo “da!”. Quando da observação de algumas repetições da brincadeira descrita, Freud conclui

⁸⁰ Revista criada por Freud em 1912. Ela era dirigida por ele, Hans Sachs e Otto Rank. Fundiu-se com outra revista, a *Internationale ärztliche Zeitschrift für Psychoanalyse* – conhecida pela sigla IZP – em 1939. O nome *Imago* faz alusão ao título de um romance de Carl Spitteler (1845-1924), romancista suíço premiado com o Nobel em 1919 (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 372).

Freud resgata hipóteses antigas. Enfim, como já é declarado no título: a compulsão a repetição é um retorno às origens da metapsicologia freudiana. Iremos questionar esta idéia e investigá-la mais a fundo.

A primeira vez que usou termo compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), Freud relacionou-o à transferência: as experiências reprimidas das quais o paciente não consegue se lembrar acabam sendo repetidas como vivências atuais na situação analítica, após um pequeno alívio da repressão (CAROPRESO & SIMANKE, 2006). Em raras ocasiões Freud considera sua manifestação pura, sem interferência de outros motivos. Deste modo, esses autores entendem que há uma íntima relação entre satisfação pulsional, enquanto obtenção de prazer, e compulsão à repetição (p. 219). E em suas considerações finais, insistem na idéia de que as inovações na metapsicologia freudiana, originadas em *Além do princípio do prazer* (1920), na verdade consistem num retorno às origens da própria metapsicologia. No artigo de 1920, algumas teses do *Projeto*, “até então apenas subentendidas nos desenvolvimentos posteriores, começariam a retornar à letra da teorização freudiana.” (CAROPRESO & SIMANKE, 2006, p. 221).

Se estes autores estiverem corretos, então a última virada epistêmica do pensamento freudiano seria um retorno às origens, e seu caráter inovador daria lugar a um novo caráter, de natureza conservadora. E se assim for, temos aqui uma oportunidade de desenvolver de maneira mais aprofundada uma questão paralela interessante: até que ponto, no interior de um sistema de pensamento já elaborado, uma nova idéia é realmente nova, ou apenas uma reformulação daquilo que já vinha sendo pensado há tempos?

1.5 Os casos clínicos de Freud: uma leitura entre *Eros e Tanatos*

Ainda que a teoria das neuroses não seja a responsável principal pela imposição do conceito de pulsão de morte na metapsicologia, é necessário, para esta pesquisa, investigar os cinco grandes casos clínicos de Freud.

Publicados entre 1905 e 1920, entre a formalização do conceito de pulsão nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e a primeira vez em que o conceito de pulsão de morte é usado por Freud, em *Além do princípio do prazer*, eles são o que temos de mais próximo

de uma *empíria*. Ou melhor, de uma espécie de *vivido transferencial*¹⁷ para esta pesquisa. Entendo este termo como, no caso da pesquisa aqui proposta, o campo da experiência concreta de Freud com seus pacientes. Não se trata, porém, de qualquer paciente atendido por Freud. Dentre todos eles, privilegio aqueles que desafiaram suficientemente a experiência, a técnica e o “saber insabido” de Freud a ponto de ele se dispor a publicar algo de novo a partir destas experiências: as “cinco psicanálises”, como são chamadas pelos autores franceses.

E como, curiosamente, estão situados em dois períodos críticos da produção metapsicológica de Freud, esses textos deverão fazer parte daqueles a serem investigados com minúcia na pesquisa proposta. Antes de tratar dos casos clínicos, um a um, segue uma breve relação dos seus títulos formais, em ordem de publicação: *Fragmento da análise de um caso de histeria* (2006/1905b); *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (2006/1909b); *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (FREUD, 2006/1909b); *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (FREUD, 2006/1911) e *História de uma neurose infantil* (FREUD, 2006/1918).

1.5.1 O Caso Dora

Ainda no início do desenvolvimento do conceito de pulsão, na época da publicação do seu *Fragmento da análise de um caso de histeria* (2006/1905b), mais conhecido como “Caso Dora”, e dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud parece estar mais próximo do que a partir de 1920 ele chamaria de pulsão de morte do que disso que no momento presente ele chama apenas de pulsão ou libido.

Trata-se do quadro clínico do caso Dora, logo no primeiro capítulo do artigo. Neste trabalho, que trata da análise detalhada de um caso de histeria, Freud afirma que o ponto fraco de todas as terapias, e da psicanálise, inclusive, está na luta contra as causas da doença histórica. Ele discorre num tom irônico sobre o desaparecimento espontâneo e aparentemente “milagroso” das doenças históricas quando, segundo ele, elas são privadas do seu motivo mais poderoso: “um dos usos que tinha na vida do enfermo” (FREUD, 2006/1905b, p. 52). Segue

¹⁷ Termo proposto por Joel Birman em “A clínica na pesquisa psicanalítica” (*Psicanálise e Universidade*, n. 2, 1994). Ver introdução.

dos seres humanos. Neste ponto, refere-se novamente a Fechner, citando uma confissão desse autor que em muito se assemelha à sua.

Freud explica a insuficiência do princípio do prazer através de sua caracterização enquanto um *processo primário*. A longa postergação da obtenção de prazer imposta pelo princípio de realidade é a resposta encontrada para esse problema. No entanto, o princípio de prazer constitui o modo primitivo de funcionamento do aparelho psíquico e também é a maneira própria de trabalhar das pulsões sexuais, as quais usualmente são atribuídos os adjetivos “indomáveis” e “difícilmente educáveis”.

Porém, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade corresponde apenas a uma pequena parte das experiências de desprazer. Uma segunda fonte de desprazer prejudica o *organismo*⁷⁹: são os conflitos e as cisões conseqüentes do “desenvolvimento do Eu em direção a organizações psíquicas mais complexas” (FREUD, 2004/1920, p. 138). É feita aqui uma digressão metapsicológica a respeito do processo de recalçamento, que leva o leitor em direção a afirmação psicanalítica de o desprazer neurótico ser “uma espécie de prazer que não pode ser sentido como tal”. Esta afirmação já fora trabalhada em momentos iniciais do percurso metapsicológico de Freud – basta fazer uma leitura dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b).

Em seguida, Freud aborda a questão das *neuroses traumáticas*. Elas se aproximam da histeria pelo aspecto corporal (ou seja: pela semelhança entre os seus *sintomas motores*), mas não apenas desta. Aproximam-se também da melancolia e da hipocondria (a terceira das *neuroses atuais*, junto com a *neurastenia* e a *neurose de angústia*), por conta do alto grau de sofrimento subjetivo envolvido. Todas essas semelhanças entre patologias até então diferenciadas nitidamente acabava por desafiar a compreensão do saber vigente na época. E ainda: o fato de aqueles que padeciam dessa neurose serem transportados para situações catastróficamente penosas em seus sonhos mais profundos era outro enigma com o qual Freud se deparava ao escrever este trabalho. Ainda assim, com todas essas questões à sua volta clamando por uma resolução imediata, ele aponta para outro campo – até então desconhecido, ou considerado menos importante pelos psicanalistas – aparentemente distante dessas questões: *o campo das brincadeiras*

⁷⁹ Este é um dentre outros termos de origem biológica presente na metapsicologia e nas especulações metapsicológicas que aparecerão ao longo do texto de Freud – e, portanto, devem ser mencionados ao longo deste capítulo.

Dualismo e especulação, portanto, surgem interligados e indissociáveis nessa nova malha conceitual tecida por Freud.

5.2 Fechner e a filiação epistemológica de Freud

A influência de Fechner sobre Freud situa-se no problema que aqui desenvolvemos, e o denominamos por *filiação epistemológica de Freud*. Sobre esse aspecto, deve-se ressaltar que Gay (2002) discorre sobre a influência da leitura de Fechner nos anos de formação médica do jovem Freud. Na década de 1880, ainda estudante de medicina, Freud estudava durante o dia os cientistas alemães de seu tempo, com o mesmo interesse que lia os clássicos (Rabelais, Shakespeare, Cervantes, Molière, Lessing, Goethe, Schiller, Lichtenberg e os gregos) madrugada à dentro. Gay (2002) afirma ter sido nesse período o conhecimento da obra de Nietzsche, a qual ele teria adquirido através do dispêndio de uma boa soma de dinheiro. No entanto, ao contrário do que acontecera, com outros autores, ele evitara a sua leitura continuamente durante muito tempo. Uma das razões apontadas pelo biógrafo é a preferência de Freud, naquele momento, pela informação clínica à antecipação explosiva do filósofo alemão. Diz ele: “Freud (...) apontaria os textos psicológicos do médico e filósofo alemão Gustav Theodor Fechner como os únicos que lhe pareceram úteis. Tinham-lhe elucidado a natureza do prazer” (GAY, 2002, p. 58). Com efeito, Coutinho Jorge (2010) salienta que “A ideia de princípio de prazer veio à luz com Gustav Theodor Fechner em 1848” (p. 56). E acrescenta que “Não foram poucos os conceitos metapsicológicos freudianos fundamentais extraídos diretamente da filosofia da natureza de Fechner” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 57). Dentre eles, destaca a concepção de uma “energia mental, a noção ‘topográfica’ do espírito, o princípio de prazer-desprazer, o princípio de constância e a repetição” (idem). Amparando-se numa obra sobre a história da descoberta do inconsciente, ele destaca o seguinte: “uma grande parte do quadro teórico da psicanálise não teria jamais surgido sem as especulações daquele que Freud chamava de ‘o grande Fechner’” (ELLENBERG apud COUTINHO JORGE, 2010, p. 57).

Não obstante, em 1920 ele critica a referida confirmação. Relata sua insuficiência em abarcar a totalidade da vida psíquica, insuficiência perceptível através da presença constante do desprazer na vida psíquica

afirmando que em todo caso de histeria plenamente desenvolvido é muito provável que se achem “motivos que sustentam a condição do doente”. (p. 52). Logo em seguida, faz um comentário curioso, uma vez que não cita nenhum exemplo, clínico ou metapsicológico, no sentido de desenvolver a sua afirmação. Mesmo falando, inclusive, de um exemplo que a contraria. Sigamos então, a pena de Freud nesta curiosa passagem:

Mas há casos com motivos puramente internos, como, por exemplo, a *autopunição*, ou seja, o *arrepentimento* e a *penitência*. Neles, verifica-se que a *tarefa terapêutica é mais fácil de solucionar* do que nos casos em que a doença se relaciona com a consecução de algum objetivo externo. No caso de Dora, esse objetivo era claramente o de sensibilizar o pai e afastá-lo da Sra. K. [grifos meus] (FREUD, 2006/1905b, p. 52).

O que temos de importante para nossa investigação no trecho citado? Em primeiro lugar, a consideração, por parte de Freud, do fenômeno da autopunição, exemplificado na clínica através do arrependimento e da penitência. Em segundo lugar, o lugar designado por Freud para a autopunição: ela é um motivo puramente interno. E, em terceiro e último lugar, percebemos certo desprezo, da parte de Freud, neste momento, quanto às dificuldades terapêuticas nos casos de autopunição. James Strachey salienta que, posteriormente, “Freud adotou outro ponto de vista a respeito das dificuldades terapêuticas nos casos de desejo inconsciente de punição” (In: FREUD, 2006/1905b, p. 52n), apontando para o artigo *O eu e o isso*, de 1923, fundador da segunda tópica do aparelho psíquico e escrito na seqüência da imposição do conceito de pulsões de morte em *Além do princípio do prazer* (1920).

Outra razão para havermos incluído o *Caso Dora* em nossas fontes primárias a respeito da imposição do conceito de pulsões de morte na metapsicologia freudiana é encontrada apenas algumas poucas páginas adiante do citado acima. Ao investigar a origem de pensamentos de Dora, ressaltando o caráter repetitivo deles, Freud os identifica àqueles denominados por Wernicke de *hipervalentes (Überwertig)*, interpretando-os como uma seqüência de pensamentos superintensa que “deve seu reforço ao inconsciente.” Neste momento, ao citar as palavras que Dora tanto repete, somos apresentados a uma longa reflexão da jovem histerica sobre as razões pelas quais ela deveria pensar em outras coisas que não o adultério realizado pelo pai. Ao final da reflexão, que

termina com a frase “não posso perdoá-lo”, Freud nos direciona a uma nota de pé de página, na qual afirma que, com frequência, esse incessante pensamento, ligado a uma profunda depressão, é “o único sintoma de um estado patológico descrito como ‘melancolia’, mas que pode ser solucionado pela psicanálise como uma histeria.” (FREUD, 2006/1905b, p. 59). Ou seja, neste artigo ele trata de um problema fundamental para o tratamento da histeria, e também da melancolia, sendo esta tratada como uma histeria. E este problema fundamental é justamente uma das características da pulsão de morte: a repetição, no caso da histeria propriamente dita, e o sentimento inconsciente de culpa, no caso da melancolia ligada a uma grave depressão.

Passando do início para o fim deste artigo, e nos dirigindo mais especificamente ao encerramento do capítulo III e do posfácio, encontramos outros indícios de que a imposição da pulsão de morte na teoria psicanalítica já estava se fazendo em silêncio desde o início da teoria pulsional. Freud acrescenta algumas observações sobre a estrutura do segundo sonho de Dora, mais uma vez em nota de rodapé. Ao fazê-lo, aponta para o leitor as fantasias, atos e pensamentos de *vingança* que estão ali presentes, e de como as fantasias de ternura e de defloração representada do ponto de vista do homem também aparecem neste sonho. Ao final desta nota tão extensa, temos a frase que finaliza o artigo: “Realizam-se nesse sonho moções cruéis e sádicas”. (FREUD, 2006/1905b, p. 107n).

Sabemos que “moções” é um dos nomes pelos quais Freud designa o conceito de *Trieb* (pulsão)¹⁸. O que é notável, nesta passagem, é percebermos, tão cedo num escrito de Freud, uma concepção de pulsão cruel e sádica, diferente da concepção de pulsão sexual e libido presente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ou seja, diferente da concepção de pulsão que ele acabara de desenvolver até então (com a qual afirmava serem todas as pulsões da mesma índole).

E isso não é tudo. No posfácio deste artigo, Freud inicia a penúltima página com uma reflexão a respeito da relação entre reação terapêutica negativa – uma das manifestações da pulsão de morte – e transferência:

Quando, no decorrer do tratamento, as moções de crueldade e os motivos de vingança já usados na vida do paciente para sustentar seus sintomas

¹⁸ Com efeito, *Trieb* (pulsão) e *Triebregung* (moção pulsional) podem ser sinônimos em alemão.

realidade, esse princípio de constância que dá origem ao princípio de prazer. Isso está relacionado a um princípio fechneriano conhecido como “tendência à estabilidade”.

Ou seja: ainda que de origem especulativa, construída em cima de suposições, ambos (tanto o princípio de constância como o princípio do prazer) estão suportados por um autor do gabarito de Fechner – o que não é pouca coisa para o panorama científico do início do século XX. Freud consegue não apenas dialogar com um autor de uma das *Naturwissenschaften* – a Fisiologia – como também fortalece um importante fundamento de sua teoria através desse diálogo. Com efeito, convém refletir sobre a influência de Fechner no pensamento de Freud. Cientista dedicado, este homem é apresentado pelos livros (de história da psicanálise e enciclopédias) como um pesquisador dotado de uma dupla face: cientista e filósofo.

Dentre os diversos estudos que Fechner realizou, destacam-se os estudos da ótica, eletricidade e das chamadas *imagens persistentes* – que lhe deixaria parcialmente cego após horas observando diretamente o sol, bem como um estudo de filosofia do qual se originou uma nova teoria sobre o *dualismo*. Segundo ela, “o dualismo entre corpo e alma, próprio do homem, se verifica em todas as esferas do universo” (BARSA, 2002, v. 6, p. 213). Suas ideias a esse respeito estão no livro *Zend-Avesta: ou sobre as coisas do céu e do outro mundo [Zend-Avesta: oder über die Dinge des Himmels und des Jenseits]*, de 1851. É de saltar aos olhos a semelhança entre a ideia de um dualismo pertencente a “todas as esferas do universo” e o novo dualismo pulsional – que ele exemplifica como estando em *todas as esferas da vida* – defendido por Freud ao longo das linhas que seguem. Mais do que isso, é de fato impressionante a correspondência entre a última palavra do referido trabalho de Fechner e a primeira palavra do trabalho de Freud sobre o qual estamos dissertando agora. Trata-se, na realidade, da mesma palavra: *Jeinseits*. Percebe-se que, em alemão, ela designa algo que está *além*, no sentido de “distante” ou “um pouco depois” – tal como o leitor de Freud deduz ao ler o título rapidamente. Mas percebe-se também que ela designa algo que está além do mundo que conhecemos – e pertence, portanto, a *outro mundo*, como no título do livro de Fechner – além da realidade que vivemos ou que podemos conhecer. Um pouco parecido com aquilo que, em nossa língua, chamamos de coisas do *além*.

todo – um trabalho acabado, concluído, pronto – mas não ter sido rejeitado em suas partes, posto que elas se mantêm presentes ao longo da obra freudiana.

Logo no início deste trabalho, Freud coloca em “xeque” o princípio do prazer. Inicialmente, ele ressalta ser – dentro da sua metapsicologia – o fator econômico privilegiado para se definir o princípio do prazer. Afinal, prazer e desprazer são, a partir de nossa própria experiência, definidos a partir da quantidade de excitação presente em nossa vida psíquica. Ressalta o fator decisivo para se formar uma sensação: a magnitude de *aumento* ou *redução* da excitação durante determinado intervalo de tempo. Cita uma ideia de Fechner⁷⁷, renomado autor da área da fisiologia médica.

Freud aborda os alicerces de sua crença, manifestada até então com demasiada veemência, no princípio do prazer. Pergunta-se, inicialmente, pela origem da hegemonia do princípio do prazer, o que o leva à tendência do aparelho psíquico de manter a sua quantidade de excitação tão baixa quanto possível, ou então constante⁷⁸. É, na

⁷⁷ Gustav Theodor Fechner (1808-1887) é definido pela Barsa (2002, v. 6, p. 213) como “físico por formação e filósofo por vocação”. Seu nome consta na história da psicologia moderna, na qual é retratado como pioneiro, em função de estudos sobre a *psicofisiologia das sensações*. Dotado de amplo interesse científico, ele executou uma variada gama de pesquisas. Seu livro mais importante é o *Elementos de psicofísica* [*Elemente der Psychophysik*], de 1860. A psicofísica é um gênero da ciência fundada por Gustav Fechner, entendida como a precursora da psicologia experimental. Ela surge na época do florescimento pleno do experimentalismo e da afirmação do positivismo. Trata dos fenômenos relativos ao estabelecimento das “relações quantitativas exatas entre os dados do mundo físico e os fenômenos psíquicos, em especial entre um estímulo físico e a sensação que ele produz” (BARSA, 2002, v. 12, p. 90). Tendo como método a determinação da “intensidade das sensações por meio da avaliação rigorosa dos estímulos” (BARSA, 2002, v. 12, p. 90). Fechner não apenas forjou o nome e a ciência *psicofísica*, como também dominou todo o período inicial ou clássico dessa ciência. Os avanços mais recentes dessa ciência nada são do que o aprimoramento dos seus métodos e o aumento de seu alcance. Deve-se também à Fechner a formulação da lei clássica dessa ciência, a qual afirma que “Enquanto o estímulo cresce em progressão geométrica, a sensação cresce em progressão aritmética” (BARSA, 2002, v. 12, p. 90).

⁷⁸ Todas essas questões relativas ao *Projeto* já foram apresentadas no Capítulo 2 – As Origens da Metapsicologia. Com efeito, são em momentos como estes do texto de Freud em que se percebe a retomada dos temas esboçados no *Projeto*. Reformulando-os, descartando-os ou os reescrevendo, Freud continua trabalhando em momentos posteriores com as idéias desenvolvidas desde o *Projeto*. O que reforça a afirmação de Garcia-Roza (2001), apresentada no capítulo 2 desta dissertação, de o *Projeto* haver sido descartado enquanto um

transferem-se para o médico, antes que ele tenha tido tempo de afastá-los de sua pessoa reconduzindo-os a suas origens, não surpreende que o estado do enfermo não exiba a influência de seu empenho terapêutico. De que maneira pode o doente vingar-se com mais eficácia do que demonstrando, em sua própria pessoa, quão impotente e incapaz é o médico? (p. 115).

Temos aqui mais uma vez o termo “moções”, caracterizado pelo substantivo “crueldade”. Também é notável a aparição da palavra “vingança” novamente. Tendo em vista tanto a aparição destes termos como a sua recorrência ao longo do artigo, o *Caso Dora* – o primeiro dos grandes casos clínicos escritos por Freud ao longo de sua obra – é possível perceber aqui a presença daquilo que somente quinze anos mais tarde receberá o nome de *pulsão de morte*.

Contudo, como veremos a seguir, ele não é o único dos grandes casos clínicos a fornecer ao seu leitor evidências ou indícios de elementos embrionários do conceito de *pulsão de morte*.

1.5.2. O Pequeno Hans

O artigo *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, conhecido como “Pequeno Hans”, foi publicado em 1909. Ainda na sua introdução, Freud adverte o leitor a respeito de como as crianças reagem quando se deparam com o surgimento de um irmãozinho, através de dois exemplos. O primeiro, no corpo do texto, está condensado na frase de Hans ao se deparar com sua irmãzinha e adoecer logo em seguida. Em meio à sua febre, diz ele: “Mas eu não *quero* uma irmãzinha!” (2006/1909b, p. 20). O segundo exemplo é de outra criança, um pouco mais velha que Hans, que, ao ser apresentada ao irmão mais novo, saúda-o com a frase: “A cegonha pode levá-lo de volta.” (p. 20n). Neste ponto, ele remete o leitor ao capítulo V, Seção D de sua obra inaugural. Estamos falando aqui do tópico “Sonhos com pessoas mortas”, de *A interpretação dos sonhos*, onde aparece pela primeira vez em sua obra o termo *complexo de Édipo*.

Já que chegamos até aqui, é válido conceder-mos uma breve digressão. O desejo infantil de morte expresso nos dois exemplos citados acima, a relação feita pelo próprio Freud destes dois exemplos com o trecho de sua obra inaugural sobre sonhos com pessoas mortas,

em que surge o tema tão caro à psicanálise que é o complexo de Édipo, não seria isso tudo um *indício de uma possível relação entre pulsão de morte e complexo de Édipo*? Se assim for, poderemos retroagir a nossa busca pelas razões que impuseram a Freud a idéia de uma pulsão de morte até o período de quatro anos em que Freud se concentrou na redação de *A Interpretação dos sonhos* (1900).

Outro fato notável que podemos constatar na leitura deste caso clínico (Pequeno Hans) é o início da dissidência de Adler do movimento psicanalítico, e, por sua vez, o início da divergência conceitual e clínica entre os dois. Essa divergência tem como motivo principal a tese de Adler a respeito de uma “pulsão de agressão”. No artigo *A pulsão de agressão na vida e na neurose (Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose)*, Adler afirma que a angústia surge como resultado da supressão desta pulsão. E vai além: confere a esta pulsão “o papel principal nos acontecimentos humanos” (FREUD, 2006/1909a, p. 125). Mas ainda que, num determinado momento deste caso clínico, Freud explique a angústia como o resultado do recalçamento das inclinações hostis por seu pai e as sádicas pela mãe, e se aproxime da ratificação da tese de Adler sobre a pulsão de agressão, ele toma outro caminho.

A esta altura de sua produção literária, Freud não aceita a existência de uma pulsão agressiva, em especial ao lado das pulsões já conhecidas, as pulsões sexuais e as pulsões do eu, e da mesma *qualidade* destas. O que Adler afirma ser uma pulsão especial e “auto-subsistente” é, na opinião de Freud (2006/1909a, p. 126), “um atributo universal e indispensável” de *todas* as pulsões. Deste modo nada restaria das outras pulsões a não ser a sua relação com uma meta, uma vez que “a sua relação com os meios de alcançar esse meta teria sido retirada deles pelo ‘instinto agressivo’ [pulsão agressiva]”. Freud argumenta que, não obstante a fragilidade da sua jovem teoria pulsional, é da sua preferência aderir ao ponto de vista que concede a cada pulsão o seu próprio poder de se tornar agressiva. Sendo assim, acaba optando por reconhecer os dois tipos de pulsões que se tornaram recalçadas em Hans como “componentes familiares da libido sexual.” (p. 126)

Numa nota de rodapé acrescentada em 1923, Freud observa que no momento em que publicava o artigo – era o ano de 1909 – Adler ainda era um iniciante no terreno pestilento da psicanálise, e ainda não havia tomado partido da concepção de “protesto masculino” e nem rejeitado o conceito de recalçamento. Daquele período até então, Freud admite ter sido obrigado a “afirmar a existência de um instinto agressivo [pulsão agressiva]”, ainda que este não seja o mesmo que aquele proposto por Adler: “Prefiro chamá-lo de ‘instinto destrutivo’ [pulsão

Capítulo 5 – O Despertar de *Tanatos*

Sendo este o último capítulo desta dissertação, deve-se salientar aqui a razão de sua localização. O artigo *Além do princípio de prazer* (2004/1920), por apresentar ao público o conceito de pulsão de morte, tem um estilo de escrita fortemente especulativo. Esse estilo é reconhecido por Freud com receio – isto fica claro quando se observa a frequência com que ele pede licença ou desculpas ao leitor para continuar especulando.

A introdução do conceito de pulsão de morte na malha conceitual da psicanálise nos faz repensar sobre o conceito de pulsão. Afinal, se estamos agora diante de um novo dualismo pulsional, estamos também diante de uma nova leitura – e, portanto, de novos sentidos – do conceito de pulsão.

A questão sobre monismo versus dualismo também está presente ao longo do texto de Freud. No entanto, ao invés de estar limitado a passagens específicas do texto, esse problema encontra-se espalhado – aqui e ali – ao longo de todo esse artigo metapsicológico. Afinal, em rigor, não podemos separá-lo do caráter especulativo da pulsão de morte. Pois ele é o responsável tanto pela manutenção do dualismo quanto pela sua problematização.

Entretanto, ainda que pareça demasiado especulativo, há um parágrafo em especial sobre a pulsão de morte articulada a suas manifestações clínicas. Além desse parágrafo, podemos pensar, ao longo desse texto, sobre os casos clínicos mencionados no primeiro capítulo desta dissertação. Pois quando *Além do princípio de prazer* (2004/1920) é publicado, eles já haviam sido escritos, debatidos e publicados. Alguns aspectos incompreensíveis destes casos, por serem demasiado obscuros e silentes, podem ser compreendidos após as mudanças provocadas com a introdução do conceito de pulsão de morte. Uma introdução talvez seja um modo muito restrito de falar; veremos que se trata, de fato, de uma *imposição a Freud*.

5.1 Revisões teóricas

Freud começa o seu artigo revisando algumas considerações antigas da sua teoria. Ele repensa sua tese fundamental até então, que afirmava ser tudo aquilo que provoca no psíquico um aumento de tensão a causa da experiência do desprazer; e sendo, portanto, o alívio dessa tensão – ou seja, sua diminuição – a causa do sentimento de prazer.

destrutiva] ou 'instinto de morte' [pulsão de morte]." (FREUD, 2006/1909a, p. 125n)

Somente no final desta extensa nota de pé de página, por meio da intervenção precisa de James Strachey, que aponta para o leitor o capítulo VI de *O mal-estar na civilização*, podemos, finalmente, surpreender em flagrante a surpresa de Freud ao recordar a sua oposição ao reconhecimento da onipresença de uma “destrutividade não-erótica”.

Tendo em vista as características destacadas deste caso clínico, ficou clara a sua importância para o nosso estudo. Com efeito, a discussão de Freud com Adler a respeito de uma pulsão destrutiva e independente não pode ter passado pela história do movimento psicanalítico sem deixar efeitos nas elaborações posteriores de Freud. Além disso, a relação do desejo de morte, expresso tão sinceramente pelas crianças e os sonhos com pessoas mortas tão frequentes nos adultos – relação apontada pelo próprio Freud em nota de rodapé – nos conduziu pela direção de tentar estabelecer *uma possível relação entre pulsão de morte e complexo de Édipo*. Pois tanto o que fora estabelecido enquanto atributo universal e indispensável de todas as pulsões – a regressão a um estado anterior – quanto o que caracteriza o conceito de pulsão de morte – a destrutividade – estão presentes na ideia de um complexo edípiano. A destrutividade do desejo de morte dirigida ao pai, suportada pelo desejo de regresso a um estado anterior – que está expresso no desejo de fundir-se com o corpo materno. Isso explicaria a força da manifestação da pulsão de morte na transferência com o analista – através da reação terapêutica negativa e pela compulsão à repetição, por exemplo. De todo modo, essa ideia poderá mostrar-se de maneira mais evidente no caso clínico a seguir.

1.5.3 O Homem dos ratos

O artigo *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, conhecido também como o “Homem dos Ratos”, foi publicado em 1909, mesmo ano de publicação do “Pequeno Hans”. Ao ouvir do paciente sobre o suplício dos ratos, Freud percebe em sua face uma curiosa expressão, interpretada por ele como “uma face de *horror ao prazer todo seu*”¹⁹

¹⁹ É importante observar que o termo grifado é tradução de segunda via (a primeira é a de James Strachey) da palavra alemã *Genuss*, a partir da qual Lacan desenvolve seu conceito de Gozo.

[grifo meu] *do qual ele mesmo não estava ciente.*” (FREUD, 2006/1909b, p. 150)

Depois de transcorrido certo tempo de tratamento, Freud faz uma “construção em análise”²⁰. Nessa construção, o paciente, antes dos seis anos de idade, teria sido culpado por algum comportamento ligado à masturbação e, em função disso, severamente castigado pelo pai. Como efeito da punição paterna, a masturbação cessou, mas deixou atrás de si “um rancor inextinguível pelo seu pai [grifo nosso] e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual do paciente.” (FREUD, 2006/1909b, p. 179).

Em seguida o paciente leva para a análise uma recordação de sua mãe a respeito de uma cena da sua infância. Quando criança, o paciente comete uma travessura e, em conseqüência disso, apanha de seu pai. É tomado de raiva e insulta o seu pai enquanto apanha, dizendo nomes de objetos conhecidos por ele, tais como lâmpada, toalha e prato. Abalado com esta explosão de fúria, seu pai interrompe a surra e diz: “O menino ou vai ser um grande homem, ou um grande criminoso!” – deixando uma impressão permanente, tanto em si mesmo como em seu pai. Seu pai jamais bateria nele novamente. A partir daí, passou a sentir “medo da violência de sua própria raiva” (FREUD, 2006/1909b, p. 180), a ser dominado por um terrível medo de pancadas, a se esconder, tomado pelo terror e pela indignação, quando um dos irmãos apanhava. Ao indagar a mãe a respeito da veracidade desta história reveladora, ela a confirma e acrescenta que o paciente havia apanhado, nesta marcante cena de sua infância, por ter mordido alguém, provavelmente a babá.

A importância desta cena de infância para o tratamento deste paciente é notável. Freud salienta que sua emergência dissuadiu pela primeira vez o paciente “em sua recusa a acreditar que, em algum período pré-histórico de sua infância, tivesse sido tomado de fúria (que, a seguir, se tornara latente) contra o pai, a quem amava tanto.” (p. 182) A partir disso, o tratamento vai se aprofundando até ao ponto em que, em seus sonhos, fantasias despertadas e associações, ele começa a

²⁰ Para Laplanche & Pontalis (2001), o termo construção é utilizado por Freud para designar uma elaboração do analista mais ampla e remota do material que a interpretação, destinada a reconstituir tanto a realidade como a fantasia de uma parte da história infantil do sujeito. Roudinesco & Plon (1998) salientam o fato de ser este conceito uma tentativa de Freud aliviar a onipotência da interpretação. Sobre o tema, ver VEGAS, Márcio Z. A noção freudiana de construção (Curitiba: Juriá, 2008), publicação de sua dissertação de mestrado realizada em nosso Programa.

Na conclusão deste artigo metapsicológico, ressalta-se a equivalência entre a transformação de amar em ser amado e a polaridade atividade-passividade. Previamente estudada nos casos da pulsão de olhar e do sadismo. Destacam-se também os destinos da pulsão – tema central do artigo. Declara Freud: “Podemos então destacar que os destinos da pulsão consistem essencialmente em que as *moções pulsionais estão submetidas às influências das três grandes polaridades que dominam a vida psíquica*” (2004/1915, p. 162). Com efeito, essas três polaridades são agora nomeadas pelo seu autor: atividade – passividade recebe a rubrica de *biológica*. A polaridade eu – mundo exterior é denominada *real*. E a polaridade prazer – desprazer se inscreve sob o signo de *econômica*.

Este não é o último dos artigos de metapsicologia. Muito pelo contrário: trata-se do primeiro numa série de trabalhos nessa tentativa de Freud descrever suas observações e experiências clínicas conceitualmente. Entretanto, como não faz parte de nosso objetivo trabalhar todos, passaremos agora para o *Além do princípio do prazer*. Texto no qual o conceito de pulsão de morte é introduzido e defendido por Freud pela primeira vez.

do ódio em sua conduta para com o objeto. Só com a instauração da organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio” (FREUD, 2004/1915, p. 161).

Nesse sentido, Freud pensa numa anterioridade do ódio em relação ao amor. Ele propõe essa ideia a partir de uma análise do amor e do ódio *enquanto uma relação com o objeto*. Pensando dessa maneira, *o ódio seria mais antigo que o amor*. Surgiria do repúdio do eu narcísico aos estímulos provenientes do mundo exterior. “O ódio é uma exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos e mantém sempre um estreito vínculo com as pulsões de conservação do Eu” (FREUD, 2004/1915, p. 161). A partir disso, então, ele salienta a facilidade com que as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais podem repetir entre si a conhecida oposição entre amor e ódio, para concluir: “Quando as pulsões do Eu passam a ter o domínio sobre a função sexual, tal como ocorre na etapa da organização anal-sádica, elas também transmitem à meta pulsional as características do ódio” (FREUD, 2004/1915, p.161).

Freud discorre brevemente a respeito da *história do surgimento e desenvolvimento das relações amorosas*. Do que se depreende que o amor nunca se manifesta desacompanhado do ódio – de modo ambivalente, portanto. Essa ambivalência é consequente da inevitável mistura entre amor e ódio; essa mistura, por sua vez, origina-se em períodos anteriores à instauração do amor enquanto tal. Períodos arcaicos, mas ainda não concluídos, que permanecem ao lado dos períodos atuais.

Como compreender isso? Diz Freud: “Isso em parte pode ser explicado pelas reações das pulsões do Eu, que nos freqüentes conflitos de interesse entre o Eu e o amor podem encontrar motivos reais e atuais para rejeitar o objeto” (FREUD, 2004/1915, p. 161). E, diante dessa possível explicação, ele conclui que “em ambos os casos, o ódio, que foi amalgamado ao amor, remonta às pulsões de conservação do Eu” (FREUD, 2004/1915, p. 161). Fala também sobre a aparente impressão de presenciar uma transformação de amor em ódio. Uma impressão que todos ficamos ao notar que o ódio rapidamente toma o lugar do amor quando se rompe com aquilo que até então fora um objeto de amor. Contrariando essa forte impressão, entretanto, Freud insiste em apostar na suposição do recebimento de um “reforço adicional pela regressão do amar até a etapa preliminar sádica, de modo que o odiar adquira então um caráter erótico que assegura a continuidade de uma relação de amor” (FREUD, 2004/1915, p. 161-2).

acumular “os mais grosseiros e indecorosos impropérios” contra Freud e seus familiares, enquanto que, em suas ações determinadas o trate sempre com o maior respeito. Isto aparece notavelmente na passagem em que, ao entrar no consultório de Freud, o paciente se depara com Anna, sua filha mais nova e, a partir de então, passa a sonhar com ela, relatando posteriormente este sonho à Freud, no qual via Anna à sua frente com dois pedaços de merda no lugar dos olhos (FREUD, 2006/1909b, p. 175). A interpretação, feita por Freud, deste sonho tão impactante, expressa na sentença “eu me caso com a sua filha, não pelos seus belos olhos, mas pelo seu dinheiro”, traz ainda mais à tona a agressividade que é tão marcante neste paciente.

Ao repetir os insultos a Freud, o paciente agia como um homem desesperado: “Como pode um cavalheiro como o senhor”, ele costumava perguntar, “deixar-se xingar desse modo por um sujeito baixo e à toa como eu? *O senhor devia me enxotar, é o que mereço [grifo meu]*” (FREUD, 2006/1909b, p. 182)²¹.

Todos estes exemplos nos levam a uma única conclusão: a de que este caso clínico contém notáveis elementos embrionários da idéia de uma pulsão de morte. Isto aparece desde o primeiro momento quando Freud se surpreende ao perceber no paciente uma face de horror a um prazer inconsciente, por exemplo. Mas não para por aí. Vai mais além, passando pela experimentação de um rancor inextinguível pelo pai, fixando-o como perturbador de seu gozo sexual. Na exclamação feita pelo pai de que ele seria um grande homem, ou um grande criminoso, entendemos de que se trata do crime edipiano o motivo principal da sua exclamação.

Chegando, por fim, à transferência do paciente com Freud, é através dela que somos brindados com duas frases impactantes. A primeira delas surge no sonho com a filha de Freud na qual ela aparece com dois pedaços de bosta em lugar dos olhos. E a segunda é a enfática “O senhor devia me enxotar, é o que mereço”. Não há como negar que o sadismo e o masoquismo – manifestações de dois pólos (ativo e passivo) possíveis da meta pulsional (conforme consta no capítulo sobre a pulsão) e da agressividade e destrutividade características da pulsão de morte – imperam em todas essas situações, todas elas expressões do conflito edipiano. O que favoreceu a nossa idéia de traçar uma relação – muito embora não tenha sido possível definir com clareza os contornos dessa relação – entre a pulsão de morte e o complexo de Édipo.

²¹ Ver AGUIAR, F. A Methodik: um embaraço na escrita de Freud. *Percurso*, nº 42, 2009, p. 27-42.

1.5.4. O Presidente Schreber

O artigo *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* é o estudo de Freud conhecido como o *Caso Schreber*. Diferentemente dos outros grandes casos clínicos escritos por Freud, trata-se de um sujeito jamais visto por ele. Nunca foi seu paciente nem conheceu seus alunos ou colaboradores do movimento psicanalítico. Portanto, Schreber em pessoa jamais chegou a ser, propriamente, um paciente de Freud.

Contudo, o doutor em Direito Daniel Paul Schreber, autor do livro *Memórias de um Doente dos Nervos (Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken)*, publicado pela primeira vez no ano de 1903, descreveu de maneira tão precisa, sincera e impressionante os detalhes de seu delírio nas suas memórias que elas se tornaram objeto de estudo e discussão nos meios psiquiátricos germanófonos e, sobretudo, o vienense. Deste modo, em 1910, alguns anos após a sua publicação, as memórias de Schreber passaram pelas mãos de Freud e, em 1911, este publicou um estudo minucioso sobre as confissões delirantes do Presidente da Suprema Corte Alemã.

A justificativa para a inclusão deste caso clínico em nossa bibliografia de estudo é fundamentada, sobretudo, nas observações de Strachey, no prefácio a este artigo (FREUD, 2006/1911, p. 17) sobre a importância deste trabalho. Ultrapassando os limites de um simples estudo de caso de paranóia, este artigo é precursor dos trabalhos metapsicológicos de Freud, escritos e publicados cerca de três anos mais tarde. É o caso, por exemplo, das observações sobre narcisismo (p. 70 e seg.), assim como do exame e da descrição de algumas pulsões, o que abriu o caminho para o importante escrito metapsicológico sobre a pulsão e os seus destinos.

Cabe ressaltar algo já comentado no subitem anterior desta dissertação, mas relacionado com o problema das psicoses e do novo dualismo pulsional. Através da leitura de Prata (2000), sabemos que no final do escrito *A negativa* (1925), Freud aponta para o fato de a função do julgamento corresponder à dualidade pulsão de morte e pulsão de vida. Neste mesmo artigo, vemos Freud dar uma positividade às pulsões de morte, para, em seguida, alertar o leitor a respeito do negativismo dos psicóticos, entendendo este como consequência de uma desfunção das pulsões realizada “através da retirada dos componentes libidinais, ou seja, da retirada de Eros e do trabalho solitário de Tanatos.” (FREUD apud PRATA, 2000, p. 121-2).

seguir que “a relação de desprazer parece ser a única decisiva. O Eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fonte de desprazer” (FREUD, 2004/1915, p. 160). Acrescenta ainda que “os verdadeiros modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela sobrevivência e para se impor” (FREUD, 2004/1915, p. 160). Nesse sentido, apesar de se apresentarem como um par de opostos quanto ao seu conteúdo, a relação entre amor e ódio “não provêm da clivagem de um elemento original comum, possuem origens diversas e cada um passou pelo seu próprio desenvolvimento antes de, sob a influência da relação prazer-desprazer, tomarem a forma de opostos” (FREUD, 2004/1915, p. 160).

No âmago dessa declaração da complexidade da relação entre amor e ódio, ele esboça um resumo – uma tentativa de traçar a gênese destes dois pólos. Impõe-se uma análise um pouco mais detalhada da oposição entre amor e ódio. Somente com relação a seus conteúdos pode-se dizer que eles formam um par – um par de opostos. Diz Freud: “O amor nasce da capacidade do Eu de satisfazer uma parte de suas moções pulsionais de maneira auto-erótica, obtendo o prazer de órgão” (2004/1915, p. 161). Acrescenta ser ele *originalmente narcísico*; e que, posteriormente, ele “passa para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado”, expressando, portanto, “os esforços motores do Eu em direção a esses objetos que são fontes de prazer” (FREUD, 2004/1915, p. 161). O que se está buscando afirmar nessa passagem da pena de Freud é a forte ligação – a ponto de elas se coincidirem entre si – entre o amor e a vertente sexual [*Sexualstrebung*] como um todo. Sobretudo, a partir de uma forte conexão entre o amor e a síntese das futuras pulsões sexuais. Com efeito, algumas etapas preliminares do amar emergem como metas sexuais provisórias. É o caso do *incorporar* e do *devorar*. Freud os destaca enquanto equivalentes um ao outro – *devora-se um objeto para incorporá-lo*.

Sobre essa forma de o amor se manifestar, afirma Freud: “Trata-se de uma espécie de amor capaz de coexistir com a eventual interrupção da existência própria e autônoma do objeto e que, portanto, pode ser caracterizada como uma forma de amor ambivalente” (FREUD, 2004/1915, p. 161). E ele segue afirmando que “em uma etapa mais elevada, a da organização anal-sádica, o interesse pelo objeto surge na forma de um ímpeto de apoderamento indiferente ao dano ou à aniquilação que possa causar ao objeto” (FREUD, 2004/1915, p. 161). Cabe destacar aqui sua declaração a respeito da similaridade entre amor e ódio nessa etapa. Isso não poderia estar mais claro na seguinte sentença: “Essa forma e etapa preliminar do amor quase não se distingue

desprazer. Do mesmo modo como outra das oposições relativas ao amor – o par de opostos amor-indiferença – corresponde à oposição eu-mundo exterior. Freud explicita essa correspondência: “Quando a etapa puramente narcísica dá lugar à etapa objetual, prazer e desprazer passam a significar as relações do Eu com o objeto” (FREUD, 2004/1915, p. 159). E ele segue afirmando isso com todas as letras. Na medida em que o objeto se configura como fonte de prazer, surge então uma tendência motora que busca trazer esse objeto ao eu no intuito de incorporá-lo. Fala-se em atração pelo objeto, bem como em amor por ele, nesses casos. Do mesmo modo, sente-se ódio e repulsa pelo objeto quando ele é fonte de desprazer. Com efeito, Freud explora o papel do ódio e da agressividade dentro dessa lógica de pares de opostos. Diz ele que “esse ódio pode então intensificar-se a ponto de se tornar uma inclinação para a agressão contra o objeto, com a intenção de destruí-lo” (FREUD, 2004/1915, p. 159). Entretanto, ele adverte que “as relações de amor e ódio não poderiam ser utilizadas para se referir às relações das pulsões com seus objetos, e sim que estariam reservadas para a relação do Eu-total com seus objetos” (FREUD, 2004/1915, p. 160), mas elas estariam reservadas para a relação dele com seus objetos.

Ele explica isso argumentando por meio de uma breve análise da língua falada, colocando ênfase nas palavras comumente usadas para se referir a tudo aquilo que deriva do primeiro dualismo pulsional. Pois se para se referir aos objetos que servem à conservação do eu, diz-se “ter necessidade de”; e para se referir à ideia de um amar intenso em relação a esses objetos, diz-se “gostar”, “achar agradável”. Nesse sentido, Freud ressalta: “se optarmos por seguir os usos do idioma, os quais afinal têm sempre sua razão de ser, notaremos ainda outra demarcação no significado de amor e ódio”. Acrescenta outra sentença, na qual delimita ainda mais essa relação. No parágrafo seguinte, ele declara: “Portanto, a distinção entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais que havíamos imposto à nossa psicologia revela-se em sintonia com o espírito de nossa língua” (FREUD, 2004/1915, p. 160).

Com efeito, poder-se-ia dizer, como força de expressão, que “uma pulsão ama o objeto por meio do qual aspira a obter satisfação” (FREUD, 2004/1915, p. 160). Mas não se poderia fazer o mesmo e tentar dizer que uma pulsão odeia determinado objeto. Não teria, nem de longe, o mesmo efeito. Isso fica mais claro nos próximos parágrafos, em frases diversas. Numa delas, por exemplo, ele enuncia: “Também é digno de nota que, ao se utilizar a palavra odiar, não se evoque nenhuma relação estreita com o prazer sexual e com a função sexual” (FREUD, 2004/1915, p. 160). De fato, ele se detém neste enunciado, salientando a

Ora, estando o problema da paranóia vinculado de alguma forma às especulações metapsicológicas de Freud a respeito do narcisismo, do recalçamento e da teoria das pulsões (e, neste caso, sobretudo o problema do dualismo pulsional), a leitura do Caso Schreber parece relevante para o desenvolvimento de futuros trabalhos a partir da pesquisa realizada, com o objetivo mesmo de verificar e o intuito de esclarecer a nossa aposta nessa relação entre os aspectos próprios da pulsão de morte e o conflito edipiano.

1.5.5 O Homem dos lobos

No artigo *História de uma neurose infantil*, conhecido também como “Homem dos lobos”, Freud trabalha com o tema da neurose infantil; mas, distintamente do caso clínico do pequeno Hans, desta vez trata-se de um paciente adulto. O tema da construção em análise é detalhado passo a passo no desenrolar do caso clínico, assim como outras importantes figuras da sua metapsicologia: “cenas primárias” e “fantasias primárias”, “erotismo anal” e “complexo de castração”.

Apesar de publicado em 1918, o artigo já estava escrito em 1914, período em que publicou importantes trabalhos sobre metapsicologia, como, por exemplo, *Para introduzir o narcisismo*. Havia nele “evidência conclusiva para refutar qualquer negação da sexualidade infantil.” (FREUD, 2006/1918, p. 17). Isso, por si só, já seria suficiente para apoiar suas críticas a Adler e Jung. Mas a grandeza das descobertas feitas por Freud ao longo deste caso clínico faz dele algo muito maior do que uma simples “carta na manga” no duelo travado contra os seus temerários dissidentes.

Ficamos sabendo através de Strachey que o material revelado nessa análise desempenhou um papel importante na preparação do caminho para “algumas das mais significativas teorias de que Freud se ocupava nesse período: as interconexões entre incorporação, identificação, a formação de um ideal do ego [ideal do eu], o sentimento de culpa e os estados patológicos de depressão.” (FREUD, 2006/1918, p. 18).

No início da descrição deste caso somos apresentados a uma série de reações e comportamentos do paciente quando criança, no período relatado por ele como “ainda na primeira granja.” (FREUD, 2006/1918, p. 27) Um medo avassalador lhe tomava o espírito quando ele via a imagem de um lobo avançando em um livro de gravuras presente na casa da família. Nas palavras de Freud, “sempre que punha os olhos nessa figura começava a gritar, como um louco, que tinha medo

de que o lobo viesse e o comesse.” (FREUD, 2006/1918, p. 27). Não obstante, sua irmã freqüentemente encontrava um modo de forçá-lo a contemplar esta imagem, para em seguida se deliciar com o seu terror.

Além dos lobos, o paciente também se amedrontava com outros animais, tais como besouros, borboletas, lagartas. O curioso, neste caso, é que, na mesma época em que os temia, ele também os maltratava. Recordava-se de atormentar os besouros e cortar as lagartas em pedaços no mesmo período em que sentia temor e repugnância por estes animais. Em determinado momento, apavorado, começava a gritar ao ver alguém bater em um cavalo; enquanto em outras ocasiões ele próprio gostava de maltratá-los. Não obstante todas essas suas “peculiaridades”, ele confessa a Freud que desde cedo foi muito devoto: antes de dormir sentia-se impelido a rezar muito tempo e a fazer o sinal-da-cruz incessantemente. No período da tarde beijava cada imagem sagrada presente na sala-de-estar da sua casa e, ao fazê-lo, era obrigado a pensar “Deus-suíno” ou “Deus-merda.” (FREUD, 2006/1918, p. 28).

Logo no início de sua nota a este artigo, Strachey (In: FREUD, 2006/1918) é enfático quanto ao peso deste escrito na obra de Freud: “Este é o mais elaborado e sem dúvida o mais importante de todos os casos clínicos de Freud.” (p. 15) Mas a razão pela qual ele se impõe neste trabalho é o fato de já estarem presentes nele noções – a saber: as interconexões entre incorporação e identificação; formação de um ideal do eu; o sentimento de culpa; os estados patológicos de depressão – que serão formalizadas e definidas com rigor por Freud somente após a sua consideração sobre o novo dualismo pulsional, no qual o conceito de pulsão de morte irrompe como uma grande novidade.

Além disso, a relação entre agressividade, destruição, medo e prazer presentes na história do paciente de Freud – temer e maltratar animais; louvar e blasfemar Deus – parece nos indicar um dado clínico que representa um passo além, do primeiro ao segundo dualismo pulsional. Em futuros trabalhos sobre esse tema, portanto, será digno de nota explorar detalhadamente os dados desse caso clínico, buscando salientar a silenciosa presença de *Tanatos* em suas entrelinhas.

com tudo aquilo que é prazeroso e o mundo externo, tudo o que é indiferente (e eventualmente, como fonte de estímulos, com o que é desprazeroso)” (FREUD, 2004/1915, p. 158).

Sendo irrelevante para a satisfação pulsional, o mundo externo encara a indiferença do eu. Uma reprodução, portanto, das três polaridades do amar: a indiferença. E que constitui, por sinal, uma das definições mais conhecidas da experiência de amar – uma espécie de relação do eu com as suas próprias fontes de prazer, indiferente a tudo aquilo que se encontra fora de si.

O estado autoerótico do eu, então, prescinde do mundo externo. Mas ele é rapidamente perturbado pela ação das pulsões de autoconservação. Diante delas, e frente ao desprazer provocado pelas moções pulsionais internas, ele acaba por se desenvolver em uma nova direção. Outro caminho, que o levará para um nível de complexidade muito maior. Inicialmente, isso ocorre da seguinte maneira: o eu recolhe para si os objetos externos prazerosos disponíveis, introjetando-os⁷⁶. De maneira análoga, ele expela para fora de si “tudo aquilo que em seu próprio interior seja motivo de desprazer” (FREUD, 2004/1915, p. 158). Portanto, obtém-se um “eu-prazer” a partir desse “eu-real” inicial.

Percebe-se então que as noções de ódio, agressão e destruição começam a tomar corpo na teoria pulsional. Nota-se isso na sentença a seguir: “De seu próprio Eu ele extraiu uma parte que expeliu para o mundo externo e que passa a sentir como hostil” (FREUD, 2004/1915, p. 159). Ao que é complementado pelo trecho “Quando o objeto entra em cena na etapa do narcisismo primário, desencadeia-se também o pleno desenvolvimento da segunda oposição ao amar, o já mencionado odiar” (FREUD, 2004/1915, p. 159). Com efeito, salientam-se os diferentes tipos de opostos do amor. Isso fica patente, por exemplo, quando Freud declara que “embora a indiferença tenha sido antes a precursora do ódio, ela deve ser inserida como um caso especial do ódio, da aversão. Em rigor, não há, de início, diferença entre o externo, o objeto, e o odiado” (FREUD, 2004/1915, p. 159). O próprio objeto exterior, ao se revelar como fonte de prazer passa a ser amado e, conseqüentemente, incorporado. Mas mesmo sendo amado e incorporado, não deixa de representar algo estranho – e, portanto, “odiável” – para o “eu-prazer purificado”.

Ora, depreende-se disso, então, uma correspondência entre os pares de opostos: a oposição amor-ódio corresponde à oposição prazer-

⁷⁶ Constata-se nesse artigo o primeiro uso desse termo, proposto por Ferenzci, por parte de Freud.

então, uma vertente amorosa passiva de ser amado. Com efeito, essa última situa-se lado a lado com o narcisismo.

Subitamente, vemos então que elementos do texto freudiano, tais como monismo, dualismo, polaridades e pares de opostos passam a ser detalhados ao longo deste artigo metapsicológico. A ênfase do texto recai, então, sobre as três polaridades presentes na vida psíquica. Na medida em que elas regem os diversos pares de opostos constituintes do amar, cabe enumerá-las. Trata-se das seguintes polaridades: *Sujeito (eu) – Objeto (mundo exterior)*; *Prazer – Desprazer* e *Ativo – Passivo*. Ao primeiro par, reitera-se o seu sentido – já mencionado por Freud no texto em questão. Imposta ao indivíduo desde o início, a oposição eu – não-eu (também conhecida como sujeito-objeto) origina-se a partir do êxito na experiência de por termo na corrente de estímulos provenientes do exterior através da ação muscular. Origina-se especialmente da vivência oposta: a de perceber-se indefeso diante da corrente de estímulos pulsionais. Desse modo, esse par de opostos mantém-se soberano na atividade intelectual e “gera a situação básica para a atividade de pesquisar” (FREUD, 2004/1915, p. 157). Sobre a polaridade prazer desprazer, destaca-se o fato de ela se relacionar a uma sequência de sensações de fundamental importância para as decisões que levam o eu à ação.

A respeito da polaridade *ativo – passivo*, Freud afirma que, a princípio, ao receber estímulos externos o eu torna-se *passivo* quando da recepção desses estímulos, mas *ativo* quando da reação a esses estímulos. Nesse ponto, Freud é detalhista: “na verdade são as pulsões que forçam o Eu a uma atividade toda especial em relação ao mundo externo” (FREUD, 2004/1915, p. 158). Detalhando-se ainda mais, ele afirma: “a questão essencial é: o Eu – sujeito é passivo em relação aos estímulos externos e ativo por meio de suas próprias pulsões” (FREUD, 2004/1915, p. 158). Somente mais tarde esse par de opostos se fundirá com outro par de opostos: o *masculino – feminino*. Não havendo, antes dessa fusão, qualquer *significado psicológico*. Ainda que ele se refira ao amalgamento masculino – ativo, feminino – passivo, como um mero fato de ordem biológica, adverte: “ele não é nem tão amplo nem tão exclusivo como estamos inclinados a pensar” (FREUD, 2004/1915, p. 158).

Com efeito, salienta-se o estabelecimento das mais significativas conexões entre essas três polaridades psíquicas. Em seu estado inicial na vida psíquica, o eu possui a capacidade auto-erótica de satisfazer as pulsões em si mesmo. Não estando o mundo externo investido de interesse nesse momento inicial, o “Eu-sujeito coincide

Capítulo 2 – As origens da metapsicologia

Para tentar compreender as razões que impuseram a Freud um conceito por muito tempo evitado e rejeitado por ele, é necessário parar por alguns segundos e refletir sobre a posição de nosso problema de pesquisa – apresentado detalhadamente no capítulo anterior. Percebe-se que, mesmo que se saiba razoavelmente os textos clássicos em que esse conceito aparece e se insinua sob diferentes roupagens, é difícil estabelecer um ponto de partida claro e seguro. Dentro desse âmbito, nossa escolha foi a de buscar as raízes do conceito de pulsão de morte nos mais arcaicos e desconhecidos trabalhos metapsicológicos de Freud. Nesse sentido, a questão que se nos impunha era a seguinte: *se a metapsicologia é o método propriamente freudiano de construção e articulação de conceitos, em que momento da história da psicanálise podemos apontar o seu nascimento?* Dizendo de outra maneira, qual seria o primeiro artigo metapsicológico escrito por Freud?

Tradicionalmente, ao se considerar *A Interpretação dos Sonhos* a “obra inaugural da psicanálise”, atribui-se a todo e qualquer texto anterior a ela a rubrica de “pré-psicanalítico”. É este, inclusive, o caso das *Standard Edition*: o primeiro volume da coleção é designado por seu organizador como o volume das “publicações pré-psicanalíticas”. Entre esse primeiro volume e *A Interpretação dos Sonhos*, há ainda o segundo e o terceiro volumes, dentre os quais se destacam os *Estudos sobre histeria*, publicados no mesmo ano da escrita do *Projeto de 1895*²². Com efeito, percebe-se que a rubrica de “pré-psicanalítico” recai sobre – ou, ao menos, *tangencia* – esses primeiros volumes que antecedem a *opus magnum* de Freud.

Contrariando a tradição estabelecida desde Strachey, Garcia-Roza²³ (2001) nos alerta para o equívoco de se ater a uma classificação

²² Doravante, apenas *Projeto*.

²³ Até o final deste capítulo, este autor será nossa referência fundamental. Ainda que houvessem diferentes possibilidades de escolha disponíveis, nós achamos que o primeiro volume da série de três livros de introdução à metapsicologia freudiana é uma obra ímpar. Também pretendemos, de certa forma, render-lhe alguma homenagem, posto que as referidas obras constituíram o passo inicial para o desenvolvimento da dissertação que agora o leitor tem em mãos. Com efeito, nos próximos capítulos nos distanciaremos de algumas das questões detalhadas por aqui. Se o leitor tiver interesse em se aprofundar nos detalhes, indicamos a leitura do artigo de Loffredo (1999).

puramente cronológica. Equívoco este que o próprio autor assume ter cometido em um trabalho anterior (GARCIA-ROZA, 2004). Vejamos como essa situação se desenrola passo a passo.

No referido trabalho anterior de Garcia-Roza, ele afirmara que “A importância do *Projeto* é exagerada por uns, que encontram nele o essencial da teoria psicanalítica, e minimizada por outros, que o consideram ainda um texto pré-psicanalítico” (GARCIA-ROZA, 2004b²⁴, p. 42). Garcia-Roza enfatiza esse caráter ambíguo do *Projeto*. Afirma estar esse caráter presente na própria maneira de seu autor – Freud – lidar com esse trabalho: ora exaltando-o, ora rejeitando-o. Garcia-Roza (2004b) afirma, ainda, que durante 50 anos o *Projeto* foi uma espécie de “segredo de alcova: muito importante para os amantes, mas inócuo para os demais” (GARCIA-ROZA, 2004b, p. 42). Nesse sentido, ele salienta o fato de toda a obra freudiana já estar publicada no momento em que o *Projeto* conquista o conhecimento público. De modo que, não acrescentando nada de novo aos textos posteriores a si mesmo, o que aconteceu com frequência após o conhecimento público do *Projeto*, foi “projetar sobre seu conteúdo os conceitos elaborados posteriormente e tentar traçar uma linha contínua do *Projeto* até os textos metapsicológicos” (GARCIA-ROZA, 2004b, p. 43).

Portanto, a partir disso foi criada a seguinte situação: “Para os continuistas, a psicanálise começa com o *Projeto*” (GARCIA-ROZA, 2004b, p. 43) – nesse momento o autor salienta, irreverentemente, que para alguns ela “começa e termina” com esse trabalho. Para os descontinuistas, no entanto, esse texto seria “a última e desesperada tentativa de Freud de falar uma linguagem neurológica ou física” (GARCIA-ROZA, 2004b, p. 43). Nesse sentido, observa-se que: “O *Projeto* é, como diz O. Manonni, um último esforço de resistência, é ainda uma tentativa de colocar a teoria psicológica numa linguagem neurológica ainda que essa neurologia seja uma neurologia fantástica” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 60). Afirma na sequência – fazendo novamente referência à Octave Mannoni – ser essa neurologia fantástica substituída pela metapsicologia. Essa mudança ocorreria ao longo de *A Interpretação dos Sonhos* – pois o sonho tem um sentido que requer uma interpretação. A explicação “neurológica” cede lugar a uma decifração do sentido. Ao fazer essa afirmação, e também por incluir o *Projeto* num capítulo referente à pré-história da psicanálise, Garcia-Roza acaba se situando mais próximo dos referidos descontinuistas – muito embora ele não o afirme explicitamente em seu texto.

²⁴ A primeira edição deste livro é de 1984.

afirmam serem a *forma* e a *função* do órgão decisivas quanto a atividade e passividade da meta pulsional.

A noção de *ambivalência* é retomada a partir do exemplo da ambivalência de sentimentos. Dentre eles, destaca-se e transformação do amor em ódio.

Não estando ao alcance da explicação estabelecida a respeito da teoria das pulsões, o amor e o ódio despertam interesse acentuado em Freud. Se por um lado constata-se facilmente a forte ligação entre a vida sexual e este par de opostos, por outro, não se pode considerar o amar como uma pulsão parcial da sexualidade. Pelo contrário: poder-se-ia considerar o amar como expressão de toda a vida sexual. Mas isso não explicaria muita coisa. E nem remeteria a uma possível força oposta ao amar – que estivesse fora do registro da sexualidade.

Como resolver esse problema então? Freud propõe pensar o amor e suas conhecidas oposições. Ele salienta o seguinte: “O amar admite não apenas um par de opostos, mas três. Além da oposição entre amar – odiar, existe outra, amar – ser amado, e, ademais, se tomarmos o amor e o ódio em conjunto poderemos opô-los ao estado de indiferença” (FREUD, 2004/1915, p. 157). Obtém-se a partir do amar, portanto, três pares de opostos, ao invés de apenas um. Dentre estes três pares, Freud salienta ser o segundo deles correspondente ao “redirecionamento da atividade para a passividade, e, tal como ocorreu com a pulsão de olhar, também este pode ser remetido a uma situação básica anterior” (FREUD, 2004/1915, p. 157). Acrescenta na sequência ser essa situação básica aquela vivida no período auto-erótico do narcisismo: *amar-se a si mesmo*. Depreende-se disso, portanto, que em decorrência da troca do sujeito ou do objeto por um elemento estranho [*fremd*] se obterá uma vertente [*Strebung*] amorosa ativa em direção à meta pulsional. Ou,

Chama atenção o fato de que apesar dessa proximidade com o mestre vienense, ele “sempre se mostrou pessimista quanto à validade terapêutica da psicanálise” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 413). Também é digno de nota saber que Jekels “considerava que todo sujeito é portador de um masoquismo instintivo, à base de regressão oral, e gostava de enfatizar que esse dado fundamental constituía a quarta ferida narcísica infligida ao homem” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 414). Pois a ideia de um masoquismo primário derivado da pulsão de morte seria estabelecido por Freud com certa resistência da parte de seus discípulos. Esta afirmação de Roudinesco & Plon (1998) sobre Jekels permite-nos situá-lo portanto, entre aqueles que, a sua própria maneira, fizeram uso do conceito de pulsão de morte após a sua introdução em 1920.

constitui aqui um divisor de águas. Percebe-se isso com clareza na seguinte afirmação: “A pulsão de olhar ativa se desenvolve justamente pelo abandono dessa etapa narcísica, ao passo que a pulsão de olhar passiva manterá o objeto narcísico aprisionado” (FREUD, 2004/1915, p. 156). Seguindo pelo mesmo passo, ele aposta no entendimento da transformação do sadismo em masoquismo enquanto uma volta para o objeto narcísico. Diz Freud: “Em ambos os casos, por meio da identificação, o sujeito narcísico sofre uma troca por outro Eu estranho [*fremd*]” (FREUD, 2004/1915, p. 156).

E a partir disso ele lançará seu leitor diante de uma perspectiva diferenciada e de vasta amplitude, segundo a qual “os destinos pulsionais de redirecionamento contra o próprio Eu e de transformação de atividade em passividade são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca dessa fase” (2004/1915, p. 156). Quanto a isso, levanta-se a possibilidade de esses destinos apontarem para antigas tentativas de defesa que – uma vez estando numa etapa diferenciada, mais complexa, do eu – já são realizadas através de outros meios.

O problema de se estar limitado a apenas dois pares de opostos no campo das pulsões sexuais é colocado em questão. No que se refere às atividades dos componentes da função sexual situados além desses dois pares de opostos – e, portanto, além do alcance da análise – pode-se dizer genericamente “que as atividades desses componentes são *auto-eróticas*, isto é, que o aspecto mais importante é o órgão do qual emanam, sua fonte, e que o objeto é o elemento de menor importância, e quase sempre coincide com o próprio órgão” (FREUD, 2004/1915, p. 156). O papel da fonte orgânica é tão decisivo entre as pulsões auto-eróticas que Freud acata as ideias de Federn⁷⁴ e Jekels⁷⁵, as quais

⁷⁴ Referência a Paul Federn (1871-1950). Ao relatar a origem e constituição da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, Gay (2002) menciona “Paul Federn, que rapidamente se converteu num dos adeptos de maior confiança de Freud na Sociedade Psicanalítica de Viena, revelou-se teórico original e influente” (p. 172). No contexto das dissidências litigiosas no movimento psicanalítico, desde Fliess e Breuer, passando por Adler, Stekel e Jung, Gay (2002) salienta que: “Paul Federn, Ernest Jones e outros de seus mais importantes adeptos viram-se em desacordo com Freud sobre importantes questões técnicas ou teóricas sem serem banidos como renegados ou traidores” (p. 231).

⁷⁵ Ludwig Jekels (1861-1954), psiquiatra de origem polonesa, foi um discípulo da primeira geração vienense. Ele traduziu as obras de Freud para o polonês e abriu o seu sanatório para a prática da psicanálise. Jekels foi analisado por Freud, primeiramente como paciente e posteriormente como aluno. Chegou a se tornar parceiro de cartas de Freud após o falecimento de seu parceiro habitual.

Porém, num trabalho posterior (GARCIA-ROZA, 2001²⁵), tomando como referência Jacques Nassif²⁶ ao invés de Octave Manonni, ele fará uma mudança de posição, enquanto, autor, frente a essa questão. Vejamos: “Num trabalho anterior, incluí o *Projeto de 1895* num capítulo sobre a pré-história da psicanálise” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 15). Ao longo das linhas traçadas nesse parágrafo introdutório, o autor explica haver considerado na época uma ruptura entre o *Projeto de 1895* e *A Interpretação dos Sonhos*. Essa ruptura consistiria em dois aspectos principais. Em primeiro lugar, na ausência de definição e elaboração mínima dos conceitos básicos presentes em *A Interpretação dos Sonhos* ao longo da escrita do *Projeto de 1895* – eles estariam no máximo apenas insinuados em sua escrita. Em segundo lugar, na terminologia utilizada nessa escrita – a qual estaria situada no campo da neurologia. A esse respeito, o próprio autor assinala, com certa dose de irreverência, que “Felizmente os gênios conseguem sobreviver aos comentadores” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 16). Na sequência, ele declara que “A proposta atual de retornar ao texto do *Projeto* (...) significa, de minha parte, uma mudança de opinião quanto ao valor do *Projeto*” (p. 17). Explica essa mudança de opinião fundamentando-a na possibilidade de compreender o *Projeto* enquanto uma introdução da teoria que Freud irá desenvolver em anos posteriores. A partir disso, ele salienta haver ainda outro texto desconhecido de Freud – anterior ao *Projeto* – possível de ser incluído na mesma rubrica – a de uma introdução de conceitos elaborados em obras posteriores. Em suas palavras, trata-se de um “texto surpreendente, no qual o *aparelho de linguagem* produzido por Freud transborda seus próprios limites para se constituir no primeiro modelo de *aparelho anímico*” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 17). O título desse outro trabalho desconhecido de Freud é *Sobre as Afasias*²⁷.

²⁵ A primeira edição deste livro é de 1991.

²⁶ Este autor, por sua vez, realiza sua proposta de investigação através das indicações deixadas por Lacan (1997) em um de seus seminários da década de 1960. Num destes seminários, ele afirma “o que se chama de segunda tópica com a valorização das funções recíprocas do eu, do supereu, do mundo exterior, que confere uma expressão acabada a coisas cujos germes já antevemos com surpresa no *Entwurf*” (p. 51). Percebe-se que ele conserva a primeira palavra do título do *Projeto de 1895* – ou seja: *Projeto* – no original em alemão: *Entwurf*.

²⁷ O título original é *Zur Auffassung der Aphasien: eine Kritische Studie*. Uma possível tradução é: “Para uma concepção das afasias: um estudo crítico”. Doravante, *Afasias*.

Mesmo mudando de posição frente à situação destes trabalhos – *Projeto e Afasias* – que, de pré-psicanalíticos, podem ser então considerados trabalhos pioneiros de metapsicologia, ele mantém uma crítica – implícita em seu texto – quanto ao estabelecimento de um lugar definitivo para esses trabalhos de Freud²⁸.

Para corrigir este equívoco, e romper com uma tradição estabelecida desde Strachey, ele propõe a inclusão de dois trabalhos importantes, porém desconhecidos, na série de trabalhos metapsicológicos de Freud: *Sobre as Afasias* e *O Projeto de 1895*. Sendo estes dois trabalhos anteriores a *A Interpretação dos Sonhos*, sua inclusão nessa série de trabalhos metapsicológicos amplia nossa visão a respeito das origens da psicanálise. Veremos, a seguir, como a partir destes dois desconhecidos trabalhos foram se constituindo noções fundamentais para a metapsicologia, tais como as de aparelho psíquico, representação-palavra, quantidade de excitação, princípio de prazer, princípio de realidade, etc.

O trabalho *Sobre as Afasias*, de difícil acesso²⁹, nunca foi incluído nas *Standard Edition*. Durante muito tempo não foi sequer

²⁸ Sobre essa questão, ele é mais explícito ao dizer tratar-se de “saber se havia ou não uma ruptura entre o *Projeto* e *A interpretação de sonhos*, o primeiro sendo um texto pré-psicanalítico e o segundo já um texto autenticamente psicanalítico” (2001, p. 15). Ele explica ter orientado a sua posição autoral em sua crença na necessidade de, para toda e qualquer ciência, haver uma definição de seus conceitos fundamentais – bem como uma boa articulação destes com os demais conceitos “de modo a formar um corpo teórico que se sustente minimamente” (2001, p. 15). Ele também ressalta que “nada indica que Freud tenha construído uma obra na qual cada texto novo ou cada conjunto de textos novos substitua os anteriores, num aperfeiçoamento crescente do que seria um sistema” (2001, p. 16). A partir disso, ele declara que “a construção da teoria psicanalítica avançou por revisões e acréscimos, a partir de uma concepção inicial apenas esboçada” (2001, p. 16). Essas revisões e acréscimos, bem como o esboço das referidas concepções iniciais, constituíram objeto de estudo da pesquisa aqui relatada. Serão designadas, apontadas e investigadas paulatinamente ao longo dos capítulos que seguem.

²⁹ Há uma edição antiga em português, atualmente esgotada nas editoras e livrarias. As edições estrangeiras também não são de fácil acesso. Por sorte, encontramos ao nosso alcance uma tradução feita nos anos 1970 em Portugal por uma editora de Lisboa. Para trabalhar com sua leitura, recorreremos também a uma leitura minuciosa do capítulo do livro de Garcia-Roza (2001) que trata exclusivamente desta raríssima obra.

fornece o quadro de determinado desenvolvimento da pulsão” (p. 155). Essa imagem – decompondo o desenvolvimento pulsional tal qual uma série de ondas – é utilizada para ilustrar uma passagem obscura de seu texto. Nessa passagem, propõe-se “decompor o percurso de vida de cada pulsão em ondas agrupáveis dentro de diferentes intervalos de tempo” (p. 155). Independentemente da unidade de tempo adotada, Freud salienta a presença – nesses intervalos de tempo quaisquer – de “séries de ondas homogêneas entre si” (p. 155). Afirma poderem ser elas concebidas como uma relação perpétua entre si – da mesma forma como o são as ondas características das erupções de lava. A partir do estabelecimento dessa analogia, ele desenvolve a imagem de uma erupção pulsional primária. Ao desenvolvê-la, supõe que ela haveria ocorrido continuamente, sem qualquer tipo de mudança ou evolução. Em seguida, ele então declara: “A série de ondas seguinte experimental, desde o início, uma modificação, talvez a transformação em passividade, e, tendo incorporado essa nova característica, ela se somaria à onda anterior, e assim por diante⁷³” (FREUD, 2004/1915, p. 155).

É sublinhada então a pertinência do termo *ambivalência*. O termo permite pensar, por exemplo, a presença do seu oposto (passivo) ao lado da moção pulsional ativa – em um momento posterior no seu desenvolvimento. Além disso, esse termo ganha maior relevância quando se leva em consideração a “permanência e coexistência continuada das fases intermediárias” ao longo do desenvolvimento da pulsão.

Na sequência, ele amplia o conceito de narcisismo, previamente introduzido no artigo metapsicológico anterior, à luz da noção de auto-erótico. Afirma ser o narcisismo uma “fase inicial de desenvolvimento do Eu, durante a qual suas pulsões sexuais se satisfazem de maneira auto-erótica” (FREUD, 2004/1915, p. 156). Na sequência, contudo, ele declara faltar “abordarmos a relação entre auto-erotismo e narcisismo” (FREUD, 2004/1915, p. 156). Salienta, ainda, ser a etapa preliminar da pulsão de olhar uma *formação narcísica*. Mas ele só faz essa afirmação tomando como base o autoerotismo. Com efeito, o autoerotismo

⁷³ Esse ponto de vista evolutivo e cumulativo é constante no pensamento de Freud. É assim que, em outros trabalhos, ele o desenvolve e o reafirma. Ver por exemplo, no mesmo artigo: “temos motivos para supor que, em épocas primitivas, moções ativas e que ainda não haviam conhecido mudanças participavam muito mais da vida pulsional do indivíduo do que ocorre em média hoje” (2004/1915, p. 156).

medida que provocamos dores nos outros, nós mesmos, em nossa identificação com o objeto que sofre poderemos fruí-las de modo masoquista” (FREUD, 2004/1915, p. 154). Salienta ser a excitação sexual concomitante, e não a dor em si, o objeto da fruição do sádico. A título de exemplo e esclarecimento, diferencia-se a *compaixão* da *fruição sádica*. Diferentemente da fruição do sádico para com o sofrimento alheio, a *compaixão* seria uma *formação reativa contra a pulsão*.

Há ainda outro par de opostos a ser tratado: aquele que se refere às pulsões cuja meta é *ficar olhando e se mostrar*. Ressalta já haver, para esses pares, uma denominação específica na linguagem das perversões: *voyeur* e *exibicionista*. No caso desse par de opostos, repetem-se as mesmas etapas do caso anterior. Com uma única diferença, porém. Ao contrário do que acontece com o sadismo, inicialmente a pulsão de olhar é auto-erótica. Tem como objeto o próprio corpo. Apenas posteriormente ela fará uma troca desse objeto – situado no próprio corpo – por outro objeto semelhante situado num corpo alheio. A partir da consideração dessa diferença, Freud elabora um esquema com duas posições distintas das posições encontradas no esquema anterior – uma consequência da diferença em questão.

Apesar da ausência de uma fase preliminar como esta no sadismo, Freud salienta não ser de todo absurdo supor que, a partir dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros, uma fase assim pudesse se constituir (FREUD, 2004/1915, p. 155). Ele começa a “aparar as arestas” de sua teoria pulsional. Aponta para os dois destinos pulsionais estudados à exaustão nesse texto (transformação da atividade em passividade e redirecionamento contra a própria pessoa) e afirma não serem eles capazes de abarcar a moção pulsional em sua totalidade. Ele se aprofunda nessa questão na seguinte passagem: “Em certa medida, mesmo nos casos em que o processo de transformação da pulsão tenha sido muito profundo, a orientação pulsional ativa, mais antiga, subsiste ao lado da mais recente, passiva” (FREUD, 2004/1915, p. 155). A partir disso, ele salienta o caso da pulsão de olhar, no qual “todas as etapas de desenvolvimento da pulsão, tanto a etapa preliminar auto-erótica quanto a sua configuração final continuam subsistindo lado a lado” (FREUD, 2004/1915, p. 155). Ele evidencia isso através da ênfase no mecanismo do apaziguamento da pulsão – desviando o seu foco para além dos atos pulsionais em si mesmos.

“Se considerarmos então o percurso da moção pulsional desde o início até determinado ponto, veremos que a sucessão de ondas nos

considerado um trabalho psicológico de Sigmund Freud, mas apenas como um de seus diversos estudos da juventude no campo da medicina neurológica. O que, por outro lado, não é inteiramente falso: este trabalho tem como ponto de partida um problema médico, um distúrbio de linguagem conhecido como afasia.

Até o final do século XIX, a teoria das localizações cerebrais imperava dentro dos estudos médicos a respeito dos distúrbios de linguagem. Naturalmente, através dos estudos desses distúrbios, desenvolvia-se uma teoria a respeito da linguagem, sustentada a partir de seus distúrbios denominados pela medicina como *afasias*. Até 1891, ano da publicação da obra de Freud sobre o tema em questão, os autores que dominam o entendimento e a explicação do assunto são Wernicke, Lichtheim e Meynert, entre outros. Todos eles serão defensores do entendimento da linguagem como um fenômeno produzido em áreas específicas e localizáveis do córtex cerebral, defendendo duas causas distintas para os dois tipos de afasia que eles consideravam existir: a destruição dos *centros sensorial*³⁰ ou *motor*³¹ como causa da *afasia sensorial ou motora* e a destruição das *vias de associação* como sendo a razão da *afasia de condução*.

No entanto, ao se debruçar sobre o tema em questão, o jovem Freud³² propõe uma hipótese diferente daquela que estava em voga. Ao contrário da teoria das localizações cerebrais, ele propunha uma hipótese que considerava a linguagem como o resultado de complexas relações entre diferentes centros do córtex cerebral, não sendo ela, em si mesma, inteiramente localizável em determinada área ou parte do córtex cerebral. Enquanto Wernicke defende a ideia de uma afasia de condução causada pela destruição da via de associação entre os centros motor e sensorial da linguagem no cérebro, Freud propõe a hipótese de uma *parafasia*, distúrbio da linguagem análogo aquele estudado por Wernicke e seus colaboradores, mas sem uma *causa anatômica* específica. Freud defende ainda a hipótese de serem todos esses sintomas *puramente funcionais*.

Claro está que o confronto de hipóteses Freud *versus* Wernicke reside numa questão muito mais ampla do que a da teoria das localizações. A disputa entre estes dois pontos de vista se dá no lugar do confronto entre o anatômico e o psíquico. Se Wernicke e seus colaboradores defendem a primazia do anatômico frente ao psíquico,

³⁰ Região conhecida até hoje como *área de Wernicke*.

³¹ Região conhecida até hoje como *área de Broca*.

³² Que na época contava com não mais do que 35 anos.

fazendo deste um *epifenômeno* do primeiro, Freud, que não ignora e nem desconhece a substancialidade e materialidade do corpo anatômico, nem por isso cai no erro de submeter todo o campo da linguagem inteiramente à anatomia. Neste ponto, Garcia-Roza (2001, p. 24) nos adverte a respeito da opinião de Freud de não podermos procurar “o substrato fisiológico da atividade mental na função desta ou daquela parte do cérebro, mas como resultado de processos que *abarcam o cérebro em toda a sua extensão* [grifos meus]”. A esta hipótese de Freud que considera a parafasia como um sintoma puramente funcional, chamaremos de *hipótese funcional*.

O argumento a favor da hipótese funcional é que, em se tratando dos distúrbios de linguagem causados por lesão cerebral destrutiva, não ocorre jamais a inatividade ou invalidez de uma única “parte da linguagem” simultânea à manutenção intacta de suas “partes isoladas”. Isto ocorre porque essas diferentes partes que constituem a linguagem não a constituem em si mesma: elas compõem um sistema coordenador de suas diferentes funções, sob a forma de um mecanismo, ou melhor, um *aparelho para a linguagem*, do qual ela se serve para ter existência concreta. Temos aqui, portanto, que sustentar a hipótese funcional de Freud implica em sustentar a existência de um aparelho de linguagem (*Sprachenapparat*³³).

Ao nos depararmos aqui com este termo – aparelho de linguagem (*Spracheapparat*) – é inevitável a comparação com o aparelho psíquico (*Seelenapparat*) termo tão presente na obra freudiana (e que atualmente conta com múltiplas traduções para o nosso idioma³⁴). A este respeito, Garcia-Roza (2001) destaca o fato do próprio Meynert já haver empregado o termo *Seelenapparat* para postular um aparelho neurológico regido pela mecânica do cérebro. No entanto, utilizando o

³³ Para demarcar a originalidade da ideia de um aparelho para a linguagem, Nassif – autor de um dos poucos estudos sobre o tema, no qual Garcia-Roza se apóia frequentemente – propõe traduzir *Spracheapparat* por *Appareil à langage*. O que, se o vertêssemos diretamente para o português, resultaria em algo como “Aparelho à linguagem” ou “Aparelho para a linguagem”. Em rigor, poder-se-ia dizer, simplesmente: *aparelho em linguagem*. Não obstante, reconhecendo a diferença do uso do “à” entre a língua francesa e a portuguesa, e provavelmente em favor de uma escolha mais simples e didática, Garcia-Roza propõe traduzi-lo simplesmente por “Aparelho de linguagem”.

³⁴ *Aparelho mental* na versão da *Standard Edition* Brasileira; *aparelho psíquico* na tradução de Luiz Alberto Hanns; finalmente, *aparelho anímico* na tradução de Paulo César de Souza. Para saber mais sobre esses diferentes tradutores e suas traduções, ver introdução.

153). Apesar da demonstração de certeza por parte de Freud quanto a esta última afirmação, ela se revelará incompleta – e incorreta – anos mais tarde. Após introduzir o conceito de pulsão de morte na trama de sua metapsicologia, ele passará a admitir um masoquismo original.

A neurose obsessiva é examinada a partir da pulsão sádica. Pois nela o redirecionamento contra a própria pessoa não é complementado pela passividade frente a um outro agente. Vê-se nessa neurose o surgimento de um meio termo entre a compulsão de atormentar (sadismo) e a de ser atormentado por outro (masoquismo). Trata-se de atormentar a si mesmo, portanto. Pois o chamado *autotormento* caracteriza o destino da pulsão sádica nessa neurose. Demarca o seu lugar no circuito da pulsão. Nesse “termo médio” ou lugar do meio – poder-se-ia dizer até “em cima do muro” – encontra-se o neurótico obsessivo. Paralisado diante de seu próprio autotormento. Além do circuito pulsional, o verbo enunciador desse tormento também é perimetrado por Freud: “O verbo na voz ativa não se transforma na voz passiva, mas na voz reflexiva média” (FREUD, 2004/1915, p. 153).

A afirmação da anterioridade do sadismo frente ao masoquismo encontra seu primeiro obstáculo já nesse texto de Freud. O objetivo de infligir dor, algo tão próprio do sadismo, não consegue encontrar abrigo no seio da teoria das pulsões. Esse obstáculo é ligeiramente ultrapassado com a seguinte observação: “uma vez que a transformação em masoquismo tenha se completado, as dores tornam-se apropriadas para servir de meta masoquista passiva” (FREUD, 2004/1915, p. 153) salientando, em especial, os bons motivos para “supor que as sensações de dor, bem como as outras sensações de desprazer, transbordam para a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em nome do qual o desprazer da dor também pode ser aceito” (FREUD, 2004/1915, p. 153). Portanto, a meta sádica de se provocar dor pode se dar retroativamente a partir de uma meta masoquista de sentir dores.

Porém, essa exposição não é tão clara quanto parece. Com efeito, nesse ponto Freud parece estar argumentando com a destreza e a temeridade de um malabarista passando por uma corda bamba em grandes alturas. Ele quase admite aqui um masoquismo primário, não fosse por uma vírgula. A frase que segue essa vírgula parece encobrir um enunciado distinto que se torna compreensível após a leitura da sentença inteira. Ele declara: “Sentir prazer com a dor seria então uma meta original de cunho masoquista; entretanto, esse prazer-se com a dor só pode tornar-se meta pulsional na pessoa sádica” (FREUD, 2004/1915, p. 154). Essa conclusão decorre da compreensão de que “à

mas em outra posição. O que se troca de fato nesses casos é o objeto da pulsão. Esse detalhe é posto em foco nas seguintes passagens: “o redirecionamento contra a própria pessoa se torna mais plausível se considerarmos que, afinal, o masoquismo é um sadismo voltado contra o próprio Eu e que a exibição inclui a contemplação do próprio corpo” (FREUD, 2004/1915, p. 152) – na qual a troca de objeto é salientada – e “a observação analítica também mostra, sem deixar margem para dúvidas, que o masoquista compartilha o gozo implicado na agressão contra a sua pessoa e que o exibicionista se compraz com seu próprio desnudamento” (FREUD, 2004/1915, p. 152).

Percebe-se que esta última passagem é complementar à primeira. Salientada a troca de objeto, deve-se explicar agora a transformação sofrida pela meta. Posto que se ela não é trocada por outra, isto não significa que ela permaneça incólume frente à passagem da pulsão. Dentro desse âmbito, Freud salienta a semelhança entre o redirecionamento contra a própria pessoa e a passagem da atividade para a passividade: “não podemos deixar de notar que nesses exemplos o redirecionamento contra a própria pessoa e o redirecionamento da atividade para a passividade convergem ou coincidem” (FREUD, 2004/1915, p. 152). A partir disso, um novo esquema é elaborado, no qual se incluem ambas as transformações – a troca de objeto e a passagem da atividade para a passividade.

Nesse esquema, afirma-se que, inicialmente, uma outra pessoa tomada como objeto de violência ou exercício caracteriza o sadismo. Num segundo momento, a própria pessoa toma o lugar do objeto de seu sadismo. Finalizando esse processo, novamente uma outra pessoa é procurada como objeto. Por conta da transformação da meta ativa em passiva, essa outra pessoa deve assumir o papel de sujeito⁷². Ao assumir esse papel de sujeito, caracterizará o que é conhecido por masoquismo, destino da pulsão no qual a satisfação pulsional é possibilitada pelo sadismo original. Quanto a isso, Freud ressalta: “nesse caso, o Eu passivo se transporta fantasisticamente a seu lugar anterior, o qual havia sido deixado ao encargo de outro [*fremd*] sujeito que agora o ocupa” (FREUD, 2004/1915, p. 153). E acrescenta a seguir: “É muito duvidoso que além desta exista alguma satisfação masoquista obtida por via mais direta” (FREUD, 2004/1915, p. 153).

Entretanto, o mais notável nesta passagem do texto de Freud encontra-se na frase “não parece haver um masoquismo original que não derive do sadismo, tal como descrito acima” (FREUD, 2004/1915, p.

mesmo termo, Freud propõe um aparelho muito distinto daquele proposto por seu antigo mestre. Apesar de demasiado restrito, estando limitado apenas à linguagem, posteriormente servirá como “modelo para se pensar o inconsciente, o que o transforma no primeiro aparelho da alma, antecipando-se àqueles que Freud nos apresenta no *Projeto de 1895* e em *A interpretação de sonhos*” (p. 28).

Mas ainda que antecipando isso tudo, trata-se, no momento de sua publicação, simplesmente de um texto de neurologia. Um texto de neurologia atípico, que paradoxalmente nos leva na direção de uma série de questões que já não são mais as da neurologia, mas da psicanálise. Um texto de neurologia escrito por um clínico preocupado em articular a conhecida anatomia e a fisiologia com um desconhecido e inédito aparelho de linguagem que acabara de ser elaborado. Cai por terra a insistência do pensamento científico da época em estabelecer uma possível relação ponto a ponto entre estímulos (vindos do mundo externo) e representações (localizadas em pontos específicos do córtex cerebral).

Também é importante ressaltar aqui a defesa feita por Freud de nunca ser linear a transmissão de qualquer impressão, uma vez que ela passa por diferentes estágios que diminuem sua intensidade. Ele fala de uma “mudança de significação funcional” (FREUD apud GARCIA-ROZA, p. 31) da fibra em seu caminho para o córtex. O que pode ser entendido como uma espécie de “tradução”, na qual está implicada uma “estrutura de código” (Nassif apud GARCIA-ROZA, 2001, p. 31).

A concepção de uma mudança de significação funcional da fibra nervosa, além de tornar insustentável, em todos os sentidos, a teoria das localizações cerebrais, torna insustentável também outra visão dominante naquele tempo (e ainda hoje muito comum): ou seja, de que o processo psíquico seja “um epifenômeno ou uma duplicação mecânica do processo fisiológico” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 32). A concepção de um aparelho funcionando através de processos passa a ganhar forma na escrita de Freud. Representação e associação, anteriormente separadas passam, a partir de então, a constituir *o mesmo processo*. E ainda mais: desde então a representação já é entendida por Freud como a diferença entre duas séries de associações, não somente como a representação de um objeto.

⁷² Entendido aqui no sentido de *agente*.

Para sustentar as suas concepções inovadoras, Freud se fundamenta na ideia de Hughlings Jackson³⁵ a respeito do aparelho de linguagem ter “diferentes níveis funcionais sob diferentes condições patológicas” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 35-36). Segundo Hughlings Jackson, no caso da afasia há uma perda regular da habilidade linguística na qual primeiramente perdem-se os níveis mais complexos e refinados, enquanto os níveis mais primitivos são afetados por último. Ele nomeia sua teoria de *teoria da retrogressão funcional*. É digna de nota a semelhança entre esta retrogressão – concebida como involutiva por seguir o caminho inverso de um processo evolutivo (passagem do menos organizado e diferenciado para o mais organizado e diferenciado) – e a concepção da regressão do investimento libidinal, descrita com frequência por Freud em seus futuros trabalhos metapsicológicos.

No entanto, este ainda é um primeiro passo, que vai do puramente neurológico para um esboço metapsicológico, recém traçado a partir da descoberta do *território da linguagem* pelo jovem Freud.

2.1 A noção de representação (*Vorstellung*) insinua-se

Vejam os quanto se avançou até aqui. O interior da célula nervosa deixa de ser considerado o lugar da representação; a representação não é mais considerada independente das associações; tampouco é entendida como efeito mecânico da estimulação periférica. A partir de Freud *representação* passa a ser sinônimo da *diferença* entre

³⁵ Hughlings Jackson (1835-1911). Sobre este autor, o biógrafo Peter Gay (2002) o menciona quando da publicação de *Afásias*. Vejamos então esta menção: “é uma brilhante monografia, mas significativamente, entre as abundantes e bem informadas citações, Freud espalhou citações de filósofos como John Stuart Mill e psicólogos como Hughlings Jackson” (p. 73). O biógrafo salienta ainda, nesse contexto, que “Cercado por neurologistas, Freud estava começando a procurar causas psicológicas para efeitos psicológicos” (p. 73). No que se refere a Hughlings Jackson, Roudinesco & Plon (1998, p. 406) salientam o seu papel na história do saber psiquiátrico – servindo de “substrato para a implantação das teses freudianas” nos EUA e também ao desenvolvimento das ideias de Henri Ey, na França, sobre o “organo-dinamicismo”. Ele foi o responsável pela teoria da dissolução das funções nervosas pela doença, que “considerava as funções psíquicas como dependentes umas das outras, de cima para baixo”. De modo que “a dissolução das atividades superiores acarretava uma liberação ou um desligamento das atividades anteriores, anteriormente controladas por ela” (p. 406).

das pulsões do Eu, e só se revelam de modo inequívoco quando do adocimento” (FREUD, 2004/1915, p. 151). Antes de discorrer diretamente a respeito dos destinos das pulsões sexuais, ele demarca, ainda, a sua capacidade de se substituírem entre si e trocarem de objeto – também entre si – sem maiores problemas. Remete ao conceito de sublimação sem se aprofundar muito. Define-o como a capacidade das pulsões sexuais “de realizar ações que se encontram muito afastadas das ações dirigidas inicialmente a determinadas metas” (FREUD, 2004/1915, p. 151).

De fato, Freud declara abertamente a necessidade de por o foco nas pulsões sexuais para se conhecer alguma coisa a respeito dos diferentes destinos das pulsões. Ele enuncia então quatro destinos possíveis para as pulsões sexuais: a *transformação em seu contrário*; o *redirecionamento contra a própria pessoa*; o *recalque* e a *sublimação*. Como o recalque recebe um artigo exclusivo, e a sublimação é deixada para um momento posterior, é a *transformação em seu contrário* e o *redirecionamento contra a própria pessoa* que recebem o ataque da pena de Freud.

A transformação em seu contrário implica em dois processos distintos: o *redirecionamento da atividade para a passividade* e a *inversão do conteúdo*. Primeiramente, ele se detém no caso do redirecionamento da atividade para a passividade. Percebe-se logo de início que os exemplos utilizados por Freud para ilustrar as pulsões que sofrem o efeito desse processo são exemplos ilustrados *a partir das metas*. São exemplos de transformação de *sadismo* em *masoquismo*; e também a transformação da *vontade de olhar* em *exibição*. Falando de uma maneira mais concreta, no primeiro caso a meta pulsional de *torturar* transforma-se em *ser torturado*. Enquanto no segundo caso, a meta pulsional de *ficar olhando* transforma-se em *ser olhado*.

Ou seja, Freud observa que o que se transforma em seu contrário é apenas a *meta* da pulsão. A *meta ativa* é que se transforma em uma *meta passiva*. No entanto, percebe-se que nesses casos há uma inversão na meta, mas não em seu conteúdo. Com efeito, Freud demarca essa diferença com todas as letras: “a inversão do conteúdo pode ser encontrada apenas no caso de transformação do amor em ódio” (FREUD, 2004/1915, p. 152). A plausibilidade do redirecionamento contra a própria pessoa está na troca do objeto sem alterações da meta. Ou seja: por mais que – fenomenologicamente falando – se revele uma meta ativa transformando-se em passiva, não há aqui uma verdadeira transformação e muito menos troca de meta. Apesar de se transformar de ativa em passiva, ela continua sendo o que é. Permanece a mesma,

da vida psíquica de um modo geral. Em particular, no que se refere à relação da vida pulsional com as perturbações psíquicas. É um campo com restritas possibilidades de estudo, portanto. Pois, além das restrições já descritas, acrescenta-se ainda o fato de somente as pulsões sexuais estarem minimamente disponíveis a algum tipo de observação e análise. Diante disso, Freud espera melhores condições para o estudo das pulsões do eu através das neuroses narcísicas. Ainda que ele reconheça parecer temerário esperar desse campo de pesquisa condições de observação igualmente favoráveis.

4.6 Monismo, dualismo, pares de opostos

Freud inicia sua enunciação sobre as pulsões sexuais explicando a característica de cada uma delas perseguir a mesma meta: obter o prazer de órgão. Quanto a essa característica, Freud destaca o seguinte: “só depois de completada a síntese é que elas entram a serviço da função de reprodução, tornando-se então reconhecíveis como pulsões sexuais” (FREUD, 2004/1915, p. 151). O que é salientado nessa parte do texto é a veiculação primeva das pulsões sexuais: em sua origem, elas não se distinguem das pulsões de autoconservação. Apóiam-se diretamente nelas a ponto de com elas se misturarem. Aí está uma característica fundamental a respeito da especulação freudiana. O pensamento de duas forças opostas travando um conflito entre si – mas que, em sua origem, estariam unidas ou fusionadas – mantém-se inalterado na segunda versão de sua teoria das pulsões.

Com efeito, já é possível observar desde o presente momento a busca de Freud por uma teoria pulsional que se apoiasse nesse modelo de forças opostas em conflito. É notável também o recurso feito por ele à biologia. Não só para ilustrar, mas também para fundamentar a sua especulação. Se aqui ele encontra amparo nas ciências da vida para falar sobre as pulsões sexuais, cerca de meia década após a publicação desse texto, ele fará uso novamente dessas ciências para falar de um novo tipo de pulsão. Um tipo de pulsão que se contrapõe às pulsões sexuais: a pulsão de morte.

Por ora, ele segue definindo as pulsões sexuais. Observa a característica de elas fazerem uso das trilhas indicadas pelas pulsões de autoconservação para seguirem em sua busca pelo objeto. Salienta o caso particular de algumas pulsões sexuais, as quais permanecem sob o abrigo das pulsões de autoconservação, “emprestando-lhes componentes *libidinais* que passam despercebidos durante o funcionamento normal

duas *séries de associações*. Diferença entre séries de processos do aparelho.

Assim sendo, o aparelho é concebido em termos estruturais, e não como soma de áreas distintas. O *território da linguagem* (*das Sprachgebiet*) nos apresenta a um lugar entendido por Freud como uma *totalidade*. Como algo indivisível e unitário, impossível de ser distribuído em centros “específicos”. Portanto, a ideia de um território da linguagem formado por uma área contínua do córtex possibilita a Freud a concepção de um aparelho de linguagem enquanto campo de associação e transferência.

Vamos agora dar ênfase no termo *linguagem* da concepção de aparelho de *linguagem* (*Sprachenapparat*). Podemos entender, fundamentando-nos no trabalho de Garcia-Roza, que o aparelho de linguagem não está pronto desde sempre. Ele é algo que se constrói passo a passo numa “relação com *outro aparelho de linguagem*” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 40). Eis então um ponto notavelmente inovador desse aparelho: ao invés de nos colocar diante de coisas a serem percebidas – como o faria um aparelho perceptivo clássico – ele nos coloca diante de outro aparelho de linguagem, o qual “nos introduz no registro da troca simbólica” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 40).

Com o objetivo de se fazer articular com saberes que se constituem na e pela linguagem, a constituição desse aparelho ocorre através de uma diversidade de experiências que integram o motor e o sensorial numa unidade indivisível. Essa diversidade de experiência é descrita por Freud através de etapas neurológicas de sua formação, sendo a *representação-palavra* o ponto de partida de sua análise.

A palavra é uma representação complexa. Sua unidade implica uma diversidade de elementos que estão em distintos locais ao longo do território da linguagem. Essa unidade é explicada pela articulação entre representação e associações, de modo que sua estrutura e funcionamento são consequência dos “modos de associação colocados em jogo na relação com um outro aparelho de linguagem” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 42).

As representações vão se constituir como conteúdos do aparelho de linguagem através das *vias de associação*. Esse é o processo que tem lugar no aparelho de linguagem: qualquer operação da linguagem implica na intervenção simultânea de funções relativas a mais de um ponto no território da linguagem (tendo como base a palavra, composta por componentes acústicos, visuais e cinestésicos). São as associações que estruturam o aparelho de linguagem.

Quando ocorre uma associação de associações³⁶, Freud usa o termo *superassociação*. Ocorre quando a própria associação é tomada como o termo de uma relação, ou seja, “quando consideramos a própria representação-palavra na sua relação com as demais representações-palavra” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 43). No entanto, o aparelho de linguagem compõe-se numa necessária relação com outro aparelho de linguagem. Cada representação-palavra tem uma extensão diferente, variando de acordo com o outro aparelho ao qual ela é destinada. Deste modo, podemos salientar com Nassif que “o aparelho de linguagem é uma construção implicando uma perpétua reconstrução” (Nassif apud GARCIA-ROZA, 2001, p. 44). E ele afirma isso baseado fundamentalmente na escrita de Freud. O fato de as imagens sonoras serem agenciadas diferentemente segundo o código ao qual pode se relacionar cada sequência com função de mensagem *torna a associação dependente da estrutura significante* estabelecida progressivamente pela percepção do material sonoro ou gráfico de um código. Dizendo de outra maneira, para o aparelho de linguagem uma aquisição nova está diretamente ligada à relação que esse estabelece com um outro. Deste modo, a *similaridade* imposta pelo código se articula com o *novo* implicado na mensagem. A este conjunto de processos Freud chama *superassociação*.

De acordo com Garcia-Roza, Freud aborda o problema da significação e aponta para um entendimento do signo como arbitrário pelo uso do esquema da representação-palavra e das associações de objeto. Acrescenta ainda que o percurso que finda com a descoberta do Inconsciente tem início através da introdução dos conceitos de *agnosia* e *assimolia*. Ele propõe ler o termo psicológico do “esquema psicológico da representação-palavra” como um denunciador de ênfase para o termo representação e sobre as associações entre elas. Isto implica no abandono do conceito de impressão, tão caro aos empiristas ingleses, antecessores de Freud no estudo desse tema. Para esses últimos, havia um elemento fisiológico (impressão) para cada elemento psicológico (ideia); o fenômeno da associação entre duas impressões implicava na associação entre as duas ideias correspondentes. Deste modo, a ideia era pura e simplesmente a reprodução da impressão. Efetivamente, um epifenômeno, redutível ao fisiológico. Por conseguinte, as associações

³⁶ Diferenciando-a da associação como uma simples relação entre termos, a qual articula os vários elementos que formam uma representação-palavra, nenhum deles capazes de serem concebidos isoladamente.

sentido contrário: a sexualidade e reprodução das espécies é o elemento privilegiado. O indivíduo é apenas passageiro. Ou, talvez, fosse melhor dizer *um passageiro*. Uma espécie de transeunte que passa brevemente pela vida, alheio às funções sexuais que o antecedem e o sucedem. Nesse instante, para fundamentar sua escrita, Freud busca um autor não citado até então – Ehrlich, que teorizara química própria das funções sexuais. Mesmo citado, ele não aparece na listagem bibliográfica do volume em que consta, nem no índice geral do volume 24 da ESB. Entretanto, o autor em questão é ganhador do Prêmio Nobel de medicina – há um sítio especializado no assunto com informações sobre ele na internet⁷¹.

Freud salienta a insuficiência de informação a respeito das pulsões sexuais. Mais inacessível ainda foram as pulsões do Eu. Sobre as pulsões sexuais: “são numerosas, provêm de múltiplas fontes orgânicas, exercem de início sua atividade independentemente uma das outras e só bem mais tarde são amalgamadas em uma síntese mais ou menos completa” (FREUD, 2004/1915, p. 151).

Um dos momentos marcantes da leitura de um texto clássico da psicanálise como este é aquele em que se vê uma declaração sobre a possibilidade de estudo da vida pulsional. Elas se dão a partir do estudo

⁷¹ Trata-se do sítio <http://www.sciencemuseum.org.uk/broughttolife/people/paulehrlich.aspx>. Além desse sítio, há também outro, de um instituto que leva o seu nome: http://www.scientific-hessen.de/front_content.php?idcat=33. (Sítios acessados em 16/01/2013). Curiosamente, a organização da Standard Edition não nos fornece nenhuma informação sobre este autor. É muito provável que Freud esteja se referindo ao médico e cientista Paul Ehrlich (1854-1915). A enciclopédia Barsa (2002, v. 5, p. 327-8) nos indica maiores informações a respeito deste homem. Natural da Prússia, ele se tornou famoso na Alemanha, onde viveu até o fim de seus dias (faleceu na cidade de Homburg). Estudou em Leipzig e ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1908 – referente a pesquisas a respeito da aplicação da química à biologia e descoberta primeiro tratamento eficaz contra a sífilis. Outras de suas pesquisas trataram de temas relativos a presenças de substâncias estranhas no organismo, aplicação de matérias corantes no estudo de diferentes processos tóxicos, ação e eficácia de diversos agentes terapêuticos e produtos químicos, bem como seu efeito letal em protozoários causadores de doenças. Fazendo uma pesquisa um pouco mais aprofundada, ficamos sabendo que “Deve-se a Paul Ehrlich, que estabeleceu a afinidade seletiva de certos tecidos com determinados produtos químicos, a inauguração da era da quimioterapia” (BARSA, 2002, v. 9, p. 401).

resultados de nosso trabalho de descrição e categorização” (FREUD 2004/1915, p. 150). Não bastasse essa advertência ao leitor, ele ainda a reforça ao acrescentar que “é sempre possível que um estudo mais exaustivo das outras afecções neuróticas obrigue a uma modificação dessa fórmula e, com isso, a outro modo de agrupamento das pulsões originais” (FREUD 2004/1915, p. 150). Disso se depreende que, em última instância, é da teoria das neuroses que vem o conceito de pulsão, é a partir da “clínica” – e clínica aqui quer dizer teoria das neuroses – que se especula sobre o *Trieb*. Mas a pulsão de morte – o *Todestrieb* de que fala Freud, por sua vez, não tem em origem qualquer participação direta da teoria das neuroses. É de natureza inteiramente especulativa. Esse caráter especulativo da pulsão de morte é demarcado pelos autores que se debruçaram sobre o tema. A marca conceitual da pulsão de morte é a especulação, mas esse caráter especulativo não é uma exclusividade sua. O que se está lendo nessa passagem da obra de Freud é justamente uma declaração da presença marcante da especulação na conceituação da pulsão. Em outras passagens, percebe-se – ainda que com menor clareza – esse caráter especulativo. Veja-se, por exemplo: “Mas, neste momento, não sabemos de nenhuma proposição a respeito desta questão, e ainda não encontramos nenhum argumento desfavorável à hipótese da oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais” (FREUD, 2004/1915, p. 150). Diante de tal problema, ele volta a fazer uso das imagens extraídas das ciências da vida.

Primeiramente, ele declara: “Entretanto, parece-me pouco provável que, a partir da análise do material psicológico, se possam obter dados e indicações decisivos que nos permitam fazer uma distinção e classificação das pulsões” (p. 150). Na sequência, ele faz a seguinte afirmação: “Pelo contrário, o próprio estudo do material psicológico parece exigir que nós mesmos aportemos determinados pressupostos sobre a vida pulsional” (p. 150). Salienta sua preferência pela transposição de pressupostos de outro campo para o metapsicológico. Sua escolha recai sobre a biologia, da qual, segundo ele afirma, “provém uma contribuição que corrobora a idéia de uma separação entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais” (FREUD, 2004/1915, p. 150).

Portanto, ele se refere à parte da biologia que trata da sexualidade. E que a compreende como função que ultrapassa o próprio indivíduo. Ou seja: é uma função que *está nele*, mas *não é dele*. Duas noções bem distintas convivem lado a lado nesta ciência. A primeira entende o indivíduo como o elemento principal e a sexualidade apenas como um resto ou apêndice desse indivíduo. A segunda pensa no

eram consideradas externas aos elementos, incapazes de produzir o novo³⁷.

Ao introduzir a ideia de associações de objeto, Freud admite que “o que é representado na representação não é um objeto, mas séries de associações” (Nassif apud GARCIA-ROZA, 2001, p. 47). De modo que a palavra constitui-se através de associações entre imagens mnêmicas ou representações, sendo o seu significado consequência da articulação da imagem acústica com a representação-objeto. O que faz do aparelho de linguagem um aparelho capaz de produzir sentido através das articulações entre as representações.

Representação-objeto, neste caso, não se trata do referente, tampouco da coisa, mas do significado. A significação, aqui, pode ser entendida como associação entre os diversos registros (a coisa, as imagens – visuais, táteis, acústicas) da representação.

2.2 A noção de *Vorstellung* toma forma

A originalidade da releitura de Nassif das *Afásias* está na articulação desta obra com aquelas dos pensadores que a precederam e a sucederam. E esta articulação desenvolve-se especialmente no campo da palavra e todo o seu universo linguístico. Pois, se por um lado não é desconhecida a intimidade de Freud com as filosofias de John Stuart Mill³⁸ ou Franz Brentano³⁹, por outro lado essa relação ainda não foi

³⁷ Tendo como única exceção o empirismo de Hume, que admite um tipo de associação capaz de superar o que é dado pela realidade e criar ficções: a *associação por causalidade*.

³⁸ Na mais recente das biografias de Freud, Peter Gay (2002, p. 50) salienta o fato de Freud ter sido indicado ao editor Theodor Gomperz – responsável pela publicação das obras de John Stuart Mill (1806-1873) em alemão – por Brentano para participar de sua equipe de tradutores dos ensaios de Stuart Mill. Além de, em cartas a sua jovem noiva, Freud fazer comentários sobre sua leitura das obras do filósofo inglês. Fatos indicadores de um convívio íntimo e de longa data de Freud para com este filósofo.

³⁹ Ao discorrer sobre as experiências do jovem Freud com a filosofia, Gay (2002) afirma que elas “levaram-no ao ambiente atraente e revigorante do filósofo Franz Brentano”; e que Freud “assistiu a não menos que cinco séries de conferências e seminários oferecidos por esse ‘sujeito danado de esperto’, esse gênio, e procurou-o para entrevistas particulares” (p. 43-4). O biógrafo assim descreve o filósofo: “Brentano, ex-padre, um eloquente intérprete de Aristóteles e da psicologia empírica” (p. 44). Dessa relação entre o jovem Freud e o velho filósofo professor, esse biógrafo destaca que: “Brentano havia estimulado e

investigada com a complexidade necessária para inserir o trabalho de Freud na trama da filosofia associacionista. Da mesma maneira, pode-se dizer que ainda não se conhece outro trabalho – ao menos em nosso idioma – capaz de estender tão longe o fio das articulações. Traçando esclarecedor caminho que parte dos clássicos, ele passa por um quase desconhecido trabalho de Freud e chega finalmente nos linguistas modernos. Os mesmos que, posteriormente, serviriam de suporte teórico para a releitura da obra freudiana, proposta por Jacques Lacan.

A contribuição de Stuart Mill está na sua concepção de química mental, a qual considera os casos em que “as idéias simples *geram*, mais do que compõem, as idéias complexas” (Stuart Mill apud GARCIA-ROZA, 2001, p. 51). Também está na sua perspectiva do fenômeno de associação de ideias, a qual era categorizada em até quatro casos. São estes: *semelhança* (ideias semelhantes excitam-se mutuamente, constituindo um conjunto), *contiguidade* (se duas impressões forem sentidas ou pensadas ao mesmo tempo ou em sequência, a repetição de uma implicará na excitação da outra), *frequência* (aumento do grau de certeza dessa última através da repetição, até uma não poder ser pensada

tornado mais complexo o pensamento de Freud, e seus textos sobre psicologia deixaram sedimentos significativos na mente de Freud” (p. 44). Roudinesco & Plon (1998, p. 92), por seu turno, definem Franz Brentano (1838-1917) como um filósofo austríaco que exerceu forte influência em pensadores vienenses do final do século XIX – dentre os quais se destacam Husserl e Freud. Era amigo de intelectuais como Gomperz, e de médicos socialmente reconhecidos, como Meynert e Breuer. Não é de se estranhar, portanto, a proximidade entre Brentano e Freud. E é plausível pensar que, tal como no caso de Meynert e Breuer, Brentano também pode ter exercido notável influência no pensamento de Freud. Nesse sentido, os autores do *Dicionário de Psicanálise* destacam primeiramente que Freud “se decepcionou com a filosofia em geral, que julgava demasiado ‘especulativa’, e em particular com Brentano, por quem tinha uma admiração muito relativa” (p. 92). Em seguida, eles explicam que “Brentano foi para Freud um mestre modelo, cujo ensinou lhe indicou o caminho a seguir, para conciliar a especulação e a observação” (p. 93). A respeito da relação de Freud com o ensino de Brentano, afirmam que Freud “Limitar-se-ia a afirmar, a respeito da filosofia, que, depois de ter sido atraído pela especulação, renunciara corajosamente a ela” (p. 93). Disso se depreende que o namoro com a especulação está presente em Freud desde o início de seus estudos mais aprofundados no campo da medicina, da ciência e da filosofia. A ambivalência de Freud diante do uso do método especulativo parece com aquela dos amantes em dúvida diante da decisão em tornar o seu relacionamento público ou deixá-lo permanecer como “segredo de alcova”.

se pergunta a respeito desse processo – será ele de natureza química, ou talvez forças mecânicas tenham lugar nesse processo? Salienta, entretanto, ser esse tema da alçada de outras ciências. Sobretudo pelo fato de a pulsão se tornar conhecida e apreensível na vida psíquica através de suas metas. Ainda que esses obstáculos ao estudo da pulsão não impeçam a inferência – a partir das metas pulsionais – retroativa sobre as suas fontes.

Referindo-se ao que é característico de cada pulsão – sobretudo a suas capacidades particulares – essas diferenças qualitativas não são entendidas como uma diferença efetiva entre suas qualidades. Freud propõe pensar igualmente as pulsões em suas qualidades e também pensar que “as diferenças de seus efeitos se devem às magnitudes de excitação que cada pulsão veicula, ou talvez, a certas funções dessa quantidade” (FREUD, 2004/1915, p. 149). Poder-se-ia explicar a diferença entre as capacidades de desempenho psíquico das pulsões pela diversidade das fontes pulsionais. Essa questão não fica clara nesse texto, e, aparentemente, não é esclarecida por seu autor em nenhum trabalho posterior. Reside, nessas questões, um dos mistérios do universo da metapsicologia.

Partindo do conceito de pulsão, é possível supor a existência de quantas pulsões – e de que tipos? Essa é uma pergunta cabível, uma vez que está sendo introduzido um conceito de base. Um fundamento para outras questões que também merecem resposta. No entanto, corre-se o risco de se obterem respostas aleatórias para perguntas sem direção. Poder-se-ia falar em uma pulsão lúdica, gregária ou de destruição – tal como o exemplifica Freud. Independentemente do contexto ou das condições a partir das quais essas suposições sejam elaboradas, a pergunta que se nos impõe trata da validade e da relevância dessas suposições. Freud argumenta algo a esse respeito no sentido de se pensar se “esses conteúdos temáticos pulsionais tão especializados não deveriam ser retroativamente decompostos na direção das fontes pulsionais, a fim de se chegar às pulsões originais, àquelas não mais divisíveis, e atribuir apenas a estas uma efetiva importância” (FREUD 2004/1915, p. 150).

Muito bem: quais seriam as pulsões originais as quais ele se refere? Nada mais do que aquelas introduzidas juntamente com o conceito de narcisismo: as pulsões do eu e as pulsões sexuais. No momento exato dessa introdução conceitual, Freud adverte: “Ela é uma simples construção auxiliar que apenas será mantida enquanto se mostrar útil; sua substituição por outra fará pouca diferença nos

4.5 Os termos constituintes da pulsão e os diferentes tipos e quantidades de pulsões

Após suas considerações iniciais, Freud põe em foco os termos utilizados em conjunto com o conceito de pulsão: *Drang* (Pressão), *Ziel* (Meta), *Objekt* (Objeto) e *Quelle* (Fonte). Eles são analisados paulatinamente.

O aspecto referente ao movimento e acréscimo de forças, sobretudo a medida de exigência de trabalho imposta à vida psíquica pela pulsão denomina-se *Drang* (Pressão). É um aspecto de toda e qualquer pulsão. Quanto a isso, Freud declara: “Esse caráter de exercer pressão é uma propriedade universal das pulsões, na verdade, sua própria essência” (p. 148).

O apaziguamento de uma pulsão – só possível de se adquirir mediante a suspensão do estado de estimulação situado na fonte pulsional – é a sua *Ziel* (Meta). Muitas e diferentes metas são possíveis para as pulsões: “uma pulsão pode ter numerosas outras metas mais próximas e metas intermediárias, que se combinam e até se permutam entre si antes de chegarem à meta final” (p. 148). Há dois tipos de pulsões passíveis da rubrica “inibidas quanto à meta”. No caso de inibição ou desvio no percurso – bruscamente – após um período seguro rumo ao apaziguamento. Um segundo tipo é aquele que diz ser passiva a meta da pulsão. É justamente desse tipo que se trata quando se fala indiscriminadamente em “pulsão passiva”.

Se é certo uma pulsão movimentar-se em direção a uma meta, isto só é possível ocorrer através de um *Objekt* (Objeto). Ele não está ligado a ela desde o início. Por isso mesmo é o seu elemento mais variável. Ele é adicionado à pulsão de acordo com a sua possibilidade de lhe fornecer apaziguamento. O objeto da pulsão não precisa estar localizado no exterior; pode ser parte do próprio corpo. É passível de troca ou substituição por outros objetos, *pelos quais a pulsão deslizará*. Um único objeto pode servir a muitas pulsões. No caso de haver uma forte ligação entre pulsão e objeto, será utilizado o termo *fixação* [*Fixierung*]. A fixação surge nos tempos remotos do início do desenvolvimento da pulsão. Além de ligar fortemente a pulsão ao seu objeto, a fixação dificulta a separação entre pulsão e objeto, interrompendo o deslizamento da pulsão.

O processo localizado em determinado órgão ou parte do corpo, a partir do qual se depreende o estímulo que na vida psíquica é representado pela pulsão, denomina-se *Quelle* (Fonte) da pulsão. Freud

sem a outra) e *inseparabilidade* (como efeito do último caso, os fatos que correspondem às ideias tornam-se eles mesmos inseparáveis).

A nossa crença nas coisas concebidas como unidades é explicada pelo último caso. Por entender a matéria como o produto de uma associação inseparável, Stuart Mill nega a existência de uma substância material “em si”. Entende essa crença como uma consequência da sucessão das diferentes possibilidades de sensações ou de sentimentos. O que possibilita a esse filósofo compreender, muito antes do surgimento da psicanálise, que “não é o eu que constitui as associações, mas, ao contrário, estas é que constituem o eu” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 51). E ainda que, anteriormente a Freud, Stuart Mill liberte a noção de objeto da referência à coisa, não chega a oferecer uma caracterização da representação-objeto enquanto articulada à representação-palavra.

Nesse sentido, a vantagem do trabalho de Freud sobre as afasias está no caráter de complexo aberto da representação-objeto. Sendo o objeto resultante não apenas das sensações presentes, mas também de todas as possibilidades de sensações que compõem a série associativa do complexo do objeto, ele é um *complexo aberto*, ao contrário do que diz Freud em seu texto. Garcia-Roza (2001) propõe ler os adjetivos *fechado* e *aberto* utilizados por Freud no sentido de um caráter *acabado* ou *inacabado* desses complexos.

O conceito de representação-objeto defendido por Freud tem uma influência muito maior do filósofo Franz Brentano do que de Stuart Mill. Somos advertidos quanto a isso por Garcia-Roza (2001) que, apoiado no texto de Nassif, mergulha profundamente na filosofia de Brentano.

2.3 Um brevíssimo panorama sobre a concepção de *Vorstellung*, de Brentano a Lacan

A contribuição de Brentano vai além do esperado pelo atento leitor da obra freudiana. É bem conhecido pela história da psicanálise o fato desse pensador ter sido professor de Freud, assim como outras personalidades da história do pensamento moderno (tais como Edmund Husserl, por exemplo). Mas, além de informações de cunho histórico e biográfico como essa, cabe acrescentar que Brentano recusava a redução do psicológico à categoria de epifenômeno do fisiológico, tal como Freud passaria a defender a partir de *Afasias*. E, além de defender a diferença entre eles, caracteriza essa diferença de maneira um tanto

quanto original: afirma ser a *presença intencional, direção a um objeto* ou *intencionalidade* a marca maior do fenômeno psicológico. Esse último é compreendido enquanto uma relação entre ato e conteúdo do ato, de modo que “todo ato psíquico ou é uma representação ou está fundado numa representação” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 56).

Ao afirmar que toda consciência é consciência de um objeto, Brentano afirma a necessidade objetual para o ato da consciência, *não necessitando ser o objeto existente em si mesmo*. Diversamente de Freud, ele utiliza o termo *Vorstellung* para se referir ao ato de representar e não apenas o objeto representado. No entanto, não podemos deixar de considerar que um não ocorre à revelia do outro e que ambos independem da existência real das coisas (*Dingen*) às quais eles se referem. Ou seja: o sentido de uma *Vorstellung* depende diretamente da relação que ela mantém com as outras *Vorstellung*. A coisa para a qual ela aponta não determina o seu sentido. A *Vorstellung* não é uma cópia do objeto externo, e seu sentido não é proveniente desse objeto, mas da relação que as várias *Vorstellungen* formam entre elas⁴⁰.

Curiosamente, ele chega a essa conclusão após estudar a diferença entre objetos reais e objetos fictícios⁴¹ – sobretudo a partir da ontologia de Meinong⁴². Pois se considerarmos que mesmo no caso de

⁴⁰ Brentano chega a essa conclusão somente após receber críticas de Alexius Meinong a respeito da sua concepção inicial, que *afirmava a relação direta entre o significado da representação-objeto e a Coisa*. Depois de refletir sobre essas críticas, reformula seu pensamento e passa a afirmar ser a relação mantida entre as próprias representações a razão do significado de uma representação.

⁴¹ Podemos traçar aqui uma relação entre ficção, fantasia e especulação. Basta apontar para o impacto causado por essa relação tanto na filosofia quanto na psicanálise: Brentano dá um passo além do limite entre ficção e realidade ao dar ao objeto fictício o mesmo valor do objeto real. Freud avança no mesmo espaço limítrofe ao negar a teoria da sedução e depois, ao afirmar a inexistência dessa diferença entre fantasia (ficção) e realidade no inconsciente. Faz algo parecido ao reconhecer o caráter especulativo, ou seja, um tanto quanto fictício, da pulsão de morte. Ao fazê-lo, provoca celeuma, desta vez dentro do próprio movimento psicanalítico.

⁴² Alexius Meinong (1853-1920): Psicólogo austríaco, autor da *teoria do objeto*, a qual classifica diversos objetos independentemente da mente. Uma obra conhecida é *Sobre os fundamentos da teoria do objeto no processo de conhecimento*, de 1907 (BARSA, 2002, vol. 16, p. 133). Sobre este filósofo, Eco (2013, p. 69) salienta que bastaria fazer uso de sua ontologia “para aceitarmos a ideia de que toda representação ou julgamento deve corresponder a

Feita essa especulação, de base científica, mas de um estilo literário fabular, Freud retoma os atributos com os quais descreve o seu conceito fundamental. Dentre esses atributos, destacam-se sua origem *interna* e sua manifestação enquanto *força constante*. Ressalta, ainda, a sua *impossibilidade de remoção pela fuga*.

Na sequência, são nomeadas as premissas mais complexas que dão sustentação ao conceito de pulsão. A mais importante dessas premissas afirma ser o sistema nervoso um aparelho regido por uma determinada função: livrar-se, reduzir ou manter-se absolutamente livre de estímulos que lhe atingem. E ele o afirma através do seguinte enunciado: “Podemos atribuir ao sistema nervoso a tarefa – em termos gerais – de lidar com os estímulos” (FREUD, 2004/1915, p. 147).

Percebe-se nessa premissa uma concepção de cunho biológico, suportada pelo conceito de função tendência ou finalidade (*Zweckmässigkeit*). Ora, a introdução do conceito de pulsão entra em conflito com essa já estabelecida concepção. Conforme acentua Freud: “os estímulos que se originam no interior do organismo não podem ser eliminados por esse mecanismo [*do arco reflexo*]” (p. 147). Impondo exigências mais elevadas ao aparelho, incitando nele o empenho em atividades complexas e entrecruzadas entre si – visando à conquista dos elementos capazes de eliminar ou aliviar as fontes internas de estímulos. Com esse propósito, os estímulos pulsionais colocam o aparelho em contato direto com o mundo externo, transformando-o e alterando-o; e modificando também o próprio aparelho, pois as pulsões obrigam-no a todo instante a se afastar de sua tarefa fundamental. Seguindo continuamente para frente, as pulsões movem o sistema nervoso em direção ao seu progresso – sua própria evolução em termos de complexidade.

Curiosamente, a partir disso Freud observa que “nada nos impede de considerar que as próprias pulsões, ao menos em parte, sejam os precipitados da ação de estímulos externos que, no curso da filogênese, modificaram a substância viva” (p. 148). Propõe, ainda, pensar sobre a possibilidade de estarem ainda submetidas ao princípio de prazer até mesmo as atividades mais evoluídas – complexas – do aparelho psíquico. Freud ressalta a evidência da relação entre a sensação de desprazer e o aumento dos estímulos, a sensação de prazer e a sua diminuição. Ele reconhece, porém, a variação e a complexidade dessas relações, com a expectativa incerta de compreendê-las num momento posterior.

modelo ou protótipo mais apropriado para o exame dessa *ação apropriada*⁷⁰. Ao contrário do estímulo fisiológico, o estímulo pulsional age como uma *força constante*. Por provocar agressões a partir do interior do próprio corpo, *não há lugar para a fuga diante do estímulo pulsional*.

Freud afirma ser o termo *Bedürfnis* (necessidade ou carência) a melhor denominação para esse tipo de estímulo. A tudo aquilo que é capaz de aliviar essa *Bedürfnis* (carência ou necessidade), denomina-se *Befriedung* (apaziguamento ou alívio). Freud salienta somente ser possível alcançar essa satisfação através de “uma alteração direcionada e específica (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos” (FREUD, 2004/1915, p. 146). Em seguida, embora não tão visível ou clara mente, tem início uma *especulação*. Pois ela tem conhecimentos científicos como base – o que lhe confere uma ilusória aparência de solidez. Mas nem por isso ela deixa de revelar sua natureza especulativa.

Neste momento, Freud convida o leitor a *imaginar*. Ou, mais exatamente, a *imaginar-se* “no lugar de um ser vivo vulnerável e desamparado, e ainda desorientado no mundo, mas que já comece a receber estímulos captados por sua substância nervosa” (FREUD, 2004/1915, p. 146). Imaginando a si mesmo nesse lugar fictício, o leitor pode seguir o curso de ideias tecidas pela especulação freudiana. Poderá visualizar a primeira diferenciação desse imaginário ser, bem como o vislumbre de sua primeira orientação frente ao mundo que o rodeia.

Poderá se tornar mais claro então, para o leitor de Freud, o reconhecimento dos diferentes tipos de estímulo por parte do pequeno ser. Estímulos com uma área de alcance passível de afastamento – basta movimentar-se para dela se evadir. Esse movimentar-se consistirá – biologicamente falando – em uma ação muscular, habitualmente conhecida por *fuga*. Ela permitirá ao pequeno ser reconhecer os estímulos dos quais se afasta como *exteriores a si mesmo*.

Entretanto, da mesma forma como reconhecerá esses últimos, reconhecerá também outros, dos quais o movimento da fuga resultará ineficaz. Esses estímulos – designados por Freud como *drängenden* (exercitores de pressão constante) – indicarão ao pequeno ser a existência de um mundo interno. Serão, de fato, denunciadores das *necessidades pulsionais* [*Triebbedürfnisse*]. Ou seja: a partir do uso de sua eficiência muscular frente aos estímulos, um ponto de referência estará disponível para o pequeno ser distinguir o *externo* e o *interno*.

⁷⁰ Para os leitores da ESB, esta é a popular “ação específica”.

um objeto puramente imaginário, folclórico, como uma sereia ou um saci pererê, por exemplo, há significação. De alguma maneira eles existem, possuem vida e realismo nas lendas e no imaginário popular, apesar de não apontarem para um objeto existente por si e para si.

Ser a significação resultante da relação entre representações e não da articulação entre representação e coisa é indicativo de dois pontos dignos de nota para nosso trabalho. O primeiro deles é que não estamos mais no registro da representação compreendida enquanto uma *entidade psicológica pura e simples*. Estamos, a partir deste momento, no *registro do significante*. O segundo ponto consiste nesta conclusão: não havendo significação sem linguagem, a filosofia de Brentano constitui uma influência maior para Freud do que a de Stuart Mill, sendo, portanto, um suporte mais adequado para sua compreensão. Retornemos agora à questão do trabalho sobre as afasias. Qual a relação da concepção de linguagem de autores como Peirce, Saussure e Lacan com o que foi estudado até agora?

Em primeiro lugar, devemos salientar que para Freud a representação-palavra ganha sentido através de sua relação com a representação-objeto. O que significa que tanto a palavra recebe sentido por estar ligada à representação-objeto como “é também pela sua articulação com a representação-palavra que o objeto ganha identidade e que o conceito de objeto torna-se possível” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 59). De onde se depreende que a função do aparelho de linguagem é, ao

um objeto, mesmo que este talvez não seja necessariamente um objeto existente”. E acrescenta: “Um objeto é qualquer coisa dotada de certas propriedades, mas a existência não é uma propriedade indispensável”. Eco reforça o pensamento de Meinong ao mencionar em seguida que “sete séculos antes de Meinong, o filósofo Avicena dizia que a existência era apenas uma propriedade accidental de uma essência ou substância”. Ainda sobre Meinong, vale prestar atenção nas seguintes passagens: “o que levaria um conceituado filósofo e lógico a elaborar uma teoria de objetos não existentes? Se os objetos não existiam, qual o sentido de construir uma teoria sobre eles?” (GARCIA-ROZA, 2012, p. 7); e: “Tratava-se de uma crítica do filósofo e lógico inglês Bertrand Russel ao livro do também filósofo e lógico austríaco Alexius Meinong e cujo título considerara fascinante” (GARCIA-ROZA, 2012, p. 8). Vê-se aqui a transposição de uma parte do trabalho acadêmico e intelectual de Garcia-Roza para a sua obra posterior, de caráter romanesco e ficcional. Além do fato de um estudioso da psicanálise e, sobretudo, da metapsicologia, tornar-se um ficcionista, também chama atenção a repetição do tema do objeto inexistente – presente tanto em seu trabalho acadêmico sobre metapsicologia quanto no seu trabalho de ficcionista com romances policiais.

invés de apontar para um conhecimento direto da representação-objeto em si mesma, *possibilitar a significação*.

Essa significação possibilitada, por sua vez, só pode de fato ocorrer *se a palavra apontar para algo exterior a si mesma*: para um objeto. Podemos encontrar essa íntima relação entre palavra e objeto no texto de Freud. Em seu esquema psicológico, é apenas pela *imagem acústica* que a representação-palavra liga-se à representação-objeto. As associações visuais da representação-objeto ligam-se à imagem acústica da representação-palavra, através do complexo fechado desta última e do complexo aberto da primeira.

Feitas todas essas necessárias digressões, cabe agora retornar ao final do texto de Freud no que diz respeito à clínica das afasias. Voltando às questões lançadas ao início do capítulo: Freud defende a tese de serem as afasias um problema de significação – de ordem funcional, portanto – através das seguintes propostas: conceituar o distúrbio das associações entre os elementos da representação-palavra como *afasia verbal*; conceituar o distúrbio da associação entre representação-palavra e representação-objeto como *afasia assimbólica*; conceituar o distúrbio das associações entre a representação-palavra e a coisa – ou seja, o reconhecimento dos objetos – como afasia agnósica, ou simplesmente *agnosia*.

Diversamente do que ocorre nas outras afasias, no caso da agnosia é afetada a relação do objeto com a coisa. Aqui o aparelho de linguagem não é atingido, mas o sujeito não pode se servir dele na sua função sígnica (sua função de, enquanto aparelho *para a* linguagem, *representar alguma coisa para alguém*).

O signo se constitui como signo a partir da representação-palavra. Apesar de aparentar vir de fora, ele é tão interiorano quanto a representação-palavra. Dizendo de outro modo: não existe uma diferença radical entre os signos de dentro e os signos de fora. Pois representação-palavra e representação-objeto são, todas as duas, representações. E mais: apesar de estar muito mais do lado de fora do que do lado de dentro, a representação-objeto só pode ser signo por estar ligada à representação-palavra.

De fato, se admitirmos agora, apoiados no trabalho de Garcia-Roza (2001, p. 64n) que aquilo que é aqui denominado por Freud representação-palavra e representação-objeto, Saussure chamará mais tarde de significante e significado, poderemos entender que Freud não separou os conceitos de agnosia e afasia pelo fato de ser o significante (representação-palavra) o responsável pela produção do significado (representação-objeto). Percurso semelhante ao que será traçado mais de

seu caráter de convenções (FREUD, 2004/1915). A rigor, eles não são nada mais do que isso.

Entretanto, ainda que sejam convenções, isso não lhes confere o direito à arbitrariedade. Nesse sentido, salienta ser desnecessária a sua escolha arbitrária. Na realidade elas devem ser “determinadas pelas relações significativas que mantêm com o material empírico” (FREUD, 2004/1915, p. 145). E acrescenta, ainda, ser possível “intuir tais relações antes mesmo de podermos caracterizá-las e demonstrá-las, mas só depois de termos investigado mais a fundo determinado campo de fenômenos é que poderemos formular com mais precisão seus conceitos básicos e modificá-los progressivamente” (p. 145) o seu amplo uso e sua ausência de contradições. Assim sendo, será permitido ao cientista delimitar os seus conceitos básicos em definições. Porém, nem isso os deixará livres de uma eventual reformulação. Esse exemplo consta na história da física. O próprio progresso dessa ciência impôs a ela reformulações em seus conceitos mais fundamentais e bem definidos.

Com um extenso parágrafo todo preenchido por uma digressão epistemológica, Freud prepara seu leitor para anunciar o seu próprio conceito básico. E básico, aqui, não significa simplicidade. Muito menos ingenuidade. Está mais para algo que serve de base, de fundamento para uma grande construção. De fato, basta adentrar nos liames tortuosos do estudo da psicanálise para se vislumbrar o complexo edifício conceitual sustentado por essa pedra de toque chamada pulsão (*Trieb*).

Num exame minucioso da pulsão, Freud aponta para diferentes perspectivas a partir das quais é possível reconhecer seu conteúdo. Para ilustrar a pulsão, ele toma como exemplo o esquema do arco reflexo. Retirado da fisiologia, esse esquema determina que todo “estímulo vindo *do* exterior que atinge o tecido vivo da substância nervosa é novamente reconduzido *para* o exterior por meio de uma ação” (p. 146). No entanto, logo na sequência, ele afirma ser necessário diferenciar o estímulo da pulsão: “É evidente que existem para o psíquico, além dos estímulos pulsionais [*Triebreize*], outros estímulos que se comportam de maneira muito mais parecida com a dos estímulos fisiológicos” (FREUD, 2004/1915, p. 146).

Diferentemente dos estímulos fisiológicos, oriundos do exterior, o estímulo pulsional é proveniente do interior do organismo. Portanto, ele requer um diferente tipo de ação para eliminá-lo. Pois o fundamento do estímulo fisiológico, explica Freud, é a ação por meio de um impacto único. Que, por sua vez, pode ser neutralizado através de uma única e apropriada ação. A fuga em movimento frente à fonte de estímulos é o

movimento do homem a partir de sua vida psíquica. E a vida psíquica, por sua vez, era vista a partir de seus erros, falhas e incoerências. Pois o homem Freud era fruto de uma época iluminista – muito anterior ao período das Grandes Guerras e das consequências mais impactantes da Revolução Industrial – que acreditava na ciência como o triunfo do homem sobre a natureza. Uma época que pode ser entendida como herdeira e mantenedora dos frutos do trabalho iniciado por Aristóteles desde a Antiguidade Clássica. E que, portanto, deixa sua marca inconfundível nas palavras usadas por Freud para nomear os elementos de sua metapsicologia; palavras tais como: *mecanismo*; *aparelho* ou *aparato*.

4.4 Uma digressão epistemológica a partir de *Trieb*

Lendo atentamente o texto de Freud, é possível perceber desde o início um caráter especulativo para falar do conceito de *Trieb*. Mas essa especulação só é reafirmada pelo seu autor quando da defesa de um novo dualismo pulsional, a partir da imposição do conceito de pulsão de morte, em *Além do princípio do prazer*.

Logo de início, uma densa digressão de aspecto epistemológico tem a sua presença abrindo o texto. Quando uma ciência nova está prestes a se estabelecer, de onde ela pode tirar os seus conceitos básicos?⁶⁹ Se tomar como base aquelas que já estão estabelecidas – as ciências “clássicas” ou tradicionais – provavelmente deparar-se-á com uma constante exigência. A de que o seu solo esteja fincado sobre conceitos básicos, claros e precisamente definidos. Contrariando esta provável exigência, a descrição dos fenômenos – seguida pelo agrupamento, ordenação e correlação – usualmente se constitui como o verdadeiro primeiro passo. Conhecimentos provenientes de outros lugares e experiências também participam desse passo inicial.

Os futuros conceitos básicos de uma ciência – eles seriam, em seu início, apenas ideias vagas e iniciais – caracterizam-se dessa maneira. A impossibilidade de se delimitar claramente o seu conteúdo, somada ao grau de indefinição próprio a essas ideias iniciais, revela o

⁶⁹ Deve-se atentar, nesse ponto, para a divulgação e popularização do termo *Gundbegriff* como “conceitos fundamentais”. Sobretudo a partir da releitura lacaniana da psicanálise. Mas nessa digressão, o termo “conceito básico” é mais apropriado, por dialogar diretamente com as ciências. Pois mesmo quando se fala em seus fundamentos, está a se referir muito mais à suas bases, pura e simplesmente, do que ao caráter fundamental de seus conceitos básicos.

cinco décadas depois por Lacan, ao firmar a autonomia do significante. O signo se constitui através do significante. Ele é capaz de significar algo novo, indo além da simples repetição do mesmo. Significar algo novo é poder perceber algo novo: a partir deste ponto nenhum ato de percepção se realiza com indiferença à linguagem. Sendo possível ao aparelho de linguagem criar um objeto original ao estabelecer uma nova articulação entre representação-palavra e representação-objeto, é também possível a ele significar, criar signos por ele mesmo estabelecidos: signos arbitrários.

É importante salientar que o aparelho de linguagem nos situa *diante de outro aparelho de linguagem*, lançando-nos no campo da troca simbólica. O que Freud está defendendo em *Afásias* é a construção do aparelho de linguagem e a aquisição da linguagem. Ao invés de construir um conhecimento sobre o mundo através de uma “pura percepção” – ao modo de um aparelho perceptivo que nos posicionasse frente às coisas do mundo, expostas diretamente à nossa percepção sem o intermédio de um terceiro elemento – esse aparelho viabiliza a troca de experiências e saberes que se produzem na linguagem e pela linguagem. Sendo assim, é notável como já nesse trabalho de Freud percebemos sua posição de recusar às “patologias da linguagem” uma marca estritamente patológica. Ao negar, à sua maneira, o princípio vigente na época (conhecido por *princípio de Broussais*), o qual afirmava a impossibilidade da emergência do novo a partir do patológico, Freud admite que o funcionamento da linguagem possa ser entendido, justamente, como o *surgimento do novo*. Estando incluídos nessa nova rubrica, portanto, os distúrbios de linguagem.

A essa possibilidade de emergência do novo que se manifesta de maneira tão particular nas afásias, Nassif chamará de *efeitos de sujeito*: “os fragmentos de discurso afásico não tem outro papel que o de subverter a essência do discurso bem formado. Os exemplos aparecem como *efeitos de sujeito*” (Nassif apud GARCIA-ROZA, 2001, p. 39).

Capaz de significar, produzir o novo e, sobretudo, produzir um efeito de sujeito. Contudo, quando lançadas todas essas produções são entendidas por Freud no sentido de um *mau funcionamento desse aparelho* (não obstante, isso terá importantes consequências para o seu futuro teórico). Pois são consideradas como restos de linguagem resultantes do rebaixamento da eficácia do aparelho de associações da linguagem em função da ação de afetos intensos sobre ele.

Efeito da imposição de traços mnêmicos à mercê da vontade consciente do sujeito, é possível assimilar a parafasia, enquanto efeito de sujeito, a um ato que faz desse sujeito o efeito de uma clivagem.

Correspondendo a legítimas possibilidades, esses restos apontam para a divisão do sujeito e para o conceito de Inconsciente.

O ponto que queremos ressaltar aqui é a ultrapassagem das fronteiras delimitadas de um simples aparelho de linguagem, alcançando o *status* de um primeiro modelo de aparelho psíquico. Apesar dessa ultrapassagem, e do *status* por ele alcançado, não conseguiu romper inteiramente com a neurologia. Fica, portanto, na série da ousada neurologia de Hughlings Jackson, distante da tradicional neurologia alemã vigente na época.

O passo no caminho para a construção desse aparelho psíquico é dado a partir da escrita do *Projeto de 1895*.

Trabalho confuso e misterioso, o *Projeto de 1895*⁴³ é fruto da intensa correspondência entre Freud e Fliess. A própria concepção do trabalho se dá no momento do retorno de Freud de uma visita ao amigo em Berlim. Inicialmente um rascunho, ele vai se transformando paulatinamente num projeto repleto de ideias inovadoras, até o momento derradeiro em que é rejeitado pelo próprio autor. Talvez o efeito mais forte dessa rejeição sofrida pelo *Projeto* tenha sido o desconhecimento: até cerca de uma década após a morte de Freud – e 55 anos após sua conclusão, quase ninguém sabia de sua existência. Entretanto, apesar da recusa do *Projeto* enquanto um todo, não é difícil de perceber a não rejeição de muitas de suas ideias quando tomadas individualmente. Percebe-se não apenas a manutenção, também o desenvolvimento dessas ideias em trabalhos posteriores.

2.4 A filiação epistemológica de Freud

Logo no início do texto, é motivo de estranheza a seguinte frase “a intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural” (FREUD, 2006/1895, p. 347).

Como entender essa afirmação? Levando-a ao pé da letra? Poder-se-ia levá-la ao pé da letra se esta fosse a leitura de um trabalho de medicina ou biologia. No entanto, não é este o caso: ao escrever essa frase, Freud já publicara trabalhos como *Sobre as Afasias* e *Estudos Sobre a Histeria*, dentre outros, que estão fundamentados em uma concepção de psicologia completamente distinta da que é apresentada

⁴³ Para se referir especificamente a este trabalho de Freud, utilizo ao longo de toda a presente dissertação uma forma resumida: apenas *Projeto*.

seguinte, naturalmente, seria buscar perseguir aquilo que se sabe sobre os grandes pensadores. Eles, seguramente, já se ocuparam de tal questão – e muitas outras – antes de nós.

Aristóteles⁶⁸ propusera uma solução a essa pergunta. Postulara um motor que move tudo, inclusive a si mesmo – sendo, portanto, *ens causa sui*. Mas isso dentro de uma perspectiva diferente. Fruto de uma época distante, que nos habita ainda hoje - inclusive na origem de tantas palavras –, a filosofia de Aristóteles tinha outros métodos, outros problemas a buscar resolver. Numa época e perspectivas diversas daquela própria ao pensador helênico, Freud buscava compreender o

⁶⁸ Para falar sobre Aristóteles (384 a.C-322 a.C), a enciclopédia Barsa (2002) ressalta a sua vasta obra, bem como sua influência sobre grandes homens. Diz ela: “Discípulo de Platão e preceptor de Alexandre, o Grande, Aristóteles foi o grande organizador da filosofia ocidental e muito especialmente da metafísica (estudo do ente enquanto tal) e da lógica” (vol. 6, p. 279). Seu método consistia na articulação entre uma metódica observação e uma sistematização metódica levada até suas últimas consequências. Diante do estabelecimento de uma divisão entre empiristas e racionalistas ao longo da história da filosofia, não é incorreto afirmar o fato de Aristóteles situar-se numa posição intermediária entre essas duas correntes. Pois ele afirmava a construção do conhecimento a partir da experiência – do mesmo modo como pensavam os empiristas – mas sendo concluído apenas após uma forma de elaboração sistemática determinada pela lógica – tal como propunham os racionalistas. Sua contribuição mais permanente foi “a organização do sistema das ciências como totalidade orgânica e o estabelecimento dos graus de confiabilidade dos vários métodos e conhecimentos” (BARSA, 2002, vol. 6, p. 279). Em outro volume dessa enciclopédia, afirma-se ter sido Aristóteles “o primeiro pesquisador científico no sentido atual do termo” (BARSA, 2002, vol. 2, p. 28). É sabido então, que ele nasceu em Estagira, na Macedônia, em 384 a.C. e foi discípulo de Platão em Atenas durante 20 anos. Que Fundou o Liceu de Atenas após dez anos na Macedônia dedicando-se à educação de Alexandre, o Grande. E que tanto o ensino quanto a elaboração da maior parte das suas obras ocuparam-lhe durante 13 anos de sua vida. Ele morreu em Atenas, em 322 a.C. Acima de tudo, interessa-nos saber aqui a respeito do seu conceito de motor imóvel. Uma breve definição basta. Quanto a isso, diz a Barsa que Aristóteles “distinguiu entre uma substância primeira, algo individual, irreduzível e único, que se determina a si próprio e que poderia existir mesmo que não existisse outra coisa” (2002, vol. 13, p. 396). Acrescenta ainda ser a subsistência dessa substância primeira “independente de qualquer qualificação que a ela se atribua” (2002, vol. 13, p. 396). E acrescenta: “o ser individual de um dado objeto, que não pode ser predicado de nenhum outro”.

4.3 Pulsão: a vida psíquica em movimento

Em seus inícios parisienses, os seminários de Lacan contavam com a presença da nata da intelectualidade francesa. Quando do instante dos debates, muitas questões relevantes ganhavam forma e lugar entre os lábios e ouvidos dos sujeitos ali presentes. Num desses momentos, Jean Paul Valabrega⁶⁶ ampara-se numa frase de Protágoras de Abdera⁶⁷ para formular a seguinte pergunta: “o homem é a medida de todas as coisas. Mas qual será, então, a medida do homem?”. Uma questão inconclusa por definição. As mais diversas tentativas de se medir e classificar o homem – assim, de um modo vago e geral – ao longo da história da psicologia não resultaram em êxito. E muitos anos após aquela pergunta ser proferida na sala em que ocorria o seminário de Lacan, ela permanece.

Sob diferentes roupagens, ela segue intrigando aqueles que se debruçam diante dela. Uma outra maneira – mais restrita, talvez – de se intrigar com essa questão é refletir a respeito das motivações humanas. Olhar para o vazio e se perguntar: “O que move o homem?”. O passo

⁶⁶ Jean-Paul Valabrega (1922-2011) foi um psicanalista e também filósofo, autor de muitas obras. Discípulo e analisando de Lacan, ele fundou na França juntamente com Piera Aulagnier e François Perrier uma associação chamada de *O Quarto Grupo*. Para maiores informações, acessar o seguinte sítio disponível na internet: <http://www.quatrieme-groupe.org/histoire/temoignages>

⁶⁷ De acordo com a enciclopédia Barsa (2002, v. 16, p. 316), Protágoras (485-410 a.C.) foi um filósofo grego que dominava a eloquência e um importante representante do pensamento sofista de seu tempo. Sua reflexão mais famosa se concentra na seguinte frase: “O homem é a medida de todas as coisas” (BARSA, 2002, v. 7, p. 447). Demonstra o quanto se preocupa o homem com a condição humana. Ou então, dizendo de maneira mais incisiva, que “nenhum espetáculo é mais atraente para o homem do que o próprio homem” (BARSA, 2002, v. 7, p. 447). Essa frase é acompanhada por outras duas nessa enciclopédia. A pergunta de Jô a Deus sobre o homem – “Que é o homem, para que faças caso dele, para que te ocupes dele, para que o inspecione cada manhã e o examine a cada momento?” (BARSA, 2002, v. 7, p. 447) – e uma fala de Antígona – “Muitas são as coisas grandiosas dotadas de vida, mas a mais grandiosa de todas é o homem” (BARSA, 2002, v. 7, p. 447), tragédia de Sófocles. O que demonstra uma íntima ligação entre filosofia, religião e arte a respeito de uma questão fundamental para o homem: a pergunta sobre si mesmo. Sobre o seu próprio ser. O que há de mais íntimo ou fundamental no homem é inacessível a ele. É necessário contemplar, refletir ou representar para esboçar algum entendimento dessa complexa questão.

nessa primeira frase. Nesse sentido, Garcia-Roza (2001) e Mezan (2007) propõem uma leitura mais complexa dessa afirmação.

É possível resumir essa outra leitura proposta por esses autores da seguinte maneira. *Natur* e *Geist* são termos considerados opostos desde a *Fenomenologia do Espírito*, obra de 1807. Através dela Hegel desenvolve sua filosofia, constituída por dois momentos cruciais: o primeiro deles caracteriza-se pela oposição *Natur* e *Geist*; o segundo pela superação dessa oposição. Nesse sentido, Mezan (2007) afirma que Freud “não leva em conta essa distinção”, afirmando que “para ele ambos os territórios são homogêneos” (p. 5). Nesse sentido, Mezan (2007) discorre sobre a querela dos métodos na Alemanha nos final do século XIX. Garcia-Roza (2001) também explica este problema em seu livro. Vejamos um resumo do problema.

Apesar de situar a psicologia como ciência do espírito, Dilthey mantém uma relação próxima com o positivismo (diferenciando-se, portanto, de Hegel) ao entender a ciência como uma construção de conceitos rigorosos, de significado constante e de validade universal, apenas diferenciando-se das ciências físico-matemáticas e das ciências biológicas por trabalhar com conexões de sentido.

Apesar das diferenças entre Hegel e Dilthey, convém salientar, através de seus exemplos, a existência de uma tradição na filosofia alemã – contemporânea à redação do *Projeto* – que se afirmava como filosofia do espírito.

Por outro lado, dentro de uma linhagem mais influente para Freud – aquela dos cientistas que almejavam elaborar uma abordagem quantitativa dos fenômenos psíquicos – temos aquele que foi uma grande referência para Freud em seu percurso inicial: Herbart.

A primeira das semelhanças entre os dois está no propósito de fazer uma psicologia quantitativa. Além disso, sua concepção de psiquismo expressa um solo comum a ambos: concepções como as de conflito psíquico; princípio de equilíbrio; conservação integral das ideias no psiquismo; ressonância fisiológica; o uso do termo recalque; a crença da função seletiva da consciência em relação às ideias recalçadas; crença na possibilidade de cada ideia [*Vorstellung*] ser dotada de uma intensidade capaz de fazê-la romper ou não o umbral da consciência.

Outros cientistas que influenciaram Freud: Fechner, Helmholtz, Meynert e Exner. Um ano antes do *Projeto* ser redigido, Exner publicara

um trabalho⁴⁴ semelhante ao de Freud em alguns aspectos, tais como: concepção quantitativa do sistema nervoso, na qual figuram os termos soma de excitações, canalização da excitação, função de inibição, incluindo o princípio prazer-desprazer como regulador do psiquismo.

Temos, portanto, duas séries distintas de pensadores que influenciaram o saber disponível até aquele momento para Freud; a dos pensadores da filosofia do espírito, composta por Hegel, Schelling, Fichte, Kant e Leibniz, dentre outros, e a dos pensadores das ciências da natureza, que vai de Herbart a Exner.

Qual delas de fato influenciou Freud? É difícil dizer. Se aparentemente o próprio Freud nos diz com todas as letras estar usando uma concepção positivista e naturalista, o *modo* como ele o faz indica o contrário. Se a proposta explícita é a de fazer da psicologia uma ciência natural da psique, a linguagem por ele utilizada confere a esse texto um caráter ficcional e especulativo que o leva para bem longe das ciências da natureza. E mais: basta examinar os trabalhos que o precederam para perceber neles o uso de uma linguagem filosófica também especulativa e ficcional, marcada pela influência da filosofia do espírito alemã, do associacionismo inglês (via Stuart Mill) e do aristotelismo (via Brentano), apesar de tratar de temas médicos até então tratados apenas por médicos (é o caso tanto das afasias como da histeria).

Convém, portanto, refletir sobre o sentido do termo ciência na expressão ciências da natureza, uma vez que Freud era um homem de ciência, considerando-a, inclusive, a maior realização dos empreendimentos humanos. Além disso, o próprio Hegel não fizera uso do termo Ciências do Espírito no sentido em que será estabelecido posteriormente por Dilthey⁴⁵.

⁴⁴ Trata-se do *Projeto para uma explicação fisiológica dos fenômenos psíquicos (Entwurf zu einer psychologischen Erklärung der Psychischen Erscheinungen)*.

⁴⁵ Wilhelm Dilthey (1833-1911). Sendo este autor mencionado com frequência nessa passagem deste trabalho de dissertação, devem ser mencionadas aqui algumas informações sobre ele. Nascido na Alemanha, numa região atualmente conhecida como *Wiesbaden*, assim o filósofo nos é apresentado pela Barsa (2002, v. 5): “Responsável por importantes contribuições à metodologia das ciências humanas, o filósofo alemão Wilhelm Dilthey propôs uma abordagem relativista da história que influenciou consideravelmente a crítica literária” (p. 173). No âmbito da metodologia e epistemologia das ciências humanas, sua obra mais importante é *Introdução às ciências do espírito [Einleitung in die Geisteswissenschaften]*. Também é importante ressaltar que “A publicação póstuma de suas obras contribuiu para a implantação do estudo das ciências

de termos, na trama de articulação pode-se dissecar e examinar com a devida atenção termo por termo.

Destaca-se o fato de Freud utilizar com frequência os dois tipos de trama, alternando-os bruscamente de um parágrafo ao outro. Nesse sentido, Hanns aponta para a necessidade de se comunicar ao leitor isto não se tratar de “confusão, ou falta de rigor, ou de um uso exclusivo e particular de Freud, mas de uma mera alternância entre tramas enfáticas e de articulação, como ocorre em qualquer idioma” (HANNS In: FREUD 2004, p. 19).

Deve-se ressaltar a especificidade deste problema de tradução. As referidas tramas enfáticas e de articulação têm o seu efeito e sua inteligibilidade na língua original: o alemão. É impossível traduzir perfeitamente essas tramas para qualquer outro idioma. Faz parte do próprio trabalho de tradução aceitar a perda dessas conexões disponíveis na língua original e buscar novas conexões – muitas vezes desconhecidas – na língua anfitriã (acontece muito de perder “a graça” ao se traduzir poesias, letras de música e piadas). Disso se depreende a dificuldade – do momento da tradução ao da leitura – em delimitar as fronteiras entre o que seria uma linguagem conceitual rigorosa e outra linguagem mais simples e despreziosa, sem confundi-las. Com efeito, este problema perpassa toda a história de tradução, leitura e conceitualização da obra freudiana. Pontalis (1972) flerta com esse problema ao abordar os diferentes registros da linguagem conceitual freudiana⁶⁵. Tavares (2011), 40 anos depois, aponta para o mesmo problema ao examinar as diferentes versões de Freud hoje disponíveis ao leitor brasileiro.

Por ora, justifica-se aqui a relevância da tradução de Hanns para este trabalho, de cunho investigativo, exploratório e de exame metapsicológico dos conceitos freudianos. Sobretudo o conceito de pulsão, que passou por leituras e releituras diversas e recebe desse tradutor uma atenção especial quanto à variação de seus liames no texto de Freud.

Retornemos, então, ao texto de Freud.

⁶⁵ Convém lembrar-se de um trabalho anterior do mesmo autor, em parceria com Laplanche. Nesse trabalho – Laplanche & Pontalis (2001) –, os autores se esforçaram em pesquisar e lexicar tal linguagem. Uma crítica recebida com frequência referia-se ao problema de acabar se conceituando todo o termo lido em Freud, quando possivelmente alguns deles não teriam sido elevados a essa categoria por seu autor. Mas esta é outra questão polêmica.

Para salientar determinada perspectiva num texto de prosa, é comum o uso de *tramas enfáticas*. Através da repetição de determinadas palavras, acrescidas de outras pertencentes à mesma esfera, confere-se maior força ao sentido de certa ideia. O uso de termos correspondentes entre si em certo contexto possibilita a formação de uma espécie de corrente ou “bloco” de palavras, delimitando uma “ideia-força”. Elas se organizam, portanto, pela *semelhança entre sentidos* (HANNS In: FREUD, 2004).

Tal como ocorre com qualquer autor, Freud se beneficia desse recurso em sua escrita. Mas há uma especificidade no caso da tradução de Freud. Conforme explica Hanns, “como a rede semântica alemã é diversa da portuguesa, essas conexões se alteram na tradução, levando a distorções de sentidos relevantes” (HANNS In: FREUD, 2004, p. 18). Ele exemplifica isso falando sobre uma possível equivalência entre *Trieb* (pulsão), *Lust* (prazer), *Drang* (pressão), *Reiz* (estímulo), *Zwang* (obsessão ou compulsão) e *Energie* (energia) em determinado contexto semântico. Inclusive, estão dicionarizados como sinônimos de “impelir” e “movimentar” na língua alemã. Com efeito, ele afirma o emprego feito por Freud desses termos enquanto sinônimos com o objetivo de “ênfaticamente impelentes do psiquismo e contrapô-los às defesas psíquicas” (HANNS In: FREUD, 2004, p. 18). Mas isso não é o suficiente para livrar o leitor dos apuros. Pois em outro contexto os mesmos termos podem ser utilizados no sentido oposto. É o que ocorre com alguns dos termos supracitados quando o seu uso designa o pólo atrator – a *meta* (*Ziel*) – da pulsão.

Com efeito, salienta Hanns: “Quando se perdem esses nexos, muitos trechos teóricos da obra de Freud ficam obscuros e parece que o autor está mudando abruptamente de tema, ou que está se contradizendo, ou ainda que está dando usos diferentes e particulares aos termos” (2004, p. 18). Cita como exemplo o uso alternado de *Schautrieb* e *Schaulust* como uma variação de termos equivalentes entre si em alemão. *Trieb* e *Lust* podem ter o sentido de “vontade” ou “disposição”, de modo que as referidas palavras compostas poderiam ser traduzidas dessa maneira – “vontade de olhar” ou “disposição para olhar algo”. Ou, no caso de receberem outra tradução, informar ao leitor sobre esta equivalência entre termos na língua original, bem como a sua ocorrência dentro de uma trama enfática.

Formulando-se num sentido oposto ao da trama enfática, a *trama de articulação* permite ao autor que a utiliza *sistematizar detalhadamente* o seu pensamento. Ela se organiza pela diferença entre sentidos. Se na trama enfática é possível organizar correntes ou blocos

É possível entender a posição de Freud simplesmente como aquela de alguém interessado em estabelecer uma ciência, sendo o termo “ciência natural” muito mais uma exigência de rigor conceitual do que a adoção de uma visão positivista ou naturalista da construção do conhecimento. Com efeito, a esse respeito Mezan (2007, p. 5) destaca que “Quando [Freud] diz que a Psicanálise, como ‘psicologia das profundezas’, é uma parte da Psicologia, e esta uma ciência especial, que obedece aos cânones da ciência *tout court*, é evidente que para ele só existe um tipo de ciência [grifo meu], e não dois, humanas e naturais”.

Ao apresentar as duas propostas norteadoras do *Projeto*, Freud nos apresenta duas concepções que não representam algo novo elas mesmas: o novo estaria em como elas se articulam entre si através da pena de Freud.

Neurônio é o nome dado ao suporte material e elemento constituinte do aparelho psíquico. É proposta por Freud uma diferença estrutural entre três tipos de sistemas de neurônios: *Phi*, *Psi*, *Omega*. Está presente nesse modelo (tomado de empréstimo da termodinâmica) um isomorfismo entre cérebro e aparelho psíquico. No entanto, é um modelo explicativo que não corresponde totalmente ao modelo da neurologia, sendo que tampouco os neurônios correspondem a esse modelo.

Ele aponta para a seguinte questão: trata-se de um “projeto” neurológico ou psicológico? Pergunta difícil de responder numa única palavra, ou com a perfeita concisão de um “sim” ou “não”. O mais adequado para responder a essa questão parece ser considerá-la em toda a sua complexidade, para finalmente afirmar tratar-se de uma neurologia em aberto. Inconclusa, pois carece de fechamento teórico formal. Uma neurologia que permite ao leitor colocar sua imaginação a serviço da razão até alcançar os limites do psíquico. Até reconhecer suas formas e estruturas. É nesse sentido que é possível entender a afirmação de Garcia-Roza (2001) e Mezan (2007) de ser o *Projeto* um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética. Fundamentado em uma neurologia e uma anatomia fantásticas. Ultrapassando a simples tentativa de explicar o funcionamento do aparelho psíquico em bases anatômicas, “ao contrário, implica em uma recusa da anatomia e da

neurologia da época, e a conseqüente elaboração de uma ‘metapsicologia’” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 81).

No que concerne à *energia psíquica e suas origens*, há uma carta a Fliess na qual ele fala de “excitação”. De fato, em muitos momentos Freud fala de excitação. Pois usa Q e Qn com ambigüidade: às vezes como sinônimas, às vezes como diferentes. Garcia-Roza propõe diferenciá-las da seguinte maneira: Q = Quantidade externa e Qn = Quantidade interna (puramente psíquica). Nesse sentido, sabe-se que Freud transporta uma ideia da psicofísica para a psicopatologia ao afirmar a proporcionalidade entre a intencionalidade dos traumas e dos sintomas por eles produzidos. Algo defendido há tempos por Weber e Fechner (os patronos da Psicofísica) que afirmam haver uma relação exata entre a magnitude do estímulo e a resposta. Trata-se do problema da diferenciação entre Quantidade e Qualidade.

Inicialmente, é feita a proposta de uma concepção quantitativa dos processos psíquicos. Proposta expressa pelas palavras que ele usa: *Soma* de excitação (*Erregungssumme*); *Quantidade* de excitação (*Erregungsgrosse*); *Cota* de afeto (*Affektbetrag*); *Somação* (*Summation*). No entanto, em alguns momentos Freud se refere à *intensidade do fator quantitativo* nas representações *hiperintensas* na histeria e na neurose obsessiva.

Voltando para a questão quantidade *versus* qualidade (um sinônimo de intensidade), há uma indefinição e imprecisão inicial em Freud. A intensidade, usualmente entendida como a propriedade de algo que está sujeito a aumento ou diminuição, em certos casos “é considerada como a expressão qualitativa de uma quantidade” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 87). Alguns termos expressam o aspecto da intensidade (o *intensivo*⁴⁶), enquanto outros expressam o da quantidade (o *extensivo*⁴⁷). Para compreender essa questão, deve-se ter em mente que a função primordial do sistema nervoso é entendida por Freud no *Projeto* como sendo a *descarga*. Uma outra função, que lhe serve de suporte, é a função neurônica primária (caracterizada pela *fuga do estímulo*, através da conservação de *vias de escoamento* que lhe mantenham afastada das fontes de excitação).

O aparelho psíquico recebe estímulos internos e externos. Esses estímulos são Qs – quantidades de excitações – das quais ele deve se

⁴⁶ Tais como soma de excitação (*erregungssumme*) e tensão de estímulo (*reizspannung*), por exemplo.

⁴⁷ Tais como quantidade de excitação (*erregungsgrösse*), quantidade de energia (*erregungsquantität*) e quantidade de estímulo (*reizquantität*), por exemplo.

semântico-conceitual em suas raízes germânicas contribui para o entendimento do texto, uma nova tradução, pautada nessa dimensão, é adotada pela equipe de Hanns.

O aspecto semântico-conceitual é o que conecta uma palavra ao conceito designado por ela. Quando uma palavra é escutada num determinado contexto, ela aponta para fatores relacionados à memória linguística coletiva de um grupo cultural que influenciam sua escuta. Interferindo, sobretudo, em seu sentido denotativo e conotativo – daquilo que não faz parte da palavra, mas está implícito nela. O que é de extrema importância e não pode deixar de ser levado em conta no momento da tradução de qualquer texto de Freud.

É que ele “frequentemente se serve de uma linguagem corriqueira e expressiva, empregando palavras que remetem a associações coletivas que os falantes do alemão têm em comum quando escutam certas palavras” (HANNIS In: FREUD, 2004, p. 16).

O exemplo fundamental usado por Hanns é o da palavra *Drang*. Geralmente traduzido por pressão, ele evoca na língua alemã as noções de ânsia, afã, urgência, anseio, ímpeto e desejo intenso. Ou seja: aponta para sentidos distintos daqueles evocados nos ouvidos luso-brasileiros pela palavra *pressão*. Esse exemplo é utilizado para salientar a importância de *Drang* para entender o conceito de *Trieb*. Se por um lado Freud afirma ser *Drang* a essência da pulsão – e isso esteja patente em seu texto ao articular o corporal e o psíquico no percurso da pulsão, por outro lado, ao se traduzir a todo momento este termo por pressão, ele acaba sendo rebaixado a um papel secundário em sua conceituação.

E isso não vale apenas para o *Drang*. Outras palavras, tais como *Reiz* (estímulo) e *unverträglich* (incompatível), padecem do mesmo mal. Por isso, no exercício da sua proposta de tradução, Hanns destaca entre colchetes a palavra em alemão do texto original, possibilitando ao leitor, portanto, a verificação e a comparação dos diferentes termos entre si. O que o aproxima mais o leitor da versão da linguagem conceitual freudiana em seus mais diversos matizes e contextos. E também estimula o psicanalista a se aproximar do engenho de Freud no uso da palavra – não apenas aquelas proferidas na prática clínica, mas também aquelas elaboradas a *partir* dessa prática clínica. No momento de articulação de pensamentos, atos e ideias que a constituem: o denso momento da *conceituação*.

4.2 Diferentes tramas de uma mesma linguagem

biológico, o fisiológico, o químico e o animal tenham sido deixados para trás” (HANNIS In: FREUD, 2004, p. 141). Ao longo da obra de Freud, esses temas são abordados à exaustão. Dos primeiros aos últimos trabalhos – passando pelos casos clínicos.

Hanns é bastante claro quanto à simultaneidade semântica do termo *Trieb*. Tanto o arcaísmo ou determinação da natureza quanto o caráter imperativo de um desejo incessante proveniente das profundezas da vida psíquica são abarcados pelo termo *Trieb*. A manutenção, no lugar da recusa em manter esses nexos do termo, possibilita o entendimento e a vitória frente a muitas dificuldades presentes em sua leitura. Hanns salienta que os textos de Freud “tornam-se incoerentes entre si e desconectados do idioma alemão se utilizarmos *Trieb* como referido *somente* [grifo meu] ao psíquico, à demanda e ao humano” (p. 141). Isso é mais do que evidente no momento da leitura de textos tais como *Além do princípio de prazer, Para introduzir o conceito de narcisismo*, e o próprio *Pulsões e destinos da pulsão*, dentre outros. Decorre dessa revisão crítica proposta por Hanns um retorno à leitura da palavra de Freud. Um retorno que inclui, no interior do seu próprio movimento, tanto a compreensão das escolhas e tropeços de uma escola inglesa quanto os avanços de uma escola francesa – manifesta na própria assunção da escolha do neologismo pulsão. Sem estar, no entanto, limitado a essas leituras – hoje consideradas tradicionais, todas elas já estabelecidas há décadas.

Devemos nos questionar, ainda quais são os méritos ou diferenças, em particular, da tradução coordenada por Luiz Alberto Hanns. Quando da explicação dos critérios de tradução adotados, Hanns (In: FREUD, 2004) salienta o aspecto semântico conceitual da palavra. Diferenciando-as em tramas enfáticas e tramas de articulação, ele aponta para aquilo que Pontalis (1972) afirmara ser um dos aspectos da linguagem conceitual freudiana, e aquilo que Garcia-Roza (1994) argumentara como sendo parte da *textualidade do texto*⁶⁴.

A dimensão semântico-conceitual trata da relação entre a palavra alemã e o conceito psicanalítico por ela designado. São cadeias de palavras pertencentes a um mesmo grupo semântico em alemão que formam tramas ou fio condutores. Apesar de percorrerem toda a obra freudiana, essas tramas se perdem na tradução para o português. As diferenças semânticas entre o português e o alemão são confrontadas à rede conceitual freudiana. O resultado desse confronto, no que se refere à compreensão teórica, é avaliado. Quando o resgate da dimensão

⁶⁴ Ver introdução.

livrar de algum modo. Ele fará uso de procedimentos distintos para livra-se de Q de acordo com a origem dela: se for externa, será a descarga; se for interna, será a ação específica.

Os estímulos internos são provenientes do próprio corpo. O conceito de pulsão (*Trieb*) será articulado a eles, posteriormente.

Cabe ressaltar aqui que o sistema neurônico deve suportar acúmulo de Q para realizar ações específicas, contrariando em parte o princípio de inércia neurônica. Para não contrariá-lo totalmente, o sistema neurônico procede da seguinte maneira: mantém o nível de Q o mais baixo possível e se protege ao máximo do aumento da mesma. Este modo de proceder denomina-se *princípio de constância*. No entanto, Garcia-Roza (2001) adverte: este princípio não está aqui explícito dessa maneira, aparecendo sob a rubrica de *lei* da constância. Somente em *Além do princípio do prazer* ele ganhará o status de um princípio.

No *Projeto, Princípio de Inércia e Princípio de Prazer* são quase sinônimos. Pois aqui Freud considera o aumento do estímulo equivalente ao desprazer, e a sua diminuição ao prazer. Essa igualdade é posta em dúvida em *A Interpretação dos Sonhos*. Uma primeira tentativa de esclarecimento toma corpo em *Além do Princípio do Prazer*, para finalmente, em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud afirmar a diferença ao invés da equivalência. Garcia-Roza salienta ainda o fato de o princípio regulador dos processos psíquicos ser encarnado inicialmente pelo *Princípio de Inércia*, até ceder seu lugar ao *Princípio de Constância*. Aponta, ainda, para a ligação destes dois princípios à diferenciação entre processos primários e processos secundários.

Atualmente muito conhecido entre os herdeiros de Freud e difundido no senso comum, o termo *investimento* (*Besetzung*) é utilizado pela primeira vez nos *Estudos Sobre a Histeria* – no mesmo ano em que escrevia o *Projeto* – para indicar *uma representação carregada de afeto*. Já fora utilizada por Meynert para indicar o investimento de um grande número de células durante um processo fisiológico de ocupação do córtex pelas imagens mnêmicas (GARCIA-ROZA, 2001, p. 91n).

Consistindo na ocorrência de uma ligação da energia psíquica com um neurônio ou conjunto deles, o conceito de investimento surge no *Projeto* ao articular a teoria da quantidade com o quadro dos neurônios. Logo ao surgir, é complementado pela ideia de barreiras de contato, que ofereceriam uma resistência à descarga total do neurônio

investido, mantendo o investimento enquanto tal. Essa resistência causadora do investimento estaria localizada materialmente nas sinapses entre os neurônios. O que demonstra o fato de o conceito de investimento estabelecer-se inicialmente dentro de um contexto neurológico. Sua transposição para um contexto metapsicológico ocorrerá paulatinamente, sendo o primeiro passo decisivo nessa direção dado no capítulo sete da *A Interpretação dos Sonhos*.

Convém salientar ainda a complexidade do conceito de investimento. Ele leva em conta não apenas a ocupação de um ou mais neurônios pela Qn, mas, sobretudo, a posição estabelecida entre eles, a direção da corrente, a facilitação e a formação de caminhos mais acessíveis para Qn.

Para investigar adequadamente este conceito fundamental, é necessário passar pelas noções de *barreiras de contato* e *trilhamento*. As *barreiras de contato* (*Kontaktschranke*) são aquilo que diferencia neurônios permeáveis e impermeáveis.

A partir desta distinção, Freud falará de uma “memória neuronal”. Trata-se da capacidade do tecido nervoso ser alterado permanentemente. Somente tendo como fundamento a ideia das barreiras de contato é que Freud poderá começar a desenvolver a sua noção de aparelho psíquico.

Os mesmos conjuntos de neurônios não podem servir à memória e à percepção. Freud diferenciará dois conjuntos de neurônios de acordo com as suas funções. Neurônios *Phi*: são *permeáveis* e servem à *percepção*. Neurônios *Psi*: são *impermeáveis* e servem à *memória*. Essa distinção proposta por Freud está de acordo com duas características do desenvolvimento do sistema nervoso a partir do ponto de vista evolutivo: a recepção de estímulos externos (atribuída ao sistema *Phi*, localizado na substância cinzenta da medula espinhal) e a descarga dos estímulos internos (atribuída ao sistema *Psi*, localizado na substância cinzenta do cérebro).

Ora, se o sistema *Phi* lida apenas com as quantidades de excitação externas, o sistema *Psi* deve dar conta das quantidades de excitação internas, das quais não pode se proteger, e ainda lidar com outras quantidades de excitação que recebe do sistema *Psi*. A esta peculiaridade do sistema *Psi* Freud confere a rubrica de *mola pulsional do mecanismo psíquico*.

Garcia-Roza (2001) afirma ser esse o *embrião do conceito de pulsão*, entendendo a intensidade da excitação dos estímulos internos como uma força constante que funciona como “uma exigência de trabalho feita a *Psi* por acréscimo da Qn” (p. 98) tendo como

Triebe e *biologische Triebe* para se referir a ciclos químicos ou biológicos, respectivamente). Diz Hanns: “Como espécie, também trazemos em nós um modo de representar psiquicamente as pulsões através de representações primitivas e disposições para certas fantasias e neuroses que são depósitos de experiências arcaicas de nossos ancestrais” (p. 140). Elas teriam se cristalizado no momento da origem da espécie⁶² (filogênese).

É demarcada a diferença de perspectivas, sobretudo, a partir das quais Freud olha para a pulsão. E a partir das quais ele a escreve e descreve. Pois cada qual possui a sua especificidade. É específico do âmbito biológico o conflito entre as pulsões de reprodução e as de autoconservação⁶³. No nível do funcionamento fisiológico de um organismo, a especificidade recai sobre o conflito entre os processos de carga e descarga. No registro da vida psíquica é possível situá-lo entre o prazer e o desprazer. Além disso, Freud acrescenta algo que seria, até então, simplesmente uma extensão do panorama científico de seu tempo (para o qual a ontogênese sempre repetiria a filogênese). Ele recorta deste pano de fundo a especificidade própria ao gênero humano. Ela consiste num desvio do percurso natural da pulsão, numa mudança na síntese e fusão entre as pulsões, interferindo retroativamente em todo o arco pulsional. Trata-se do fato de as pulsões se enlaçarem a representações e afetos como linguagem, de modo que “o conflito pulsional se expressa na dimensão humana como desejos opostos que *englobam as camadas anteriores e estão ancorados na história biológica* [grifos meus], sendo determinados *não* só por esta, mas também por *significações*” (HANNIS In: FREUD, 2004, p. 140).

Pautando o *Trieb* na abordagem ampla proporcionada por Hanns (In: FREUD, 2004), é possível então rever os rumos e destinos da palavra de Freud. Após a versão de cunho biologizante e instintivista de Jones e Strachey, bem como a sua releitura dentro de uma perspectiva linguística e estruturalista sob a luz do significante feita por Lacan, é possível agora realizar um novo giro nesse percurso e lançar sobre ele um novo olhar. Para fazê-lo, é necessário em primeiro lugar abrir mão da confortável, porém reducionista, tendência de dividir o termo *Trieb* em duas partes radicalmente distintas e “tratá-lo como referente ao biológico ou só ao que é humano e considerar que Freud tivesse superado uma fase biológica ingênua na qual os liames do *Trieb* com o

⁶² Faz menção à hipótese lamarckista de as pulsões serem precipitados de vivências da espécie.

⁶³ Essa questão é trabalhada em nosso capítulo 5 – *O despertar de Tanatos*.

lugares o *Trieb* freudiano por *pulsion* (pulsão). Essa terminologia é criticada por Laplanche & Pontalis (2001), que insistem na concepção do termo instinto como sendo reservado pelo uso “para designar comportamentos pré-formados e fixos, suscetíveis de serem observados, analisados, e específico da ordem vital.” (p. 412). No entendimento desses autores, aquilo que Freud busca ressaltar através da ideia de uma pulsão de morte é o que existe de mais fundamental na noção de pulsão: o retorno a um estado anterior, ao repouso absoluto do inorgânico. Além de um tipo especial de pulsão, designa o que estaria no *princípio* de qualquer pulsão.

É importante salientar que esta é uma problematização de longo alcance, dos limites de nosso objeto de estudo. Vejamos, na sequência, os apontamentos de Hanns a respeito da tradução, conceituação e releitura do *Trieb*.

Não é possível falar sobre o *Trieb* sem constar a história de sua tradução. Dependendo da tradução adotada, sua leitura será influenciada de uma determinada maneira. O que acabará por impor ao leitor um determinado curso em sua leitura. As notas de Luiz Hanns, presentes na nova tradução da Editora Imago, são bastante esclarecedoras nesse sentido.

O mérito deste tradutor está em esclarecer a amplitude do termo *Trieb*, tal como ele é utilizado por Freud. A lucidez deste esclarecimento tem valor assegurado pelo seu ineditismo. A usual maneira de se ler Freud na ESB – cortando ou substituindo as palavras “instinto” e “impulso” por *pulsão* e *moção* como se elas fossem opostas e contraditórias – desviava o leitor de Freud da referida amplitude do termo.

Nesse sentido, deve-se atentar para os comentários desse tradutor a respeito da pressuposição de um conflito próprio de todo e qualquer processo vital: “Não se restringe ao brotar da moção pulsional, permeia toda a sua teoria das pulsões e se expressa de formas diferenciadas, combinadas e complexas, conforme o patamar de manifestação da pulsão considerado” (HANNIS In: FREUD, 2004, p. 139). Salienta, portanto, ser a pulsão *inerente ao ser vivo*. Acrescenta, ainda, a especificidade de sua ação na vida psíquica. Pois ela – além de ser uma forma essencialmente humana da manifestação pulsional – só pode ocorrer através de afetos, imagens e, principalmente, através da linguagem. Dando ensejo a essa afirmação, Hanns destaca elementos em comum entre a manifestação da pulsão na dimensão humana e nos animais. As pulsões não estão fora das leis mais elementares da natureza ou espécie, muito menos da estrutura do corpo (fala-se em *organische*

consequência um impulso em direção à descarga, que investirá *Psi* e o fará funcionar. Para compreender este funcionamento, convém estar atento à noção de *Trilhamento* (*Bahnung*). Primeiramente, deve-se destacar que *Trilhamento* é uma nova proposta de tradução da palavra alemã *Bahnung*, diferenciando-se daquela feita por Strachey, que consta na *Edição Standard Brasileira: facilitação*. É um caminho que facilita um percurso ao excluir outros. A ideia de *trilhamento* implica num entendimento da *Bahnung* mais complexo que aquele decorrente da proposta de facilitação. Pois só há uma facilitação se houver uma espécie de trilha ou um conjunto de caminhos possíveis. Uma trilha que, indicando caminhos novos e já existentes, de modo que os caminhos já percorridos sejam privilegiados nos percursos seguintes, e os velhos ou inexistentes sejam abandonados ou esquecidos, tornando-se mais difíceis de serem percorridos. Ou seja: um trilhamento é “uma trama de caminhos facilitadores em certas direções e dificultadores em outras” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 99) sendo inclusive passível de reordenamento de acordo com os novos nexos das marcas mnêmicas.

Esse trilhamento existente entre os neurônios *Psi* constitui a memória. O sistema *Psi* é formado, portanto, pela quantidade de excitação (*Q*) e pela memória. É salientado ainda o fato de a memória não ser uma reprodução mecânica e idêntica de um traço imutável, mas “uma memória constituída pela diferença de caminhos eles mesmos móveis” (GARCIA-ROZA, 2001, p. 100). E, ainda: deve-se diferenciar *trilhamento* e *investimento* deste modo: ao invés de reter quantidade de excitação (*Q*) o *trilhamento* a libera parcialmente através da descarga, pois está a serviço da função primária. No entanto, como não é capaz de descarregá-la por completo, uma vez que a função desse sistema de neurônios é suportar um mínimo de quantidade de excitação interna (*Qn*) para realizar a ação específica, essa energia fica circulando, ou melhor, *trilhando*, os caminhos privilegiados.

Até então Freud se concentrara no problema da quantidade de excitação (*Q*), postulando um princípio maior de funcionamento psíquico – o princípio da inércia neurônica e os dois sistemas distintos de neurônios para dar conta desse problema e suas consequências. Após avançar, aparece uma pedra em seu caminho: *o problema da consciência*.

Problema tradicional da filosofia desde os gregos até os modernos, ele encontrará em Freud mais um pensador empenhado em decifrá-lo através do enigma das *qualidades*. Que assim se formula: se os sistemas *phi* e *psi* lidam diretamente com a quantidade de excitação,

como é possível ao aparelho psíquico ter a experiência da qualidade, característica fundamental da consciência? Será necessário introduzir um terceiro sistema de neurônios – o sistema *ômega* – para dar conta desse problema. A esse terceiro sistema de neurônios Freud irá conceder a rubrica grega *ômega* – letra do alfabeto grego que mantém certa semelhança gráfica com uma letra do alfabeto latino que é muito utilizada na língua alemã. Trata-se da letra *W*, inicial da palavra *Warnehmung*, que significa percepção consciente em alemão. E que designa, portanto, o fenômeno da consciência.

Como pode a consciência funcionar sem consumir quantidades de excitação ou sem recebê-las?

Para sair desse impasse Freud destaca a consciência do sistema *ômega* e a situa entre esse sistema e o sistema *phi*. A consciência, portanto, é estabelecida como um sistema à parte que mantém relações com *phi* e *ômega*. Ela é alimentada com quantidades de excitações (*Qs*) por *phi*, para em seguida enviar a *ômega* os signos de realidade/qualidade obtidos através de *phi*.

Garcia-Roza (2001) recorre à citação de Freud sobre a transformação da *Q* em qualidade. A partir disso, afirmará ser a qualidade o resultado da própria estrutura do aparelho neuronal esboçado no *Projeto*. Salienta ainda uma característica diferencial desse aparelho: ao invés de ser dado, de estar onde ele se situa desde sempre, este aparelho se constitui como tal ao mesmo tempo em que ocorre a transformação da *Q* em qualidade. E acrescenta ainda ser essa uma maneira de obedecer ao *Princípio de Inércia Neurônica* (ver acima), pois ao transformar *Q* em qualidade, consegue se livrar da *Q* da mesma maneira como se livraria através do processo da descarga.

Prosseguir minuciosamente na leitura do *Projeto* certamente tomaria um tempo demasiadamente extenso, além de nos levar por caminhos periféricos e oblíquos à nossa verdadeira investigação. Com o que já foi tecido e desenvolvido até agora na trama desta dissertação, resta apenas salientar alguns dos aspectos recém-mencionados. Percebe-se no *Projeto* uma espécie de ensaio geral – ou, para o bem da clareza, poderíamos dizer um *ensaio livre* – de ideias que são bem conhecidas hoje. As noções de trilhamento entre neurônios e investimento da energia psíquica estão muito próximas do curso de associações, investimento de libido. Está presente nas diferenças entre neurônios *Phi*, *Psi* e *Ômega* a ideia de instâncias diferenciadas operando em conjunto na vida psíquica. O mais importante é ver a metapsicologia em *status nascendi* nesses trabalhos iniciais e desconhecidos. E perceber nela os

teoria particular” (GARCIA-ROZA 2004a, p. 116). *Não obstante, ele afirma a necessidade de se diferenciar pulsão e instinto de toda maneira.* O argumento de Garcia-Roza baseia-se no fato de, independentemente do autor ou teoria utilizada sobre o instinto, e apesar da enorme variedade de fenômenos possíveis de se agrupar sob esta rubrica, todos eles nos levam a “um padrão estável de comportamento”, lançando mão de “esquemas inatos” e com “finalidade adaptativa, características ausentes no conceito freudiano de pulsão” (p. 116).

Apesar da aparente contradição entre as afirmações dos autores mencionados até aqui, deve-se salientar que eles tomam um ponto de partida diferente para falar sobre a pulsão. E o fato de se diferenciar pulsão de instinto não nos impede de ver na pulsão sua ligação com a biologia e as forças disruptoras da vida. Sobretudo quando lemos um texto como *Além do princípio do prazer* – tema de nosso próximo capítulo. Nesse sentido, Tavares (2011) salienta: “É Lacan quem levanta a maior bandeira contra o que se tornou o ponto mais criticado na tradução supervisionada por Jones: o uso de *instinct* para verter o *Trieb* freudiano” (p. 45). Em outra passagem de seu livro, o mesmo autor menciona que: “a posição de Lacan pode parecer extrema, quase afastando a relação do *Trieb* com certo aspecto biológico-corporal que de fato ele possui” (TAVARES, 2011, p. 46). Este autor explica a posição aparentemente extrema de Lacan em função de uma “reação aos excessos cientificistas promovidos pela leitura psicanalítica difundida na Inglaterra e nos Estados Unidos” (TAVARES, 2011, p. 46).

O que pode ser considerado muito próximo da concepção de Coutinho Jorge (2010). Conforme visto em nosso primeiro capítulo, este autor critica a insistência de alguns autores em considerar a pulsão de morte como uma ideia relacionada somente com a especulação biológica. Uma vez que, a seu ver, toda a teoria pulsional refere-se ao campo biológico. Este autor refere-se ao artigo *Além do princípio do prazer* – sublinhando o fato de o recurso à biologia ter sido necessário para o desenvolvimento do conceito de pulsão. Sobretudo na medida em que, na própria definição da pulsão, a relação entre o biológico e o psíquico é reveladora da característica mais singular deste conceito: o seu caráter *fronteiriço* entre o corporal e o psíquico.

Com efeito, vimos também que uma tentativa de desfazer este mal-entendido deu-se pela tradução feita por alguns tradutores franceses de Freud. Eles perceberam que a última teoria das pulsões situava-se em plano diferente das suas teorias precedentes. Isso é indicado pelo fato de preferirem falar de *instinct de vie* (instinto de vida) e de *instinct de mort* (instinto de morte) mesmo quando escolheram traduzir em outros

considerações iniciais, ele vai colocando diante do leitor aspectos do pensamento de Freud que muitas vezes não se tornaram tão conhecidos quanto o seu autor.

Dentre esses aspectos, destaca-se, por exemplo, o fato de que para Freud “não bastava que a fisiologia pulsional e a psique fossem relacionáveis entre si, deveriam ambas ser correlacionáveis a *determinantes* situados na biologia das espécies” (HANNIS, 1999, p. 38). Refere-se aos paradigmas da biologia nos quais Freud se ampara em sua tentativa de “formular uma teoria pulsional finalista das espécies” em que cada pulsão “responderia a uma finalidade da espécie que estaria subjacente aos comportamentos individuais e coletivos” utilizando conceitos tais como pulsão de autoconservação, pulsão de gregarismo, pulsão sexual, etc. O que se quer destacar aqui é a possibilidade de se fundir as noções de pulsão e instinto na palavra alemã *Trieb*, que se torna evidente mediante os trabalhos de Hannis (1996; 1999; In: FREUD, 2004). Palavra essa que se tornou mundialmente conhecida e intrigante por meio de Freud. Com efeito, através da leitura da obra de Hannis, percebe-se o uso voluntariamente indistinguível desta palavra (*Trieb*) por parte de Freud. E também uma possibilidade de se articular muitos aspectos das ciências biológicas com o pensamento de Freud, sobretudo à teoria das pulsões, sem fazer uso da oposição entre pulsão e instinto.

A respeito desta temática, também trabalhou Garcia-Roza (2004a). Em um capítulo destinado ao tema da pulsão, ele aborda diretamente a polêmica a respeito da oposição pulsão e instinto, que, como vimos, marca a história da tradução do termo *Trieb*. Ele salienta que “A concepção mais generalizada sobre o instinto (e também a mais estereotipada) é aquela que o considera como um comportamento mecânico, inato, imutável, hereditário e comum em cada espécie animal” (GARCIA-ROZA 2004a, p. 110). No entanto, ele ressalta a perda de valor destas concepções a partir de diversos estudos, especialmente aqueles situados no campo da etologia. Com os resultados desses estudos, descobriu-se fato de que o “instinto” “não apenas admitia variações, como frequentemente abarcava ações inadaptadas. Juntamente com o ‘instinto’, intervinha a aprendizagem, modificando-o” (GARCIA-ROZA 2004a, p. 110).

A partir desta explanação, Garcia-Roza afirmará haver uma articulação entre o psíquico e o somático no âmago do conceito de pulsão. Dirá ele que “quando opomos *pulsão* e *instinto*, geralmente o fazemos tomando como referência uma noção geral de instinto que não corresponde necessariamente a nenhum autor ou mesmo a nenhuma

lugares sendo aos poucos delimitados e ganhando forma mais específica. Por hora, já se observou isso de maneira suficiente nesses – durante tanto tempo desconhecidos – trabalhos iniciais. Deve-se seguir trabalhando da mesma forma nos textos clássicos – bem conhecidos e alvo de discussões permanentes.

Porém, antes de passar para o próximo capítulo, é necessário refletir sobre um aspecto do pensamento freudiano que não deve nos passar despercebido.

2.5 Freud e a especulação nas origens da metapsicologia

Em nosso primeiro capítulo, perguntamo-nos, na trilha de Laplanche & Pontalis (2001), se a ideia de uma pulsão de morte estaria confinada no campo da especulação. Pois uma vez que a pulsão de morte surge como uma exigência à especulação metapsicológica, percebe-se com clareza a fertilidade de seu solo germinativo: a especulação. Problematicando mais ainda essa questão, o que se quer destacar brevemente aqui, é a presença antecipada de conceitos já reconhecidos em trabalhos sobre estes conceitos. O que demonstra não apenas uma ligação íntima, por parte de Freud, com a filosofia – e também com a especulação do que estamos acostumados a pensar. Principalmente o trabalho lento e gradual – algumas vezes tímido – empenhado por Freud no intuito de conferir corpo às noções ainda esboçadas de *Vorstellung*, aparelho psíquico, pulsão, pulsão de morte, etc. E mais: a partir da indicação destes conceitos presentes em estado embrionário nos referidos trabalhos iniciais de Freud, desenvolver um pouco mais a nossa questão.

Poderíamos então nos perguntar, nesse momento, a razão maior do desconhecimento público dos referidos trabalhos iniciais durante tanto tempo. O caráter fantástico ou fictício desses trabalhos parece ser um denominador comum entre eles. Não apenas de um estilo literário a partir do qual eles teriam sido escritos. Mas, sobretudo, um denominador comum no que se refere ao método pelo qual as ideias constituintes desses trabalhos foram desenvolvidas. Esse método – que, tal como cada um desses trabalhos que dele se originaram, é “ora exaltado, ora rejeitado” pelo seu autor – é o método especulativo.

Basta fazer uma leitura desses trabalhos iniciais, seguidos pelos outros da série de trabalhos metapsicológicos de Freud – especialmente em *Além do princípio de prazer* – para perceber a semelhança entre eles nesse aspecto: o cuidado e a hesitação entre exaltar ou rejeitar. Aspectos

anteriormente dirigidos aos textos destinados ao ostracismo – *Afasia* e *Projeto*. Pois o mesmo silêncio que durante décadas os rodeou, também rodeou os trabalhos em que Freud defende o seu conceito de pulsão de morte.

Com efeito, não apenas em *Além do princípio de prazer*, mas ao longo dos trabalhos de metapsicologia de um modo geral, veremos o uso, ora disfarçado, ora declarado, da especulação. O caráter de ficção ou ilustração das ideias e exemplos desenvolvidos ao longo dos artigos de metapsicologia é revelador desse método especulativo do qual ele busca afastamento. Veremos, ao longo do presente trabalho, como isto ocorre.

Por ora, é necessário salientar ainda que o problema do anatômico *versus* psíquico é resolvido, em parte, com o uso da especulação. Especulando, Freud tenta dar consistência ao aparelho psíquico e à energia que o movimenta. Ele faz isso os ilustrando com exemplos oriundos da biologia. Trata-se de uma tentativa de, partindo de um vazio ou um silêncio, inscrever uma nova lógica e fazer falar uma nova linguagem.

foi, sem dúvida, Jacques Lacan. A partir de sua notória popularidade – manifesta na frequência em seus seminários de boa parte da intelectualidade francesa daquele tempo – a partir dos anos de 1960 – ele fez o possível para conferir à palavra francesa *pulsion* o estatuto de verdadeira tradução do *Trieb* freudiano. Essa palavra ganhou neologismos em outros países, sobretudo aqueles de línguas latinas. *Pulsión*, em castelhano, ganhou lugar definitivo na tradução das obras completas de Freud pela editora Amorrortu, em Buenos Aires. *Pulsão*, em português, ganhou espaço na nova tradução coordenada por Luiz Alberto Hanns.

A noção de pulsão desenvolvida por Lacan implica diretamente na relação do aparelho psíquico com a linguagem. Articula-se profundamente com a singularidade de seu ensino – principalmente com a diferenciação entre os registros da linguagem pela qual o inconsciente se estrutura (*Imaginário, Simbólico e Real*). Há de fato um avanço na compreensão lacaniana do *Trieb* freudiano. Contudo, é digna de nota a diferença entre Freud e Lacan a respeito deste *Grundbegriff*. Se Lacan o desenvolve nos limites da esfera do aparelho psíquico, aprofundando-se em sua dimensão inconsciente e linguageira – âmbito mais apropriado para a clínica, ele se afasta cada vez mais do solo da especulação, pelo qual transitava Freud. Com efeito, acreditamos que seja devido a essa diferença de perspectiva diante do conceito *Trieb* que seja tão pouco visível o caráter especulativo de *Trieb* em Lacan. E também por isso sua clareza em Freud. O pai da psicanálise não esconde em nada do leitor esse caráter especulativo da pulsão. Ele inicia sua narrativa sobre este conceito fundamental fazendo uma defesa da especulação.

Apesar de confusa, a nossa posição tem algum sentido. Afinal, ajuda a entender porque a pulsão de morte tem um lugar tão diminuto na releitura lacaniana da teoria das pulsões. Se o caráter especulativo da pulsão de morte – seu brasão, insígnia e identidade – passa batido para Lacan, a pulsão de morte também haveria também de passar?

Talvez isso esclareça a razão de, apesar de ter escolhido o termo pulsão para verter *Trieb* ao português, o coordenador da nova tradução da editora *Imago* buscar resgatar a relação do *Trieb* com o biológico. Em diferentes passagens de sua tese de doutorado, Hanns (1999) faz afirmações tais como “Freud, ao longo de toda a sua obra, manteve um modelo energético econômico onde permanece o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica” (HANNS, 1999, p. 38). Salienta ainda que “Freud sempre acreditou na existência de uma base química pulsional a ser desvendada por gerações do futuro” (HANNS, 1999, p. 38). A partir dessas

escuta. Há sempre um Outro para o qual ele dirige a sua fala – ainda que essa fala seja enigmática, incompreensível ou mesmo hermética. Qualquer que seja essa fala, esse dizer, ou essa escrita, ela sempre deixará escapar algo. Pois desde Freud é sabido que a palavra não apenas indica ou revela algo, mas também esconde. Na conhecida passagem sobre o umbigo do sonho, ele situa o lugar limite da palavra. Há um ponto em que a palavra toca no desconhecido, e não é possível seguir mais.

Tudo isso deve ser levado em conta quando a palavra é voltada para o seu próprio fundamento: as palavras do mestre fundador. Como traduzir então – perguntamo-nos novamente – a palavra *Trieb*? Se há necessidade de reproduzir a pergunta, é porque até hoje sua resposta não foi menos que problemática. Duas tendências opostas de tradução da palavra do mestre dominaram o panorama da tradução de Freud nas últimas décadas. As duas pretenderam ter a palavra certa. As duas, entretanto, apresentam problemas. Cada qual à sua maneira.

Antes de prosseguir, portanto, é necessário revisar, ainda que brevemente, a história dessas traduções.

4.1 Polêmicas traduções

Dentro de uma cultura inglesa de psicanálise, veio a imposição da palavra “instinto” (*instinct*) para referir-se ao *Trieb* de Freud. Ela consta na *Standard Edition* e em todas as suas traduções e apropriações. Não está inteiramente incorreta; ela tem o seu valor, na medida em que é capaz de acentuar o caráter impulsivo e impositivo, assim como a fonte corporal, do *Trieb* numa única traçada.

Apesar de o peso maior das críticas desta e outras traduções promovidas pela *Standard Edition* pender para o lado de James Strachey, há que se reconhecer a influência maior de Ernest Jones para a afirmação dessa versão de Freud. Com efeito, Tavares (2011) salienta que “Strachey, o tradutor inglês, se tornou de um modo muito injusto um bode expiatório” (p. 43). E também acrescenta: “A bem da verdade, como veremos, Strachey tinha sua opinião vencida e suprimida por Ernest Jones, ‘embaixador’ da psicanálise no mundo anglo-saxão” (p. 44).

A partir de uma cultura francesa de psicanálise, auxiliada por um movimento de crítica à tradução de Strachey/Jones já popularizada em solo norte-americano, o mundo conheceu uma versão muito distinta para a letra freudiana. O maior divulgador dessa versão em solo francês

Capítulo 3 – A Construção de *Eros* parte I: os conceitos de *Libido* e *Narcisismo*

3.1 A popularidade e a importância dos conceitos de narcisismo e libido

Dos muitos conceitos forjados pelo fundador da psicanálise, dois deles rapidamente receberam visto e cidadania no universo do senso comum. Quem nunca ouviu as palavras *ego* e *narcisismo* serem proferidas em alto e bom som na televisão, cinema, rádio ou até mesmo no meio da rua, como se fossem coisas óbvias e triviais? “Alimentar o seu ego”, ou simplesmente comprazê-lo ou estimulá-lo, viraram sinônimos de auto-valorização e auto-estima. Ser narcisista tornou-se um modo mais elegante e sofisticado de alguém ser egoísta.

Não devemos ser incompreensivos com essa difusão de termos psicanalíticos na linguagem cotidiana. Pontalis (1972) salienta o fato de ser esta difusão parte constituinte da própria psicanálise. Uma consequência de seu surgimento e de sua prática em nossa cultura. Sagaz, ele afirma que “as deformações da psicanálise são parte dela” (p. 143). Porém, ser compreensivo com isso não nos escusa de buscarmos conhecer mais profundamente a origem e a criação desses termos e conceitos. Nem de reler Freud. Essa confusão pode ser considerada compreensível e aceitável por provocar dúvida ou curiosidade. Muitas vezes tão intensamente a ponto de transformar o curioso em questão num persistente leitor de Freud.

Se for este o caso, qual não será a surpresa desse leitor ao se deparar com as primeiras linhas do trabalho em que Freud introduz, pela primeira vez, o *conceito de narcisismo*? Ele diz entender o narcisismo como “o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação” (FREUD 2004b/1914, p. 97). Uma frase obscura, ou, pelo menos, confusa. Pois ela remete o leitor a outros dois conceitos não tão bem conhecidos: *pulsão* e *libido*. Para entender o conceito de narcisismo, portanto, é necessário passar por outros conceitos fundamentais da psicanálise. Por ora, entretanto, detenhamo-nos no conceito de narcisismo.

Em 1898, Havelock Ellis utilizou o termo *narcissus-like* (“como narciso”) para descrever uma atitude psíquica. Um ano depois, Paul Näcke utilizou o termo *narcismus* (“narcismo”), propriamente, para falar de uma perversão sexual. Mas o primeiro autor a utilizar esse termo na área médica foi Alfred Binet. A partir de Binet, o termo ganhou o conhecimento de Ellis e depois Näcke – a quem Freud atribui a origem

do termo em seu texto. Deve-se salientar que Havelock Ellis, além de colaborar na difusão do termo Narcisismo, também foi o responsável pela criação do termo *auto-erotismo* utilizado com certa frequência por Freud em seu texto (FREUD 2004b/1914, p. 121, n1 e n2).

Disso se depreende que, originalmente, o termo *nacisismo* foi cunhado para classificar os pacientes que tratavam o próprio corpo como objeto sexual: “A pessoa contempla o próprio corpo, acaricia-o, cobre-o de carinhos e se compraz sexualmente até conseguir satisfazer-se plenamente por meio desses manejos” (FREUD 2004b/1914, p. 97). Configurou-se como uma perversão, sorvedora de toda a vida sexual do indivíduo. Mantém relações – características em comum – com outras formas de perversão.

A observação psicanalítica, entretanto, propôs um novo uso para esse termo. Percebeu suas características manifestando-se em pessoas afetadas por outras perturbações, e também em situações comuns da vida cotidiana, delimitando uma área mais ampla do que aquela tão restrita das perversões sexuais. De modo que assim seria possível “atribuir a ela um importante papel no desenvolvimento sexual normal do ser humano” (p. 97). O entendimento do narcisismo como processo primário e normal surge através do estudo da demência precoce e da esquizofrenia. A partir da teoria da libido, o delírio de grandeza e o desligamento do mundo exterior característicos das referidas patologias – as quais Freud prefere designar parafrênicos, de um modo geral – adquirem uma nova significação. Curiosamente, a teoria da libido possibilita a compreensão, do envolvimento do neurótico com o mundo ao investigar o modo como o parafrênico se desliga do mundo.

Pois os neuróticos também o fazem. Evitam certa esfera da realidade, afastando-se delas através de suas fantasias, medos, inibições e sintomas. Mas não se confundem com os parafrênicos. Diz Freud: “... a análise mostra que de modo algum o neurótico suspendeu o seu vínculo erótico com as pessoas e as coisas. Ele ainda conserva as pessoas e as coisas na fantasia” (FREUD 2004/1914, p. 98). Ou seja: há uma mescla ou substituição dos objetos reais por objetos imaginários. Há também uma interrupção das “ações motoras” necessárias para atingir e se envolver com esses objetos. Para se referir a esse estado específico da libido, utiliza-se o termo *introversão*.

O destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia é o delírio de grandeza; a libido é retirada do mundo exterior e redirecionada ao eu, originando o “comportamento narcisista”. Esse

Capítulo 4 – A Construção de *Eros* parte II: o conceito de *Pulsão*

A introdução do conceito de narcisismo tem outras consequências, além daquelas mencionadas no capítulo anterior. A reafirmação da teoria da libido e da manutenção de um dualismo pulsional subjacentes à introdução desse conceito tem repercussões longínquas, em áreas diversas na trama dos conceitos freudianos. No âmbito dessa trama, o conceito de pulsão ganha relevo e se destaca de seu fundo. A escrita do artigo *Triebe und triebshicksale* (1915) abre o caminho para a série de artigos de metapsicologia escritos por Freud naquele período de reflexão propiciado pela eclosão da Primeira Grande Guerra.

Não é fácil dissertar sobre um artigo tão fundamental na obra freudiana. Talvez seja, de fato, impossível chegar ao seu âmago numa única leitura, ou num único trabalho sobre o tema. Mas em que consiste, realmente, essa dificuldade?

Em muitos aspectos. Não seria incorreto afirmar que boa parte da história da psicanálise – de sua leitura, de sua prática, do ofício inacabado que é ser psicanalista – deriva diretamente das diferenças de leitura, tradução e interpretação de uma única palavra de Freud. Uma palavra tão específica do idioma germânico que é quase impossível traduzi-la a contento para qualquer outro idioma sem perder a sua riqueza. Uma riqueza encontrada não apenas na sua singularidade lexical, tampouco na sua vasta amplitude de conotações, mas na capacidade dessa palavra em permitir a Freud criar uma nova linguagem a partir dela. Uma linguagem na qual é possível articular corpo e alma – soma e psique, sem as barreiras usualmente impostas pela razão – ou pela percepção – ao nosso intelecto.

A palavra mágica de Freud é curta e breve: *Trieb*. É possível pronunciá-la num único fôlego ou impulso sonoro. Conforme foi ressaltado na introdução *deste trabalho*, também é possível compô-la ao lado de outras palavras auxiliares – ou seja: criar, a partir dela, palavras compostas ou derivadas.

Diante dessas considerações, uma pergunta se nos impõe: de que lugar fala o psicanalista? Apesar de sua aparente simplicidade, é desafiador respondê-la. O psicanalista – tal e qual qualquer ser falante – fala de algum lugar. Fala, fundamentalmente, de um lugar de escuta. Escuta do inconsciente. Mas também fala de si: da sua clínica, dos seus mestres, do seu percurso. Fala de si também, portanto, ao falar de sua

delírio de grandeza, na verdade, é a “amplificação e explicitação de um estado que já existia antes” (FREUD 2004b/1914, p. 98). Um narcisismo constituído pelo retorno para si dos investimentos outrora depositados nos objetos. Freud insiste nesse ponto ao afirmar ser ele um narcisismo *secundário*, sobreposto a um narcisismo anterior, *primário*.

Por ora, cabe ressaltar o fato de que, no que concerne ao conceito de Narcisismo, Freud chega às neuroses através de um movimento elíptico. Parte das perversões sexuais – assim denominadas pela psiquiatria contemporânea – e chega às parafrenias. Da perversão à psicose, chega-se à neurose. Movimento periférico que atinge o centro com força total. Pois até então, pensavam-se estas três estruturas independentes uma da outra – tal como faces distintas se estranhando. Agora, elas já são entendidas como tendo, inicialmente e profundamente, algo em comum: o narcisismo. O que irá diferenciá-las radicalmente será a maneira como o narcisismo irá se desenvolver e se manifestar em cada forma de adoecimento psíquico estabelecido em sua psicopatologia.

3.2 A presença da especulação na teoria da libido

Além dos dois pontos de partida citados acima – o estudo das neuroses e o estudo da esquizofrenia – há também uma terceira via para a conceituação do narcisismo. Trata-se do estudo da vida psíquica das crianças e dos povos denominados pelo homem civilizado como “bárbaros” ou “selvagens”. Basta lembrar a crença indubitável de ambos na magia, e, portanto, na onipotência do pensamento frente ao mundo – uma característica comum da criança em desenvolvimento. Diante disso, Freud conclui que o eu é revestido de libido, e que essa libido é passada para os objetos num segundo momento. Mas Freud salienta que, apesar desses investimentos, “... essencialmente, a libido permanece retida no Eu” (FREUD 2004b/1914, p. 99). Em seguida, ele utiliza uma ilustração curiosa para descrever esse processo: a libido em movimento desenharia no espaço um movimento semelhante ao de um protozoário a enlaçar um corpo estranho através dos seus pseudópodes.

Esta última passagem nos faz pensar a respeito daquilo que o conceito de pulsão de morte nos diz sobre os conceitos de pulsão e libido. Sabemos que o traço característico da formulação do conceito de pulsão de morte é a especulação. Ora, o que acabamos de ler nessa passagem nos permite pensar a respeito desses conceitos como sendo, também, especulativos. Com efeito, Fulgencio (2002) afirma que “a

libido não corresponde a um conceito do qual se espera uma referência empírica objetiva, mas sim uma especulação teórica, de valor apenas heurístico, ou seja, útil para explicar determinados fatos psíquicos” (FREUD 2004/1914, p. 102). Este autor insiste, em seu trabalho, no caráter especulativo dos conceitos de libido e pulsão, pontuando a própria admissão de Freud do caráter especulativo destes conceitos. Entretanto, esse autor dá mais espaço para o caráter empírico do que ao metapsicológico. Esta citação nos bastará para problematizar o aspecto especulativo da teoria das pulsões de um modo geral. Pois esse aspecto somente é revelado e assumido por Freud quando da introdução da pulsão de morte. Voltemos agora à leitura de *Para introduzir o conceito de narcisismo*, no exato momento em que Freud aborda outro traço diferencial de sua teoria pulsional: o dualismo.

Sendo os sintomas neuróticos o ponto de partida da psicanálise, não é estranho que essa libido própria do eu tenha permanecido encoberta. O que saltou aos olhos de Freud foram as emanações da libido para o exterior, seguido pelo retorno ao interior de onde viera. A partir disso, constata-se a oposição entre libido do eu (narcísica) e libido do objeto (objetal). No limite, à medida que uma se preenche, a outra seca. Para a libido objetal, o limite é a experiência de se apaixonar. Disso se depreende então que, “a respeito da distinção das diferentes energias psíquicas, podemos dizer que, no princípio, as energias coexistem no estado do narcisismo e que são indiscerníveis para uma análise mais superficial” (FREUD 2004/1914, p. 99). Nesse sentido, Freud ressalta o fato de só haver possibilidade de se fazer essa distinção *quando da ocorrência do investimento da libido num objeto*.

Não é à toa que ele salienta isso; logo de início, encontra-se defronte a duas perguntas preliminares. A primeira trata da possibilidade de se diferenciar o auto-erotismo do narcisismo propriamente dito. Diante disso, ele afirma ser necessário pressupor a não antecedência do eu. Ele não está ali desde o início: precisa ser desenvolvido. A própria experiência nos demonstra isso. Seria necessário fazer esforço para provar o contrário – a existência de um eu *apriorístico* – se esse fosse o caso. Mas não é. Isso não é tão simples quanto parece. A experiência demonstra a existência das pulsões auto-eróticas desde o início do surgimento da vida psíquica. A esse hiato, esse descompasso entre a presença do auto-erotismo e a ausência do narcisismo, corresponde o que Freud chama de *introdução de uma nova ação psíquica*. Em suas próprias palavras: “é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo” (FREUD 2004/1914, p. 99). Ao que Garcia-Roza (2004)

companheiros, amigos, colegas, etc – e torna “compreensível a freqüente causação da paranóia que ocorre devido à ofensa ao Eu e o bloqueio imposto à satisfação no âmbito do ideal-de-Eu” (p. 119). As possíveis transformações dos ideais devido à parafrenia e a involução retroativa das sublimações seriam entendidas da mesma maneira.

Quando se conclui a leitura deste trabalho de metapsicologia, percebe-se o súbito destaque à noção de libido homossexual na teoria da libido e na conceituação do narcisismo. Esta noção é digna de atenção do leitor persistente de Freud por remeter ao caso Schreber. No qual os conceitos de narcisismo e libido são articulados e apresentados em uma de suas primeiras vezes. Por fim, o embrião dos conceitos de *supereu* e *pulsão de morte* mostram-se presentes nas entrelinhas do texto freudiano. Diante disso, podemos entender que essas questões, apresentadas aqui ainda sutilmente e em estado embrionário, ganharão forma definida ao longo de *Além do princípio de prazer*. O que nos remete à nossa pergunta inicial a respeito das origens do conceito de pulsão de morte. Percebe-se a necessidade que Freud tem de especulá-lo para dar conta das consequências das descobertas realizadas a partir da introdução do conceito de narcisismo. Com efeito, ali onde o conceito de narcisismo não responde a tudo – deixando um silêncio sem palavras – a pulsão de morte pode ser situada, conceituada, estabelecida.

Continuemos, portanto, a seguir as suas pistas.

sua análise – no momento do surgimento da reação terapêutica negativa e da compulsão à repetição, por exemplo – surge uma forte tendência do paciente em abandonar o analista e o tratamento que ele conduz. Por estas razões prefere-se, de um modo geral, a “cura pelo amor” em detrimento da cura pela análise.

3.7 A presença silenciosa da pulsão de morte

Freud conclui seu artigo metapsicológico com mais algumas reformulações, de um nível mais denso e abstrato em sua metapsicologia. Ele esboça um entendimento da psicologia das massas a partir do ideal do eu. Nesse entendimento, o ideal do eu enlaçou grande parte da libido homossexual de uma pessoa, a qual, acoplada à libido narcísica, pode enfim regressar ao ponto de partida: o seu próprio eu. A insatisfação por causa da não realização do ideal do eu libera essa libido homossexual novamente para fora. Ela se transforma, então, em *consciência culpada*. A esta consciência culpada Freud faz equivaler o medo social [*soziale Angst*]. O medo angustiante frente aos outros, na medida em que esses outros são emblemáticos da ameaça da perda do amor dos pais. Essa ameaça, vivida de maneira singular por cada um em sua tenra infância, dá origem à consciência culpada.

Essas ideias, aparentemente soltas e incompreensíveis, serão entrelaçadas entre si com rigor após a introdução do conceito de supereu em sua metapsicologia que surgirá quase dez anos mais tarde, com a publicação do artigo *O Eu e o Isso* (FREUD, 2006/1923). Em nosso primeiro capítulo vimos que autores como Prata (2000) e Rudge (2006) salientam a proximidade entre os conceitos de pulsão de morte e supereu. Ao ponto de considerá-los “irmãos”. Com efeito, após uma atenta leitura dos textos da segunda tópica do aparelho psíquico, percebe-se a evolução progressiva das noções de consciência culpada, consciência moral em direção ao conceito de supereu, que, juntamente com os recém-esboçados conceitos de eu ideal e ideal do eu, serão elevados à categoria de um dos “herdeiros do complexo de Édipo”. Algo que consta numa conhecida passagem de um célebre texto freudiano: “O ideal do ego [*eu*], portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id [*isso*]” (FREUD, 2006/1923, p. 48).

O medo da perda do amor dos pais atualiza-se no medo da perda do amor de seus substitutos na idade adulta – cônjuges, amantes,

pontua: “O que se acrescenta ao auto-erotismo para dar forma ao narcisismo, é o eu (*Ich*)” (p. 42). Após fazer essa pontuação, este autor salienta que, como consequência disso, o problema do monismo *versus* dualismo ganhará destaque outra vez. Mas essa é uma questão para ser trabalhada em nosso capítulo final, dedicado ao artigo *Além do princípio do prazer*.

Por enquanto, cabe destacar a presença, ao longo do texto de Freud, da mistura, o entrelaçamento entre a questão do monismo *versus* dualismo com o problema do caráter especulativo da pulsão de morte. Ou melhor: de como a especulação metapsicológica encontra-se presente, frequentemente influenciando a posição de Freud diante da hesitação entre reconhecer um monismo indesejado e defender um dualismo almejado. Vê-se isso a partir da segunda das questões acima. Pois ela toca no ponto mais frágil de sua metapsicologia. Trata-se de responder sobre a necessidade – ou, talvez, poderíamos dizer insistência – em defender um dualismo pulsional, o qual acaba por se revelar sempre tão frágil. Falando mais explicitamente: o investimento primário da libido no eu encerra ou não a necessidade de distinguir uma energia sexual – a libido – de uma energia não sexual – o interesse – própria da pulsão de autoconservação? Freud responde a essa questão insistindo em manter a oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais. Declara ser essa oposição proveniente da *análise das neuroses de transferência*.

Deve-se ressaltar aqui a ligação entre a *análise das neuroses de transferência* e o texto *Além do Princípio do prazer* – que será trabalhado detalhadamente em nosso capítulo 5. Pois através dessa análise ele chegará, mais tarde, aos fatos clínicos desafiadores. Reconhecerá que além da análise das neuroses de transferência, haverá também uma espécie de análise da compulsão à repetição, a qual se situa fora do registro do princípio de prazer.

Por ora, basta entender que o simples reconhecimento dessa oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais não isenta Freud de explicação. Isso porque, dentro do contexto no qual este texto era elaborado pela primeira vez, alguns dissidentes da psicanálise faziam dessa oposição dualista o calcanhar de Aquiles desse ponto de vista de Freud. Nesse sentido, a réplica mais conhecida é a de Jung, como veremos a seguir. Pois essa réplica é a razão pela qual Freud desenvolve nesse texto uma longa digressão, ao longo da qual se discutem os fundamentos da ciência. Nela, percebe-se o quanto Freud utiliza o estilo e o método da ciência como suporte para suas especulações metapsicológicas. Se elas possuem pontos fracos ou áreas nebulosas, o mesmo ocorre com o domínio teórico mais denso da física e da química.

Em seu tempo, as noções mais abstratas de energia e matéria não estavam isentas de passar por eventuais reformulações. Ora, se nem essas precisas e rigorosas “ciências duras” estão isentas da especulação, porque haveria a psicanálise de se furtar a especular em seus momentos mais críticos? Caberia então refletir até que ponto as críticas a sua especulação tem ou não pertinência.

3.3 Em defesa de *Eros*

É justamente nesta reflexão que Freud concentra o seu fôlego e para onde ele aponta o arsenal de sua pena. A maior crítica vem de Jung – no momento já dissidente da psicanálise – e trata do suposto fracasso da teoria da libido em explicar a esquizofrenia. Em um de seus trabalhos, o criador da psicologia analítica critica a teoria da libido formulada por Freud na análise do caso Schreber⁴⁸. A lâmina mais afiada da crítica de Jung incide sobre dois pontos dessa teoria. Primeiro, na necessidade de ampliação do conceito de libido, que acabaria por incluir a noção de interesse psíquico, resultando num monismo pansexual. Segundo, na declarada impossibilidade de a libido explicar a perda da função normal da realidade na psicose. Com a ajuda de Ferenczi⁴⁹, Freud desmistifica o boato de seu próprio abandono do dualismo – o que de certa forma responde ao primeiro ponto citado acima. Contra o segundo ponto, ataca em duas frentes: o modo como Jung anuncia sua crítica – um modo demasiado imperativo, quase proibitivo – e o argumento-exemplo principal contra a teoria da libido de Freud. Jung se recusa explicitamente a discutir ou sequer debater a primeira questão – sua acusação da impossibilidade de a teoria da libido explicar o adoecimento esquizofrênico, chamado de “perda da função normal da realidade”. Ele simplesmente a considera errada e ponto final. Ao que poderíamos pontuar aqui corresponder esta atitude de Jung mais a uma negação do que a uma abertura para o diálogo.

Pois ela é rejeitada de maneira debochada por Jung. Ele declara ser a teoria da libido, além de insustentável teoricamente, incapaz de explicar a diferença entre um esquizofrênico (que rejeitou ou renunciou,

⁴⁸ Para saber mais sobre este caso clínico, conferir o quarto subitem do item 5 do Capítulo 1 – A Posição do Problema.

⁴⁹ Sándor Ferenczi realizou um notável trabalho sobre este interregno – chamado “Referat über CG Jung, *Wandlungen und Symbole der Libido* (Leipzig e Viena, 1912)”, publicado na *Int. Z. ärztl. Psychoanal.*, vol. 1, p. 391. (47) – poupando a Freud descarregar tinta em excesso sobre essa questão novamente.

recuperá-lo. O ideal do eu tem origem externa ao próprio eu do sujeito. Paulatinamente, ele se torna o meio pelo qual é possível satisfazer-se novamente com o narcisismo primário: através da realização desse ideal. Ocupando com a libido os objetos e seu próprio ideal, o eu se depara com a escassez de sua libido, podendo voltar a se preencher por meio das satisfações obtidas com os objetos ou pela realização do ideal do eu. Portanto, são três as frentes possíveis ao incremento do autoconceito. A primeira é proveniente do resto do narcisismo infantil, a segunda surge eventualmente, como consequência da realização do ideal do eu e o despertar do sentimento de onipotência narcísica que disso decorre. A terceira é resultante da satisfação da libido objetal. Entretanto, frente a não constituição de um ideal do eu, uma “aspiração da vertente sexual se incorporará integralmente à personalidade do sujeito na forma de uma perversão” (FREUD 2004/1914, p. 117-118). Nesse sentido, salienta-se que “Ser novamente o seu próprio ideal, também no que diz respeito às aspirações sexuais, tal como ocorreu na infância, esta é a felicidade que as pessoas querem alcançar” (FREUD 2004/1914, p. 118).

O conhecido estado da paixão, por sua vez, caracterizar-se-ia por uma inundação da libido no objeto. Provocando uma ruptura dos recalamentos e um restauro das perversões. Pois a paixão transforma um objeto sexual num ideal sexual. Ela tem como fundamento enraizador as condições de amor que vigoravam no tempo da infância. De modo que tudo o que puder realizar essa condição primária será idealizado. E esse ideal sexual se tornará um aliado do ideal do eu, podendo substituí-lo sempre que houver barreiras perante o ideal do eu. Diante dessas barreiras, a escolha objetal por veiculação sustentada dá lugar à escolha objetal do tipo narcísico. Ou seja: amar o que já se foi, o que já se deixou de ser ou o que jamais se poderá vir a ser. Nesse aspecto, a fórmula freudiana é fatalmente precisa: “será amado aquilo que possui uma qualidade que falta ao Eu para chegar ao ideal” (FREUD 2004/1914, p. 118).

Diante dessas considerações, é necessário situar o lugar do neurótico. O neurótico encontra-se encurralado por dois becos sem saída. De um lado, há uma carência de libido em seu eu. Ela foi depositada nos objetos. Encontra-se, portanto, distante do ideal do eu. Do outro lado, há uma única alternativa para essa situação tão aversiva: o retorno ao narcisismo. Retorno possibilitado pela escolha de um objeto sexual idealizado conforme o modelo narcísico. A isto chamamos de “cura pelo amor”. Essa cura é subjacente ao tratamento psicanalítico na medida em que o paciente espera por esse desenlace amoroso em sua análise. Ao se deparar com a não completude desse amor narcísico em

seguido pela sua diminuição nos casos de neuroses de transferência. Além disso, a experiência com o autoconceito na vida amorosa é de conhecimento de todos. Quando estamos sendo amados, nosso autoconceito aumenta. Do contrário, diminui.

Não é à toa que Freud insiste na intimidade da relação entre o aspecto narcísico da vida amorosa e o autoconceito. A facilidade quase evidente de se observar como a libido objetual não contribui diretamente para o aumento do autoconceito de qualquer um conduz implacavelmente a esta conclusão. Ele caracteriza como humilde aquele que está verdadeiramente apaixonado. E, a partir disso, afirma: “Quem ama já sacrificou, por assim dizer, uma parcela de seu narcisismo, e o único modo pelo qual o indivíduo agora pode substituí-la é sendo amado” (FREUD, 2004/1914, p. 116).

A dificuldade de vivenciar e expressar o seu amor diminui o autoconceito. Mas a principal razão dessa diminuição decorre do abrupto desvanecimento do Eu. Frente às demandas imperiosas das pulsões sexuais em direção aos objetos, ele perde rapidamente os investimentos libidinais até então nele depositados. Com efeito, não se pode deixar de salientar a pouca importância para a psicanálise daquilo que Alfred Adler conceituara como *supercompensação*. Pois de um ponto de vista metapsicológico, a ênfase recai sobre o dualismo pulsional. No âmago da sua oposição fundamental. Em detrimento de qualquer imposição vinda do real do corpo. Contrariamente ao que pensara Adler, Freud insiste com veemência: “A inferioridade e a atrofia orgânicas desempenham um papel insignificante na etiologia das neuroses, mais ou menos o mesmo papel que conteúdos recentes captados pela percepção desempenham na formação do sonho” (FREUD, 2004/1914, p. 116).

Essa afirmação ganha suporte em outra, na qual é enfatizada a oposição entre beleza e feiúra, conflito marcante no campo da feminilidade. Campo fértil, portanto, para se pensar a histeria. Trata-se da afirmação em que se ressalta o pertencimento da maioria das mulheres histéricas no grupo “das mais atraentes e belas representantes do gênero feminino”. Ao que se contrapõe o fato do eventual “acúmulo de feiúra, de atrofia orgânicas e de defeitos” em diversas pessoas mundo afora não corresponder necessariamente a um “aumento da incidência de enfermidades neuróticas” (FREUD, 2004/1914, p. 116-117).

Ao final de seu texto, Freud pontua os conceitos novos e reformulados um por um. A maturação do eu implica num afastamento progressivo do narcisismo primário, resultando num intenso afã de

radicalmente, à nossa realidade) e um ermitão (que se afastou ou fugiu, *literalmente*, da realidade). Freud argumenta que o ermitão, diferentemente do esquizofrênico, poderia ter o seu “interesse sexual dos seres humanos e, mesmo assim, tê-lo sublimado em um interesse intensificado pelo divino, pelo natural e pelo animal” (FREUD 2004/1914, p. 102). E mais: tal interesse não resultaria numa “introversão da libido em direção às suas fantasias ou um retorno desta ao seu Eu” (FREUD 2004/1914, p. 102). Salienta haver, na comparação feita por Jung, já de antemão, uma rejeição da diferença entre o interesse proveniente das fontes eróticas daquele oriundo de outras fontes. Em última instância, as duas únicas contribuições de Jung (chamado eufemisticamente por Freud de “Escola de Zurique”) para o avanço na compreensão da esquizofrenia foram a constatação da presença dos já conhecidos complexos⁵⁰ nesta afecção e a semelhança entre os mitos populares e as formações das fantasias destes pacientes. Pois nenhum avanço foi produzido quanto ao entendimento do mecanismo da esquizofrenia. Com isso, temos que a declaração junguiana a respeito da falha da teoria da libido em explicar a esquizofrenia é declarada inválida por Freud. E, portanto, a proposta de um monismo resulta igualmente inválida. De modo que se produz, desse ponto adiante, um giro no texto de Freud. Em torno das questões relacionadas às manifestações clínicas dos conceitos trabalhados – libido e pulsão – articuladas a este primeiro dualismo pulsional.

Portanto, diante da impossibilidade de se realizar um estudo do narcisismo *in loco*, a *análise das parafrenias* (ou seja: o estudo psicanalítico da esquizofrenia, a qual, como já mencionado, Freud prefere se referir sob a rubrica *parafrenia*) torna-se a *via regia* para o estudo do narcisismo. Se o estudo da libido em movimento é viável graças às neuroses de transferência, a compreensão do narcisismo tem o seu lugar garantido pelo estudo da demência precoce e da paranóia. Também é auxiliado pela observação da doença orgânica, da hipocondria e da vida amorosa entre os sexos. Aqui, mais uma vez Freud recebe o auxílio de Ferenczi. Acolhe sua sugestão de considerar a

⁵⁰ Convém lembrar aqui que a noção de complexo é uma contribuição de Jung para com o movimento psicanalítico e que foi adotada por Freud. No entanto, foi rapidamente abandonada por ele devido a sua larga amplitude. De todo modo, este fato não passou despercebido aos seus biógrafos. Dentre deles, Peter Gay destaca que “Freud utilizou o caso Schreber para voltar a abordar e trabalhar o que ele chamava (em amistoso respeito por Jung, que inventara o termo) de seus ‘complexos’” (GAY, 2002, p. 262).

enfermidade orgânica no estudo da distribuição do investimento de libido. Tal relação parte da observação de um fato corriqueiro: o adoecimento das pessoas. Todos compreendem e consideram normal a falta de interesse pelo mundo exterior – a rigor, qualquer coisa que não diga respeito a seu sofrimento – de uma pessoa doente. Sua incapacidade de amar recebe o mesmo entendimento. Fazendo uso do aforismo de Wilhelm Busch⁵¹ a respeito da dor de dente do poeta – “A alma inteira encontra-se recolhida na estreita cavidade do molar”, diz W. Busch sobre o poeta que sofre de dor de dente” (p. 103) –, Freud salienta o recolhimento do interesse libidinal dos objetos de amor por parte do adoecido.

⁵¹ Wilhelm Busch (1832-1908) foi um pintor, desenhista satírico e escritor alemão. Nascido na primeira metade do século XIX, num pequeno povoado próximo à cidade de Hannover. Ingressou na Escola Politécnica de Hannover para estudar engenharia, conforme seus pais esperavam. Consta desse tempo a revelação de seu talento como caricaturista. Passou ainda pela Academia de Artes de Düsseldorf e a Academia Real de Belas Artes de Antuérpia, na Holanda, antes de voltar a sua terra natal e começar a colecionar canções populares, contos e lendas. Em seguida, ele vai a Munique estudar na Academia de Artes Plásticas, onde recebe o apoio e o estímulo de importantes homens de cultura – Franz von Lenbach (pintor da corte), Wilhelm von Kaulbach (arquiteto e pintor; curiosamente, um de seus quadros, *A Batalha dos Hunos* [*Die Hunnenschlacht*], é citado por Freud ao final da terceira seção do artigo *O Eu e o Isso*), Hermann Levi (maestro) e Caspar Braun (editor) – e publica uma revista de poesias, textos diversos e ilustrações artísticas: a revista *Die Fliegernde Blätter*. Somente uma década depois é que ele se torna conhecido mundialmente, com a primeira publicação de “*Max und Moritz*”. No Brasil estas histórias foram traduzidas por Olavo Bilac, com o título “Juca e Chico”. Elas são consideradas pelos especialistas no assunto as precursoras das nossas atuais histórias em quadrinhos. (De acordo com o sítio da *Deutsche Welle*, (importante canal de comunicação europeu, uma espécie de BBC alemã; referência: <http://www.dw.de/1908-morre-wilhelm-busch/a-297301>; Acessado em 10/01/2013). Com efeito, a Barsa (2002, v. 12, p. 128) nos diz que “Busch foi o primeiro artista de história em quadrinhos totalmente profissional e realmente popular”. Ele teria criado um vocabulário básico a partir de sinais gráficos específicos, no intuito de representar movimento, choque, dor e outras emoções quaisquer, que serviria de base para os quadrinhos até os dias de hoje.

simplicidade: ela não é dotada de nenhum poder especial. A expressão censura, na verdade, é utilizada para se referir especificamente “as tendências recalcantes que dominam a faceta do Eu voltada para os pensamentos do sonho” (FREUD 2004/1914, p. 115). Com efeito, Freud demarca com ênfase esse ponto. Indo além da instância censuradora, ele se desdobra para dentro do eu, ampliando assim o seu raio de alcance. É capaz agora de sondar novas instâncias psíquicas. É o caso do censor do sonho, aquele que realiza a ação da censura. Até então desconhecido, ele agora recebe nome e lugar no texto de Freud a partir do trecho a seguir: “Se penetrarmos mais na estrutura do Eu, também poderemos reconhecer a presença do censor do sonho no ideal-de-Eu, bem como nas manifestações dinâmicas da consciência moral” (FREUD, 2004/1914, p. 115).

O que se pretende demonstrar aqui é a continuidade, ao longo da obra freudiana, dos conceitos elaborados a partir do ponto de vista metapsicológico. A dimensão tanática de uma agressividade, constituinte de e própria ao aparelho psíquico, começa a deixar os seus rastros para o leitor. Dimensão que terá a definição de seus traços concluída somente após a introdução do conceito de *supereu*, no momento da elaboração e apresentação da segunda tópica do aparelho psíquico. Por hora, Freud transita pela noção de autoconceito⁶¹ (*Selbstgefühl*).

A noção de *autoconceito* é introduzida juntamente com o narcisismo. Aparece, contudo, apenas na parte final do texto, quando já estão bem estabelecidos o dualismo pulsional e a teoria da libido. Isso fica patente no enunciado a seguir: “Introduzir nossa distinção entre pulsões sexuais e pulsões do Eu implica reconhecermos que o autoconceito tem uma dependência muito estreita da libido narcísica” (FREUD, 2004/1914, p. 115). Tal afirmação está amparada na constatação do aumento do autoconceito nos casos de parafrenia,

⁶¹ De acordo com Hanns (p. 130, nota 97) é possível apreender duas ou três traduções para o original alemão *Selbstgefühl*: autoconceito, sentimento-de-si ou auto-estima. Diz Hanns: “refere-se ao grau de estima que o sujeito tem por si, mais precisamente, à valoração que faz de si, enfim, à auto-estima que expressa como o sujeito se sente a respeito de si”. Entendemos as alternativas *sentimento-de-si* como uma abstração filosófica daquilo a que Freud se referiria em seu texto, e *auto-estima* uma versão demasiadamente vulgarizada pelo seu uso coloquial. Sendo autoconceito, portanto, a versão mais apropriada para seu texto.

da sociedade” (FREUD, 2004/1914, p. 114). De maneira análoga, o recalque também tem a sua origem por uma interdição. Ou seja: numa barreira essencialmente exterior em seu primeiro momento.

É digna de nota a relação estabelecida por Freud entre a formação dessa instância (auto) censora e a capacidade de auto-observação e introspecção. Atribuição feita com frequência aos artistas e filósofos e também àquelas pessoas que padecem de delírios de estarem sendo observadas ou perseguidas. Sagaz, ele não descarta a possibilidade desse fato estar “relacionado com a propensão à formação de sistemas especulativos que caracteriza a paranóia” (FREUD, 2004/1914, p. 114). Interpõe-se nesse âmbito a possível contribuição de Herbert Silberer⁶⁰ a sua teoria dos sonhos. Autor citado ao final do trabalho sobre narcisismo, ele postulava a existência de um estado especial situado entre o sono e a vigília. Reproduzir-se-ia diretamente nesse estado a situação na qual se encontrava o sonhador antes de adormecer – um estado no qual a posição corporal e o estado de ânimo do sonhador (suas angústias, medos e impasses) estão em primeiro plano. Por isso diz-se desse estado ser “auto-simbólico”. Em determinado momento de seu texto, Freud salienta o fato de Silberer haver demonstrado que “uma parcela da auto-observação – no sentido que ela tem no delírio de observação paranóico – contribui para a formação do sonho” (FREUD, 2004/1914, p. 115). No entanto, essa característica não é algo essencial ao próprio sonho. Em muitas pessoas, ela passa absolutamente despercebida. Somente no caso de “pessoas com talento para a filosofia e habituadas à introspecção, ela pode tornar-se bem nítida” (FREUD, 2004/1914, p. 115). A partir disso, ele tece outra articulação com a teoria dos sonhos.

A já estabelecida censura do sonho, produtora da desfiguração dos fragmentos oníricos, é retomada aqui. Salienta-se a sua

⁶⁰ Durante seus curtos 40 anos de vida, Herbert Silberer (1882-1923) conheceu o movimento psicanalítico inicial e frequentou a casa de Freud ao lado de Jung, Adler, Ferenczi, Stekel, entre outros. Estudioso dos sonhos, em 1909 publica um trabalho sobre o estado “hipnagógico” e os sonhos. Esse estado seria “auto-simbólico” – ou seja: os pensamentos oníricos latentes provenientes desse estágio do sonho remeteriam ao que se passa com o sonhador no momento exato do adormecer; reproduziriam seus últimos pensamentos e preocupações antes do adormecer. Seu trabalho é mencionado por Freud no texto clássico sobre o narcisismo. Entretanto, diante da rejeição de suas ideias por parte de Freud, ele se afasta cada vez mais do movimento psicanalítico. Melancólico, ele acaba pondo fim à própria vida. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 712).

3.4 Entre a arte e a ciência

Façamos agora uma pequena pausa para uma primeira digressão. Pois a referência a este autor, da parte de Freud, é reveladora. Demonstra não apenas o seu interesse artístico pessoal, mas, sobretudo, o valor concedido por ele ao conhecimento popular, expresso nas sátiras, caricaturas, piadas, lendas e histórias diversas. Afinal, nos momentos críticos de sua especulação metapsicológica, ele recorre a esse tipo de conhecimento para encontrar um suporte mais concreto aos seus argumentos. Poder-se-ia argumentar que, se atualmente não é raro vermos autores fazendo articulações de uma parte densa do seu campo de investigação ou estudo – seja ele qual for – com temas presentes nas histórias e desenhos de um Ziraldo ou nos quadrinhos de um Angeli – representantes modernos, em nosso país, desse tipo de arte desenvolvido inicialmente por Wilhelm Busch – na época em que Freud escrevia esse artigo, esse tipo de atitude não era tão comum assim. Não seria incorreto, portanto, considerá-lo um dos precursores desse tipo de interlocução interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento. O que significa afirmar que o problema da filiação epistemológica de Freud – com qual epistemologia afinal Freud se articula e dá sequência através dos seus escritos – ao invés de nos levar para uma solução final, coloca-nos diante de um novo panorama: o da interdisciplinaridade. Com efeito, percebe-se, através das diferentes *epistemes* com as quais Freud se vincula ao longo de sua obra, o quanto esses vínculos o aproximam daquilo que hoje se denomina *interdisciplinaridade* no campo das ciências humanas.

Nesse sentido, ao discorrer sobre o período final da vida do fundador da psicanálise, Gay (2002, p. 531) destaca que “Freud se parecia bastante com o pássaro apanhado no visco, num famoso poema de Wilhelm Busch, aquele ilustrador e verzejador cômico que ele tanto gostava de citar” (p. 531). O poema se referia a um pássaro tentando se libertar do visco em que caíra. Ao fazê-lo, percebia a aproximação furtiva de um gato preto. Diante da morte iminente, o pássaro passa a cantar incessantemente. Ao longo do poema, seu autor comenta: “O pássaro, parece-me, tem senso de humor [*Der Vogel, scheint mir, hat Humor*]”. O biógrafo de Freud, por sua vez, refere-se a esse poema para ilustrar a atitude de Freud diante da doença da morte e da separação. O que sugere algum tipo de identificação – poder-se-ia dizer, talvez, incorporação – com o espírito irreverente de Wilhelm Busch. E, mais do

que uma simples licença poética ou força de expressão de seu biógrafo, revela uma forte ligação de Freud com os artistas dos quais se serve com frequência em sua escrita

Voltando ao ponto em que estávamos, a respeito da relação entre sofrimento e a incapacidade de amar, deve-se ressaltar que ela é digna de nota. Pois enquanto alguém sofre profundamente, é incapaz de expressar adequadamente seu amor pelos outros. Do que se entende que *há uma continuidade entre sofrimento e amor próprio*. Como se as duas coisas fossem *duas faces da mesma moeda*. Nesse sentido, ele afirma: “Neste caso, tanto a libido quanto o interesse do Eu [*Ichinteresse*] têm o mesmo destino e são, mais uma vez, indiferenciáveis entre si. O tão conhecido egoísmo do doente abarca ambos” (FREUD 2004/1914, p. 103-4).

Além de se utilizar os casos de parafrenias para o estudo do narcisismo, um caminho alternativo tomado por Freud em busca de auxílio nesse estudo é o *estado de sono*. Pois ele também implica num recolhimento da libido de volta para o eu. Mais do que isso: de volta para – dentro da vasta gama de funções do eu – o *desejo de dormir*. Quanto a isso, Freud é bem claro: “O egoísmo dos sonhos inscreve-se perfeitamente nesse contexto. Em ambos os casos – tanto na situação do sujeito parafrênico quanto na situação do sujeito que está sonhando – vemos exemplos de alterações na distribuição da libido em consequência da alteração ocorrida no Eu [*Ichveränderung*]” (FREUD 2004/1914, p. 104).

Tal como na doença orgânica, a hipocondria manifesta-se através de sensações corporais dolorosas e desagradáveis, tendo como consequência o mesmo tipo de ocorrência quanto à distribuição da libido. Como diferenciá-las então? Através da verificabilidade das modificações orgânicas correspondentes aos órgãos afetados. Diria isso o homem racional, ou qualquer pessoa prudente a se basear nas experiências prévias com doenças. Contrariamente a isso, entretanto, Freud lança a seguinte afirmação: “A hipocondria deve ter razão, também nela não podem faltar as alterações de órgão” (FREUD 2004/1914, p. 104). Resta explicar em que consistiriam essas alterações de órgão. Pois não há um orgânico puro – consistente em si mesmo – agonizando ou padecendo de qualquer tipo de afecção orgânica na hipocondria.

A resposta a essa questão é um dos grandes momentos de surpresa, originalidade – e devemos também dizer, *perplexidade* de *Para introduzir o conceito de narcisismo*. Revela-se nesse momento a

paranóia e das neuroses de transferência. Trata-se do *delírio de estar sendo notado ou observado*, no qual vozes falam ao sujeito a partir da terceira pessoa do singular. Diante dessas características, postas em evidência a partir da clínica – médica, psiquiátrica e a então recém estabelecida clínica psicanalítica – Freud se interroga a respeito de sua origem. Como compreendê-las, como explicá-las? Pois bem: sua metapsicologia – no momento, edificada sobre novos fundamentos: a teoria da libido e o dualismo pulsional – lhe fornece alguns elementos iniciais, primeiras pistas rumo a uma nova reconstrução. A uma nova perspectiva sobre o fenômeno que lhe intriga.

3.6 Reformulações na concepção de aparelho psíquico

A introdução do conceito de narcisismo possibilita esse avanço. A partir dos derivados desse conceito – a discussão a respeito do eu ideal e o ideal do eu, bem como da diferença entre narcisismo primário e secundário – ele é capaz de chegar a uma nova instância psíquica. Ora, ele mesmo anuncia não ser nem um pouco estranho se, por acaso, “encontrássemos uma instância psíquica especial que, atuando a partir do ideal-de-Eu, se incumbisse da tarefa de zelar pela satisfação narcísica e que, com esse propósito, observasse o Eu atual de maneira ininterrupta, medindo-o por esse ideal” (FREUD, 2004/1914, p. 113).

As reclamações de alguém estar sendo observado fazem, portanto, muito sentido. Elas de fato dizem respeito a algo que constitui a toda e qualquer subjetividade. Em um momento não tão longínquo na história de nossa constituição subjetiva, estivemos constantemente à mercê de uma instância vigilante: os pais. Com efeito, “foi a influência crítica dos pais que levou o doente a formar seu ideal-de-Eu, que lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral” (FREUD, 2004/1914, p. 114). Posteriormente, acrescentam-se ao ideal-de-Eu uma miscelânea de influências. As mais diversas. Pais, tios, irmãos, amigos, professores, mestres, autoridades jurídicas e morais; os ideais de uma cultura ou nação, etc. Uma prova, talvez, de que aquilo que nos é mais íntimo é também o mais externo. O mais exterior em relação a nós mesmos. O ideal do eu, instância enraizada profundamente em nossa vida psíquica, tem origem externa e estranha ao nosso próprio eu. Além disso, ela é compartilhada por todos com os quais convivemos. O que a torna única e, ao mesmo tempo, ordinária. Fato salientado na seguinte passagem: “A instauração da consciência moral nada mais foi, em essência, do que a incorporação da crítica parental e, depois, da crítica

delas, ele declara: “Já dissemos que o recalque ocorre a partir do Eu, mas poderíamos agora ser mais precisos: ele parte da avaliação que o Eu faz de si mesmo” (FREUD, 2004/1914, p. 112). Na segunda, por sua vez, ele salienta: “Podemos dizer que um sujeito erigiu em si um *ideal*, pelo qual mede seu eu atual, enquanto na outra pessoa esse ideal não se formou. Assim, a condição para o recalque é essa formação de ideal por parte do Eu” (FREUD, 2004/1914, p. 112). A força desse ideal provém daquela presente em seu eu infantil. Sua fonte, portanto, é o narcisismo primário. A esse narcisismo primário perdido, denomina-se *eu ideal*. Isto fica bem marcado na seguinte passagem: “O narcisismo surge deslocado nesse novo *Eu que é ideal [grifos meus]* e que, como o eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude” (FREUD, 2004/1914, p. 112). E destaca: “Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada” (p. 112). A perfeição e a completude do narcisismo primário são, de certa forma, “inseparáveis” do eu.

As repreensões comuns no processo de educar, somadas à capacidade judicativa do sujeito empurram o narcisismo primário para longe do eu. Produz-se uma cisão. Ele mesmo não pode mais ser o seu próprio ideal. Mas poderá voltar a sê-lo, um dia, quando alcançá-lo novamente. Através do enfrentamento das provações e testes impostos pela civilização humana – principalmente aqueles que estiverem ligados aos valores já inscritos enquanto parte de seu ideal do eu – ele poderá conquistar o que sempre fora seu. Passado, presente e futuro se diluem e se distorcem diante dessa dimensão narcísica do ser. Diz Freud: “Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal” (p. 112). Num interessante processo dedutivo-especulativo, Freud formula, a partir do recém descrito ideal do eu⁵⁹, a possibilidade de existência de uma segunda instância psíquica. Uma instância que, a partir das atividades do ideal do eu, se voltaria para o eu, observando-o de continuamente e medindo-o por esse ideal. Aquilo que usualmente se conhece por consciência moral apresenta todas as características dessa instância fabulada por Freud. Vale a pena se deter neste aspecto com minúcia. Pois aquilo que é popularmente conhecido como consciência moral também está presente na sintomatologia da

⁵⁹ Luiz Alberto Hanns traduz por ideal-de-Eu. No entanto, seguiremos aqui a tradução proposta por Laplanche & Pontalis: ideal do eu. Além de estar de acordo com o uso corrente nos meios psicanalíticos, permanece mais atual ainda agora, num tempo de nova ortografia em que a ausência de hífen é a regra.

habilidade do autor Freud em defender uma ideia – renovando-a em consistência, sentido e valor – ali onde ela se demonstra mais frágil. Em poucas linhas ele reintroduz a hipocondria em sua teoria das neuroses, situando-a entre as outras neuroses e demarcando sua importância para com elas.

Vejam: primeiramente, ressalta a semelhança da hipocondria com as outras neuroses. Em todas elas ocorre algum tipo de sensação corporal de caráter desprazeroso, tal como na hipocondria. Retoma sua posição a favor de incluir a hipocondria na categoria de neurose atual. Ela seria a terceira, antecedida pela neurastenia e a neurose de angústia. Indo mais longe, ele supõe que “uma pequena porção de hipocondria estaria em geral presente na constituição das outras neuroses” (FREUD 2004/1914, p. 104). Tomando como fio condutor a histeria própria da neurose de angústia – e que estaria a ela superposta – Freud tece uma nova trama no bordado da sua teoria da libido. A noção de zona erógena finalmente toma corpo e tem o seu lugar definido nessa teoria.

Da histeria para o corpo: a excitação histérica – transformadora do corpo em um palco de seu sofrimento – se confronta com o corpo em sua dimensão real. Portador de órgãos e funções submetidas às leis da natureza, esse corpo real fornece à histeria (teoria das neuroses) e à teoria da libido (metapsicologia) um espelho revelador da imagem de seu funcionamento. O *sexual* é esse espelho. Sendo esse espelho constituído pelo corpo, o sexual de que falamos é aquele em sua manifestação mais bruta e primária: os órgãos genitais. Das sensações e modificações anatômicas resultantes do bom funcionamento desses órgãos, depreendem-se outras modificações e sensações. Sensações que escapam do registro real do corpo – o biológico – e modificações que operam a partir de uma outra anatomia – a do aparelho psíquico. A sensibilidade dolorosa dissociada de alterações no órgão e ou de doenças – possibilidade e característica exclusiva dos órgãos genitais⁵² – fornecem o protótipo da *erogeneidade*.

Nesse sentido, Freud afirma: “Poderíamos então designar como erogeneidade a atividade que emana de uma parte do corpo e envia estímulos sexualmente excitantes em direção à vida psíquica” (FREUD 2004/1914, p. 104). Acrescenta que outrora a teoria sexual já familiarizara o mundo científico com a afirmação da capacidade das

⁵² Buscando ilustrar o mais concretamente possível os efeitos da libido, Freud esmiúça as características exclusivas desses órgãos. Em seu texto, ele salienta o quanto eles recebem influxo de sangue, incham-se e se umedecem, transformando-se numa região de múltiplas sensações.

ditas zonas erógenas substituírem os órgãos genitais, comportando-se do mesmo modo que eles. Com as últimas considerações, é possível dar um passo adiante, com o qual nos será possível “considerar que a erogeneidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, nos referir a um aumento ou redução da erogeneidade em determinada parte do corpo” (FREUD 2004/1914, p. 105). Com efeito, é possível pensar então numa ocorrência paralela do investimento da libido no eu. E seriam esses os fatores determinantes dos processos próprios da hipocondria. Seriam eles também que estariam produzindo o mesmo efeito sobre a distribuição libidinal no caso de ocorrência do adoecimento orgânico.

Se há uma diferença físico-anatômica entre o estado hipocondríaco e o estar doente, do ponto de vista da teoria da libido – ou seja, partindo de um ponto de vista econômico da metapsicologia – não há diferença alguma. Dentro desta perspectiva, pode-se pensar a relação da hipocondria com a parafrenia como “semelhante àquela que as outras neuroses atuais têm com a histeria e com a neurose compulsiva” (FREUD 2004/1914, p. 105). Hipocondria e parafrenia dependem diretamente da libido do eu – são muito mais narcísicas do que objetais – enquanto neurastenia e histeria, neurose de angústia e neurose obsessiva dependem diretamente da libido objetal. Disso depreende-se que “o medo [*Angst*] hipocondríaco parte da libido do eu e seria a contrapartida do medo [*Angst*] neurótico” (FREUD 2004/1914, p. 105). Com efeito, entende-se que nas neuroses de transferência os mecanismos do adoecer e da constituição dos sintomas está ligado a um represamento da libido objetal. É possível então inferir disso que “também nos fenômenos da hipocondria e da parafrenia ocorra um represamento da libido do Eu” (FREUD 2004/1914, p. 105).

Cabe perguntar por que esse represamento seria sentido como desprazeroso ao invés de prazeroso. Diante dessa pergunta, Freud esboça uma resposta. Propõe entender o desprazer enquanto a expressão de maior tensão. Uma quantidade de estímulo que se transforma em qualidade psíquica. Essa qualidade psíquica resultante é o desprazer. Acrescenta ser certa função da magnitude absoluta do processo calcado sobre a matéria, e não a magnitude absoluta em si mesma, o fator decisivo para o surgimento do desprazer. Percebe-se nessa passagem uma retomada do problema da quantidade *versus* qualidade. Dizendo mais especificamente: no que se refere à intensidade de uma quantidade

Ou seja: “Ao repararmos na atitude de pais afetuosos para com seus filhos, seremos forçados a reconhecer que se trata de uma revivescência e de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado”. E acrescenta: “Essa atitude se relaciona com a negação da sexualidade infantil”. Mas a ênfase de sua argumentação recai sobre a seguinte afirmação: “o ponto mais vulnerável do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente encurralada pela realidade, ganha, assim, um refúgio seguro abrigando-se na criança” (FREUD, 2004/1914, p. 110). Assim, o amor dos pais, sentimento tão valorizado e admirado em nossa cultura, é o narcisismo dos pais ganhando vida novamente após anos de reclusão.

Ao transformar-se em amor objetal, contudo, não deixa de revelar sua origem ancestral. Tratando de material comum e universalmente conhecido – o *amor*, dos pais pelos filhos, do homem pela mulher, da mulher por seu homem e seus filhos; variadas versões e dimensões da vida erótica dos seres humanos – o argumento de Freud a favor da teoria da libido e o consequente dualismo pulsional ganha força outra vez. O que se segue, portanto, é a exploração e o desenvolvimento desse já fortalecido argumento.

Porém, não é apenas no nível intra-psíquico que o dualismo pulsional e a teoria da libido são examinados. Ao contrário do que muitos afirmam, a psicanálise tem muito a dizer a respeito daquilo que está do lado de fora. Na terceira e última parte de *Para introduzir o conceito de narcisismo*, Freud discorre sobre a natureza da libido colocada para fora – em objetos, espaços e locais de difícil definição. A formação de um ideal, constituição de um autoconceito⁵⁸, e a origem dos valores fundamentais de uma cultura é discutida com entusiasmo pelo psicanalista.

Nesse sentido, seu primeiro passo é voltar-se para a libido do eu de um adulto normal. Se no início ela constituiu um delírio de grandeza infantil, pode-se perguntar: o que foi feito desse montante de energia, anteriormente de presença maciça no interior do eu? Dizendo de outra maneira: diante do material estudado até aqui, como entender as consequências da transformação de uma criança em adulto?

A chave para responder a essa pergunta é o recalamento. Pois ele é o resultado de um conflito entre as concepções culturais e éticas de uma pessoa e suas moções pulsionais libidinais. Entregando-se de corpo e alma a essas concepções, elas resultam determinantes de sua auto-avaliação. Duas frases de Freud são fatais a esse respeito. Na primeira

⁵⁸ Traduzido erroneamente por “auto-estima” na ESB.

amar a si mesmas tanto quanto o homem que as ama. Curiosamente, Freud afirma não ser possível desconsiderar a importância deste tipo especial de mulher para a vida amorosa dos *seres humanos*. Não se trata de considerar a importância de um tipo de mulher para os homens – do que se leria mulher enquanto *objeto de desejo* – nem para as crianças – do que se entenderia mulher no sentido de *mãe*. Trata-se, fundamentalmente, do entendimento da nossa vida amorosa – a libido está em questão – enquanto seres humanos que somos. Fornecer uma chave para a compreensão da libido através do fascínio exercido por estas mulheres.

Parece ser esta, de fato, a intenção de Freud. Pois ele afirma que esse fascínio por elas exercido não se deve apenas à sua beleza, mas a *constelações psicológicas interessantes*. E o primeiro passo rumo a essas constelações é o narcisismo da criança. “Pode-se perceber com clareza que o narcisismo de uma pessoa exerce grande atração sobre todos aqueles que renunciaram ao pleno exercício de seu próprio narcisismo e que se encontram à procura do amor objetual” (FREUD, 2004/1914, p. 108). A graça encantadora da criança, dos gatos e dos grandes felinos estaria em sua inacessibilidade autossuficiente. Personagens clássicos da literatura, tais como o mestre ladino e o palhaço encantam multidões baseando-se nesse mesmo efeito. “É como se os invejássemos por conservarem um estado psíquico de felicidade, uma posição libidinal inexpugnável que nós abandonamos há muito tempo” (FREUD, 2004/1914, p. 109).

Mantendo-se nessa linha de raciocínio, Freud retira mais conclusões sobre a libido e o narcisismo a partir desse modelo da bela mulher autossuficiente. Mesmo para elas é possível experimentar o amor objetual. Ao gerar um filho, elas o colocam no lugar do objeto supervalorizado e despertador da paixão. Para ele se destinará a libido até então represada em seu próprio eu. Uma extensão de seu próprio corpo na forma de outro objeto. Outras mulheres, não tão indiferentes assim aos homens, podem amá-los com o reforço de uma saudade: a nostalgia da alma de menino que nelas já habitara em sua tenra infância. E que para sempre se foi quando da identificação com a feminilidade durante a passagem pelo complexo de castração.

Mas se o amor objetual dos adultos revela sem muito mistério sua antiga natureza narcísica, isso não é verdadeiro para as crianças. Para alcançar o narcisismo primário que se supõe existir nelas, é necessário tomar outro ponto de observação. Em vez de partir da criança, parte-se dos pais. A supervalorização, outrora sublinhada como o sinal certo de um “estigma narcísico” na escolha objetual, reaparece.

– a expressão intensa de uma quantidade – trata-se de um eco do *Projeto de 1895*⁵³.

Desse ponto ele passa a outro, no qual questiona o porquê da vida psíquica ver-se coagida a transbordar os limites do narcisismo e a ocupar os objetos com a sua libido. A mesma resposta de antes se repete: ao ultrapassar certa quantidade, o investimento de libido no eu tem a necessidade de se escoar para fora, em direção ao mundo dos objetos. Recorrendo outra vez à literatura, Freud apela ao poeta romântico Heinrich Heine⁵⁴ em sua busca por ilustrar com beleza suas concepções mais abstratas. A ideia aqui elaborada é usar a criação enquanto metáfora da libido objetual. Criando, ou seja, mergulhando profundamente numa atividade – colocando o eu em ação no mundo, ligando-o diretamente aos objetos – é possível chegar a uma cura. Inspirado pelo poeta, assim declara Freud: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (FREUD, 2004/1914, p. 106).

⁵³ Ver Capítulo 2 – As origens da metapsicologia.

⁵⁴ De acordo com a Barsa (2002, v. 7, p. 340-1), Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856) foi um poeta alemão de origem judaica, nascido em Düsseldorf e falecido em Paris. Ao longo de sua vida, converteu-se do judaísmo para o protestantismo. Foi responsável pelo renascimento, na Alemanha, do gosto pela poesia popular e pelas canções tipicamente germânicas (denominadas *Lieder*). Sua relação com o período do romantismo é tão íntima que uma edição mais antiga da enciclopédia Barsa (1977) se refere a ele como tendo nascido “em pleno fogo romântico, com a alma impregnada de nostalgia, desespero, amargura e solidão” (v. 7, p. 263-4). Financiado por um tio abastado, em sua juventude ele frequentou as universidades de Bonn e Göttingen. Obteve reconhecimento após o lançamento de seu primeiro livro. Posteriormente, teria alguns poemas desse livro musicados por Schumann e Schubert. Devido ao provincianismo e anti-semitismo alemão, muda-se aos 34 anos para Paris – cidade em que viveu até o fim de seus dias. Lá, colaborou com jornais alemães, na qualidade de correspondente. Já em Paris, Heine chegou a conhecer Karl Marx – de quem foi amigo e colaborador. Sobre seu trabalho jornalístico, essa enciclopédia nos diz que “suas crônicas de viagem e os escritos políticos são precursores da moderna reportagem jornalística” (BARSA, 2002, v. 7, p. 340-1). E acrescenta: “o parlamento, a imprensa, o mundo artístico o teatro e a música foram os seus temas constantes”. No que concerne a sua arte poética, em seus poemas iniciais Heine “aliou as descrições lírica à sátira contra costumes da época” (BARSA, 2002, v. 1, p. 212). Esses traços também transparecem em sua obra parisiense, alcançando uma expressão particular em *Romanceiro* e *Atta Troll*.

Pode-se entender essa frase como algo a mais do que ela nos diz numa primeira leitura. Como um sinal indicativo do início de uma metamorfose. Ou ao menos da proximidade dessa metamorfose. Pois sabemos que a reação terapêutica negativa – seguida pela compulsão à repetição e o masoquismo primário – constitui um desses impedimentos ao amar. Pois essas manifestações clínicas que, a partir de 1920, estarão inscritas sob a rubrica de movimentos pulsionais de morte, obstruem o estabelecimento de investimentos objetivos da libido. Bem como uma relação transferencial propícia ao andamento da análise. As rupturas provocadas pelas manifestações clínicas da pulsão de morte na transferência e, portanto, no tratamento, estão sub-entendidas aqui. Mas ainda não são nomeadas dessa maneira. O pensamento psicanalítico encontra-se limitado ao seu primeiro dualismo pulsional, e tem que dar conta de trabalhar unicamente com ele. Veremos, mais adiante, como se torna possível pensar a pulsão de morte e articulá-la com as elaborações metapsicológicas precedentes⁵⁵.

Por ora, faremos uma segunda digressão nesse capítulo, versando sobre a filiação epistemológica de Freud. O artista Heinrich Heine, mencionado na página anterior, é citado com frequência não apenas por Freud. Deve-se ressaltar a sua influência no campo literário e intelectual de seu tempo, não apenas na Europa, mas em boa parte do mundo. Pois este poeta teve uma vida agitada e intensa. Heine teve suas obras censuradas na Alemanha. Seu envolvimento com as ideias socialistas provocou a sua não aceitação em sua terra natal. Além disso, foi criticado pelos alemães ao aceitar uma pensão do governo francês – quando necessitava de fato de ajuda, pois além da pobreza, estava gravemente enfermo. Uma doença da medula o acompanhou até o fim da vida. É desse período final de sua vida um conjunto de algumas de suas mais inspiradas criações: o livro de poemas *Romanceiro* [*Romanzero*], de 1851. Suas principais obras são: *Livro das Canções* (1827); *Noites Florentinas* (1844); *Novos Poemas* (1844) e *Romanceiro* (1851). Com efeito, sobre Heinrich Heine, não se pode deixar de ressaltar o seguinte ponto: “A influência que exerceu no romantismo mundial é das maiores, inclusive sobre a maioria dos poetas românticos brasileiros” (1977, v. 7, p. 263-4). Deve-se pensar, portanto, mais sobre a sua influência na formação pessoal de Freud.

Nesse sentido, ao se referir à obra *A Interpretação dos Sonhos*, o biógrafo Peter Gay (2002) refere-se ao sonho do conde Thun – “um dos sonhos autobiográficos mais indiscretos que Freud analisou” (p.

⁵⁵ Ver capítulo 5 – O despertar de Tanatos.

quais as pulsões sexuais de apóiam – são uma parte das pulsões do eu (de *autoconservação*).

A conclusão disso é a oposição e retroalimentação entre estes dois tipos tão distintos de pulsões, desde o início do estabelecimento do narcisismo. Quanto a isso, não poderia ser mais explícito: “As pulsões sexuais apóiam-se, a princípio, no processo de satisfação das pulsões do eu para veicularem-se, e só mais tarde tornam-se independentes delas” (FREUD, 2004/1914, p. 107). Isto fica ainda mais evidente quando vemos que as pessoas ligadas ao cuidado, higiene, nutrição e resguardo da criança acabam constituindo-se enquanto seus *primeiros objetos sexuais*. Sendo o primeiro de todos a mãe ou um *outro materno* (substituto dela). A mãe torna-se a pauta da futura escolha de objeto de amor do pequeno vivente. Mas isso não significa que ela seja sempre a única pauta. Em muitos casos estudados pela psicanálise, a pauta da escolha objetal situava-se *em si mesmo*. No *próprio eu* do sujeito dessa escolha. Sobre esses dois pontos de partida principais da escolha objetal recaem as rubricas *veiculação sustentada* e *narcísico*, respectivamente.

Entretanto, essas duas rubricas principais não são restritivas. Freud ressalta em seu texto a possibilidade de múltiplos caminhos para a escolha objetal: “Preferimos a hipótese de que ambos os caminhos para a escolha de objeto estão franqueados a todo ser humano, e de que um ou outro caminho acabará sendo privilegiado” (p. 108). A ênfase aqui é o fato de o ser humano possuir “dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida” (FREUD, 2004/1914, p. 108) fato que constitui um ponto de partida para a escolha objetal. Escolha que poderá ser influenciada de maneira dominante pelo *narcisismo primário*.

Resultam dessas formulações notáveis diferenças entre o universo masculino e feminino. Diferenças *fundamentais* – mas *não universais* – quanto ao tipo de escolha de objeto. De acordo com Freud, no caso dos homens o mais comum seria o modelo de escolha objetal por *veiculação sustentada*, pois neles, a supervalorização sexual proveniente do narcisismo da criança é transposta para o seu objeto de amor na idade adulta. O que explicaria a origem do estado de paixão e da compulsão neurótica. Do ponto de vista econômico, vê-se um empobrecimento da libido do eu em benefício da libido objetal nesse tipo de escolha. No caso da mulher, seria o contrário. Com a sua maturação corporal, intensificar-se-ia o narcisismo original. O que importaria à mulher outro tipo de escolha, no qual elas teriam maior necessidade de serem amadas do que de amar.

Dentro desse tipo, o feminino, há outro, mais notável ainda. Tratam-se das belas mulheres autossuficientes, as quais são capazes de

pulsão de morte. Dentre esses elementos, como se verá, destaca-se o *ideal do eu*.

3.5 O “coroamento epistêmico” de Eros

A vida amorosa entre os seres humanos, sobretudo no que ela acarreta de confusões – sejam elas trágicas ou cômicas, sempre foi material proveitoso para o trabalho dos poetas e filósofos. O diálogo platônico do *Banquete*, no qual se discorre sobre o amor, é lido e relido por estudantes e professores das mais diversas áreas do conhecimento. A tragédia de Shakespeare mais popular é, sem dúvida, *Romeu e Julieta* – conhecida por muitas pessoas que desconhecem o nome do bardo. A psicanálise talvez possa ser considerada uma experiência repleta de compassos e descompassos trágicos e cômicos sobre um tipo de amor: o amor de transferência.

Sem entrar em maiores detalhes sobre essas obras e conceitos, deve-se ressaltar aqui o lugar em que se situa essa passagem do texto de Freud. Tendo já percorrido o caminho dos clássicos⁵⁶ (basta ver a quantidade de citações de autores como Goethe e Shakespeare ainda no início de sua obra) e o caminho da transferência (*Primeiras publicações psicanalíticas, Estudos sobre a histeria*, etc) ele agora se arma com sua teoria da libido para enfrentar um novo desafio: retroceder até a origem constitutiva da vida amorosa entre os sexos em sua dimensão pulsional.

O encobrimento da libido do eu pela libido objetal também ocorre na escolha objetal das crianças e jovens. Este encobrimento é resultante de uma mescla⁵⁷ entre pulsões do eu e sexuais. Partindo do fato observável de crianças e jovens tomarem seus objetos sexuais inspirados em suas primeiras experiências de satisfação, Freud deduz então que essas experiências primárias de satisfação estão diretamente ligadas às *funções vitais*. Elas recebem essa denominação por servirem unicamente para a autoconservação do indivíduo biológico. As pulsões do eu, por sua vez, recebem esse nome por serem voltadas à *autoconservação*. Ou seja: pode-se afirmar que as funções vitais – nas

⁵⁶ Ver o subitem *A filiação epistemológica de Freud*, no Capítulo 2 – As origens da metapsicologia.

⁵⁷ Fato curioso: nos textos da primeira tópica, ele fala em mescla, apoio, veiculação sustentada; nos da segunda ele fala em fusão e desfusão. Há algo em comum entre esses termos que deve ser investigado em futuros trabalhos no âmbito da metapsicologia freudiana.

116) naquele tempo. Acrescenta, ainda, a possibilidade de ele ter em mente, naquele tempo, Heine, que utilizara os mesmos versos da ópera “como epígrafe a *As Termas de Lucca*, sua devastadora investida contra o conde Platen, o poeta homossexual que ele considerava seu inimigo e acreditava comandar uma conspiração contra si” (GAY, 2002, p. 116n). Ressaltando, portanto, a influência da leitura de Heine em seus restos diurnos, elementos básicos da formação do sonho. Em outra passagem esse mesmo biógrafo ressaltará que “Autores espirituosos como Heinrich Heine e humoristas mais grosseiros como Wilhelm Busch forneciam-lhe ilustrações cáusticas” (p. 164). Gay (2002) formula essa frase ao discorrer sobre a atitude de Freud em relação à literatura, salientando *o conflito entre o antigo e o moderno*. Freud evitara a leitura de Nietzsche, declarara-se como um filisteu diante do expressionismo e do surrealismo e dera pouca importância ao cinema. E tal atitude transparecia no campo das artes literárias: ele citara amplamente Goethe, Shakespeare, os gregos e Schiller em seus trabalhos. No entanto, é digna de nota a ausência da vanguarda européia de sua época na escolha de seus favoritos. Pois Freud passava ao largo de autores tais como Baudelaire ou Strindberg, por exemplo. O que nos possibilita retomar as considerações feitas em nossa primeira digressão – a qual propunha pensar em um Freud precursor, pioneiro, quase que “um sujeito de vanguarda”. Com efeito, percebe-se que seria exagerado colocá-lo nessa classificação estereotipada. Entretanto, percebe-se que, se por um lado Freud era um típico homem do século XIX, com sua fé na ciência e na razão, ele também estava *atento ao novo*. Mesmo não fazendo questão de pertencer à vanguarda de seu tempo, o Freud cientista também era um Freud artista. Um artista criador de conceitos. Vemos a criatividade de Freud correr solta em sua pena ao longo das linhas dos artigos metapsicológicos estudados. De modo que isso reforça a afirmação de Garcia-Roza (2001) – trabalhada no capítulo anterior – a respeito da dificuldade de se situar Freud dentro de uma única filiação epistemológica.

Feita esta última digressão, retornemos ao nosso itinerário. As excitações capazes de provocar dor ou distúrbio são trabalhadas pelo aparelho psíquico. Esta, aliás, é sua função. Visando ao escoamento interno de excitações incapazes de serem removidas de imediato – e também aquelas de indesejada remoção imediata – esse trabalho psíquico realizado pelo aparelho é de fundamental importância.

Entretanto, não há inicialmente uma distinção entre objetos reais e imaginários. Somente após o direcionamento da libido para a

fantasia (objetos irrealis), acompanhado pela introversão daquela nesta e resultando em represamento, haverá uma diferença perceptível. O delírio de grandeza – traço próprio das parafrenias – pode ser definido então como o resultado do processamento da libido que retorna ao eu. A partir disso, Freud situa a diferença entre as parafrenias e as neuroses de transferência no *destino da libido*. Nas parafrenias a libido torna-se disponível ao ter a sua satisfação impossibilitada. Mas, em vez de se recolher na fantasia, seu destino é se introjetar no eu.

Disso se depreende, afinal, a correspondência entre a libido introjetada no eu (causa das parafrenias) – estopim do delírio de grandeza, o qual é resultante desse trabalho de processamento dessa libido pelo aparelho psíquico – e a libido introjetada nas formações da fantasia (marca estruturante das neuroses de transferência).

O fracasso da função psíquica de trabalhar com os estímulos ou excitações resultantes do retorno da libido para o eu – através da introjeção no próprio eu ou nas formações da fantasia – ocasiona a hipocondria da parafrenia. Curiosamente, Freud faz uma analogia entre a hipocondria da parafrenia – a qual se manifesta fenomenologicamente através de um medo que algo dentro de si, em suas entranhas mais íntimas, esteja sofrendo ou padecendo em silêncio – e o medo [*Angst*] encontrado nas neuroses de transferência. Esse medo [*Angst*] pode ser dissolvido através do trabalho psíquico da conversão (histeria), da formação reativa (neurose obsessiva) e da formação protetora (fobia).

Cabe salientar aqui a ambiguidade do termo *Angst*. Utilizado por Freud com frequência, ele se refere tanto ao medo que todos experimentam diante das provações da vida – medo de perder o amor dos pais, familiares e amigos; medo de perder o emprego ou de não conseguir passar num exame ou concurso; medo de animais, de altura, lugares fechados, etc; medo da morte – quanto à experiência física do aperto ou estreitamento da garganta; fraqueza e falta de ar diante de uma perda ou separação (simbólica ou não). Com efeito, é possível falar tanto em medo da castração quanto de angústia de castração. O contexto, muitas vezes a própria textualidade, indicará qual o melhor termo a ser usado. Infelizmente, nós – falantes da língua portuguesa – não temos uma “palavra única” que abarque em si mesma os sentidos de medo e angústia. Felizmente, Freud tinha essa palavra única a seu dispor, e fez dela um suporte bem sedimentado para a sua teoria. A palavra alemã *Angst*, com toda a sua riqueza de conotações e pluralidade de sentidos, possibilitou-lhe isso. Seria um erro crasso, portanto, querer traduzi-la sempre do mesmo jeito – fazendo uma espécie de “automatismo de leitura” da obra freudiana. Será utilizada a palavra

medo, versão mais adequada da letra freudiana desse texto, em que o aspecto fenomenológico de *Angst* é pontuado por Freud. Pois serve a ele como um facilitador na tarefa de diferenciar o modo como cada estrutura clínica opera com o excesso de libido que retorna ao aparelho psíquico. O que, por si só, não nega nem afasta a ideia da angústia decorrente desse medo. É possível pensar, inclusive, que uma coisa leva à outra. Afinal, não se pode conceituar nada sem qualquer tipo de base na experiência – ou seja, no fenomenológico. E uma experiência impossível de ser conceituada é uma experiência incapaz de se inscrever em espaço algum. Conceitualmente, portanto, podemos pensar e utilizar os termos *medo* e *angústia* como estando relacionados entre si. Como a dupla face de uma única coisa. Ou como duas versões da mesma palavra de Freud, cuja ambiguidade trouxe um material tão fértil para seu texto.

Freud diferencia três grupos de fenômenos dentro do quadro da parafrenia. Todos eles têm em comum a *parcialidade* da retirada da libido objetal de volta ao eu. A diferença está na maneira como cada grupo faz isso. No primeiro grupo, manifesta-se ainda alguma normalidade; no segundo, manifesta-se o adoecimento característico e próprio da parafrenia; no terceiro, tem lugar uma tentativa de colocar a libido que retorna ao eu de volta nos objetos. Essa tentativa pode assumir a forma de *histeria* (própria da *parafrenia*) ou de uma neurose obsessiva (mais usual nos casos de *paranóia*). Salienta ser essa forma assumida apenas uma fôrma ou aparência, posto que não tem o mesmo efeito que aquele do investimento primário.

Aqui termina a minuciosa explanação de Freud sobre a sua teoria da libido articulada a sua psicopatologia. Chama a nossa atenção seu esforço por esclarecer e delimitar os lugares e funções de libido narcísica e libido objetal. Sua insistência no dualismo está fortalecida e amparada pelas contribuições à psicopatologia que dele resultam. E também pelas experiências e observações há tempos realizadas pela psicanálise. Seu debate aberto com Jung chega ao fim. Sua luta segue em outra arena, com novos adversários em campo. E novos aliados também. Ao longo das linhas que seguem, será fácil perceber o suporte encontrado por Freud em poetas e filósofos. Sua filiação epistemológica parecerá mais voltada para o campo das artes e da filosofia – e, portanto, mais próximo da contemplação e da especulação – do que ao campo das ciências – essencialmente voltadas para a descrição e a observação. Aparecerão em seu texto elementos que somente mais tarde serão reconhecidos por ele como estando relacionados, de alguma maneira, à